GERHART
HAUPTMANN

PRÊMIO
NOBEL
DE
1912

XIII

BIBLIOTECA

DOS

PRÊMIOS NOBEL

DE

LITERATURA

patrocinada pela

ACADEMIA SUECA

e pela

FUNDAÇÃO NOBEL

BIBLIOTECA DOS PRÊMIOS NOBEL DE LITERATURA
PATROCINADA PELA ACADEMIA SUECA
E PELA FUNDAÇÃO NOBEL

Prêmio de 1912

GERHART HAUPTMANN

(ALEMANHA)

EDITORA OPERA MUNDI
Rio de Janeiro
1973

GERHART
HAUPTMANN

O HEREGE DE SOANA

E

MICHAEL KRAMER

Tradução de
AUGUSTO MEYER
(O HEREGE DE SOANA)
e
HERBERT CARO
(MICHAEL KRAMER)

Estudo introdutivo de
FÉLIX A. VOIGT

Ilustrações de
R. SAVARY

EDITORA OPERA MUNDI
Rio de Janeiro
1973

Título do original alemão:
DER KETZER VON SOANA
MICHAEL KRAMER

Copyright, Verlag Ullstein GmbH, Frankfurt (M) — Berlin
Propyläen Verlag

Todos os direitos desta edição
(introdução, prefácios, notas, tradução,
ilustrações e demais características)
pertencem a
EDITORA OPERA MUNDI

"PEQUENA HISTÓRIA"

DA ATRIBUIÇÃO DO PRÊMIO NOBEL A GERHART HAUPTMANN

*

Pelo DR. GUNNAR AHLSTRÖM

Membro do SVENSKA INSTITUTET

Em 1912, o Prêmio foi concedido a Gerhart Hauptmann. O acontecimento marcava a entrada da atualidade nos anais Nobel. O novo grão estava semeado. Tinham sido glorificados, até então, dignos anciãos tais como Sully Prudhomme, Björnstjerne Björnson, Frédéric Mistral, Theodor Mommsen e Paul Heyse, ou, ainda, personalidades mais ou menos aureoladas de romantismo ou de exotismo: Henryk Sienkiewicz, Rudyard Kipling, Selma Lagerlöf e Maurice Maeterlinck. Os louros haviam sido distribuídos ora a clássicos encanecidos, incrustados em propostas oficiais, ora a escritores envolvidos no mistério de épocas e lugares distantes, das catacumbas às torres medievais, do Jângal hindu aos contos de fadas suecos.

O laureado do ano era, entretanto, bem de sua época. Durante anos esse Hauptmann fora conhecido principalmente por haver escrito um drama sobre os tecelões da Silésia. Atribuíam-lhe todas as qualidades revolucionárias em desacordo com o tom oficial da Alemanha de Guilherme II. A *Pall Mall Gazette*, de Londres, não deixou, aliás, ao anunciar o nome do laureado,

de acrescentar este comentário característico das idéias então dominantes: "A atribuição do Prêmio Nobel a *Herr* Hauptmann não foi, provavelmente, recebida com inteira alegria pelo Kaiser. É um triunfo para o *Vaterland* haver, por quatro vezes, conseguido esse Prêmio, quando a França só o obteve duas, e nenhum outro país mais do que uma. *Herr* Hauptmann representa, todavia, uma escola dramática pela qual o Kaiser não tem a menor simpatia."

A atribuição do Prêmio, nesse ano, foi, além disso, acompanhada de certa agitação, de instabilidade da atmosfera reinante nos debates nobelianos e no seio da estudiosa comissão. Elevava-se, da França, a voz da desaprovação pública, por não haver Pierre Loti recebido a disputada distinção, embora recomendado, em boa e devida forma, pela Academia Francesa. As notícias que, a tal respeito, espalhava *Le Matin*, eram repetidas e comentadas, notadamente na Suécia. Corria o boato de que a irmã mais velha da Academia Sueca estava disposta, como represália, a abster-se das habituais propostas de candidatos. A situação parecia grave. Um jornal sueco desfez a tormenta ao obter uma entrevista do secretário perpétuo da augusta instituição, Thureau-Dangin, que reduziu os fatos às proporções de simples movimento de irritação, desprovido de qualquer caráter oficial, emanado de um grupo de admiradores do autor de *Pêcheurs d'Islande*. Salientou, além disso, a circunstância importante de que a Academia não estava, de qualquer maneira, habilitada, por si mesma, a propor candidatos, que somente seus membros poderiam fazer, individualmente. O protesto em questão, em realidade, nada tinha de oficial, sendo merecedores de censura os que criaram essa lamentável publicidade em torno do despeito de alguns acadêmicos.

Mais incômodo era o protesto, sobriamente formulado mas incisivo, que se ergueu na Inglaterra. O *Times*, de Londres, publicou uma carta dirigida à redação, assinada pelo célebre crítico Edmund Gosse. Este grande amigo da literatura escandinava fazia-se intérprete da *Society of Authors*. Fora por iniciativa sua que a sociedade havia instituído, em 1902, sua

própria comissão Nobel, de que participava um grupo de personalidades conhecidas, como Thomas Hardy, Austin Dobson, Sir Donald Mackenzie Wallace e Lord Haldane. Durante dez anos, a comissão havia reunido as recomendações de seus membros e as tinha enviado a Estocolmo. E eis que vinha a saber que Estocolmo, repentinamente, adotara outro sistema para sondar a opinião inglesa. A comissão não tinha outra resposta a dar: cessar qualquer atividade. Não contassem mais com ela para a apresentação de propostas de candidaturas.

A situação parecia séria. Edmund Gosse expôs suas razões numa entrevista que dava livre curso ao descontentamento dos ingleses. A Academia Sueca, lia-se aí, não considerara, durante anos, as candidaturas apresentadas pela comissão inglesa. Enquanto vivera, Herbert Spencer havia figurado na cabeça da lista; depois de sua morte, igual unanimidade se fizera em favor de Swinburne. Para quê? O único inglês premiado era Rudyard Kipling, que jamais havia sido indicado pela comissão. Esta havia falhado, portanto, evidentemente, ao dar a seus colegas suecos uma idéia do que a literatura inglesa tinha de melhor. Não havia senão resignar-se de boa mente. O que era mais grave, entretanto — fato novo decisivo — era que a Academia Sueca, sem consulta à sua antiga colaboradora, acabava de dirigir-se a um outro órgão, a *Royal Society of Literature*, pedindo-lhe enviar diretamente a Estocolmo propostas de candidaturas. Em tais condições, a comissão sentia-se ridicularizada, decidindo, por isso, sua própria dissolução.

Em Estocolmo, o ar assumido foi de espanto, um pouco tolo até. Negou-se que a Sociedade dos Autores houvesse, em qualquer tempo, recebido, oficialmente, a missão de reunir recomendações e, com mais forte razão, nunca obtivera a exclusividade. Segundo os estatutos, a lista das instâncias habilitadas a apresentar propostas de candidaturas deveria ser revista cada cinco anos. Era isso o que se verificara: a *Royal Society of Literature* havia sido incluída na relação, além da *Society of Authors*, e recebera os formulários. Nenhuma informação positiva sôbre a competência da Sociedade fora dada, evidentemen-

te. A providência havia sido tomada de modo maquinal, estouvadamente, tendo a secretaria seguido cegamente a rotina burocrática, na ingênua ignorância das susceptibilidades desta gente irritável: os escritores. Uma carta redigida habilmente e remetida em tempo oportuno teria evitado o desastre, que parecia irreparável. Seu efeito iria fazer-se sentir em premiações futuras.

Foi, entretanto, no próprio seio da Academia Sueca e de sua Comissão Nobel que se verificou a maior mudança. Em 15 de junho de 1912 faleceu o Dr. C. D. af Wirsén, cujo nome está tão intimamente ligado à atribuição dos prêmios precedentes. Nascido em 1842, de uma família de oficiais nobilitados durante a última guerra da Suécia, no tumulto napoleônico, era conhecido, principalmente, apesar de seus poemas seráficos, como crítico literário, por seu conservantismo militante, e sua assinatura, C.D.W., era, havia muitos anos, o alvo dos sarcasmos da nova geração. Desde 1894 desempenhava a função de secretário perpétuo da Academia Sueca e foi nessa qualidade que deu prova da maior habilidade, quando se tratou de organizar a máquina administrativa necessária ao novo prêmio mundial. Se ele não houvesse posto toda sua forte vontade num dos pratos da balança, é bem possível que a Academia não tivesse podido aceitar a missão que o testamento de Nobel lhe atribuía.

"Reservai vossas forças para vossos trabalhos pessoais", escrevera-lhe Sully Prudhomme, em 1906. Conselho vão. Em seus dias de velhice, o doutor já não tinha trabalhos pessoais. Possuía a Academia, e a Academia o possuía, dia e noite, numa espécie de obsessão recíproca. Sessões, debates, votos, decisões, protocolos, anais da Academia, isso era toda sua vida. Punha, na desincumbência desses trabalhos, grande espírito de domínio, a que dava o calor de uma defesa marcial do ideal, do Bom Deus e de todos os altos valores morais ameaçados pelos vícios materialistas dos tempos modernos. A influência catoniana que exercia sôbre os votos de seus confrades refletia, em suma, a habilidade com que sabia, ao vagar-se uma das cadeiras, dar entrada na Academia àqueles de quem poderia esperar partici-

passem de suas opiniões e seguissem suas diretivas. Certo crítico sueco escreveu acertadamente no necrológio que lhe consagrou: "C.D.W. dirigia seu pequeno Estado como Calvino dirigia Genebra, cuidando igualmente, pela eleição dos novos acadêmicos, em que seu espírito lhe sobrevivesse o maior tempo possível."

Em 1912, porém, seu lugar ficou vago. A vaga só foi preenchida quase no fim do ano e, até lá, as funções de secretário perpétuo foram assumidas por seu velho e íntimo amigo, Hans Hildebrand, antigo Diretor-Geral dos Monumentos Históricos, um bom velhinho de barbas brancas. Foi ele, aliás, quem, chegado o momento, iria fazer o discurso de praxe ao laureado. Essas novas circunstâncias faziam com que muito se esperasse da escolha daquele ano, talvez uma mudança de orientação. Tinha-se de algum modo o pressentimento de que o Prêmio caberia à Alemanha. Vários jornais publicaram artigos sôbre Gustav Frenssen, autor do romance provinciano *Jörn Uhl*, muito lido naquele tempo; isso não passava de boato falso. O nome de Frenssen não chegara sequer a ser proposto.

Os candidatos, em 1912, eram trinta e um, e seus dossiês notavelmente informativos. A França remetera, afinal, verdadeira proposta de candidatura em favor de Henri Fabre e de seus *Souvenirs Entomologiques*. Assim, depois de haver sido discutido, ano após ano, em sua pátria, o ancião de Sérignan entrava, aos oitenta e oito anos, nos fastos do prêmio nórdico. Sua causa era defendida com energia e grandeza numa recomendação entre cujas assinaturas se destacavam as de Anatole France, Henri Bergson, Maurice Maeterlinck, Charles de Freycinet e Octave Mirbeau. Para maior segurança, alguns desses nomes figuravam em outro documento redigido para o mesmo fim e firmado por Frédéric Mistral: aí, além disso, figurava a assinatura de Romain Rolland. A despeito de tantas sólidas garantias, a comissão de Estocolmo não estava convencida dos méritos puramente literários do candidato. E, na medida em que seus componentes amassem os insetos, a atribuição do

Prêmio precedente ao autor de *La Vie des Abeilles* já plenamente os satisfazia.

No firmamento literário francês brilhavam, entretanto, outras estrelas de brilho mais vivo, e, antes das demais, a de Pierre Loti, *stella maris*. Punham-se em relevo, novamente, seus méritos nobelianos e, à luz de passadas controvérsias, é interessante verificar que a primeira manifestação de candidatura enviada tinha a assinatura de P. Thureau-Dangin, secretário perpétuo da Academia Francesa. Concordaram com essa escolha, entre outros, Edmond Rostand, Gabriel Hanotaux e René Bazin. Paul Hervieu, entretanto, fiel às suas simpatias, retomou seu candidato dos anos anteriores: Anatole France, "elegante escritor da língua francesa, grande erudito, nobre pensador". Outro nome ainda foi incluído nesse grupo de escol, que, hoje, vemos com satisfação haver sido lembrado tão cedo, o de Henri Bergson. Não partiu de Paris, entretanto, sua candidatura, mas da Escócia, do erudito Andrew Lang, em St.-Andrews. Foi também de influência estrangeira que emergiu a candidatura de Ernest Lavisse: uma proposta sueca.

Novas esferas culturais entraram em jogo. A pátria de Gottfried Keller e de Conrad Ferdinand Meyer alinha-se entre os pretendentes apresentando Carl Spitteler, escrupulosamente lançado por dois professores de literatura de Berna; foi a primeira ofensiva tentada em favor da *Primavera Olímpica*, que iria ser laureada em 1919. Havia, porém, coisa mais importante: a entrada em cena do Novo Mundo, representado por sérios candidatos. Até então, os Estados Unidos não haviam aparecido senão de maneira superficial ou ridícula, encarnados por idealistas locais ou incríveis poetas. Dessa vez, entretanto, tratava-se de candidatura de primeira ordem, solidamente fundada, e que continua sendo uma das vitórias da Instituição Nobel. Os círculos universitários, sobretudo os de Harvard e Colúmbia, propuseram o nome de Henry James: "Em toda a história da literatura inglesa é difícil encontrar uma carreira mais nobre e mais exemplar que a sua. Dentre os homens de letras vivos da Inglaterra e da América há poucos — se os

há — cujas obras sejam mais seguramente destinadas a ocupar lugar preeminente na história da literatura de língua inglesa."

Tinha a literatura inglesa, inegavelmente, necessidade de reforços, por isso que a *Society of Authors,* de Londres, cessara de cooperar. A *Royal Society of Literature* tinha cumprido bem seu encargo, mas não recomendara senão dois nomes. Um documento com setenta assinaturas fora enviado em favor de Thomas Hardy, o que não representava novidade. Opunha-se-lhe, aparecendo pela primeira vez, o mitógrafo de Cambridge, James George Frazer, cujo *The Golden Bough* (O Ramo de Ouro) já tinha começado sua triunfal carreira ao redor do mundo. É talvez interessante observar, com vistas a 1925, que Bernard Shaw foi proposto na mesma ocasião; não foi a Inglaterra que lhe defendeu os méritos, mas um admirador norueguês.

Não faltavam, assim, candidatos de grande valor e foi entre eles que Gerhart Hauptmann iria atrair atenções. Ocupava um lugar à parte, e isso por muitas razões. Fora, em 1902, proposto pela primeira vez, preenchendo, desse modo, perfeitamente, a condição de antigüidade. Juntava-se-lhe sua grande reputação internacional, firmemente mantida pelo êxito obtido por suas peças nos palcos de inúmeros países. Foi precisamente nos anos tão pesados que precederam 1914 que sua celebridade atingiu o apogeu; por muitos motivos, aureolava-se de extraordinário brilho de gênio germânico, à maneira de Goethe. Sua obra resumia, com virtuosismo, todas as tendências da consciência literária da época. Gerhart Hauptmann parecia poder responder aos desejos das mais diversas facções.

Quando Thomas Mann, em 1952, pronunciou um discurso em memória de seu antigo colega, acentuou com tato e finura a ambigüidade e a complexidade de sua obra: "O naturalismo estava na ordem do dia e Gerhart Hauptmann distinguia-se como porta-estandarte do movimento — e isso merecidamente; por certos aspectos, sua alma de poeta estava realmente ligada a essa ordem de idéias." Essa alma guardava, entretanto, outras coisas: as sugestões espiritualistas dos dramas de Ibsen da

última fase, a renovação da linguagem operada por Stefan George sob o impulso dos parnasianos franceses, ambientes que lembravam Hugo von Hoffmansthal, Frank Wedekind e Rainer Maria Rilke. O autor do romance *Os Buddenbrooks* tinha também sofrido o encantamento dessas ambiências, mas soubera fugir delas, tomando seu próprio caminho. Daí o tom docemente cético assumido para caracterizar um escritor que se deixara ficar entre tais influências, procurando fundi-las.

Foi essa sensibilidade de múltiplas afinidades, foi esse universalismo talvez impessoal ou, se preferirem, esse ecletismo, que deram brilho à celebridade de Gerhart Hauptmann e lhe valeram o Prêmio Nobel de 1912. Os mais diversos grupos poderiam festejá-lo como mestre, de vez que sua musa era, até certo ponto, uma criada para todo serviço: *Mädchen für alles.*

Quando sua candidatura fora lançada em 1902, não tinha havido poupança de argumentos e, antes de todos, o distinto professor de literatura da Universidade de Berlim, Richard M. Meyer, tinha posto sua autoridade a favor do candidato: "Nos círculos que, na Alemanha, se ocupam de literatura com dedicação e seriedade, não há qualquer dúvida de que Gerhart Hauptmann seja o autor de maiores qualidades que tenha aparecido nestes últimos anos." Com grande habilidade tática, Meyer, além disso, pôs em ressalto que o naturalismo do autor de *Die Weber* (Os Tecelões) e de *Hanneles Himmelfahrt* (A Assunção de Hannele) está marcado por "uma orientação altamente idealista". Vinha da Inglaterra uma observação semelhante, indiretamente formulada. O professor Frederick Polock, de Edimburgo, dava, em sua recomendação, uma unhada polêmica no candidato principal da Sociedade de Autores inglesa: "Uma tendência idealista é a última qualidade que se possa atribuir à obra de Herbert Spencer."

A digna comissão, em 1902, estava atraída por Theodor Mommsen e pouco inclinada a considerar as homenagens prestadas a Gerhart Hauptmann. Não faltou, aliás, quem salien-

tasse o lado subversivo de suas obras, sobre tudo de *Os Tecelões*: "Em Berlim, os aplausos, na estréia, foram dirigidos por Bebel, Liebknecht e Singer, tendo uma parte dos espectadores incitado os atores a saquear a casa do proprietário da fábrica." Apesar desta objeção e de algumas outras, o ambiente não era de franca hostilidade: "Gerhart Hauptmann ainda não completou quarenta anos e é possível, com o correr do tempo, que o que fermenta e se agita ainda hoje venha a purificar-se e harmonizar-se." A solução do caso desse candidato fora, assim, com termos indulgentes, transferida para mais tarde.

Em 1906 a candidatura foi retomada com grande entusiasmo. A Academia Sueca recebeu, realmente, uma petição impressa, verdadeiro ensaio sobre a posição ocupada por Gerhart Hauptmann na vida cultural de sua pátria e sobre sua mestria. O documento estava assinado por trinta e cinco personalidades alemãs e austríacas, professores de literatura e membros de diversas academias — encabeçados por Hans Delbrück, Adolf Harnack, Aloïs Brandl e Erich Schmidt. Essa exposição não deixou de impressionar, e a candidatura amadureceu depois, ao ritmo dos êxitos indiscutíveis obtidos pelo escritor nos anos que se seguiram, principalmente com o aparecimento de seu romance de inspiração religiosa *Emanuel Quint,* publicado em 1910. Foi por isso que Erich Schmidt pode ser conciso ao propô-lo novamente, em 1912: bastou-lhe reportar-se aos documentos anteriores; tudo induz a acreditar, aliás, que êle teria entrado diretamente em contacto com a Comissão de Estocolmo. Os interessados pelo caso não tiveram, assim, o menor espanto, quando a Academia, na sessão de 14 de novembro, atribuiu o Prêmio a Hauptmann, "principalmente em homenagem à sua fecunda atividade, diversificada e importante, no campo da literatura dramática".

Longa preparação chegara, destarte, ao resultado esperado. Aos acontecimentos nobelianos já se haviam misturado aniversários e jubileus: lembremos os casos de Björnson, Mistral, Carducci e Paul Heyse. Dessa vez verificou-se a mesma coisa, Hauptmann havia saído de sua Silésia para Berlim, aonde ia

festejar seu qüinquagésimo aniversário nos palcos da capital, a 15 de novembro, e o Prêmio Nobel, belo presente inesperado, veio acrescentar um ramalhete às homenagens com que a imprensa alemã então o cumulava. E foi como príncipe das letras, rodeado de celebridade universal, que ele recebeu seu galardão em Estocolmo, a 10 de dezembro, e que tomou lugar à mesa da Sociedade dos Autores da Suécia, no jantar realizado em sua honra.

A vida pública sueca estava, então, envolvida em violenta luta política. A jovem social-democracia lutava seguindo seu chefe Hjalmar Branting, grande europeu e grande amigo da França. Nada havia de extraordinário que seu jornal quisesse sondar as opiniões do autor de *Os Tecelões*, que se distinguia como radical. O resultado foi, entretanto, pouco animador:

"Nunca pertenci nem jamais pertencerei a qualquer partido político", declarou com firmeza Gerhart Hauptmann. "Um artista não deve ser homem político. A política compromete e a arte deve ser livre."

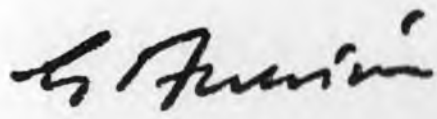
— E a criação literária cujo assunto é político?

"Desde que se tinja de política ela cessa de ser arte. Percebo que pensais em *Os Tecelões*. Esse drama, entretanto, é um documento puramente artístico e, de modo nenhum, uma crítica à sociedade."

O jornal não escondeu sua decepção e verificou que o laureado do Prêmio Nobel já não era, evidentemente, o autor dos grandes dramas de sua mocidade. Seus admiradores iam sentir, mais de uma vez, desilusões semelhantes, com o correr do tempo; as novas obras pareciam-lhes cada vez mais diluídas e viam, nelas, os ambientes substituírem, cada vez mais, as convicções. Essa falta de compromisso causava espanto, principalmente porque a pátria do autor passava por inauditas provações. Contrariamente a Thomas Mann e, talvez, demasiadamente sensível às influências do momento, foi vítima e não senhor das

circunstâncias, como um caniço pouco pensante curvado pelos furacões da História.

Em 1912, porém, a História estava nos primeiros meses da guerra balcânica. As nuvens já se acumulavam no horizonte, é certo, mas ainda era possível acreditar que palavras bonitas e declarações retóricas bastassem para dispersá-las. Nem estas nem aquelas faltaram a Hauptmann, quando, a 10 de dezembro, agradeceu aos que lhe tinham conferido o Prêmio, invocando a paz universal: "A arte e a ciência que servem à guerra não são o desejável; o desejável é o que se cria para a paz e o que cria a paz. Ergo minha taça em honra do maior, do último Prêmio Nobel, que a Humanidade merecerá no dia em que a violência brutal entre as nações se torne tão abominável quanto entre os indivíduos num país civilizado."



Tradução de Humberto Mello Nóbrega

DISCURSO DE RECEPÇÃO

PRONUNCIADO POR

HANS HILDEBRAND

POR OCASIÃO DA ENTREGA DO

PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

A

GERHART HAUPTMANN

NO DIA 10 DE DEZEMBRO DE 1912

Sire,

Excelências,

Minhas senhoras,

Meus senhores,

"Mudam os tempos e, com eles, os homens", afirma um de nossos velhos provérbios. Os acontecimentos do passado justificam-no plenamente. Neste momento, em que já não estamos na quadra da mocidade, temos tido ensejo, em meio à agitação da vida atual, de verificar o fundamento desse ditado e de perceber sua inteira aplicação. Por mais longe que remontemos na História, vemos que novas coisas nascem sem que sua importância seja, então, percebida, prosseguem e se propagam. A pequena semente germinou e deu vida a uma planta de grande porte. Basta lembrar certas ciências atuais, para ver a que ponto seu desenvolvimento posterior se afastou de um começo despretensioso.

Dá-se o mesmo com a poesia dramática. Não é oportuno descrever, agora, a evolução do drama no decurso de seus 2.500 anos de existência. A diferença entre os coros dos sátiros das festas dionisíacas — que foram denominadas tragédias[1] *por*

[1] *Tragódia*, de *tragos*, bode, e *odé*, canto, literalmente "canto do bode", canto religioso com que se acompanhava o sacrifício de um bode, nas festas báquicas.

causa das vestes de pele de bode usadas pelos coristas — e a poesia dramática da época atual é imensa, repousando essa diferença, entretanto, sobre insignificantes progressos.

Gerhart Hauptmann é, atualmente, um mestre no domínio da poesia dramática. Mal acabando de completar 50 anos, encontra-se, assim, em pleno período fecundo, tendo já, atrás de si, uma atividade artística extraordinariamente produtiva. Sua primeira obra dramática foi representada quando tinha 27 anos. Aos 30 revelou-se artista consumado, com o drama Die Weber *(Os Tecelões), ao qual se seguiu uma série de trabalhos que confirmaram seu prestígio. Na maioria deles, trata das condições de vida da gente humilde, que teve ocasião de estudar em muitos lugares e, particularmente, em sua terra silesiana. Suas descrições baseiam-se na mais aguda observação das circunstâncias e dos homens. Cada um destes é representado como personalidade individualmente caracterizada, e em nenhum lugar se encontram tipos irreais, tipos inventados. Essas descrições, cuja veracidade ninguém poderá negar um instante sequer, valeram a Hauptmann o renome de grande pintor da realidade. Nunca, entretanto, ele fez o elogio dos homens "inferiores". Muito ao contrário: quando nos absorvemos na representação ou na leitura dos dramas desse gênero e podemos sentir as tristes condições de vida tão bem descritas, temos necessidade de respirar profundamente e de pensar nos meios de extinguir, um dia, semelhante miséria. O realismo das descrições de Hauptmann faz-nos sonhar com novas e melhores condições de vida e desejar sua efetivação.*

Hauptmann escreveu também dramas de gênero inteiramente diverso, que denominou Märchendramen *(Dramas maravilhosos). Entre estes, o admirável* Hanneles Himmelfahrt *(A Assunção de Hannele), em que desenvolve, da maneira mais penetrante, o contraste entre a miséria da vida e a transfiguração celeste. Liga-se ao mesmo tema, igualmente,* Die versunkene Glocke *(O Sino Submerso), aquele de seus dramas que parece haver conseguido maior popularidade em sua pá-*

tria. O exemplar dessa obra à disposição da Comissão Nobel da Academia Sueca era da sexagésima edição.

Hauptmann também se revelou poeta, no drama histórico e na comédia. Nunca publicou em livro seus poemas líricos, mas aqueles espalhados em seus dramas documentam o que poderia ter escrito, neste gênero de poesia.

Depois de haver editado, no começo de sua vida literária, algumas histórias curtas, em prosa, deu ao público, em 1910, um romance mais importante, Der Narr in Christo Emanuel Quint (O Louco em Cristo, Emanuel Quint), trabalho que lhe exigiu muitos anos de estudo. O conto Der Apostel (O Apóstolo), de 1890, foi um ensaio da obra definitiva, em que se descreve a vida espiritual de um pobre homem, cuja única formação fora a leitura da Bíblia, mas sem capacidade para compreender perfeitamente o que lia, e que, afinal, acaba por julgar-se o próprio Cristo, de volta à Terra. Descrever fielmente a evolução vital de uma alma humana, de maneira tal que possa ser considerada normal, não é obra fácil, levando-se em conta a infinita variedade de forças e de acontecimentos que podem influir nessa evolução. Mais difícil ainda é conseguir exatidão quando se trata de pintar a evolução íntima de uma natureza que, sob certos aspectos, não pode ser descrita normalmente. A tentativa era ousada e exigiu para sua realização dezenas de anos de atividade criadora. Dividem-se os julgamentos sobre essa obra de Hauptmann. Associo-me com prazer às inúmeras pessoas que consideram Emanuel Quint como solução magistral de um difícil problema.

O que caracteriza particularmente Hauptmann é a visão, que perscruta com agudeza, que penetra profundamente na vida íntima do homem. Graças a isso, conseguiu representar, tanto em seus dramas como em seus romances, individualidades humanas realmente vivas e não apenas tipos inteiramente construídos para salientar este ou aquele caráter, tal ou qual concepção da vida. Todos os que encontramos vivem realmente, até os que desempenham papel menos destacado. Em seus romances

devemos admirar as descrições da natureza, em cujo cenário se desenrolam os acontecimentos, bem como a pintura das personagens que, em maior ou menor número, estão em contacto com o protagonista. Nos dramas, revela-se grande artista por uma concentração tão intensa, que o espectador ou o leitor é arrastado pela ação, de começo a fim. Qualquer que seja o assunto tratado, mesmo quando descreve os aspectos escusos da vida humana, sua nobre personalidade revela-se constantemente. Isso, aliado a uma mestria consumada na arte de dramaturgo, imprime às suas criações força surpreendente.

Com o que acabo de expor, quis dar as razões que levaram a Academia Sueca a atribuir o Prêmio Nobel, neste ano, a Gerhart Hauptmann.

*
* *

Senhor Doutor Gerhart Hauptmann,

Em vossa importante obra, tão discutida, Emanuel Quint, *escrevestes: "O percurso inevitável de um destino humano não pode ser percebido em todos os seus estádios, e isso porque cada homem, do berço ao túmulo, é um fenômeno único, que aparece uma só vez, e porque o observador não pode alcançar a realidade senão dentro das limitações de sua própria natureza." Nada mais verdadeiro. Diferem, porém, os observadores. O homem comum, em meio à agitação da vida moderna, não tem, jamais, ocasião nem vontade de estudar seus semelhantes de maneira mais penetrante. Vemos o aspecto exterior, mas não nos preocupamos em aprofundar-nos, a não ser que, fortuitamente, haja interesse para um indivíduo em conhecer as intenções do próximo. É assim também para os que não são arrastados pelo torvelinho da agitação atual, a gente pacífica dos campos que, mantendo restritas relações sociais, é bem conhecida dos que a rodeiam e, em geral, não leva muito longe o estudo da alma de seus semelhantes. Sentimo-nos atraídos ou repelidos.*

Sentimos amor ou ódio, a menos que sejamos completamente indiferentes a tudo. Admiramos e censuramos. O poeta, entretanto, não é um homem comum. É capaz de fixar os limites de sua observação muito, muito mais longe, pois tem o dom divino da intuição. E esse dom magnífico coube-vos no mais alto grau. Em vossas numerosas obras, tendes dado vida a inúmeros homens. Estão todos lá e agem exatamente como estes ou aqueles dos muitos tipos humanos de diferente natureza. Para o espectador e o leitor de vossos dramas, cada homem por vós criado é uma personalidade perfeitamente caracterizada a viver entre outras mantendo-se diferente de todas. Nisso está grande parte da força mágica de vossas criações.

Houve quem pretendesse classificar-vos — ao menos em algumas de vossas obras — um perfeito realista caracterizado. Graças à vossa ascendência e às vossas próprias observações, tivestes e tendes inúmeras ocasiões de aprender a conhecer a miséria de certas coletividades e a pintastes fielmente. Depois de assistir a dramas como os vossos, ou depois de haver meditado a obra impressa, ao apreender o que acabamos de ver ou de ler, não podemos deixar de pensar: "É absolutamente necessário corrigir isso". Há aspectos negros na vida e eles devem aparecer também nas obras literárias, para ensinamento dos homens.

Vossa atividade literária tão diversificada deu-nos outros poemas maravilhosos. Bastará citar dois: Hanneles Himmelfahrt *e* Die versunkene Glocke. *Esta última obra parece ser, em vossa pátria, a mais apreciada.*

Declarastes, pela boca de Michael Kramer, pintor ambicioso e infeliz: "Quando alguém se atreve a pintar o Homem coroado de espinhos, é necessário que consagre a isso a vida inteira. Nenhuma alegria; horas, dias, anos de solidão! É preciso que fique sòzinho, com seu sofrimento e seu Deus. É preciso que se santifique, dia a dia! Nenhuma vulgaridade deve estar em contacto com ele, ou dentro dele. É então que o Espírito

Santo virá, na luta ou no estudo solitário. É então que, muitas vezes, alguma coisa vos será concedida. Isso descerá até vós; e qualquer coisa será pressentida. Será, então, o repouso no Eterno. Ele surgirá diante de vós, em sua paz e magnificência. É então que o possuiremos sem querer. É então que veremos o Salvador. É então que o sentiremos!"

Em vossas obras não apresentastes o Salvador coroado de espinhos, mas um pobre coitado que acaba mergulhando na loucura, a de acreditar-se o Cristo redivivo. O que o pintor Michael Kramer exprime é, parece-me, vosso próprio sentimento. O romance Emanuel Quint *foi publicado em 1910. Vosso conto* Der Apostel, *de 1890, prova que, desde então, vinte anos antes, já tinheis a idéia de escrever* Emanuel Quint.

O verdadeiro artista não é o que dá ao público, sem demora, o que lhe vem à mente, mas, sim, o que confia os pensamentos que julga importantes, ao exame ponderado, à controvérsia de várias interpretações, á inquietação que daí resultará, até que consiga, a pouco e pouco, do esforço violento, a tranqüila convicção: "Agora, sim, cheguei aonde devia".

Pela preparação conscienciosa, mas jamais pedantesca, de vossas criações, pela coerência de vossos sentimentos, de vossos pensamentos, de vossas ações, pela construção rigorosa de vossos dramas, atingistes a mais completa mestria artística.

A Academia Sueca considerou o grande artista Gerhart Hauptmann merecedor do Prêmio Nobel deste ano, que S. M. o Rei vai agora dignar-se entregar-lhe.

Tradução de Humberto Mello Nóbrega

VIDA
E OBRA
DE
GERHART HAUPTMANN

POR

FÉLIX A. VOIGT

Diretor de Estudos Superiores

GERHART HAUPTMANN

I

A VIDA

Pôde-se estabelecer a ascendência, tanto paterna como materna, de Gerhart Hauptmann através de quatro séculos, graças a documentos conservados em localidades situadas nos contrafortes setentrionais das montanhas da Silésia. As duas famílias — Hauptmann e Straehler — devem, sem dúvida, ter-se fixado, quando do estabelecimento dos colonos alemães, na região que se despovoara após a invasão mongólica de 1241; desde o século XVI professavam a confissão protestante, circunstância importante para seu ilustre descendente. Entre eles havia camponeses, artesãos, a partir do século XVIII muitos tecelões, cuja reminiscência desempenharia relevante papel na escolha do assunto de *Die Weber*. Apenas a origem de sua avó Straehler (nascida em 1801) tem relação com o teatro: era filha natural de uma comediante de Breslau; o pai, oficial, de antiga e nobre família silesiana dos Stutterheim, morreria em Iena. O certo é que a família Stutterheim afeiçoou-se à menina e casou-a com Ferdinand Straehler, futuro inspetor das fontes — hoje diríamos "diretor de balneário" — da estação

termal de Salzbrunn, no sopé dos montes da Silésia, então conhecida no mundo inteiro. Conforme a descrição do neto, que com ela muito se parecia fisicamente, era mulher de idéias avançadas, de espírito lúcido e apaixonada pelo teatro. Dessa união nasceu Marie Straehler que, em 1852, desposou o proprietário do mais importante hotel da estância termal, Robert Hauptmann. Entre seus quatro filhos destacaram-se Carl Hauptmann, conhecido poeta (1858-1921) e o mais jovem, Gerhart, nascido a 15 de novembro de 1862, ao meio-dia, num radioso domingo de outono.

Agricultor? Historiador? Escultor?

Gerhart passou seus primeiros doze anos de vida, livre e tranqüilamente, em Salzbrunn, onde aprendeu a fundo, com os habitantes da aldeia, o dialeto local, ao mesmo tempo que praticava a língua alemã no hotel paterno. De 1874 a 1878, em Breslau, capital da província, freqüentou uma escola superior, aparentemente com muito pouco êxito; mais tarde qualificaria esses anos escolares como "uma eterna dor de dentes". Em vista do pouco aproveitamento de seus estudos, quiseram encaminhá-lo para a agricultura. Sua estada em companhia de um tio agricultor logo mostrou que ele não tinha a menor inclinação para aquilo.

Sentiu-se atraído pela arte — embora de maneira ainda vaga — mas a freqüência à Escola de Belas-Artes de Breslau, onde queria estudar escultura, não o levou muito longe. Abandonou-a em 1882 e começou em Iena a estudar história, ao que renunciaria alguns meses depois. Sofreu também, no plano material, dolorosos anos de privação, por ter sido o pai obrigado a abandonar o hotel de Salzbrunn. Livrou-se, todavia, como por milagre, dessas dificuldades, quando os três irmãos Hauptmann se casaram ou contrataram matrimônio com as irmãs Thienemann, riquíssimas, no castelo de Hohenhaus, perto de Dresde. Foi assim que Gerhart pôde fazer, logo em 1883, uma viagem pela Europa, a caminho da Itália, onde se fixou em seguida, durante o inverno de 1883-1884, em Roma, como es-

cultor. Aí também, entretanto, não teve êxito artístico, e uma grave afecção tífica pôs termo a essas tentativas. Após seis meses de estudos em Berlim, Gerhart desposou, em 1885, Marie Thienemann, passando a morar com ela em Erkner, nos arredores campestres daquela cidade. Vivia aí como "escritor independente", graças ao dinheiro da esposa, quando, uma tuberculose pulmonar quase o levou à sepultura. Convém lembrar que, então, ao 23 anos, doente, sem profissão, sem cultura metodizada, ele não passava ainda de um desconhecido.

Que tivesse consagrado espontaneamente, com seriedade, esses últimos anos a leituras ininterruptas, que houvesse assimilado sem descanso tudo quanto lhe ofereceram os primeiros anos do naturalismo, que se tivesse curado sozinho de sua doença pulmonar, graças a uma energia extraordinária... ninguém, então, o sabia. Suas tentativas poéticas da mocidade, uma coleção de poemas fora do comércio, *Das bunte Buch* (O Livro Multicor), uma epopéia sôbre sua viagem à Itália (*Promethidenlos*), não tinham tido a menor repercussão. Logo depois, todavia, nos círculos dos jovens representantes do *Sturm und Drang*, na Liga berlinesa *Durch* (Através), falou-se de alguém que vivia em Erkner e que prometia ser um grande poeta. Duas pequenas novelas, *Fasching* (Carnaval) e *Bahnwärter Thiel* (O Guarda-barreira Thiel) chamaram a atenção sobre ele.

Seu primeiro drama foi um escândalo

Uma estada bastante longa em Zurique, no ano de 1888, dera-lhe algo essencial, graças, especialmente, a estudos feitos com o professor August Forel, no campo da psiquiatria. Foi então — relativamente muito tarde — que os caminhos se abriram para ele: em algumas semanas apenas, escreveu seu primeiro drama representável, *Vor Sonnenaufgang* (Antes do Amanhecer) (1889), logo "descoberto" simultaneamente, por Theodor Fontane e o diretor de teatro Otto Brahm. A pré-estréia dessa obra revolucionária, a 20 de outubro de 1889, terminou, lembremo-lo, em escândalo teatral, mas tornando célebre imediatamente o nome do autor. A partir desse dia ini-

ciou-se um novo período na literatura alemã e o poeta ficou sendo o *Hauptmann* (Chefe) do agressivo grupo dos naturalistas.

Para melhor observar os acontecimentos dessa época de transição, Gerhart Hauptmann transferiu seu domicílio para Berlim, a jovem capital do novo império. E, com o correr dos anos, os dramas sucederam-se diante do público, numa pletora de capacidade criadora. Sua terceira obra, *Einsame Menschen* (Gente Solitária), foi logo traduzida em diversas línguas. Apareceu, então, em 1892, sua primeira obra-prima, *Die Weber* (Os Tecelões), que lhe valeu a má vontade quase irredutível da Alemanha oficial de Guilherme II. Gerhart Hauptmann ganhou, porém, renome europeu: o poeta alemão da Silésia tornara-se poeta universal. A partir de 23 de maio de 1893, *Os Tecelões* foram representados em francês, no Teatro Livre, em tradução de Jean Thorel; Émile Zola assistiu aos ensaios. Era a primeira apresentação de um drama alemão, na França, desde 1871.

Entrementes, filho do campo, que continuava a ser, Hauptmann não suportava a atmosfera excitada e excitante de Berlim, cidade em vésperas de tornar-se cosmopolita; assim, ele e o irmão Carl, com suas mulheres e filhos — Marie havia-lhe dado três — transferiram-se para uma casa muito modesta, perto de Schreiberhau, nas montanhas natais, os montes dos Gigantes. Nem mesmo esse retiro, entretanto, estava destinado a trazer-lhe a calma criadora. Seu casamento era infeliz. É possível que o temperamento melancólico e ansioso de sua primeira mulher o tenha oprimido, em sua criação literária; é digno de nota que, em seus primeiros dramas, o sofrimento amoroso tenha pequena importância, mesmo em *Einsame Menschen* cujo tema é o "de um homem preso a duas mulheres". Gerhart Hauptmann encontrou na jovem Margarete Marschalk (1875-1957) a companheira ideal de sua vida. A luta para a dissolução de seu casamento com Marie Thienemann prolongou-se, entretanto, por onze anos.

Crescia, porém, de ano para ano, o renome de Gerhart Hauptmann: duas comédias, *Kollege Crampton* (Colega Crampton) e *Der Biberpelz* (A Peliça de Castor) provaram que ele sabia pintar outras coisas além dos aspectos dolorosos da vida humana, e *Hanneles Himmelfahrt* (A Assunção de Hannele) mostrou seu talento de escrever versos de luminosa beleza. Para a pré-estréia, em Berlim, André Antoine, Jean Thorel e Jean Ajalbert tinham vindo de Paris: fez-se o projeto de representar a peça no Teatro Livre, em janeiro de 1894, na presença do autor. Logo que chegou a Paris, Hauptmann recebeu uma notícia consternadora: sua mulher partira para a América, com os três filhos, para a casa de amigos, com o propósito de forçá-lo à escolha entre ela e Margarete Marschalk. Hauptmann seguiu-a imediatamente e, mais tarde, descreveria essa viagem, que foi muito tempestuosa, no romance *Atlantis* (Atlântida) e no *Buch der Leidenschaft* (Livro da Paixão), obra autobiográfica sobre seu conflito matrimonial. A família demorou-se alguns meses nos Estados Unidos e o poeta assistiu a uma representação de *Hannele,* em Nova York.

Essa aparente reconciliação pouco durou, porém, após o regresso; e o poeta teve que sofrer anos penosos, inquietos e perturbados. No outono de 1894, Marie Hauptmann foi morar em Dresde com os filhos, enquanto Gerhart ia sòzinho para Berlim. Aí procurou, com todos os seus dotes artísticos, fixar a tragédia da revolta de camponeses alemães de 1525, em *Florian Geyer,* mas a obra não conseguiu vencer a incompreensão do público. Recolheu-se o poeta ao Ticino, no sopé do monte Generoso, aonde iria voltar dezesseis vezes. No verão, foi com a jovem bem-amada para perto da ilha de Rügen, na ilha Hiddensee, inundada de luz, que acabou, de algum modo, sendo sua segunda pequena pátria e, poucos decênios depois, sua derradeira morada. Foi aí que nasceu *Die versunkene Glocke* (O Sino Submerso), seu primeiro drama inteiramente em verso, que obteve êxito mundial, sem que os povos de tantos países em cujas línguas foi traduzido percebessem, um instante

sequer, que não se tratava de obra poética sentimental e néo-romântica, mas, na realidade, da tragédia do casamento do autor, escrita com todo o coração.

Em 1897, com sua nova companheira, da qual não mais se separará, empreendeu longa viagem à Itália: palpita nele novo sopro de vida. É, pois, a Margarete Marschalk que ele deve o despertar do elemento dionisíaco que dormia em seu íntimo, contribuindo, assim, para imprimir à sua obra um caráter completamente diferente! Não pôde ele, apesar disso, esquecer o mal que causara à primeira esposa; sua evocação surge em suas obras mais freqüentemente que a da segunda mulher: em *Die Jungfern vom Bischofsberg* (As Virgens de Bischofsberg), na epopéia *Mary* e em longos fragmentos da epopéia em tercetos, *Der grosse Traum* (O Grande Sonho), começada em 1914, pouco depois da morte de Marie, e que nunca terminaria.

O "*rinascimento* do quarto decênio", como ele mesmo dizia, é ultrapassado e as obras sucedem-se — poemas de gênero completamente diverso. *Fuhrmann Henschel* (O Carreteiro Henschel) é já, sob forma inteiramente "naturalista", uma tragédia perturbadora, à maneira de Sófocles. Mais uma vez abateu-o a antiga afecção pulmonar... e esta seria a última manifestação perceptível de sua moléstia.

Em 1904 obteve o divórcio e realizou seu casamento com Margarete, que lhe dera um filho em 1900. Encerrara-se a primeira parte de sua vida, *Das Abenteuer meiner Jugend* (A Aventura de minha Mocidade), como ele a designará em sua extensa autobiografia. Inquietações e buscas confusas desaparecem para sempre.

Sua ligação com Margarete renova-lhe a inspiração

A segunda parte dessa grandiosa e longa vida reveste-se, então (a partir de 1905), de caráter inteiramente diferente. A mudança de residência é, para Gerhart Hauptmann, condição indispensável a qualquer atividade criadora, e ele viaja — com

exceção dos anos de guerra — a intervalos regulares. Pouco depois de 1900 mandara construir, para ele e Margarete, uma casa amuralhada, em Agnetendorf, nas Riesengebirge, meio claustro, meio castelo fortificado. Os invernos, passava-os quase sempre na Itália ou no Ticino — aí residiu, ao todo, onze anos completos — partindo depois à procura da primavera montanhesa, na Floresta Negra, para ficar alguns meses em Agnetendorf e ir, durante o verão, a Hiddensee, onde fizera edificar, lá por 1930, outra habitação, *Haus Seedorn,* que é hoje lugar de peregrinação em memória de Gerhart Hauptmann. No outono, assistia, em Berlim, Viena e outras cidades, às novas representações de suas obras, refugiando-se, depois, em curto repouso, principalmente em Lugano. Passava o fim da estação na *Haus Wiesenstein,* partindo, depois, ao terminar do ano, para a Riviera. Eram raras as viagens longas; sua excursão à Grécia, em 1907, causou sensação; no solo clássico ele procurou mais os deuses terrestres e subterrâneos, Deméter e Dionísio, que os do Olimpo. Foi lá, no Teatro de Dionísio, em Atenas e Delfos, que se lhe revelou a essência do "drama arcaico". Em 1932, Gerhart empreenderia outra viagem, à América, para falar em diversas Universidades, por ocasião do centésimo aniversário da morte de Goethe.

O Prêmio Nobel coroa sua glória

Não lhe faltam, por enquanto, as mais expressivas honras da vida, menos na Alemanha, em que Guilherme II não lhe perdoa *Os Tecelões,* do que nos países estrangeiros. As Universidades de Oxford (1905), de Lípsia (1909), a alemã de Praga (1921), a Colúmbia de Nova York (1932) concedeu-lhe o título de *doctor philosophiae honoris causa.* Breslau, em 1942, nomeou-o ainda "Primeiro cidadão honorário" de sua Universidade. Em 1912 cabe-lhe a maior das honrarias, o Prêmio Nobel de Literatura. A Academia Imperial das Ciências de Viena atribui-lhe, por três vezes, o Prêmio Grillparzer. Condecorações e distinções honoríficas não lhe faltam. Seus qüinquagésimo, sexagésimo e septuagésimo aniversários são celebrados como dias de festa nacional. E até 1933 foi tido como *artis*

dramaticae summus inter hodiernos artifex, como declara clàssicamente o diploma da Universidade de Oxford.

Os anos da República de Weimar (1918-1933) foram os do apogeu de Hauptmann: considerado, então, como o representante da poesia alemã, a fina-flor espiritual de sua pátria reunia-se em sua casa, em Agnetendorf, Hiddensee, Rapallo, Lugano, e onde quer que ele costumasse parar. O poeta era, todavia, um homem completamente desprovido de sentido histórico, não dedicando o menor interesse à política e também incapaz de compreendê-la. "Sempre evoluí em regiões fora da história", disse-me ele um dia; não via o sinal dos tempos; via apenas os homens e suas dores.

O hitlerismo foi-lhe funesto

A bárbara intrusão do hitlerismo, em 1933, também o deixou aturdido. Não podia nem queria ir para o estrangeiro, porque suas obras só nasciam no chão pátrio e, na verdade, não podiam ser compostas em qualquer lugar, como a de outros grandes poetas. Foi posto de lado e passou a viver, desde então, em Agnetendorf ou em viagem. Somente o seu octogésimo aniversário foi celebrado, de maneira mais local, contrariamente ao desejo do partido nazista, nas cidades de sua terra silesiana e em Viena. Sua atividade criadora, entretanto, não sofreu qualquer interrupção. Sobreveio o aniquilamento da Alemanha, em 1945. Aos 83 anos, teve ainda que sofrer de perto a destruição de sua querida Dresde, mas, desde então, ficou com a saúde comprometida. Apesar do conselho de todos, regressou a Agnetendorf, logo depois ocupada pelos russos e poloneses. As tropas russas de ocupação testemunharam ao poeta de *Os Tecelões*, amigo de Gorki, todas as atenções e honrarias, mas não puderam evitar, junto à administração polonesa da Alemanha Oriental, que fosse ameaçado de deportação. Foi então que o destino interveio: poucos dias antes da expulsão, Hauptmann foi atingido, novamente, por uma pneumonia. Em seu último leito de dores, pediu ainda que lhe lessem um trecho da segunda Epístola aos Coríntios, de São Paulo: "Sei de um

homem em Cristo que foi... arrebatado ao Paraíso e que ouviu palavras inefáveis que a um homem não é permitido exprimir." (Cor. II, 12, 4.) Suas derradeiras palavras, a 3 de junho de 1946, foram: "Estou ainda em casa?" Estava e aí ficou até que, a 6 de junho de 1946, seu coração cessasse de pulsar. Em íntima cerimônia fúnebre, em Wiesenstein, ouviram-se discursos em alemão, russo e polonês.

Só em fins de julho de 1946 é que se conseguiu formar um trem especial que transportou seus restos mortais e grande parte de seus bens, primeiro a Berlim e daí, por Stralsund, à querida ilha de Hiddensee. Aí é que foi sepultado, a 28 de julho de 1946, ao por do sol, no cemitério da aldeia de Kloster. Em 1951, um bloco de granito foi posto sobre sua tumba. Durante a vida inteira não abandonara a terra de seus distantes antepassados, e até a morte continuou fiel à sua pequena pátria silesiana.

Margarete Hauptmann, que foi sua companheira por mais de cinqüenta anos, mudou-se em seguida para a Bavária, onde viveu ainda dez anos, nos arredores de Munique. A 17 de janeiro de 1957 acompanhou o grande poeta na eternidade, quase com a mesma idade, aos 82 anos.

II

A OBRA

É extremamente arriscado dar um apanhado de conjunto da obra de Gerhart Hauptmann, porque não dispomos, até hoje, de uma edição histórica e crítica de seus escritos, que atenda a tôdas as exigências requeridas. Servimo-nos, até agora, da "edição definitiva", em 17 volumes, publicada por ocasião do octogésimo aniversário do poeta, por seu antigo editor, S. Fischer, em Berlim, e que dá, segundo a vontade do mestre, o texto por ele autorizado. Não passa, entretanto, de uma "Primeira Parte", que inclui todos os poemas completos aparecidos até 1942. Os inúmeros fragmentos e todos os inéditos ficaram, segundo instruções de Hauptmann, reservados para uma "Segunda Parte", cerca de 15 volumes, cuja preparação estava então, na verdade, muito adiantada, mas que não apareceram até hoje, e cuja publicação parece abandonada.

Quarenta e sete dramas e cinco epopéias

A atividade criadora de Gerhart Hauptmann prolongou-se por 65 anos completos. Entre as obras publicadas figuram 47

dramas, numerosos fragmentos, mais ou menos extensos, 5 epopéias em verso, 21 poemas narrativos e autobiográficos em prosa; além disso, poemas, discursos, artigos e comentários diversos, sem falar das cartas e anotações diárias, em sua maior parte inéditas. Depois de 1945 foram publicados ainda um volume de poesias, três outros dramas, da *Tetralogia dos Átridas*, o drama *Herbert Engelmann*, que nunca satisfizera completamente seu autor, a novela *Mignon*, o romance *Winckelmann*, que Frank Thiess "terminou" baseado em várias versões e com acrescentamentos inautênticos, muito pessoais; e uma edição da epopéia inconclusa, em tercetos, *Der grosse Traum* (O Grande Sonho), pretensamente "completa", em que cinco cantos, dos anos de 1938 a 1941, foram omitidos. Vem juntar-se a isso a massa quase impossível de avaliar, de mais de uma centena de fragmentos poéticos, os interessantes rascunhos de suas obras, notas diárias, cartas, etc. Nada disso foi publicado até agora, estando em poder dos herdeiros, numa pequena aldeia perto de Brissago, não longe da fronteira ítalo-suíça, nas proximidades do lago Maior. Quanto a outras coisas — móveis, livros, artigos de jornais — encontram-se dispersas, em Berlim, Hiddensee, Dresde e até, ainda, em Agnetendorf. Trabalho penoso custaria o simples inventário dos documentos ainda hoje existentes! Não devemos esquecer que exatamente essas obras inéditas são as únicas capazes de dar os elementos para apreciar muitos períodos de uma vida tão longa e produtiva. Existem ainda vários atos completos de *Florian Geyer*, longos esboços dramáticos que precederam a redação de *Die versunkene Glocke* (O Sino Submerso), numerosos cantos de *Till Eulenspiegel*; um especialista poderia extrair diretamente, do extenso *Diário* de 1897, uma *Viagem à Itália*.

Faz-se sentir a falta de uma biografia completa do poeta. Essa falha está parcialmente preenchida pela *Chronik von Gerhart Hauptmann's Leben und Schaffen* (Crônica da Vida e da Obra de Gerhart Hauptmann), de C.F.W. Behl e Félix A. Voigt (Munique, 1957). Sob a forma de quadros sinóticos, essa obra apresenta todos os dados colhidos, todos os acontecimentos e datas com a menção dos trabalhos que com eles se

relacionam, compreendidos todos os poemas e até o conjunto de fragmentos ainda inéditos, mes a mes, e, muitas vezes, dia a dia. Para posterior pesquisa biográfica, encontrar-se-á aí reunido tudo quanto pôde ser então apurado, pela circunstância de que os autores conheciam pessoalmente amigos do poeta que com ele conviveram em seus últimos anos.

Naturalista ou clássico? Simbolista ou supra-realista?

Do ponto de vista da estilística histórica, Gerhart Hauptmann escapa a uma classificação definida. Houve quem quisesse considerá-lo naturalista, realista, romântico ou neo-romântico, simbolista, clássico e, até mesmo, supra-realista. Nenhum desses juízos é completamente errôneo; nenhum é perfeitamente justo: a expressão total de Hauptmann, como homem e como poeta, é mais complexa, mais repartida, pois ele "sabia renovar-se incessantemente" (André Gide). Mesmo abstraindo desse período de juventude, em que procurava modelos entre os poetas clássicos alemães, como, por exemplo, no drama ainda inédito *Germanen und Römer* (Germanos e Romanos, 1882), o naturalismo que facilmente lhe atribuímos não foi senão uma fase muito passageira de sua vida (de 1887 a 1896, mais ou menos). Outros dramas, tais como *Fuhrmann Henschel* (O Carreteiro Henschel) e *Die Ratten* (Os Ratos) (1911) têm perspectiva mais profunda, podendo-se mesmo considerá-los supra-realistas.

É certo que, durante a vida inteira, ele foi, sempre, um grande realista e, até o fim, dos raros que são capazes de fazer nascer diante de nós, incessantemente, inúmeros homens, em suas lutas, em seus sofrimentos e em suas derrotas. Entremeiam-se nele, todavia, os característicos de tôdas as regras conhecidas de estilo. Não deve ser esquecido, além disso, que, desde a mocidade, nele se revela uma tendência ao cenobitismo, ao misticismo, cujas origens é necessário procurar na história da grande mística silesiana, de Schwenckfeld, passando por Jacob Böhme e Angelus Silesius, até Eichendorff. Já no tempo em que tentava tornar-se agricultor, impressionara-se — íntima

e fortemente — com o espírito religioso do conde de Zinzendorf, da seita protestante provinda dos Irmãos Morávios. Para ele, a linguagem de Martinho Lutero foi sempre a base: durante a vida inteira, o Novo Testamento, na tradução luterana, e os escritos do Reformador "demoníaco" constituíram leitura cotidiana, embora se tivesse mantido sistematicamente afastado da Igreja. Ignora-se até hoje que foi justamente no decênio final do século passado, quando compunha seus dramas "naturalistas", que ele lutou, em prosa e verso, em ensaios e poemas, repetidamente, para destacar a personalidade de Jesus Cristo e que, bem no fundo, os problemas sociais o preocupavam muito menos que os religiosos. Entregou-se às leituras do período da Reforma, de que extraiu de bom grado alguns de seus temas (*Florian Geyer*, 1896; os fragmentos de *O Anabatista, Magnus Garbe*, 1914-1915, publicado em 1942, terrível drama da Inquisição; o fragmento *Der Dom* (A Catedral); *Hamlet em Wittenberg*, 1935). Seus mais íntimos esforços dirigiram-se para uma "Reforma eterna", que conduzisse o homem à sua própria determinação. Não foi duradouro, por isso, o contacto com a ciência moderna e mesmo com Nietzsche.

Nos caminhos do Cristianismo...

Essa luta de dezenas de anos para esclarecer a essência do Cristianismo e de seu Criador culminou na grandiosa análise de *O Louco em Cristo, Emanuel Quint*. Dá, aí, uma expressão sutil à sua aversão ao Cristianismo confessional: que aconteceria se o Salvador retornasse, hoje, à Terra, para verificar até que ponto germinou sua semente após 2000 anos? Acabaria, ainda hoje, como mártir, embora de maneira diferente, pela dureza de coração e falta de amor entre os homens. Em conseqüência, Hauptmann ataca muitas vezes e com amargura a intolerância, a falta de liberdade espiritual da Igreja, os derramamentos de sangue da Inquisição (*Magnus Garbe*, 1915-1942), o espírito polêmico (*Till Eulenspiegel*), toda a veracidade informativa sobre a história da Igreja (*O Grande Sonho*, em uma conversa com Dante), o horror da conquista do

México (*Der Weisse Heiland,* O Salvador Branco, 1920). Com todo seu profundo amor por Jesus, a quem não abandonará até à morte, ele se afasta do Cristianismo e de seu fenômeno histórico.

...e no rastro dos deuses

Um mundo completamente diferente penetra, então, na poesia de Hauptmann, contraponteando com o precedente: a *Antigüidade*. Já em *O Sino Submerso,* o Salvador crucificado, em uma visão, toma a forma de um jovem deus resplandecente de êxtase criador, de Dionísio. No final do século passado, o poeta engolfou-se nas obras de Platão, quando já possuía, de maneira geral, imensa erudição relativamente aos autores da Antigüidade, desde Homero, passando pelos Trágicos, até o gnosticismo tardio, os Padres da Igreja e os místicos neoplatônicos. A ideologia de Platão surge, em 1906, no que talvez seja o mais belo drama de Hauptmann, *Und Pippa tanzt!* (E Pippa dança!) A delicadeza brilhante e frágil do cristal materializa, para ele, a idéia da beleza, que não deve ser tocada, mas apenas gozada em pura contemplação. Em 1907 realizou-se a significativa viagem à Hélade, tão ardentemente esperada: seu diário *Griechischer Frühling* (Primavera Grega) reflete sua união com as potências terrestres; em Corfu inicia o drama *Der Bogen des Odysseus* (O Arco de Ulisses): o solo do pequeno país dá forças novas ao viajante abatido, como a Terra-Mãe a Anteu. Esta nova visão panorâmica de todos os deuses: Dionísio, Eros, o mais antigo dos deuses, Deméter, a "Grande Mãe", seria coroada pela mais perfeita de suas obras, sob o ponto de vista artístico: *Der Ketzer von Soana* (O Herege de Soana), escrita de 1911 a 1914, em oposição a *Emanuel Quint*, e publicada em 1918. Trata-se aí, também, de um transviado no mundo cruel que volta ao seio da natureza pura e intacta! Dedica-se, mais tarde, ao problema dos mistérios do culto de Deméter em Eleusis, no *Demetermysterium* (inacabado e ainda inédito), no qual trabalhou sem repouso nos dez últimos anos de vida.

Alemão integral e meio-heleno

No fim da existência, sob o golpe de terríveis impressões recebidas do hitlerismo e da segunda guerra mundial (1939-1945), o octogenário reúne ainda uma vez todos os seus poderes de dramaturgo para descrever, em quatro peças, o destino funesto da família dos Átridas, desde o sacrifício de Ifigênia até sua volta a Delfos (*Ifigênia em Áulida, A Morte de Agamêmnon, Electra, Ifigênia em Delfos*). Domina aí, como freqüentemente na obra de Hauptmann, a idéia da redenção pelo sacrifício da vida: Ifigênia sabe que seu reaparecimento na antiga pátria reabrirá as feridas e despertará a maldição; ainda assim, vítima inocente, toma voluntariamente o caminho da morte, que já fora decretada em Áulida.

"Sou um alemão integral e um meio-heleno" — foi assim que, em 1913, no *Festspiel in deutschen Reimen* (Festival em Versos Alemães) ele havia definido sua posição: sentia-se "nascido grego" numa terra nórdica. Nenhuma honra poderia dar-lhe maior alegria do que, em 1933, sua nomeação de membro correspondente da Academia de Atenas, que ele considerava como a última descendente da de Platão.

De Shakespeare a Goethe

Ao lado do Cristianismo e da preponderância da Antigüidade grega, destacam-se duas personalidades que, durante toda a vida de Hauptmann, fecundaram permanentemente sua arte poética: Shakespeare e Goethe. Como poderia ser de outro modo quando ele, o dramaturgo, tinha sem cessar, diante dos olhos, o maior dramaturgo do mundo, Shakespeare, e que, em sua condição de alemão, encontrava Goethe a cada passo?

Lutou por mais de dez anos, conforme a antiga tradição alemã, para resolver o enigma de *Hamleto*, que o atraía com sua força mágica (1924-1935). Tentou reconstituir a versão "primordial" do *Hamleto* de Shakespeare: Hamleto não deverá ser representado como ser débil e indeciso, mas, ao contrário, como

homem animado pelo sentimento de justiça, que, como humanista, evita o ato de vingança que lhe é imposto, mas se vê impelido pelo destino e por isso há de perecer. Um importante ensaio sôbre *Hamlet* apresenta, primeiramente, em bloco, a infra-estrutura teórica e, depois, nova tradução do drama com inúmeras cenas de sua autoria; no romance *Im Wirbel der Berufung* (No Turbilhão do Chamado) (1936) o conjunto do problema será estudado, por todos os ângulos, em uma forma meio autobiográfica, posto em relação com *Orestes*, de Ésquilo, e levado até as profundezas demoníacas do drama primordial do mundo. O drama *Hamleto em Wittenberg* (1935) alude também a Shakespeare, oferecendo ao poeta moderno a possibilidade de situar seu herói na vida colorida da época da Reforma, que tanto lhe interessava. Encontramos nele, porém, a cada momento, ressonâncias do grande poeta britânico, mesmo nos tempos de Iena (1882-1883): *A Megera Domada* leva-o a escrever a comédia *Schluck und Jau* (1900) e, sobretudo, a obra tardia de Shakespeare, tão obscura, *A Tempestade*, sem a qual o sombrio drama *Indipohdi* (1920) seria incompreensível, — drama em que Hauptmann, como Próspero, quer despedir-se do mundo que o oprime.

Já se quis, mais de uma vez, tachar Hauptmann de "imitador de Goethe". Tal afirmativa é desmentida pelo fato de que a influência goethiana, sobre ele, é, em essência, de natureza lingüística, o que não nos deverá espantar, sabendo-se como nosso poeta conhecia intimamente seu modelo. A terceira parte deste estudo tratará ainda dos *Urworte. Orphisch* (Palavras Primordiais. Órfica) e de sua influência na concepção que, do mundo tinha o poeta. No solene discurso pronunciado nos Estados Unidos, em 1932, ele expôs sua interpretação do escritor de Weimar. É possível que *Hermann e Dorotéia* tenha influenciado a forma da epopéia *Anna*; que sem *Poesia e Verdade* não tivéssemos *A Aventura de Minha Mocidade*, e que sem *Os Anos de Aprendizagem de Guilherme Meister*, *No Turbilhão do Chamado* não houvesse sido escrito na forma em que está.

Cheio de mistério, como o de Goethe, é também o *Conto* de Hauptmann; somente na novela fantástica *Mignon* é que Goethe e seus personagens (o Harpista e Mignon) envolveram o poeta com sua presença, durante uma estada em Stresa.

Assinalemos, enfim, a profunda influência exercida sobre Gerhart Hauptmann pelas religiões da Índia: durante a velhice, a *Bagavadgita* estava sempre a seu lado, e ele mergulhava freqüentemente nos *Upanixades*. As *Práticas* de Gautama Buda, cuja tradução por K. E. Neumann ele considerava tão importante como a da Bíblia por Lutero, constituíam leituras cotidianas. Não causa espanto, assim, encontrar seu eco em muitas obras: em *A Ilha da Avó* e no *Grande Sonho*, assim como no *Novo Cristóforo* e em *Till Eulenspiegel*. Ele havia, além disso, estudado a fundo o Alcorão e, de maneira muito especial, Lao-Tsé.

Suas últimas obras são fragmentárias, obscuras e muitas vezes inacabadas

Essa abundância desconcertante da obra de Hauptmann é reconhecível em seus últimos trabalhos, extremamente difíceis de entender. Acontece com ele o mesmo que com Goethe, cujas criações finais também se encobrem até certo ponto e não se deixam penetrar senão por estudo atento. Voltaremos a falar de sua significação. A visão do mundo, do poeta moderno, tem qualquer coisa de irracional ou, segundo a expressão de Karl Jaspers (que ele não conheceu, do mesmo modo que não conheceu a filosofia existencialista), qualquer coisa de "flutuante", de indeciso. De qualquer maneira, tem freqüentes pontos de contacto com as idéias, mais de uma vez difíceis de compreender, de Jaspers; toma conhecimento da existência sem querer jamais fixar-se, e a verdade que procura, como Lessing, e que não pode alcançar, está no tempo, em vias de realização apenas e nunca é, para ele, definitiva em suas maravilhosas cristalizações. A expressão, em dialeto silesiano, em *Os Tece-*

lões: *"Nu jaja, nu neenee!"* [1] exprime, na boca de um ingênuo camponês, desde aquele tempo, a súmula de seu modo de pensar. Mesmo que se convivesse longamente com ele, seria difícil, para não dizer impossível, levá-lo a dizer francamente "sim" ou "não".

Com exclusão da novela muito imaginosa *Das Meerwunder* (O Monstro Marinho), todas as suas últimas obras ficaram fragmentárias, porque, por sua própria essência, assim deveriam ficar, porque nossa capacidade de conhecimento é fragmentária como a própria vida. A monumental epopéia *Till Eulenspiegel* é, sem dúvida, aparentemente acabada, mas existem ainda numerosos esboços e cantos importantes não incluídos. Trata do périplo de um aviador militar da primeira guerra mundial através das perturbações da inflação até que, em conseqüência de um concílio religioso em Wittenberg, segunda "Noite de Walpurgis", ele chega a duvidar desta vida e foge para longe, para uma Grécia mítica. Ao regressar, procura a morte, no vale da Maggia, perto de Locarno, numa fuga para o grande sonho definitivo. A despeito de suas grandes proporções, a outra epopéia em verso, *O Grande Sonho* e o romance *O Novo Cristóforo* ficaram inconclusos. Gerhart Hauptmann viveu, sem dúvida, uma vida sonhadora, dolorosa e intensa e, nesses dois poemas encontram-se igualmente "sonhos" ou notas diárias em que se discutem, da maneira "flutuante" que mencionamos, todas as questões, por assim dizer, deste mundo e do outro. Ambas essas obras foram iniciadas durante a primeira guerra mundial, se bem que certas notas provem que delas o autor já se ocupava muito tempo antes; ambas preocuparam-no até o fim da vida e, pouco tempo antes de morrer, nelas ainda trabalhava. Apesar de seu plano desconcertante e confuso, constituem o guia mais seguro para compreensão de toda a segunda metade da vida do mestre. Se os poemas publicados podem, muitas vezes, parecer bem diferentes, esses frag-

[1] Talvez sim, talvez não.

mentos constituem a verdadeira corrente subjacente, em que deveremos procurar reviver intimamente suas últimas obras.

À vista do espaço de que dispomos, será impossível mencionar, sequer, todas as obras de Hauptmann e, muito menos, procurar interpretá-las. Inúmeras obras de valor, como o drama *Michael Kramer* (1903), que Rainer Maria Rilke tanto admirava, os extensos poemas, semi-épicos, *Der Knabe Herakles* (Hércules Menino), *Helios,* etc., dramas como *Griselda* (Griselda) e *Gabriel Schillings Flucht* (A Fuga de Gabriel Schilling) têm que ser omitidos. Ao observador fica, antes de tudo, a sensação de uma abundância incalculável, que confunde como um labirinto. E ainda devemos, para terminar, procurar responder a uma última pergunta: Qual é o sentido da obra completa de Hauptmann?

III

A IMAGEM DO MUNDO

Será possível perceber a unidade de uma vida, cuja atividade criadora se exerceu com tão abundante diversidade, por mais de sessenta anos? E, principalmente, será possível que um mesmo homem porventura tenha podido escrever *Antes do Amanhecer* e *Ifigênia em Delfos*, ou *O Guarda-barreira Thiel* e *O Monstro Marinho*, sem caminhar à aventura, com a mesma ausência de orientação? As diferenças, entretanto, não são maiores que as existentes entre *Götz von Berlichingen* e *A Filha Natural*, ou entre *Os Sofrimentos do Jovem Werther* e *Os Anos de Viagem de Guilherme Meister*, de Goethe. Pouco importa que se haja acusado muitas vezes Gerhart Hauptmann de não ter uma concepção homogênea do mundo, o que, sobretudo do ponto de vista da mentalidade alemã, é uma grave censura. Não é fácil, em verdade, manifestar essa unidade sob "os elementos mortos das palavras" (Schiller). Dürer, Bach, Beethoven tinham também, muito provavelmente, sua concepção do mundo, mas não falam dela, trabalham sem repouso em sua obra e é apenas segundo a mesma que podemos deduzir sua essência e seu pensamento. Com Hauptmann verifica-se a mesma coisa.

Heráclito e Platão são os seus filósofos

Sua vida estende-se de 1862 a 1946! Por que mudanças, precisamente durante esse período, não passaram a Alemanha, a Europa, o mundo inteiro! Era impossível, assim, que Gerhart Hauptmann, para quem o conceito de uma vida orgânica em perpétua renovação e transformação era de fundamental importância, não se renovasse incessantemente. Nada é, nele, em verdade, mais característico do que a impugnação de qualquer gênero de sistema, isto é, do que não é senão pensamento científico, relacionado com o "acontecido" e, assim, com o que está morto. Heráclito e Platão são seus filósofos, e não Aristóteles e Kant. Todos os grandes fenômenos da natureza e do espírito — e creio que Hauptmann participa de ambos! — angustiam-nos, a nós, homens mais fracos, e tentamos "penetrá-los" e tocá-los. Para consegui-lo, não fazemos senão violentar esses fenômenos e despojá-los de seu caráter único e irreiterável. Assim procedendo, seriamos injustos com Gerhart Hauptmann, cujo aparecimento na história da vida espiritual de seu povo é um perfeito *novum*, sem conseguir, com isso, emitir sobre ele algum juízo de valor. O respeito pelo único, pelo irreiterável, pelo *individuum ineffabile* obriga-nos, porém, a fazê-lo. Procuremos, pois, traçar brevemente, explicando-o como um todo, o *charisma* único de Hauptmann.

Multidão de personagens de todos os tempos

Olhemos sua obra e imediatamente aparecem centenas, milhares de *homens*, de um realismo, de uma vida que vai muito além da do mundo que nos rodeia. Quer sejam importantes, ou não, os papéis dessas personagens, quer se situem em poemas completos ou em fragmentos, suas figuras são modeladas com perfeita plasticidade. Não foi em vão que Hauptmann se dedicou, a princípio, à escultura, e que continuou exercendo essa arte, ocasionalmente, com mestria. Esses homens pertencem a quase todas as épocas da História: alguns fragmentos tratam do primeiro fratricida, dos patriarcas; repousamos com a suavidade de *Hirtenlied* (Canção Pastoral) (1898); surgem diante

de nós os heróis gregos: Ulisses e o horror da estirpe dos Átridas; as lutas dos germanos contra os romanos, a obscuridade do Edda, em *Veland* (terminado em 1925), a época de Carlos Magno, em *Kaiser Karls Geisel* (O Refém de Carlos Magno), e os heróis cavalheirescos da Idade Média: *Der arme Heinrich* (O Pobre Henrique) (1902) e *Ulrich von Lichtenstein* (1939). Já nos referimos à época da Reforma. O mundo clássico comove-nos com as personagens de Winckelmann e de Goethe, na novela fantástica *Mignon* (publicada em 1947); a graça delicada do romantismo, em *Goldene Harfe* (A Harpa de Ouro) (1933), com verdadeiros reflexos de Eichendorff. Enfim, o mundo colorido do século XIX, em ampla agitação, até o sombrio presente: o *réquiem Die Finsternisse* (As Trevas) (escrito em 1937) faz-nos participar, como ponto final do tema, do horror das perseguições aos judeus, nos tempos de Hitler!

Todos os países do mundo e a natureza inteira

As ações desenvolvem-se quer na Hélade e na Itália amada, como em Roma e no esplendor dos lagos italianos do Norte. O ponto culminante das obras inscritas em tal cenário é a novela clássica *Der Ketzer von Soana* (O Herege de Soana), o regresso do homem tornado estranho à natureza para a Terra Mãe e o Deus do êxtase. O grande Norte também não está ausente, com *Winterballade* (Balada de Inverno), extraída de uma novela de Selma Lagerlöf, *Os Escudos do Senhor Arne* (1917); de igual modo, o ambiente cálido do Sul da França, na época pré-albigense, em *Die Tochter der Kathedrale* (A Filha da Catedral) (1939), inspirada em um *lai* de Marie de France, e as distantes civilizações pré-colombianas da América Central. Nossos olhares perdem-se mais longe, nos espaços infinitos do oceano, com seu arquipélago utópico *Die Insel der Grossen Mutter* (A Ilha da Avó) (1924) e suas maravilhas marinhas, e até o litoral das ilhas míticas de sua epopéia *Die Blaue Blume* (A Flor Azul) (1924) e, finalmente, para além dos conhecimentos do homem, às causas primeiras da existência cósmica, quando o louco dionisíaco Till Eulenspiegel descansa no dorso de Quirão, através dos reinos do inexprimível. E mesmo que

nada mais tivéssemos a dizer sobre Gerhart Hauptmann, isso bastaria para provar que foi uma das maiores figuras de todos os tempos.

Cabe, agora, investigar sua compreensão da *Natureza* em si. Vimos, desde o início, os íntimos vínculos de Gerhart Hauptmann à sua pequena pátria silesiana, sentindo as forças vivas que dela hauria. Hauptmann, entretanto, nunca foi um "poeta telúrico"; está em estreita ligação com a natureza *inteira*: o mar é-lhe familiar, tanto no norte como no sul, e até em regiões distantes que seus olhos jamais contemplaram: Conhece o mundo grandioso dos rochedos helenos, os vulcões de longínquos países, os campos de neve árticos, como se daí fosse originário. Não é senão pela grande cidade — em oposição à natureza pura — que o filho do campo sente uma invencível aversão. Até na própria Itália, são as regiões desprovidas de história, da Riviera e dos Alpes, que o atraem, e não os nobres centros da Arte. Apenas Veneza, tal como um conto das *Mil e Uma Noites*, constitui exceção. Ele próprio é um pedaço dessa natureza que cria organicamente e, assim, considera o homem, simplesmente, sob certos aspectos, apenas como o ápice e o coroamento da natureza; não está longe de supor que o homem, por sua obstinação, se tenha afastado da causa primeira, tornando-se, assim, uma aberração da natureza. Isso leva-o a um pessimismo insondável, que encontra, em *O Monstro Marinho*, expressão notável (exatamente no início do hitlerismo!): "Não quero ser um ente humano!", o que nos lembra *Palavras Primordiais. Órfica*, de Goethe: todos estão possuídos pelo demônio, não avançam senão segundo as leis que lhes deram os rumos, não podem fugir de si mesmos:

Und keine Zeit und keine Macht zerstückelt
Geprägte Form, die lebend sich entwickelt[1].

Dir-se-ia que a natureza, num grandioso ato de criação, tomou, em Hauptmann, consciência de si mesma e que, por seu

[1] "Nenhuma época e nenhum poder podem destruir uma forma criada que se desenvolve vivendo." Goethe, Gott und Welt, *Urworte. Orphisch.* Daimon, versos 7 e 8.

intermédio, graças às suas leis de efeito remoto, deixou que as obras de arte representassem sua essência.

O universo de Gerhart Hauptmann

Já falamos da importância da *mística* para o poeta. Os dois ápices de sua obra épica: *Der Narr in Christo, Emanuel Quint*, "a mais cristã" de suas criações, e, também, "a mais pagã", *Der Ketzer von Soana*, mostram o problema em toda sua profundidade. Desde *O Sino Submerso* (1896), já lutava pela síntese dessas tendências diametralmente opostas. A essa síntese foram consagradas suas últimas obras, tão pouco acessíveis a uma compreensão racional: em *Till Eulenspiegel*, em *O Grande Sonho*, nas sutilezas demoníacas do romance *No Turbilhão do Chamado*, em *A Catedral* e, finalmente, em sua criação derradeira, *O Novo Cristóforo* — que deixou inacabada, por isso que, por sua própria essência, como toda explicação do mundo, tinha que ficar fragmentária — aí assenta toda a profundidade da interpretação do mundo de Hauptmann.

A verdadeira essência do mundo e da natureza está encerrada nessa tensão dos contrários e, assim, na "luta" que Heráclito glorifica como origem de todas as coisas. Sem isso, o poeta não seria mais um "dramaturgo". Enquanto se processa a evolução do mundo, até que, para repetir as palavras de Goethe, "tudo o que se precipita e tudo o que luta se fundam no Senhor, num repouso eterno em Deus" [1], o homem é envolvido no drama ancestral que o abate. Só os grandes poetas trágicos tem o poder de olhar de frente essa face de Medusa, sem arriscar a loucura. Shakespeare tinha esse dom e Hauptmann não lhe fica atrás. Ele teve, mais do que o homem comum, de provar, no mais íntimo de si mesmo, todos os tormentos da criatura, antes de poder representar o desenvolvimento completo desse processo, dom divino. Contempla com horror e emoção, mas também com "serenidade" grandiosa — a expres-

[1] Goethe, *Sprüche in Reimen, Zahme Xenien.*

são é de Jacob Böhme — essa existência verdadeira e a recompõe numa obra de arte. Apenas em tal sentido, e não com a simpatia de um sentimentalismo burguês, Hauptmann é o poeta da compaixão, isto é, da *com-passio* (do "sofrimento com") relativamente ao conjunto da criação (a συμπάθεια τῶν ὅλων dos neoplatônicos).

Um mito platônico

É só no mito considerado segundo o modelo de Platão, mito que se desenvolve tematicamente ao longo de suas últimas obras, que pode exprimir sua "concepção do mundo". Não é apenas *um filho*, enviado por Deus à Terra, que reconduz seus irmãos ao Pai, num abandono sublime do mundo. Deus deixou que d'Ele se desunisse outro filho, não menos amado, oferecendo-o para congraçar sua criação. Lúcifer, Fósforo (o "portador da luz"), o demiurgo, Dionísio, Hércules, Prometeu, Satanael... todos esses nomes não são, em verdade, mais do que hipóstases de uma mesma força. É o espírito do eterno insurgido que faz o mundo caminhar. Vive, assim, nele, um eterno sim e não, um "drama" eterno entre estes poderes. Os dois enviados sofrem o mesmo fim, seja a morte na crucificação do Gólgota, seja o destino de ser despedaçado pelas Mênades em fúria. Hauptmann chega até a fazer crucificar Dionisio no cimo do Parnaso (em O *Grande Sonho*). Seus novos representantes devem seguir o mesmo caminho dos mestres, como portadores dos valores deste mundo e do outro, a fim de que o espírito não se extinga no Cosmo. À morte sucederá, um dia, a ressurreição, e fará germinar a semente que engendrará um nôvo espírito.

É, assim, em Deus que repousam o Sim e o Não, o Bem e o Mal. Essa poderosa polarização nos é imposta e mantemo-nos entre esses dois polos, resistindo, combatendo, sucumbindo e, por vezes, vencendo. É na alma do poeta, o *poeta vates*, e nele somente, que se realiza a união desse antagonismo. Não pretende instruir nem condenar, mas, segundo a expressão de

Nicolau de Cues, realizar, em nós, com ele e por ele, a *coincidentia oppositorum,* a união das forças contrárias. Afirma a vida tal como nos é dada.

Poeta demoníaco e apaixonado

É difícil reduzir Gerhart Hauptmann a uma fórmula. Ele próprio classifica-se como poeta "biológico" — no sentido do *Minus,* de Hermann Reich. Deveríamos, talvez, qualificá-lo como poeta demoníaco e apaixonado e, também, poeta "patológico", sob condição de não emprestar a essa palavra o seu restrito sentido médico. O vocábulo *pathos* é intraduzível exatamente, significando dor (moral, especialmente), sofrimento (sobretudo físico) e paixão, um estado imposto aos homens por forças naturais e sobrenaturais, uma extrapolação além dos limites da média. Francisco Vela (em *O Herege de Soana*), que encontra o caminho da pura natureza, e Emanuel Quint, que morre de frio nos gelos dos altos píncaros alpinos, em sua procura do "Segredo do Reino", ambos são, em certo sentido, criações "patológicas" do mestre.

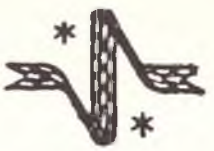
Por suas inúmeras criações espirituais, Gerhart Hauptmann conduziu-nos por todos os altos e baixos do ser, e tudo quanto é exprimível em palavras humanas, ele o disse. É possível que tenha ido além desses limites, no mito cosmogônico da Criação, do *Till Eulenspiegel.* Até seus últimos momentos, procurou perceber as vozes do inefável, sendo de importância simbólica o fato de que seus derradeiros pensamentos giraram em torno da palavra de São Paulo, em sua segunda Epístola aos Coríntios.

A vida terrena do grande dramaturgo terminou, porém, numa tragédia. Recusava-se inconscientemente a abandonar sua pequena pátria, refugiando-se em completo silêncio, ao que, também, o constrangiam as circunstâncias de grave enfermidade. Mesmo a segunda parte de sua existência, que nos parece, muitas vezes, seguir um curso excessivamente tranqüilo, foi, na realidade, permanente luta entre ele e seus demônios. Levou-a até o fim corajosamente, sem desfalecimentos. Jamais

escreveu uma linha sequer — conforme suas próprias palavras — que não estivesse de acordo com sua autobiografia. Somente um observador superficial poderá por em dúvida essa unidade de vida e pensamento, mesmo que se acrescente haver-se Hauptmann, como teórico, isto é, contemplativo, mantido afastado da prática ativa da vida. Termina com ele a grande evolução da literatura alemã, iniciada, duzentos anos antes, com Klopstock e Lessing. Nesse sentido, Gerhart Hauptmann é o "último clássico alemão". Sua morte é, para nós, o fim, sem dúvida trágico, mas também lógico, de uma evolução retilínea, que, afinal, restaurou a "harmonia preestabelecida" de todo ser (Leibniz).

GERHART
HAUPTMANN

O HEREGE DE SOANA



Para a ascensão do monte Generoso, os turistas podem partir de Mendrisio, ou Capolago pela estrada de ferro de cremalheira, ou de Bissone por Soana, que é o caminho mais difícil. Toda a região faz parte do Ticino, cantão suíço de população italiana.

A uma altitude considerável, deparava-se freqüentemente aos excursionistas a figura de um guardador de cabras, que usava óculos, e cuja aparência apresentava outras particularidades surpreendentes. Apesar da pele bronzeada, a expressão traía o homem culto. Lembrava de algum modo a estátua de bronze de São João Batista, por Donatello, na catedral de Siena. Os cabelos negros caíam encaracolados por sobre as espáduas morenas. Vestia-se com peles de cabra.

Quando um grupo de forasteiros dele se aproximava, os guias logo começavam a rir. Os turistas muitas vezes explodiam num frouxo de riso impertinente ou o interpelavam aos brados. Acreditavam-se justificados pelo insólito espetáculo. O pastor não lhes dava a menor atenção.

Todos os guias pareciam viver em bons termos com ele. Mais de uma vez, iam ao seu encontro e deixavam-se estar em confidências. Perguntasse alguém por aquele estranho anacoreta, e quase sempre adotavam ares misteriosos e reticentes, até perderem-no de vista. Mas, aos viajantes que, por curiosidade, ainda insistissem, informavam que era homem de passado obscuro, conhecido ali pela alcunha de "herege de Soana", gozando de fama duvidosa, acrescida de temor supersticioso.

Quando o autor desta história ainda era jovem e passava sequidamente magníficas semanas na aldeia de Soana, era inevitável, de vez em quando, uma ascensão do Generoso, e foi assim que veio a conhecer o "herege de Soana". Nunca esqueceu a estranha figura e, depois de recolher toda espécie de informações contraditórias, sentiu amadurecer a idéia de revê-lo e até, por que não, de fazer-lhe uma visita.

O autor destas linhas viu sua intenção estimulada por um suiço alemão, médico de Soana, que lhe afirmou que a visita de pessoas cultas não desagradava ao original, e ele mesmo, certa feita, fora visitá-lo: "Para ser franco, eu devia querer-lhe mal, pois este malandro mete-se no meu negócio. Mas mora muito lá no alto e, Deus seja louvado, só o consultam secretamente as poucas pessoas que não vêem inconveniente em se fazer tratar pelo diabo." E prosseguiu: "Naturalmente o senhor sabe que é crença geral que ele fez um pacto com o diabo. Esta opinião não é refutada pelos padres, pois foram eles que inventaram a história. A princípio, dizem, sucumbiu a um encantamento funesto, para depois tornar-se criminoso empedernido e feiticeiro diabólico. Quanto a mim, não cheguei a ver nele nem cascos nem cornos."

*
* *

O autor destas linhas ainda guarda uma nítida lembrança de suas visitas ao estranho homem. Foi digno de nota o nosso primeiro encontro. Uma circunstância especial deu-lhe o caráter de acaso. Num trecho abrupto do caminho, deparou o visitante com uma cabra que acabara de parir e ainda andava às

voltas com outro cabritinho a por no mundo. A fêmea, abandonada à sua sorte, a encará-lo sem medo, como esperando ajuda, além do profundo mistério do nascimento naquela esmagadora solidão alpestre, entre montes e fragas, provocaram-lhe a mais profunda emoção. Mas logo apressou o passo, ao lhe ocorrer que aquele animal pertenceria sem dúvida ao rebanho do original, e com a intenção de pedir-lhe ajuda. Encontrou-o a lidar com suas cabras e vacas, e prevenindo-o do acontecido, conduziu-o ao local em que a fêmea paria, lá encontrando a seu lado, sobre o capim, úmido e ensangüentado, o segundo cabritinho. O animal foi então tratado pelo dono com a segurança de um médico e as afetuosas precauções de um samaritano misericordioso. Após alguns momentos de espera, tomou nos braços os recém-nascidos e pôs-se lentamente a caminho de casa, seguido de perto pela cabra, cujo úbere repleto quase arrastava pelo chão. Não se limitou a agradecer cordialmente ao visitante: convidou-o também a acompanhá-lo, e de tal modo, que qualquer recusa seria impossível.

O esquisitão havia erguido várias construções sobre os alpes que lhe pertenciam. Uma delas parecia um monte de pedras brutas. Mas, no interior, havia estábulos secos e aquecidos. Ali ficaram alojados a cabra e seus cabritinhos, enquanto o visitante foi encaminhado para uma construção cúbica, toda caiada de branco, situada mais acima; apoiada à vertente do Generoso, dominava um terraço plantado de vinhas. Nas cercanias da pequena porta de entrada, a água jorrava da montanha e vinha encher uma grande bacia cavada na rocha. Perto da fonte, um portão chapeado de ferro fechava a entrada de uma adega, simples caverna.

*
* *

Deste lugar, que, visto do vale, parecia suspenso a uma altura inacessível, descortinava-se uma paisagem magnífica, da qual, entretanto, o autor não desejava falar. Mas, então, quando pela primeira vez a contemplou, sentiu a princípio muda

surpresa, logo seguida de exclamações de espanto, para depois recair num silêncio respeitoso.

Seu hospedeiro, que justamente naquele instante regressava ao terraço, vindo da casa aonde fora em busca de algo, parecia agora caminhar a passo moderado. Todo o seu procedimento, e os modos calmos e comedidos do pastor, não escaparam à observação do visitante. Serviu-lhe aquilo de advertência para que moderasse as palavras, sem abuso de perguntas. Desde logo, com a brusca admiração de que se achava possuído pelo estranho pastor, não corria o risco de importuná-lo, manifestando uma indiscreta curiosidade.

Ainda se recorda o visitante da mesa redonda de pedra, rodeada de bancos, que havia no terraço. Ainda ve todas aquelas coisas saborosas de que se achava provida pelo "herege de Soana": o melhor Stracchino di Lecco, o delicioso pão italiano de trigo, salame, azeitonas, figos e nêsperas, e um jarro de vinho tinto, que havia retirado bem fresco da adega. Depois de sentados, o anfitrião barbudo, de encaracolada melena, metido em peles de cabra, fitou cordialmente os olhos no visitante e tomou-lhe a mão direita, como para assegurar-lhe a sua discreta simpatia.

Quem poderia relembrar a quantidade de assuntos abordados no decorrer desse primeiro encontro! Somente alguns detalhes ainda acodem à memória do visitante. Queria o pegureiro que o tratassem pelo nome de Ludovico. Falou muito da Argentina. Em dado momento, como o badalar dos sinos do *Angelus* subisse do fundo do vale, aludiu "àquele ruído que às vezes o enervava". Veio à balha o nome de Sêneca. Discreteou-se um pouco sobre a política suíça. Finalmente, o estranho fez inúmeras perguntas sobre a Alemanha, porque era a pátria de quem o visitava. Quando chegou a hora em que este último já havia decidido partir, disse-lhe: "Você será sempre bem-vindo nesta casa".

*

* *

O autor não pretendia ocultar ao leitor que morria de curiosidade por conhecer a história desse homem; não obstante, mesmo no ensejo de outras visitas, teve o cuidado de não mostrar a menor curiosidade a respeito.

No decorrer de conversações eventuais em Soana, deram-lhe algumas explicações razoáveis de fatos ocorridos que seriam a causa do apelido: "herege de Soana", dado a Ludovico; mas interessava-lhe bem mais chegar a saber em que sentido essa denominação era exata, e em que estados interiores peculiares, em que filosofia original, encontrava suas raízes o modo de vida de Ludovico. Absteve-se, entretanto, de fazer perguntas e foi, aliás, amplamente recompensado.

A maior parte do tempo encontrava Ludovico só, ora entre os animais do rebanho, ora no seu refúgio.

Por vezes, encontrava-o ordenhando as cabras com suas próprias mãos, como Robinson. Ou, então, dando aos cabritinhos as tetas da mãe rebelde. Nessas ocasiões, parecia inteiramente absorvido por seu trabalho de pastor: percebia-se o seu contentamento ao contemplar a cabra arrastando o úbere cheio pelo solo, ou o bode, quando se mostrava luxurioso e aplicado. Comentava: "Até parece o diabo em pessoa! Veja esses olhos. Que força, como cintilam de cólera, de raiva, de maldade! Mas ao mesmo tempo, que fogo sagrado!"

Ao autor, todavia, pareceu-lhe reconhecer em seus próprios olhos aquela mesma chama infernal, o santo furor a que se referia. Seu sorriso imobilizava-se num ricto, e mostrava os magníficos dentes brancos. parecendo perdido em seus pensamentos, enquanto admirava, em seu útil afã. um de seus demoníacos *matadores*, com olhos de entendido.

Freqüentemente o "herege" tocava uma flauta de Pã, e a certa distância, já o visitante ao aproximar-se percebia-lhe as singelas melodias. Nessas ocasiões, punham-se naturalmente a falar de música, e o pastor desenvolvia opiniões singulares a respeito.

Quando em meio ao rebanho, Ludovico não falava senão dos animais e seus costumes, e da profissão de pastor e seus hábitos. Muitas vezes, aprofundava a psicologia dos animais, o gênero de vida dos pastores, remontando até o passado mais

longínquo, no que revelava uma erudição incomum. Falava sobre Apolo, que, servo e pastor, tomava conta dos rebanhos de Laomedonte e Admeto: "Eu gostaria de saber em que instrumento ele tocava música para os seus rebanhos." E acrescentava, como se estivesse falando de algo real: " Por Deus, daria tudo para poder ouvi-lo." Era decerto naqueles momentos que o guedelhudo anacoreta viria a dar a impressão de que não se achava em seu perfeito juízo. Mas, de certo modo, algum fundamento havia nas suas observações, quando mostrava praticamente que de várias maneiras é possível exercer influência sobre um rebanho, ao dirigi-lo pela música. Ao emitir determinadas notas, fazia com que as cabras se levantassem bruscamente, ao passo que as aquietava com outras. Com notas musicais, de longe as convocava; com notas ainda, convidava-as à dispersão, ou a segui-lo rente aos calcanhares.

Por ocasião de certas visitas, mal se trocavam palavras. Um dia, em que o calor sufocante de uma tarde de junho encalmara as pastagens do Generoso, Ludovico, cercado de seus animais estendidos e ruminantes, ele próprio deitado, entregava-se a um torpor de sonolência satisfeita. Saudou o visitante com um simples piscar de olhos, e lhe fez sinal para que se estendesse igualmente sobre a grama.

Após um momento de silêncio, em que os dois se deixaram estar simplesmente deitados, subitamente, com voz arrastada, saiu-se mais ou menos com isto:

— Você sabe que Eros é mais antigo que Cronos, e também mais poderoso? Sente este mudo ardor que nos envolve? Eros! Ouve o grilo cantar? Eros!

Exatamente naquele instante, dois lagartos que se perseguiam passaram rápidos por sobre o pastor estendido, fazendo-o exclamar:

— Eros! Eros!

E como se obedecessem a uma ordem de comando, dois possantes bodes levantaram-se irados, e se marraram com os cornos recurvos. Deixou-os lutar, apesar do crescente ardor do combate. O ruído seco dos golpes ressoava cada vez mais forte e repetiam-se cada vez mais amiudados. E ele repetia:

— Eros! Eros!

E foi então que o visitante chegou a ouvir pela primeira vez certas palavras que muito lhe chamaram a atenção, pois, de certo modo, pareciam esclarecer o motivo daquele apelido que o povo lhe dava.

— Prefiro — disse ele — um bode ou um touro vivos a um morto pregado na cruz. Não sei viver numa época que criou isto. Na verdade, eu a detesto e desprezo. Júpiter Amon era representado com chifres de carneiro. Pã, com pernas de bode, e com chifres de touro, Baco. Penso no Baco tauriforme ou tauricórneo dos romanos. Mitra, o deus do Sol, é representado sob a forma de um touro. Todos os povos adoravam o touro, o bode e o carneiro, e nos sacrifícios derramavam-lhes o sangue sagrado. É com isto que estou de acordo! Pois o poder que gera é o supremo poder criador; gerar e criar são a mesma coisa. E, naturalmente, o culto desse poder não é uma fria lamúria de padres e freiras. Sonhei certa vez com Lakchmi, esposa de Vixenu, que tomou configuração humana sob o nome de Sita. Os sacerdotes eram sacrificados, ao seu abraço. E aqui tive uma intuição fugaz e incompleta de todos os mistérios. O mistério da negra fecundação no solo verde, da nacarada volúpia, de êxtases e delíquios, do segredo dos grãos amarelos do milho, de todos os frutos, de tudo que intumesce, e, mais que tudo, de tôdas as cores. Tive vontade de rugir, louco de dor, quando avistei a implacável e todo-poderosa Sita. Pensei morrer de desejo.

Durante essa confidência, o autor destas linhas teve a impressão de estar sendo involuntariamente indiscreto. Levantou-se, proferindo algumas palavras, com a intenção de sugerir que nada entendera daquele estranho monólogo e pensava em outras coisas. Depois, tentou retirar-se. Ludovico não o permitiu. E assim, sobre o terraço da montanha, foi possível recomeçar o nosso íntimo colóquio, mas dessa vez de modo significativo e inesquecível.

O visitante foi conduzido ao interior da habitação já descrita. Era um aposento quadrado, limpo, com lareira, e parecia o gabinete de trabalho de um letrado. Havia tinteiro, pena, papel, e uma pequena biblioteca, sobretudo de autores gregos e latinos.

— Seria inútil ocultar-lhe — disse o pastor — que sou de boa família, que minha juventude foi mal orientada e passei pelos estudos superiores. Naturalmente, você deseja saber como, de homem avesso à natureza, cheguei a transformar-me num homem natural; de prisioneiro, passei a homem livre; de aniquilado e tristonho, a feliz e tranqüilo? Ou como, pelo meu próprio esforço, rompi com a sociedade burguesa e a comunidade cristã?

E ria-se estrepitosamente.

— Talvez ainda escreva algum dia a história da minha metamorfose.

O visitante, cuja tensão fora elevada ao máximo, sentiu-se novamente longe do objetivo. A declaração final do hospedeiro, de que a causa de seu renovamento era a adoração dos símbolos naturais, não bastava a explicar o caso.

À sombra do rochedo, sôbre o terraço, à beira da fonte transbordante e numa sensação de frescura deliciosa, fez-se uma refeição, desta vez mais farta: presunto defumado, queijo e pão, figos, nêsperas frescas e vinho. Sem exuberância, mas com deleitoso vagar, falou-se de muita coisa. A refeição sobre a mesa de pedra chegou ao fim. E então, sobreveio um momento que ainda parece atual na lembrança de quem publica esta história, tão nítido como se apenas acabasse de passar.

Com os seus longos cabelos encaracolados e a barba mal tratada, com suas roupas de pele de cabra, o moreno pastor, já sabemos, dava uma impressão de retorno ao estado selvagem. Já o havíamos comparado ao São João de Donatello. De fato, a semelhança era extraordinária, particularmente quanto à delicadeza dos traços. Observado mais de perto, Ludovico, na verdade, era belo, apesar daqueles óculos que destoavam do conjunto. Davam-lhe à aparência, além de uns toques levemente cômicos, uma expressão enigmática e atraente. No preciso momento a que nos referimos, estava transfigurado.

A semelhança de seu corpo com o bronze acusava-se ainda com certa fixidez de traços: essa impressão diluiu-se à medida que foram adquirindo movimento e rejuvenescimento. Sorriu, como num acesso de pudor infantil:

— O que eu vou pedir-lhe, disse, nunca o propus antes a ninguém. Eu mesmo não sei bem de onde me veio repentinamente ânimo para tanto. Por um velho hábito que me ficou, ainda costumo ler, e lanço mão da pena, de vez em quando. Foi assim que redigi, durante as horas de lazer do inverno, uma história singela, que parece haver ocorrido por aqui, em Soana e cercanias, muito tempo antes de mim. Há de parecer-lhe bem simplória; mas sei dizer que então me prendeu por uma série de motivos que agora não vem ao caso. Responda-me sim ou não, francamente: quer entrar agora comigo em casa, e perder um pouco de seu tempo com esta história que me custou inutilmente, também a mim, mais de uma hora? Não queria forçá-lo de maneira alguma a ouvi-la, e preferia mesmo dissuadi-lo. Além disso, se me ordenar, deito imediatamente as folhas do manuscrito ao abismo.

Evidentemente, foi o que não aconteceu. Tomou do jarro de vinho, entrou na casa com seu visitante, e sentaram-se ambos frente a frente. O pastor tirou de uma pele de cabra muito fina as espessas folhas de um manuscrito em letra gótica. Para tomar coragem, bebeu mais uma vez à saúde do visitante, antes de precipitar-se na correnteza da narração; e suavemente começou a ler.

A NARRATIVA DO PASTOR

No flanco da montanha, por sobre o lago de Lugano, acha-se encravada, como tantas outras, uma pequena aldeia que pode ser atingida pela estrada sinuosa em aproximadamente uma hora, a partir da margem do lago. As fachadas das casas da aldeia, que são, como na maioria das localidades italianas da região, um amontoado informe de pedra e cimento, dão para um vale, quase uma garganta, formado pelos prados e terraços da aldeia, e, de frente, pela poderosa vertente da montanha gigante que a domina, o monte Generoso.

Nesse vale, no ponto preciso onde se estreita em verdadeira garganta, precipita-se, do fundo de outro vale situado uns cem metros acima, uma cascata, cujo ruído, mais ou menos intenso, segundo a hora do dia, a estação e as correntes de ar, é a música eterna da pequena aldeia.

Há muito tempo, foi enviado para esta paróquia um jovem padre de vinte e cinco anos mais ou menos, chamado Francisco Vela. Nascera no Ligornetto, cantão de Ticino, e podia gabar-se de pertencer à família, ali estabelecida, que gerou o maior

escultor da Itália unificada, também nascido em Ligornetto, aonde, finalmente, regressou para morrer.

O jovem sacerdote passou a juventude na casa de parentes, em Milão, e seus anos de estudo em vários seminários da Suíça e da Itália. Herdara de sua mãe, fruto de uma nobre raça, a seriedade de caráter, que o havia impulsionado desde cedo, sem a menor hesitação, para a vocação religiosa.

Francisco, que usava óculos, distinguia-se dos condiscípulos por seu zelo exemplar, vida austera e devoção. A própria mãe lhe fez ver que, sendo padre secular, bem podia entregar-se a algumas compensações nesta vida, sem obedecer a regras monásticas mais severas. No entanto, desde que foi consagrado, seu único desejo era encontrar a paróquia mais remota possível, para aí dedicar-se, como uma espécie de eremita, de todo coração, mais do que nunca, ao serviço de Deus.

Logo que chegou à aldeola de Soana, e uma vez instalado na pequena cúria ao lado da igreja, os montanheses notaram que o novo cura era de um tipo muito diverso de seu predecessor. Até fisicamente, mesmo: pois este último era um labrego brutal, de compleição taurina, que tratava de conseguir a obediência das belas mulheres e raparigas da aldeia por outros meios bem diferentes das penitências e privações da Igreja. Francisco, bem ao contrário, era pálido e delicado. Os olhos eram profundamente encravados nas órbitas. Manchas héticas ressaltavam na pele sardenta de suas faces. A tudo isto acrescentavam-se os óculos, que ainda representam aos olhos da gente simples um símbolo de severidade e saber preceptoral. Ao cabo de algumas semanas, havia igualmente, à sua maneira, e ainda mais do que o outro, submetido ao seu poder as mulheres e moças da aldeia, a princípio um tanto recalcitrantes.

Dentro em breve, quando saía à rua pela pequena porta da cúria encostada à igreja, via-se quase sempre Francisco cercado por uma verdadeira multidão de mulheres e crianças, que lhe beijavam as mãos, com verdadeira veneração. E, durante os dias, era chamado tantas vezes pela sinetinha do confessionário, que o total dessas chamadas, quando vinha a noite, provocava o sincero espanto de sua governanta quase setuagenária; ela jamais suspeitara que houvesse tantos anjos em Soana, aldeia que

sempre lhe parecera bastante corrompida. Em breve, a reputação do jovem cura Francisco espalhava-se pelos arredores, e ainda mais longe, chegando ele a adquirir um halo de santidade.

Francisco não se deixava perturbar por tudo isso, e bastava-lhe a consciência de bem cumprir suas obrigações. Celebrava missa, cumpria zelosamente os deveres do ministério e — uma vez que a sala de aula se encontrava no presbitério — tratou de desempenhar-se também das obrigações do ensino escolar profano.

*
* *

Uma noite, no começo do mês de março, a sineta da cúria ressoou violentamente, e logo que a governanta foi abrir, deparou na porta, à luz da lanterna, sob a chuva, um tipo asselvajado, que perguntava pelo cura. Tratou a velha governanta de fechar prudentemente a porta, e foi ao encontro do seu patrão, para anunciar, não sem inquietude, aquele visitante tardio. Mas Francisco, entre outros princípios, havia prometido a si mesmo jamais recusar-se a ajudar os que dele necessitassem, fossem eles quem fossem, e ordenou sem mais delongas, levantando os olhos do livro de algum doutor da Igreja que estava lendo:

— Anda, Petronila, manda-o entrar.

Logo depois, o cura via instalar-se à sua mesa um homem de cerca de quarenta anos, cuja aparencia física era a mesma dos camponeses do lugar, ainda mais desleixada, e até mais agreste. O homem andava descalço. As pantalonas em farrapos, encharcadas pela chuva, pendiam-lhe das ancas, sustentadas por uma correia. A camisa estava aberta. O peito moreno e cabeludo, o rosto emoldurado pela barba e cabelos negros abundantes, completavam-se pelo brilho ardente e sombrio dos seus olhos.

Trazia, atirado sobre o ombro esquerdo, à maneira dos pastores, um manto cheio de remendos, empapado de água, e retorcia nervosamente entre as mãos morenas e fortes, emocionadíssimo, um pequeno chapéu de feltro encarquilhado, desco-

lorido pelo vento e pelo mau tempo de muitos anos. Havia deixado na entrada um grande cajado.

Perguntado a que vinha, o homem pôs-se a fazer esgares desordenados e desandou numa torrente de palavras incompreensíveis, de sons roucos, se bem que pertencentes ao dialeto da região, mas num linguajar que pareceu estranho até à velha governanta, natural dali.

O jovem padre, que examinara minuciosamente o recém-chegado, à mortiça claridade da sua lanterna, tentava inutilmente perceber o que desejava aquele estranho. Com muita paciência e fazendo inúmeras perguntas, conseguiu finalmente arrancar-lhe algumas informações: era pai de sete filhos e desejava enviar alguns para a escola do jovem sacerdote. Francisco perguntou-lhe:

— De onde és?

E quando recebeu a resposta: "Eu sou de Soana", o padre retrucou:

— Mas não é possível! Conheço os habitantes daqui e não me lembro de conhecê-lo!

O pastor, ou camponês, não se sabia bem, passou a descrever entusiasticamente o local de sua moradia, com reforço de farta gesticulação, que não dizia nada à compreensão de Francisco.

Respondeu simplesmente:

— Se você habita Soana, e as suas crianças já alcançaram a devida idade, é impossível que ainda não houvessem freqüentado minha escola. E, além disso, eu já teria conhecido você e os seus, pelo menos de vista, na igreja, na labuta cotidiana, ou na missa, ou no confessionário.

Ao ouvir isso, o homem arregalou os olhos e apertou os lábios. A modo de resposta, soltou um fundo suspiro, como se estivesse indignado e oprimido.

— Bem, vou anotar o seu nome. O senhor fez bem, ao procurar-me pessoalmente, providenciando para que as suas crianças não fiquem sem instrução e talvez sem Deus.

Mal terminou o jovem padre de pronunciar essas palavras, o homem esfarrapado pôs-se a imprecar de maneira estranha,

quase bestial, por tal forma que seu corpo trigueiro, nervoso e atlético, estremecia todo.

— Sim — repetiu Francisco surpreso ao extremo com aquela reação — anotarei seu nome, e farei uma investigação a respeito.

Viam-se as lágrimas escorrer incessantemente das pálpebras avermelhadas sobre o rosto cerdoso.

— Ora, ora — disse Francisco, que não achava explicação para o estado de perturbação de seu visitante, e sentia-se mais inquieto que emocionado — bem, bem, levaremos em conta o seu caso. Diga-me somente o seu nome, meu caro amigo, e envie-me as suas crianças amanhã pela manhã!

Mesmo a esta pergunta, ele não respondeu, e limitou-se a olhar longamente Francisco com uma expressão perplexa e atormentada.

O padre insistiu:

— Como se chama o senhor? Diga-me seu nome.

Desde o começo, o padre havia notado, no comportamento daquele homem, algo de amedrontado, como se andasse perseguido. E agora, que devia dizer seu nome de qualquer modo, enquanto já se ouviam os passos da criada Petronila ressoando no pavimento de pedra, ele tornou-se tão cabisbaixo e apreensivo, como só costumam ficar os loucos e os criminosos. Parecia estar sendo perseguido. Parecia mesmo estar fugindo da polícia.

Afinal, tomou subitamente uma decisão, e apossando-se de um pedaço de papel e da pena do padre, aproximou-se, o que era estranho, do parapeito da janela, no escuro, voltando as costas para a luz: dali ouvia-se o murmúrio de um riacho próximo, e mais ao longe, o da cascata de Soana: não sem dificuldade, mas de forma legível, garatujou algo que entregou ao padre sem hesitação.

Este respondeu:

— Está bem!

E fazendo o sinal da cruz, acrescentou:

— Vá em paz!

O selvagem partiu; deixou atrás de si uma onda de odores, em que se mesclavam salame, cebola, fumaça de madeira, bode e estábulo. Logo que partiu, Francisco tratou de escancarar a janela.

*
* *

Na manhã do dia seguinte, Francisco havia, como sempre, celebrado a missa, e fora repousar um pouco, logo após a sua frugal refeição, e pusera-se a caminho da casa do prefeito; era indispensável chegar o mais cedo possível, para evitar um desencontro. Todos os dias, aquele descia a uma estação muito mais abaixo, à beira do lago, onde tomava o trem para Lugano, e ali atendia, numa das ruas mais animadas, o seu comércio por atacado e a varejo dos queijos do Ticino.

A pracinha toda plantada de velhos castanheiros ainda desfolhados, que ficava ao pé da igreja e era como a ágora da aldeia, rebrilhava ao sol. Aqui e ali algumas crianças estavam sentadas pelos bancos de pedra, ou brincavam, enquanto as mães e irmãs mais velhas, à beira de um antigo sarcófago de mármore, transbordante de água fresca da montanha, que ali era muito abundante, lavavam roupa, que logo transportavam em cestas, para estendê-las. O solo estava úmido, pois caíra na véspera uma chuva entremeada de neve; e a imensa escarpa rochosa do monte Generoso, do outro lado do vale estreito, erguia-se em sua própria sombra, eriçada de grimpas inacessíveis, recobertas de neve recém-caída, cuja frialdade vinha trazida pelo vento.

O jovem sacerdote passou pelas lavadeiras, de olhos postos no chão, respondendo a suas bulhentas saudações com um simples aceno de cabeça. Permitiu, por alguns momentos, que lhe beijassem a mão à vontade as crianças turbulentas, enquanto as contemplava por sobre os óculos com um ar envelhecido.

Algumas ruas estreitas permitiam circular pela aldeia, que começava por detrás da praça. A rua principal, quando muito, comportava o tráfego de pequenos veículos, assim mesmo na parte anterior. Para o fim da aldeia, estreitava-se tanto e tornava-se tão íngreme, que só permitia a passagem das mulas de

carga. Nessa rua estreita havia um pequeno armazém e a agência do correio suíço.

O amanuense dos correios, que havia sempre mantido excelentes relações com o predecessor de Francisco, saudou-o, e ele correspondeu à saudação, mas sem intimidade, atitude recomendável para manter a distância entre a gravidade do sacerdote e a chã amabilidade do profano.

Não muito longe dos correios, o padre enveredou por uma ruela miserável, que se despencava por degraus e escadarias onde era fácil quebrar o pescoço ao primeiro descuido, numa sucessão de estábulos de cabras de portas escancaradas, e sórdidas baiúcas, sem janelas, semelhantes a adegas. Galinhas cacarejavam, gatos dormitavam sôbre galerias apodrecidas, de onde pendiam espigas de milho. Aqui e ali berrava uma cabra, mugia uma vaca, que, por alguma razão, não havia acompanhado as outras no rumo da pastagem.

Provavelmente qualquer um de nós não deixaria de manifestar surpresa quando, ao sair de tal vizinhança, e ao enfiar-se por uma estreita porta, chegasse à residência do prefeito, deparando com pequenas salas abobadadas, cujos tetos eram decorados por inúmeras figuras no estilo de Tiepolo. Altas janelas e portas de vidro guarnecidas de grandes cortinas vermelhas davam acesso, dessas peças ensolaradas, a um amplo terraço, igualmente ensolarado, com velhíssimos arbustos talhados em forma de cone, e magníficos loureiros. E ali, como em toda parte, ouvia-se o mesmo acachoar da cascata, e vislumbrava-se, em face do outro lado do vale, o flanco selvagem da montanha.

O prefeito, Sor Domenico, era um homem pacífico, de mais ou menos quarenta e cinco anos, decentemente trajado, e que há menos de três meses havia convolado para segundas núpcias. Sua bela mulher, no auge de seus vinte e dois anos, que Francisco surpreendera na cozinha meticulosamente limpa, empenhada em preparar o almoço, levou-o à presença do marido.

Assim que o padre lhe contou a visita que havia recebido na noite do dia anterior, e quando o prefeito leu o nome do visitante garatujado no papel, não pode reprimir um sorriso. Depois, após convidá-lo a sentar-se, pôs-se, com a mais perfeita objetividade, sem que seu rosto, indiferente como uma máscara,

jamais se perturbasse, a dar explicações sobre o misterioso visitante, que era, realmente, um cidadão de Soana que até aquele dia o cura não tivera oportunidade de conhecer, esclarecendo-lhe todos os pormenores.

*
* *

— Luchino Scarabota — começou o prefeito (este era o nome que o visitante do cura havia rabiscado no papel) não é de forma alguma um pobre; mas há muitos anos que a sua situação familiar me traz as maiores preocupações, assim como a toda a comunidade, e sinceramente ninguém poderá prever como terminará tudo isto. Ele pertence a uma antiga família, e é muito provável que seja do mesmo sangue do célebre Luchino Scarabota de Milão, que entre 1400 e 1500 construiu as naves da catedral de Como. O senhor bem sabe, senhor cura, que em nossa pequena aldeia há mais de um nome antigo e famoso.

O prefeito havia aberto a porta envidraçada e, sempre falando, conduziu o cura até o terraço, de onde, elevando ligeiramente a mão, mostrou-lhe, no abrupto funil de onde provinha a queda de água, uma dessas construções cúbicas de pedra bruta, que servem de moradia aos habitantes da região. Mas ficava situada lá no alto, muito acima das outras, e distinguia-se não somente por sua situação isolada e em aparência inacessível, mas também pela pequenez e pobreza.

— Veja, é ali, no lugar que estou apontando, que mora Scarabota, disse o prefeito. Custa a crer, senhor cura, que o senhor ainda não houvesse ouvido falar deste alpe e de seus habitantes. Há mais de dez anos que esta gente provoca na região o mais repugnante escândalo. Infelizmente, nada se conseguiu fazer contra eles. Obrigou-se a mulher a comparecer diante do tribunal, e ela afirmou — pode haver coisa mais insensata? — que os sete filhos que pôs no mundo tinham por pai, não o homem com quem vivia, mas turistas suíços que no verão eram obrigados a passar diante da fazenda, quando faziam a ascensão do monte Generoso. Note bem que essa meretriz é piolhenta, sórdida e, como se não bastasse, disforme a ponto de

meter medo a qualquer um. Ora, é evidente que o visitante de ontem, com quem ela vive, é realmente o pai de seus filhos. Mas o pior, o mais grave, é que ao mesmo tempo ele é seu irmão.

O jovem padre empalideceu.

— Naturalmente, o casal incestuoso tratou de fugir de todo mundo, ao sentir-se escorraçado. Em tais casos, é difícil que à *vox populi* se engane.

Após esta declaração, o prefeito prosseguiu:

— Quando uma daquelas crianças aparece entre nós, em Arogno ou Melano, é logo ameaçada de apedrejamento. Considera-se profana toda igreja em que entrarem os irmãos malditos; e foram tão terrivelmente perseguidos os dois réprobos toda vez que tentaram ir à missa, que já decorreram muitos anos sem que eles aparecessem na igreja.

E poderemos — continuou o prefeito — deixar que tais crianças, desgraçadas criaturas, motivo de desgosto e repulsa geral, venham sentar-se nos bancos de nossa escola, entre os filhos dos bons cristãos? É lícito empestar toda a nossa comunidade, adultos e crianças, com a presença desses produtos vergonhosos aos olhos da moral, esses malignos e perversos animais?

Nem a mais leve mudança na pálida fisionomia denunciava até que ponto havia a narrativa de Sor Domenico emocionado o padre Francisco. Agradeceu simplesmente as informações e partiu, sempre aparentando a mesma expressão de grave dignidade com que chegara.

*
* *

Passado algum tempo da entrevista com o prefeito, Francisco fez um relatório a seu bispo sobre o caso Scarabota. Oito dias mais tarde, chegou-lhe às mãos a resposta do prelado, que encarregava o jovem eclesiástico de averiguar pessoalmente o que se passava no "alpe de Santa Croce". O bispo aproveitou a ocasião para elogiar o zêlo apostólico do jovem padre, e concordava em que estava ele coberto de razão ao sentir a consciência opressa, diante do espetáculo daquelas almas des-

garradas e aviltadas, e por tentar salvá-las. Concluía afirmando que ninguém tinha o direito de excluí-las das bênçãos e consolações da Igreja, não importa o pecado que houvessem cometido.

Foi somente lá para o fim de março que suas ocupações e o estado da neve no monte Generoso permitiram ao jovem cura de Soana tentar a escalada do alpe de Santa Croce, guiado por um camponês. A festa da Páscoa estava próxima. Pelas escarpadas encostas da gigantesca montanha desabavam incessantes avalanchas, com surdo ruído de trovão, na garganta, sob a queda de água; no entanto a primavera desatara todo o seu viço nos lugares bem batidos pelo sol.

Diferindo nisto de seu santo padroeiro de Assis, Francisco não era um entusiasta da natureza; mas mesmo assim não podia manter-se indiferente ao espetáculo dos tenros brotos plenos de seiva, das ervas nascendo, e das flores que desabrochavam à volta. Sem plena consciência, agia no seu sangue a sutil fermentação da primavera, e nele também atuavam os mesmos anseios de renovação e os mesmos apelos da natureza, que, apesar de seus efeitos voluptuosos, sensuais e terrenos, no próprio desabrochar de suas alegrias ainda conservam a poesia de uma graça divina.

Os castanheiros da praça, pelos quais tornariam a passar o padre e seu companheiro, já estavam recobertos de gomos pardos e viscosos, que deixavam entrever na folheatura como que diminutas mãos verdes e delicadas. A criançada promovia grande algazarra, e os pardais que se aninhavam sob os beirais da igreja e nos recantos da cidade não ficavam atrás. As primeiras andorinhas descreviam largos revôos de Soana até por sobre o abismo da garganta; de lá, e, aparentemente, quase esbarrando contra o maciço rochedo inacessível do flanco da montanha, regressavam rápidas em brusca meia volta. Bem lá no alto, sobre as saliências, ou nas anfratuosidades da rocha, onde jamais o homem botou o pé, as águias aninhavam. Os enormes casais pardo-escuros lançavam-se em magníficos remígios e planavam, pelo próprio prazer de planar, horas inteiras, em longos vôos por sobre as montanhas, descrevendo círculos cada vez mais vertiginosos, como se pretendessem mergulhar

majestosamente, esquecidos de si mesmos, no espaço livre e infinito.

Todas as coisas revestiam-se de um ar festivo, não somente no céu ou na terra escura, lavrada ou revestida de grama e narcisos, ou em tudo que ela faz subir pelas hastes ou troncos, pelas folhas ou flores — mas também entre os homens; e as caras trigueiras dos camponeses que trabalhavam sobre os terrados, por entre as fileiras de cepas, de podadeira ou foice em punho, respiravam uma alegria dominical; dentre eles, muitos já haviam sacrificado um cabrito, suspendendo-o pelas patas traseiras ao limiar das portas, a título de cordeiro pascal.

À passagem do padre e seu acólito, as mulheres reunidas em grupos particularmente numerosos e bulhentos, com cestas cheias de roupa branca, rodeando o sarcófago de mármore transbordante de água, interromperam sua ruidosa alegria. Na saída da cidade, ao pé de uma imagem da Virgem, lavadeiras trabalhavam noutra fonte, a escoar-se também num sarcófago de mármore, brotando de um rochedo.

Ambos os sarcófagos haviam sido retirados, há muito tempo, de um bosque cheio de carvalhos e castanheiros milenares, onde se encontravam desde tempos imemoriais, a princípio denunciados por pequenos lanços que surgiam à flor da terra, soterrados que estavam sob as escórias e os loureiros selvagens.

De caminho, Francisco persignou-se, e chegou mesmo a deter-se por instantes, para a homenagem de uma genuflexão à pequena Madona colocada por sobre o sarcófago, cercada de flores silvestres ofertadas pelos camponeses. Era a primeira vez que via esse delicado e pequeno santuário em torno do qual zumbiam as abelhas, pois nunca chegara a vir a essa outra parte mais elevada da cidade.

Enquanto a parte mais baixa de Soana, com suas igrejas e algumas belas casas burguesas de venezianas verdes que cercavam a praça sustida por muros em terraços e sombreada por castanheiros, era quase opulenta e burguesa, e ali se viam inúmeros jardins com amendoeiras em flor, laranjeiras, altos ciprestes, enfim, uma vegetação meridional, lá em cima, a algumas centenas de passos, a pobre aldeia alpina de pastores

rescendia a cabra e a estábulo. A essa altura, começava um trecho muito íngreme, calçado de grandes pedras, polidas, todo dia, pela passagem do grande rebanho de cabras da comunidade: esse caminho levava até a pastagem comunal, onde brotavam as fontes do Savaglia, o riacho que mais além vai formar a magnífica queda de água de Soana e que deságua no lago de Lugano, após breve e rumoroso curso através de uma profunda garganta.

Depois de galgar um trecho razoável pelo caminho da montanha, sempre conduzido por seu companheiro, o padre estacou para retomar fôlego. Sacando seu enorme chapéu preto em forma de prato, tirou da sotaina um grande lenço xadrez, enxugando o suor que lhe perolava a testa. Geralmente, o sentimento da natureza, a emoção de um padre italiano diante da beleza da paisagem, não é lá essas coisas. Mas uma extensa paisagem, vista de grande altitude, e, como se costuma dizer, a vôo de pássaro, muitas vezes impressiona até ao mais tolo dos homens, deixando-o perplexo por instantes. A igreja de Francisco, com a aldeia, surgia-lhe agora ante os olhos em miniatura, lá embaixo, enquanto lhe parecia que o mundo possante das montanhas que o cercavam se elevava cada vez mais em direção ao céu. À sensação primaveril mesclava-se agora o sentimento do sublime, que tem provavelmente sua origem na comparação de nossa própria mesquinhez com a potência esmagadora das obras da natureza e a sua vizinhança ameaçadora e muda; e que está ligado à vaga consciência de uma participação na sua força irresistível.

Ante tudo isso, Francisco sentia-se, ao mesmo tempo, de uma grandeza sublime e de uma insignificância microscópica, o que o levou a traçar, sobre a testa e o peito, a cruz que protege contra os descaminhos e os demônios.

Ao dar prosseguimento à subida, deixou-se absorver inteiramente pelas inúmeras questões religiosas e práticas de sua paróquia, com o zelo juvenil costumeiro dos jovens padres. E quando chegou a parar de novo, desta vez à entrada de um alto vale rochoso, e voltou-se, deparou com um nicho escavado na pedra, lamentavelmente em ruínas, que abrigava um santo, ali colocado pelos pastores, visão esta que lhe deu a idéia de

visitar todos os lugares consagrados de sua paróquia, por mais longínquos que fossem, com a intenção de colocá-los num estado digno da divindade. Esse pensamento levou-o a olhar para todos os lados, como se quisesse englobar de uma só vez, se possível, todos ós santuários existentes.

Tomou como ponto de partida a sua própria igreja com o prédio da cúria. Como já dissemos, ela se erguia na parte plana da praça da aldeia e seus muros externos encostavam-se nos paredões escarpados da montanha, contra a qual se amparava, e junto à qual coleava ruidosamente uma alegre torrente. Esse córrego passava sob a praça de Soana, ressurgindo à luz do dia, numa curva pontilhada de muralhas, e, turvado, diga-se, pelos esgotos, banhava os vergéis e os prados floridos.

Para longe da igreja, mais para o alto, fora do alcance do lugar onde agora se encontrava, sobre uma colina em terraços, redonda e plana, erguia-se o mais antigo santuário da região, uma capelinha consagrada à Virgem Maria, onde havia uma estátua empoeirada, encimada por um mosaico bizantino que recobria a abóbada da abside. O mosaico, que ainda possuía um fundo de ouro e desenhos bem conservados, apesar de contar mais de mil anos de idade, representava o Cristo Pantocrator. A distância que mediava entre esse santuário e a igreja principal não ultrapassava o alcance de três pedradas.

Outra encantadora capela, consagrada a Santa Ana, encontrava-se à mesma distância da igreja. Atrás e mais acima de Soana erguia-se um cume pontiagudo, cercado por todos os lados pelos amplos vales e os flancos da cadeia do Generoso, que o dominava. Essa montanha, lembrando o formato de pão-de-açúcar, recoberta quase até o alto, de verdura, aparentemente inacessível, chamava-se Santa Ágata, porque o seu cume abrigava mal e mal uma capelinha consagrada à santa.

Com esta, só nas imediações da aldeia, havia três capelas, além da igreja, às quais vinham somar-se nos lugares mais afastados da paróquia outras tantas. Sobre cada colina, em cada recanto aprazível, em cada cume alçado acima de um vasto horizonte, aqui e ali sobre as encostas pitorescas e escarpadas, perto ou longe, dominando gargantas e lagos, a devoção secular distribuiu santuários de tal modo, que ainda se percebia o pro-

fundo sentimento religioso do paganismo, quando, ao longo dos milênios já passados, por vez primeira consagrou todos esses lugares, criando assim aliados divinos contra as entidades ameaçadoras e terríveis dessa natureza selvagem.

O jovem padre encarava com satisfação todos aqueles lugares consagrados do cristianismo católico e romano que caracteriza o cantão de Ticino. Mas assim mesmo, era obrigado a reconhecer, penosamente, como verdadeiro soldado de Deus, que isso não significava, nem uma fé realmente viva, militante e pura em todos os lugares, e nem a existência de uma preocupação suficientemente zelosa da parte de seus colegas, em preservar da ruína e do esquecimento todas aquelas esparsas moradas celestes.

Ao cabo de algum tempo, atacaram o estreito caminho que conduz por uma subida de três horas ao cume do Generoso. Nesse caminho, atravessava-se logo adiante o leito do Savaglia por sobre uma ponte prestes a ruir, muito perto da bacia coletora do riacho, que dali ia precipitar-se na fenda erodida, funda, de mais de cem metros, que ela própria escavou. E nesse ponto, Francisco passou a ouvir, provindo de diferentes alturas, profundezas e direções, além do rumorejar dos fios de água que coleavam rumo à bacia, o badalar das sinetas de uma tropa, e deparou-se com um homem de aspecto rude, o pastor comunal de Soana, que, estendido ao comprido no solo, apoiado nas mãos, junto à margem, cabeça pendida sobre a água, mitigava a sede exatamente como os animais. Por trás dele pastavam algumas cabras com seus cabritinhos, enquanto um cão pastor, de orelha tesa, aguardava suas ordens e o instante em que o senhor e mestre acabaria de beber.

"Também eu sou pastor", pensou Francisco, enquanto o outro, ao levantar-se, fez vibrar entre os dedos um agudo assobio, logo repetido pelo eco contra as paredes rochosas, e, jogando pedras com largos gestos, pôs-se a levantar os animais tresmalhados por todos os cantos, incitando-os à marcha, tangendo-os, procurando por todos os modos preservá-los do perigo de uma queda. Se já era um duro trabalho, cheio de respon-

sabilidades, em se tratando de animais, considerou padre Francisco, quanto mais em relação aos homens, sempre à mercê das tentações do maligno.

*
* *

Pôs-se então o padre a subir, com zelo redobrado, como a temer que o diabo o ultrapassasse eventualmente nessa conquista das ovelhas desgarradas. Após haver escalado por mais de uma hora a encosta íngreme e fatigante, subindo cada vez mais alto por entre o caos das rochas do Generoso, Francisco, sempre guiado por seu companheiro, com quem não se dignava trocar palavras, avistou, de súbito, a cinqüenta passos diante dêle, o alpe de Santa Croce.

Não chegava a acreditar que aquele amontoado de pedras e muros, lajes de pedra sem argamassa, fosse, afinal, como afirmava o guia, a propriedade procurada. Concluíra das palavras do prefeito que os proprietários eram gente de certas posses, e aquilo mais parecia uma espécie de abrigo para carneiros e cabras, no caso de súbito mau tempo. Como a propriedade se encontrava sobre uma encosta íngreme coalhada de pedras desmoronadas e de blocos de arestas vivas, os ziguezagues do caminho passando despercebidos, a casa maldita parecia desprovida de acesso. Somente após o jovem padre recuperar-se da surpresa e de certa apreensão, é que foi capaz de aproximar-se, e o tugúrio dos réprobos, amaldiçoado por todos, revelou-se um pouco mais acolhedor.

Mesmo aquele campo de escombros transmudou-se aos olhos do padre, logo que se aproximou, num lugar cheio de encanto: pois pareceu-lhe que a avalancha de blocos e escombros que se teriam desprendido de grande altura fora represada e sustida pelo cubo grosseiramente rebocado da casa, de tal maneira que abaixo dela estendia-se uma encosta sem pedras, de um verde viçoso, por onde subia até a rampa que levava à porta da casa, numa deliciosa abundância e estranho encanto, um tapete de dentes-de-leão amarelos, que pareciam curiosos de

lançar por sobre a rampa, espiando pela porta, uma olhada ao antro maldito.

Ao deparar com esse espetáculo, Francisco estacou perplexo. Aquelas flores amarelas, que pareciam assaltar a soleira da moradia infame, aqueles miosótis de longas hastes que formavam procissões floridas, e sob os quais serpeavam fios de água vindos da montanha, também eles, com seu azulíneo reflexo parecendo encaminhar-se para a porta, eram como um protesto aberto contra as proscrições, as penalidades e os tribunais secretos dos homens.

Na sua perplexidade, logo seguida de perturbação, Francisco, o homem da negra sotaina, viu-se obrigado a repousar num bloco de pedra amornada pelo sol. Passara a juventude no vale e, quase sempre, em lugares fechados: igrejas, salas de conferência e estudo. O encanto da natureza ainda não o comovera. Jamais havia empreendido uma jornada como aquela, que lhe revelasse o encanto rude e sublime das altas montanhas, e ele jamais a teria feito, sem o concurso do acaso e do dever. E agora, a novidade e a grandeza das impressões o esmagavam.

Pela primeira vez, o jovem padre Francisco Vela sentia-se tocado por um sentimento claro e possante, em que pouco importavam as suas condições de padre e o motivo que o trouxera até ali. Este sentimento havia não somente reprimido mas até mesmo anulado suas idéias sôbre fé, sempre abeberadas em muitos preceitos e dogmas da Igreja. Esquecera-se até de fazer o sinal da cruz. Aos seus pés divisava-se a magnífica paisagem dos Alpes da Alta Itália que cercam Lugano, Santa Ágata com sua capelinha de peregrinações, sobre a qual continuavam a revoar as águias-pescadoras pardas, e a montanha San Girgio. Acima dele, erguia-se o pico do monte San Salvato, e, a uma profundidade vertiginosa, cuidadosamente engastada como placa de vidro oblongo pelos vales do relevo montanhoso, estendia-se o braço do lago Lugano chamado Capolago, e sobre ele, um barco a vela parecia pousado, minúscula borboleta sobre um espelho. Ao fundo, os picos nevados das altas cadeias alpinas elevavam-se no horizonte, por assim dizer, ao mesmo tempo que Francisco. O monte Rosa destacava-se alvinitente, com

seus sete picos brancos, resplandecentes no azul sedoso do céu como um diadema e um fantasma vaporoso.

Se existe um mal das montanhas, podemos dizer que há também certo estado de espírito que se apossa dos homens naquelas alturas, e cuja melhor denominação é "saúde incomparável". O nosso jovem padre sentia agora como um advento da primavera esse bem-estar a irrigar-lhe as veias. Perto dele, por entre as pedras, na charneca ainda ressequida, desabrochava uma florzinha desconhecida. Era uma espécie de genciana azul, cujas pétalas possuíam vibrante coloração azul maravilhosamente delicada. O jovem de negra sotaina deixou intata em seu modesto lugar a florzinha que, na alegria da descoberta, desejou colher; limitou-se a limpar a charneca à sua volta, para melhor e longamente contemplá-la, encantado com aquela maravilha. Por toda parte, entre as pedras, surgia a folhagem nova, verde-clara, dos bordos, e, a certa distância, nas encostas repletas de sólidos calhaus cinzentos, e delicada verdura, o rebanho do pobre Luchino Scarabota assinalava a sua presença pelo badalar das sinetas. Todo este mundo alpestre possuía uma originalidade primitiva, o encanto auroral de épocas desaparecidas da humanidade, que nos vales já havia sumido de todo.

Francisco despedira seu companheiro, porque desejava entrar sem ser perturbado por uma presença humana, e também porque, de outro lado, para os desígnios que o traziam à casa de Luchino, uma' testemunha era inteiramente supérflua. Entrementes, como já havia percebido, a todo instante surgiam cabeças de crianças sujas e desgrenhadas, espiando curiosamente pelo buraco enegrecido de fumaça que servia de porta à casa de pedra dos Scarabota.

O padre aproximou-se devagar, atravessando o pátio da casa, que revelava no proprietário o dono de muitos animais, pois estava inteiramente sujo pelas dejeções de numerosa tropa de bois e cabras. De mistura com o ar leve e forte da montanha, chegava cada vez mais intenso às narinas de Francisco um odor de bois e cabras, cuja crescente intensidade tornava-se mais suportável à entrada da casa pela fumaça de carvão de madeira que por ali se desprendia.

Assim que Francisco surgiu nos umbrais da porta e sua negra sotaina vedou a luz, as crianças refugiaram-se na obscuridade, mantendo-se num completo mutismo, em resposta ao cumprimento do padre, que não podia distingui-los, e assim se mantiveram ante as suas perguntas. Somente uma velha cabra aproximou-se, baliu docemente e farejou-o.

Pouco a pouco, o interior da peça tornou-se mais claro aos olhos do mensageiro de Deus. Pôde então distinguir uma espécie de estábulo recoberto de espessa camada de fuligem, que se prolongava ao fundo por uma gruta natural, já existente na rocha de *nagelfluh,* ou outra espécie de pedra. À direita, num grosseiro muro de pedras, abria-se uma passagem por onde o padre deitou uma olhadela ao interior da casa, no momento deserto: um montão de cinzas que recobriam carvões ainda acesos estava acumulado no solo rochoso e nu. De uma corrente recoberta de espessa camada de graxa, pendia a marmita de cobre amassada, igualmente ensebada. Junto a este recanto digno da Idade da Pedra, havia um banco sem encosto, cuja larga prancha de madeira grossa era sustida por dois montantes da mesma espessura, fixados no rochedo, e que, há mais de um século, vinha sendo utilizado e polido por gerações de pastores. Perdendo o aspecto original, a madeira assemelhava-se ao mármore ou lardita amarela e polida, com incontáveis entalhaduras e marcas. A peça quadrangular, que com suas paredes naturais, blocos em bruto e lajes de esquisto empilhadas, mais parecia uma caverna, e de onde a fumaça enovelava-se pela porta do estábulo, e daí, finalmente, ganhava a saída pela porta da frente, pois não havia outro escoadouro além dos pequenos interstícios das paredes — a peça, como dizia, estava enegrecida pela fuligem acumulada em muitos anos, como se fosse o interior de uma chaminé.

Francisco havia percebido a presença de olhos curiosos, quando ouviu lá fora o ruído de passos sobre o saibro, e logo após, surgiu a silhueta de Luchino Scarabota, recortada contra os umbrais da porta, escondendo o sol como uma sombra muda, o que tornava ainda mais escuro o aposento.

O rude pastor respirava com dificuldade, não somente por ter vindo em tão pouco tempo de tão longe (achava-se numa

pastagem situada mais para o alto, quando observou a chegada do padre), mas também porque aquela visita era um acontecimento para o réprobo.

A troca de cumprimentos foi breve. O dono da casa fez Francisco sentar-se, após haver limpado, com suas mãos rudes, o banco de pedra, dos calhaus e flores amarelas arrancadas com que se divertia a ninhada maldita de seus filhos.

O pastor reavivou o fogo, assoprou-o violentamente, o que aumentou ainda mais o faiscar selvagem de seus olhos febris. Alimentou a chama com achas de lenha e gravetos secos, de tal maneira, que a acre fumaça quase obrigou o padre a sair. A atitude do pastor era toda de submissão servil e atenção inquieta, como se a coisa mais importante do mundo fosse não perder a proteção do ser superior que entrara na sua casa miserável.

Trouxe uma vasilha grande e suja, cheia de leite recoberto por espesso creme, mas infelizmente de uma aparência tão repugnante, que Francisco não teve coragem de tocá-lo. Apesar de sua fome, recusou também o queijo fresco e o pão apetitoso que lhe ofereceram, com a supersticiosa convicção de cometer um pecado se o fizesse. Finalmente, assim que o pastor se quedou diante dele, numa atitude de tímida atenção, de braços caídos, pôs-se o padre a falar nestes termos.

*

* *

— Luchino Scarabota, não sereis privado das consolações da nossa Santa Madre Igreja, e vossas crianças não mais serão excluídas da comunidade cristã e católica, se ficar provado que as opiniões desfavoráveis que circulam sôbre a vossa conduta são falsas, ou se vos confessardes lealmente, manifestando arrependimento e contrição, ou ainda se vos mostrardes disposto a afastar do caminho, com a ajuda de Deus, este obstáculo. Assim, abri-me agora vosso coração, confessando francamente por que sois tão caluniado, e confessai todos os pecados de que sois portador.

Após esta primeira exortação, o pastor manteve-se em silêncio. Ouviu-se apenas um som curto e selvagem escapado bruscamente de sua garganta, destituído de emoção, semelhando mais um grasnido. Como era de hábito, Francisco pôs-se a representar ao pecador as terríveis conseqüências da obstinação, e a bondade e amor conciliantes de Deus Pai, que o demonstrou com o sacrifício de seu Filho único, sacrifício do cordeiro que tomou sobre si todos os pecados do mundo.

— Em nome de Jesus Cristo — disse — todo pecado pode ser perdoado, uma vez que a confissão completa, seguida do arrependimento e de orações, demonstre ao Pai celeste a contrição do penitente.

Somente quando o padre Francisco levantou-se, com um dar de ombros, fazendo menção de abandonar o recinto, após um longo momento de espera, é que o pastor entrou a tartamudear penosamente numa algaravia incompreensível, espécie de grasnido estrangulado, como o das aves de rapina. Redobrando de atenção, o padre tentava coordenar algo naquele caos de palavras. Mas o que pôde ouvir pareceu-lhe surpreendente e insólito, tanto as palavras compreensíveis como as obscuras. Quando muito, conseguiu extrair do conjunto inquietante e angustioso de suas suposições que Luchino Scarabota desejava assegurar seu apoio contra todas as classes de demônios que habitavam as montanhas e o perseguiam.

Claro é que não seria conveniente para o padre por em dúvida a existência e atividade dos maus espíritos. Não estava a criação repleta de toda casta de anjos caídos do séquito de Lúcifer, o rebelde, que Deus havia banido? E sentiu-se estremecer com a dúvida: estaria diante do espetáculo das trevas causadas por uma singular superstição, ou da cegueira incurável da ignorância? Isto levou-o a sondar, através de várias perguntas, o nível de inteligência de seu paroquiano.

Tornou-se então evidente que aquele homem selvagem e abandonado nada sabia a respeito de Deus, ignorava ainda mais o Salvador Jesus Cristo, e inteiramente a existência de um Espírito Santo.

Em compensação, parecia ver em tudo o assédio constante de demônios, possuído pela mania da sua perseguição. No padre, não reconhecia o servidor de Deus, mas uma espécie de mágico poderoso, ou o próprio Deus. Nada conseguiu fazer Francisco além do sinal da cruz, enquanto o pastor se prostrava humildemente ante ele, e com idolatria, punha-se a cobrir de beijos seus sapatos.

Nunca antes se encontrara o jovem padre em tal situação. O ar mais rarefeito da montanha, a primavera, o afastamento do verdadeiro mundo civilizado embotaram-lhe um tanto a razão. Algo semelhante ao encantamento dos sonhos invadiu-lhe a alma, dissolvendo a realidade em visões inconsistentes. A impressão vinha acompanhada de um vago temor, que quase o impeliu a fugir desde logo para o ambiente protetor das igrejas e dos campanários consagrados.

Poderoso é o demônio, e quem poderá pressentir os enredos e armadilhas de que se vale para seduzir um cristão desassombrado, cheio de fé, e precipitá-lo num abismo vertiginoso?

Não haviam ensinado a Francisco que as falsas divindades do paganismo não passavam de meras criações da imaginação e nada mais. A Igreja reconhece expressamente o seu poder: somente o representa como hostil a Deus. E na sua versão, eles prosseguem eternamente, ainda que sem esperanças, a disputar o mundo ao Deus Todo-Poderoso. Eis a razão do grande medo do nosso jovem padre, ante o aparecimento do pastor com um horrível pedaço de madeira esculpida, que retirara de um canto do aposento, sem dúvida alguma um fetiche. Apesar do seu pudor de padre ante aquele objeto indecente, Francisco não pôde conter a curiosidade de examinar mais de perto a sua forma. Surpreso e desgostoso, constatou que naquele lugar ainda sobrevivia a mais repugnante abominação pagã, o culto campestre de Priapo. O ídolo primitivo, sem dúvida, não podia representar outra coisa senão Priapo.

Mal tomou Francisco nas mãos o inocente deusinho da geração, o deus da fertilidade dos campos, que sempre fora abertamente adorado pelos antigos, a estranha angústia que o oprimia transformou-se em cólera santa. E, sem hesitação, lan-

çou ao fogo a pequena mandrágora impudica; porém, quase instantaneamente, salvou-o das chamas o pastor, com a rapidez de um cão que salta. O fetiche começava a arder em alguns pontos, mas imediatamente as mãos rudes do camponês devolveram-no ao estado inofensivo de antes. O ídolo e seu salvador tiveram então de suportar uma vasta catilinária.

Luchino Scarabota não parecia estar seguro de qual dos dois deuses devia ser considerado mais poderoso: o deus de madeira ou o deus em carne e osso. Seu olhar, onde o medo e o horror vinham de mistura com uma dissimulada expressão de despeito, estava fixo na nova divindade, cuja audácia sacrílega parecia não deixar dúvidas quanto à sua força. Uma vez desencadeada sua cólera, o mensageiro do Deus uno e único não mais se deixou intimidar em sua fúria sagrada pelos olhares, até inquietantes, daquele idólatra mergulhado nas trevas. E, sem mais procurar conter-se, pôs-se a falar sobre o vergonhoso pecado que, era voz corrente, fora a causa direta de sua numerosa prole.

Em meio à violenta diatribe do jovem padre, a irmã de Scarabota entrou inesperadamente; pôs-se a trabalhar pela caverna sem nada dizer, observando furtivamente o arrebatado pregador. Era uma mulher macilenta e repulsiva, que parecia nunca haver tomado banho. Via-se-lhe, através dos rasgões de suas roupas sujas e gastas — espetáculo degradante — o corpo nu.

Logo que o padre cessou de falar, por não mais encontrar recriminações a fazer, a mulher, numa ordem rápida, quase imperceptível, fez com que o irmão saísse. Sem nada dizer, aquele selvagem retirou-se imediatamente, como o mais submisso dos cães. Então, a imunda pecadora, de negros cabelos a tombar emaranhados sôbre os largos quadris, beijou a mão do padre, dizendo:

— Louvado seja Jesus Cristo!

E desandou a chorar.

O padre tinha toda razão em a condenar assim com tanta violência, disse-lhe — realmente havia pecado contra a lei divina, se bem que não fosse de modo algum como pretendiam

os caluniadores. Só ela é que pecara; seu irmão, ao contrário, estava completamente inocente. Jurou por todos os santos, que não cometera jamais aquele terrível pecado de que a acusavam: o incesto. Era bem verdade que vivera sempre impudicamente, e já que pretendia confessar-se, iria identificar os pais de suas crianças, sem poder dizer o nome de todos, já que mais de uma vez dera seus favores a estranhos que passavam diante de sua casa, impelida, dizia, pela miséria.

Além disso, havia posto no mundo todos os seus filhos sozinha, sofrendo sem nenhuma ajuda, e chegando a enterrar alguns, pouco após o nascimento, nas encostas do Generoso. Absolvesse-a ele ou não, tinha certeza que Deus já a perdoara, pois suas desgraças, sofrimentos e preocupações já haviam constituído expiação suficiente.

Francisco não podia receber senão como um grande amontoado de mentiras a lacrimejante confissão daquela mulher — pelo menos quanto à parte referente ao crime de incesto. É bem verdade que existem certos atos que são absolutamente impossíveis de se confessar perante os homens, e que somente Deus fica sabendo, no silêncio de uma prece solitária. Respeitava o pudor demonstrado por aquela mulher decaída, e não podia deixar de reconhecer que, sob certos aspectos, era superior a seu irmão. Sua maneira de falar era clara e decidida. Seu olhar confessava, mas nem as exortações benevolentes, ou as tenazes de um carrasco seriam capazes de obrigá-la a falar.

Havia sido ela, disse-lhe, que enviara o pastor a Francisco. Vira o jovem e pálido padre quando fora até ao mercado de Lugano, onde vendia os produtos da fazenda; vendo-o, sentiu-se encorajada a pedir-lhe proteção para seus filhos amaldiçoados. Sozinha, tomava conta de seu irmão e das crianças.

— Não quero por em discussão o problema — disse Francisco — da sua culpa ou inocência. Um ponto está fora de questão: se você não quer educar seus filhos como animais, será necessário separá-los de seu irmão. Enquanto vocês viverem com ele, nunca se conseguirá evitar a terrível reputação que possuem. Continuarão pensando que vocês cometem esse horrível pecado.

A essas palavras, a mulher parecia reagir com obstinação e desafio; manteve-se em silêncio, a ocupar-se dos trabalhos domésticos, como se não houvesse ninguém em casa. Entrementes, surgiu uma rapariga de seus quinze anos, que conduziu algumas cabras para o estábulo, e pôs-se a ajudá-la, agindo exatamente como se Francisco não estivesse ali.

O padre, desde o momento em que percebeu a sombra da jovem a deslizar pelo fundo da caverna, pressentiu que devia ser de uma beleza fora do comum. Persignou-se, pois sentira um estranho calafrio pelo corpo. Não sabia se devia recomeçar as exortações na presença da jovem pastora. Na verdade, só podia ser profundamente corrompida, pois viera ao mundo por obra do demônio e como fruto do mais negro pecado, mas bem podia ainda subsistir nela um resto de pureza, e teria, aliás, plena consciência da mácula de sua origem.

Em todo caso, seus movimentos demonstravam grande calma, e não denunciavam a perturbação de uma alma inquieta, ou uma consciência pesada. Pelo contrário, tudo nela respirava uma confiança modesta em si mesma, que não se alterara com a presença do cura. Até aquele momento, nem uma só vez havia encarado Francisco: este não conseguira entrever seus olhos uma vez sequer, surpreendendo-a. E à medida que ele a observava obliquamente através dos óculos, uma dúvida avultava em seu espírito: como seria possível uma filha do pecado, nascida de pais indignos, comportar-se daquele modo? Deixou afinal o aposento, passando por uma escada que levava a uma espécie de celeiro suspenso, permitindo a Francisco prosseguir no seu terrível trabalho de pastor das almas.

— Eu não posso abandonar meu irmão — disse-lhe a mulher — pela simples razão de que, sem mim, ele nada sabe fazer. Mal sabe assinar o nome, e assim mesmo, deu-me um trabalho enorme para ensinar-lhe alguma coisa. Não sabe distinguir o valor das moedas, e tem medo da estrada de ferro, da cidade e dos homens. Se eu partir, há de seguir-me como os cães farejando a pista do seu dono. Ou torna a me encontrar, ou morrerá da maneira mais miserável. E aí, que será das crianças e da nossa propriedade? Ficando eu aqui com

as crianças, quem será capaz de levá-lo? A menos que o acorrentassem, metendo-o na cadeia em Milão...

O padre respondeu-lhe:

— Isto é bem capaz de acontecer, se você não seguir os meus conselhos.

Diante disso, o estado de sobressalto em que se encontrava a mulher transformou-se em fúria. Havia enviado o irmão a Francisco para despertar-lhe piedade, e não para desgraçá-los. Assim, preferia até continuar vivendo como antes, detestada e repudiada pelas populações da cidade. Julgava-se boa católica, mas aqueles que a Igreja rejeitava adquiriam o direito de se entregarem ao diabo. E quanto ao imenso pecado de que a acusavam, e que não cometera, talvez agora passasse a cometê-lo.

A essas palavras enraivecidas, entrecortadas por gritos, vinham juntar-se, partindo da mesma direção que a moça havia tomado, os suaves sons de uma cantiga, ora em sussurro levíssimo, ora em voz alterada e clara: e tão impressionante era aquilo, que a alma de Francisco deixava-se muito mais cativar pela melodia do que pelas manifestações de furor da mulher decaída. Crescia-lhe no peito uma ardente comoção, de envolta com uma angústia que jamais conhecera. A cavidade fumarenta daquela casa-estábulo, onde se abrigavam homens e animais, parecia transmudar-se como por encanto numa das mais cristalinas mansões do paraíso dantesco, cheia de vozes angelicais e de asas ressoantes e columbinas.

Saiu. Sentiu-se incapaz de resistir por mais tempo àquelas influências perturbadoras, sem denunciar-se por um tremor incontido. Ao chegar ao poço de pedras diante da casa, sorveu o ar fresco da montanha, e foi subitamente invadido pela enorme impressão do mundo alpestre. Sua alma transportava-se, por completo, às mais longínquas regiões que o olhar alcançava, confundindo-se com as massas colossais da crosta terrestre, dos picos distantes e nevados aos abismos mais próximos e terríveis, na claridade soberana daquele dia de primavera. Não perdia de vista as águias que revoavam sem cessar, como num sonho, por sobre o pão-de-açúcar de Santa Ágata.

Acudiu-lhe então ao espírito a idéia de celebrar ali uma missa secreta pela família proscrita, e comunicou a sua intenção à mulher, que assomara no limiar do antro, como se fosse a própria imagem do desespero, a contrastar com a florada amarela dos dentes-de-leão.

— Vocês sabem muito bem que não podem ir a Soana sem provocar uma indignação geral, contra todos nós, tanto eu como vocês.

Tornou a mulher a comover-se até as lágrimas, e prometeu encontrar-se com ele, no dia combinado, diante da capela de Santa Ágata, levando o irmão e os filhos mais velhos.

*

* *

Logo que o jovem padre encontrou-se bem distanciado da casa de Luchino Scarabota e da família precita, escolheu uma pedra aquecida pelo sol, para repousar e refletir sobre o acontecido. Pensou consigo mesmo que subira até lá, evidentemente num estado de espírito mais ou menos intrigado, mas calmo, como era de seu dever, e sem prever que regressaria naquele estado de inquietação, que lhe parecia tão estranho. Que seria tudo aquilo? Longamente, pôs-se a estirar e a alisar a batina, como se aquele gesto pudesse aliviá-lo um pouco.

Depois de algum tempo, não conseguindo esclarecer a dúvida, tomou do breviário, como de hábito, mas nem a leitura em voz alta conseguiu distraí-lo daquele extraordinário estado de confusão mental. Parecia-lhe haver omitido alguma coisa, um ponto importante de sua missão. Não conseguia desprender os olhos do caminho percorrido, como se aguardasse algo, e nem se decidia a retomar a descida.

Deixou-se envolver por um estranho estado de alheamento, interrompido por dois pequenos acidentes que sua imaginação, desprendida das coisas normais, recebeu com exageração considerável: com o ar frio da montanha, a lente direita de

seus óculos partiu-se num estalido, e quase imediatamente, sentiu por sobre a cabeça um bafejar assustador, e uma violenta pressão sobre os ombros.

De um salto, o jovem padre ergueu-se. Desatou a rir, ao descobrir a causa de seu terror pânico na figura de um bode malhado, que lhe havia dado sobejas provas de sua confiança, colocando as patas sobre os seus ombros, sem o menor respeito pelas vestes eclesiásticas.

Mas aquilo foi só o começo de suas importunas demonstrações de amizade. O bode peludo, com seus chifres possantes e recurvos, de cujos olhos se desprendiam chispas de fogo, parecia estar habituado a importunar os passantes, e o fazia de maneira tão pândega, decidida e irresistível, que a única solução para o caso era a fuga. Empinando-se a todo instante, metia as patas sobre o peito de Francisco, e depois de fuçar nos seus bolsos em busca de migalhas de pão, as quais devorou com avidez incrível, parecia disposto a roer os cabelos, o nariz e os dedos do padre.

Uma cabra velha e barbuda, cujo úbere e a sineta que trazia ao pescoço quase arrastavam pelo chão, seguira o salteador de estrada e, encorajada por seu exemplo, pôs-se também a assaltar o padre. O breviário dourado com sua cruz chamou-lhe a atenção, e enquanto Francisco estava ocupado em evitar uma chifrada do bode, ela conseguiu apoderar-se do pequeno livro de rezas. E confundindo com folhas verdes as folhas impressas, engoliu avidamente, segundo os preceitos do profeta, e no sentido literal da palavra, as santas verdades.

Estava assim o padre metido nessas aperturas, agravadas pela chegada de outros animais que por ali passavam, quando surgiu a pastora para livrá-lo: era a moça que vira pela primeira vez, a esconder-se na cabana de Scarabota. Quando a rapariga sadia e esbelta, após haver afugentado as cabras, voltou-se para ele, com as faces coradas pelo esforço e toda risonha, disse-lhe:

— Tu me salvaste, moça corajosa!

E acrescentou, a rir, ao receber o breviário das mãos da jovem Eva:

— É estranho que, apesar das minhas funções de pastor, me veja tão desamparado diante de teu rebanho!

Um padre não deve conversar com mulheres mais do que o tempo necessário ao cumprimento dos deveres religiosos, e a paróquia logo se escandaliza, se o surpreende em tais colóquios. É assim, Francisco, consciente dos seus deveres, tratou de retomar o caminho de volta sem mais delongas; mas teve o pressentimento de que estivera quase a pecar, e deveria purificar-se imediatamente pela confissão.

Ainda percebia ao longe os sons das sinetas do rebanho, quando lhe chegou aos ouvidos uma voz feminina, e tornou a esquecer-se de todas as meditações. A voz era tão maviosa, que chegou a atribuir o canto à mesma pastora.

Francisco já ouvira em Roma os cantores do Vaticano, e noutros tempos, em Milão, na companhia de sua mãe, muitas cantoras profanas; os gorjeios e o *bel canto* das prima-donas não lhe eram, pois, desconhecidos. Involuntariamente parou e pôs-se à espera. Devem ser, com certeza, turistas milaneses, pensou, enquanto se demorava para poder verificar quem seria aquela mulher de voz tão pura. Como não aparecesse, continuou a descer, cautelosamente, passo a passo, o despenhadeiro vertiginoso.

Visto por alto, não resultava grande coisa, em detalhe ou conjunto, de sua visita profissional, a não ser a abominação que tinha por teatro a cabana da pobre família Scarabota. Mas o jovem padre logo sentiu que aquela excursão transformara-se para ele num acontecimento de grande importância. Se bem que no momento ainda estivesse longe de haver compreendido o seu alcance. Ele sentia que uma transformação de ordem íntima se operara nele. Passava por um estado moral que de minuto a minuto lhe parecia mais surpreendente e algo inquietante; mas as suas dúvidas não chegavam a denunciar-lhe a presença de Satanás, nem o levavam a arremessar contra ele um tinteiro, caso trouxesse algum no bolso.

O mundo alpestre estendia-se aos seus pés como um paraíso. Pela primeira vez, juntando involuntariamente as mãos, congratulou-se por haverem os seus superiores confiado à sua

guarda precisamente aquela paróquia. O que era, em comparação com essas deliciosas profundezas, o pano que São Pedro viu, a descer do céu, sustentado pelos anjos? Que majestade poderia, segundo os conceitos humanos, comparar-se às escarpas abruptas e inacessíveis do Generoso, ao longo das quais continuamente se ouve o surdo trovão das avalanchas primaveris, quando a neve começa a dissolver-se?

*

* *

A partir do dia em que visitara os banidos, Francisco, surpreso, sentiu-se incapaz de readquirir a tranqüilidade de sua existência anterior. O novo aspecto de que a natureza se revestira aos seus olhos não mais empalideceu, e recusava-se a retornar ao estado inanimado de antigamente. Qualificou de tentações, e reconheceu como tais, aquelas primeiras influências, que o atormentavam não somente de dia, mas até em sonhos. E como a crença da igreja está intimamente ligada à idolatria pagã — e é por isso mesmo que ela a combate — Francisco, muito seriamente, atribuiu sua transformação ao contato com aquele objeto de madeira, aquela mandrágora que o pastor hirsuto havia salvo do fogo. Sem dúvida, tratava-se de uma sobrevivência daquela abominação que os Antigos veneravam no culto de *Phallus,* culto vergonhoso abatido pela cruz de Cristo.

Até o momento em que se defrontou com o objeto repugnante, o coração de Francisco não trazia senão o estigma da cruz divina. Assim como se costuma assinalar um rebanho de ovelhas com o ferro em brasa, ele havia sido marcado pela cruz, e o estigma, dia e noite ante os seus olhos, transformara-se no símbolo essencial do seu ser. Mas agora Satã em pessoa contemplava-o por sobre os braços da cruz, e o símbolo faunesco, ameaçador e impudico, suplantava aos poucos a cruz, numa luta incessante.

Comunicara Francisco, não só ao prefeito, mas de modo particular ao bispo, os resultados de sua visita pastoral, e a

resposta que dele recebeu foi de plena aprovação da sua conduta.

"Antes de tudo — escreveu-lhe o bispo — evite qualquer exploração, ou escândalo."

Achou sumariamente oportuna a idéia de rezar pelos pobres pecadores missa particular e sigilosa em Santa Ágata, na capela da santa mãe de Maria.

Mas nem a aprovação de seu superior conseguiu devolver a Francisco a paz de espírito; não podia esquivar-se à idéia de que se achava possuído por uma espécie de encantamento.

Em Ligornetto, onde nascera Francisco, e onde seu tio, o famoso escultor, passou os dez últimos anos de sua vida, vivia ainda o velho cura que o iniciara nas verdades salutares da fé católica, e lhe apontara o caminho da graça. Um dia, foi visitar o velho padre, após haver percorrido em cerca de três horas o caminho que liga Soana a Ligornetto. Deu-lhe o velho as boas-vindas, e, visivelmente emocionado, dispôs-se de imediato a ouvir a confissão que lhe pedira o jovem padre. Naturalmente, ele o absolveu.

As angústias de consciência de Francisco podem ser resumidas mais ou menos na declaração seguinte que se fez ao velhote. Disse-lhe:

— Depois que estive na casa dos pobres pecadores do alpe de Soana, sinto-me como possuído. Vivo a sacudir-me a mim mesmo, para despertar. Tenho a impressão de haver mudado não só de roupa, mas de pele. Assim que ouço a cascata de Soana, meu maior desejo é descer até o fundo da garganta e meter-me sob as águas que tombam, durante horas seguidas, para me purificar e lavar por dentro e por fora. Quando vislumbro a cruz da igreja, ou a cruz sobre o meu leito, ponho-me a rir. Não mais consigo, como antigamente, chorar e gemer, identificando-me com os sofrimentos do Salvador. Ao contrário, só tenho olhos para toda sorte de coisas e formas que se assemelhem à mandrágora de Luchino Scarabota. Mesmo quando não apresentam semelhança alguma, ela se impõe afinal aos meus olhos. Para estudar, para poder mergulhar profundamente no estudo dos Padres da Igreja, tive de botar cortinas nas janelas de meu pequeno quarto. Mas agora as retirei. O

canto dos pássaros, o rumorejar de todos os riachos que atravessam os campos, perto da casa, depois que as neves se derretem, e mesmo o perfume dos narcisos, me perturbam. E agora abro minhas janelas de par em par a fim de melhor gozar todas estas delícias, avidamente.

"Tudo isto me angustia — prosseguiu Francisco — mas não é o pior. O que me parece pior, é que devo ter caído sob a influência de demônios impuros, por uma espécie de magia negra. Eles me atormentam e provocam insolentemente, incitando-me ao pecado a cada hora do dia e da noite, com as suas insinuações e importunações: é terrível. Se abro as janelas, parece-me que o canto dos pássaros nas cerejeiras em flor estão cheios de obscenidades. Certas formas dos troncos das árvores excitam-me, e até certas linhas das montanhas sugerem-me partes do corpo feminino. É um assalto assustador de demônios insidiosos, pérfidos e hediondos, contra o qual me falecem as forças para lutar, apesar de todas as minhas preces e mortificações. Confesso-lhe ainda trêmulo: sussurrando, bramindo, retumbando, toda a natureza entoa aos meus ouvidos um formidável hino fálico, e por mais que refugue às minhas convicções, parece-me que exalta o miserável patuá de madeira do pastor.

"Naturalmente — aduziu Francisco — tudo isso agrava minha inquietude e os apuros de minha consciência, muito mais ainda quando considero que o meu dever é enfrentar aquele ninho pestilento lá no alto dos alpes. Mas esta ainda não é a parte mais escandalosa de minha confissão. O pior é que nos deveres mais prementes de meu cargo veio inocular-se, com uma doçura por assim dizer diabólica, um veneno virulento, que tudo perturba. A princípio impressionaram-me profundamente as palavras de Jesus sobre a ovelha desgarrada e o pastor que a socorre, deixando o rebanho para retirá-la das rochas inacessíveis. Mas agora duvido muito que esta intenção ainda perdure em toda a sua pureza primitiva. O ardor apaixonado intensificou-se. Acordo à noite, com o rosto banhado de lágrimas, e quando penso naquelas almas perdidas, todo o meu ser sucumbe a uma compaixão soluçante. Mas, se eu digo: "almas perdidas", é talvez o ponto em que devo separar niti-

damente a verdade da mentira. E aí a verdade é que, diante de minha consciência, a alma criminosa de Scarabota e de sua irmã é completamente suplantada pela imagem do fruto de seu pecado: a imagem de sua filha.

"E me pergunto se o desejo ilícito por essa jovem não seria na realidade a verdadeira causa do meu zelo extremo, aparentemente grato a Deus, e se estarei agindo bem, e se não me acho a pique de morrer da morte eterna, ao insistir na minha missão que parece inspirada no amor divino."

O velho sacerdote experiente ouviu quase tudo aquilo com seriedade, mas muitas vezes não pôde conter o sorriso, ante a confissão pedantesca daquele jovem. Era o Francisco que conhecia, com seu senso consciencioso da ordem externa e interna, e seu desejo de clareza, na exatidão e propriedade. Disse-lhe:

— Francisco, não tenhas medo. Não tens nada mais a fazer senão seguir teu caminho como sempre o fizeste. Não deves manifestar assombro se as maquinações do Maligno são cada vez mais poderosas e ameaçadoras, quando te preparas para arrancar-lhe das garras vítimas cuja perdição lhe parecia assegurada.

Francisco sentia-se mais leve ao deixar a casa do pároco, para atravessar o povoado de Ligornetto, onde passara a sua infância. É uma simples aldeia, situada num local bem plano, ao fundo de um grande vale, e cercada de campos férteis, onde a vinha, tal como cordas escuras, solidamente tecidas, enrosca-se de amoreira em amoreira, por sobre os legumes e cereais. Esse lugar também é dominado pelas possantes encostas abruptas do Generoso, aqui percebidas pela vertente oeste, elevando-se majestosamente sobre seus sólidos alicerces.

O dia ia em meio, e Ligornetto parecia adormecida. Quando muito, Francisco, no decorrer do seu passeio, foi saudado por algumas galinhas cacarejantes, algumas crianças que brincavam, e já na outra extremidade da vila por um cachorro que latia.

Ali, nos confins da aldeia, destacava-se como um ferrolho a casa de seu tio, de aparência opulenta, o *buen retiro* de Vincenzo, o escultor, atualmente desabitada e transformada em

propriedade do cantão de Ticino, como fundação comemorativa.

Francisco venceu as escadarias do jardim abandonado, entregue agora ao estado selvático, e deixou-se levar pelo desejo de rever o interior daquela casa. Camponeses da vizinhança, velhos conhecidos, entregaram-lhe as chaves.

O jovem padre mantinha com as artes as relações habituais da sua classe. Havia mais ou menos dez anos que seu tio falecera, e Francisco nunca mais tivera oportunidade de rever o interior da famosa residência do artista, desde o dia do enterro. Não saberia explicar o que o impelia a visitar a casa vazia, que até então só lhe despertara vaga curiosidade. Seu tio não passava de uma pessoa respeitável, cuja esfera de atividades lhe era desconhecida e pouco significava para ele.

Assim que Francisco virou a chave na fechadura e penetrou no vestíbulo pela porta que gemia nos gonzos enferrujados, sentiu-se invadir por uma estranha sensação diante daquele silêncio poeirento que parecia descer ao seu encontro do alto da escada, e emanar de todos os lados, das peças abertas.

Logo à direita do vestíbulo, encontrava-se a biblioteca do falecido artista, que denotava ao primeiro relance haver ali vivido um homem apaixonado pelas coisas da cultura. Em pequenas estantes agrupavam-se ali, além de Vasari, as obras completas de Winckelmann, enquanto o Parnaso italiano estava representado pelos sonetos de Miguel Ângelo, Dante, Petrarca, Tasso, Ariosto, e outros. Móveis desenhados especialmente continham uma coleção de desenhos e gravuras; outra coleção, constituída de medalhas da Renascença, e grande quantidade de objetos raros e preciosos, entre os quais cerâmicas etruscas pintadas e alguns outros objetos antigos de bronze e mármore, estavam ali colocados. A espaços, contra a parede, enquadrados, desenhos particularmente notáveis de Leonardo da Vinci ou Miguel Ângelo, representando um corpo nu de homem ou mulher. A pequena peça que vinha a seguir era inteiramente recoberta, em três paredes, por objetos de arte.

Dali entrava-se numa sala recoberta por uma cúpula, que atravessava vários andares, recebendo a luz do alto. Era ali que Vincenzo trabalhara com o buril e o cinzel, e a sala estava

repleta de moldagens em gesso de suas melhores criações, reunidas numa assembléia numerosa e muda, que davam à peça a aparência de uma igreja.

Francisco encaminhara-se para lá, sentindo-se deprimido e angustiado, assustando-se com o eco de seus próprios passos, como se não estivesse em paz com a consciência, e pôs-se então a contemplar pela primeira vez algumas das obras de seu tio. Lá estava um Ghiberti, junto a uma estátua de Miguel Ângelo, além de um Dante; estas estátuas estavam marcadas de pontos de referência, pois haviam sido aumentadas as suas medidas nas reproduções em mármore.

Mas aquelas obras conhecidas no mundo inteiro não conseguiram prender por muito tempo a atenção do padre. Perto delas, viam-se as estátuas de três filhas moças de um marquês, cuja ausência de preconceitos permitira que o artista as retratasse completamente nuas. A mais jovem não teria mais de doze anos, a outra mais de quinze e a mais velha uns dezessete.

Francisco só recaía em si após haver contemplado longamente, como num sonho, aqueles corpos esbeltos. Aquelas obras não ostentavam a sua nudez, como as estátuas gregas, dando a impressão de nobreza natural e semelhança com a divindade: pelo contrário, pareciam sugerir uma indiscrição de alcova. Antes de mais nada, a cópia dos modelos não se desprendera deles, e os caracteres originais ressaltavam aos olhos; e os modelos pareciam dizer: "Arrancaram sem recato os nossos véus, e nos despiram brutalmente, contra a nossa vontade, ofendendo o nosso pudor."

Assim que Francisco despertou da sua contemplação, o coração lhe batia, e pôs-se a olhar para todos os lados, ansiosamente. Não estava fazendo nada de mais, mas parecia-lhe que a contemplação a sós daquelas esculturas já era um pecado.

Decidiu partir imediatamente, para não ser surpreendido; mas logo que alcançou a porta principal, em vez de retirar-se, tratou de fechá-la por dentro, e deu mais de uma volta à chave, de tal modo que, trancado agora na casa do falecido tio, povoada de fantasmas, não houvesse a menor possibilidade de ser surpreendido por alguém. Feito isto, voltou para junto do escandaloso grupo de gesso das Três Graças.

Seu coração pôs-se então a bater mais violentamente, e foi invadido por uma comoção alucinatória, que o fez empalidecer de mêdo. Sentiu o desejo irresistível de acariciar os cabelos da *marchesina* mais velha, como se ela estivesse viva. O impulso, evidentemente, e no seu próprio juízo, tocava as raias da loucura; mas, apesar de tudo, era de certo modo um gesto de padre. A segunda *marchesina,* porém, teve de suportar uma carícia pelas espáduas e pelo braço: era roliço o ombro, e o braço roliço terminava em mão suave e delicada. Logo, tomando-se de intimidades cada vez maiores e finalmente atrevendo-se a imprimir um beijo furtivo e criminoso sob o seio direito, Francisco acabou por ofender gravemente a terceira *marchesina,* a mais jovem, o que o lançou num estado de desvario, perturbação e arrependimento, mais angustiado que Adão ao ouvir a voz do Senhor, depois de provar do fruto proibido da sabedoria. Fugiu, a correr, como se o estivessem perseguindo.

Francisco passou os dias seguintes parte nas igrejas, a rezar, parte no presbitério, mortificando-se. Sua contrição e arrependimento eram imensos. Seu recolhimento era mais ardente que nunca; conquistara, assim, o direito de pensar que sairia finalmente vitorioso sobre as tentações da carne.

Fosse como fôsse, a luta entre o princípio do mal e do bem desencadeara-se nele tão violenta e inesperada, que na sua impressão, Deus e o Diabo haviam pela primeira vez transportado seu campo de batalha para o seu peito. Mesmo a parte de sua existência pela qual não era, na realidade, responsável, ou seja, o sono, não dava trégua ao jovem padre: precisamente as horas noturnas do sono, sem vigilância, tornavam-se particularmente propícias para que Satã fizesse desfilar naquela alma, antes tão ingênua, fantasmagorias sedutoras e perniciosas.

Certa noite, pela madrugada, sem saber se dormia ou estava desperto, vislumbrou na branca luz do luar as três pálidas silhuetas das filhas do marquês, que entravam no seu quarto e abeiravam-se do seu leito; e, ao olhá-las mais de

perto, percebeu que uma por uma, todas as três, a um toque mágico, transfundiam-se na imagem da jovem pastora do Alpe de Santa Croce.

Sem dúvida alguma, desde a pequena propriedade de Scarabota, diminuta como um brinquedo, até o quarto do padre, de onde pela janela se divisava a montanha, estendia-se um liame, que não fora tecido pelos anjos.

Francisco conhecia muito bem a hierarquia celeste, bem como a infernal, para reconhecer de pronto a origem daquele trabalho. Francisco acreditava em bruxaria. Familiarizado com vários ramos da escolástica, admitia que os maus demônios, para provocar certos malefícios, socorriam-se da influência dos astros. Aprendera que, do ponto de vista corporal, o homem está classificado nos chamados corpos celestes, que a sua inteligência o equipara aos anjos, que sua vontade está sujeita a Deus, mas que Deus permite aos anjos decaídos a deturpação dos seus desígnios superiores, e que o império dos demônios é reforçado pela aliança com os homens já seduzidos. Além disso, uma paixão carnal, explorada pelos espíritos infernais, podia perfeitamente provocar a danação eterna de um homem. Em uma palavra, o jovem padre tremia até a medula dos ossos, e temia a mordida peçonhenta dos diabos, os demônios rescendendo a sangue, o bestial Behemoth, e muito especialmente Asmodeu, o demônio incorrigível da fornicação.

A princípio, não conseguiu convencer-se de que a família maldita cometia o pecado do bruxedo e magia. Chegou, no entanto, a uma opinião singularmente perturbadora. Todos os dias entregava-se com zelo devoto e valendo-se de todos os recursos da religião, à purificação de sua alma, para livrá-la da imagem da jovem pastora, e tornava ela sempre a renascer cada vez mais nítida, pertinaz e manifesta. De que natureza seria aquela pintura, aquela indestrutível prancheta de madeira que a sustinha, ou essa tela que nem a água, nem o fogo, por pouco que fosse, chegavam a empanar?

Observava atônito como aquela imagem muita vez lhe absorvia a atenção.

Tentava ler, e vendo na página aberta o suave rosto emoldurado pelos cabelos castanhos com reflexos acobreados e os

grandes olhos negros, volvia à página anterior, para encobri-la. Ela, porém, atravessaya as folhas, ressurgia através delas como se não existissem, como também acabava sempre rompendo a barreira de cortinas, portas e paredes da casa, ou da igreja. Em meio dessas inquietações e lutas interiores, o jovem padre morria de impaciência: porque a data fixada para a realização da missa especial no pico de Santa Ágata parecia não chegar nunca. Queria livrar-se logo do dever que havia assumido, porque seria provavelmente o melhor meio de arrancar a pobre moça das garras do príncipe dos infernos.

Ansiava muito mais por tornar a ver a moça; mas seu desejo mais veemente era libertar-se — esperava-o com firmeza — do encantamento que o torturava. Francisco alimentava-se mal, passava em claro a maior parte das noites, e como dia a dia se mostrasse cada vez mais pálido e extenuado, vivia mais do que nunca em odor de santidade na opinião de suas ovelhas.

Chegou finalmente a manhã em que o cura havia convocado os miseráveis pecadores à capela erigida no alto do pão-de-açúcar de Santa Ágata. O caminho muito íngreme, que até lá conduzia, não poderia ser vencido em menos de duas horas. Às nove horas, Francisco, pronto para a sua expedição, saiu à praça de Soana, reconfortado e sereno, contemplando o mundo com outros olhos.

O mês de maio estava próximo, e aquele dia amanhecera incomparavelmente radioso; na verdade ele já vira outros dias como aquele, sem que a natureza lhe parecesse, como agora, o próprio Éden. À sua volta, estendia-se o paraíso.

As mulheres como sempre rodeavam o sarcófago de onde transbordava a água clara da montanha, e saudaram-no com altas vozes. Algo na sua postura e semblante, e o frescor festivo daquele dia haviam dado ânimo às lavadeiras. Com as saias presas entre as coxas, deixando à mostra as pernas morenas, estavam curvadas sôbre o tanque, a trabalhar energicamente com os braços fortes e nus, morenos também.

Francisco aproximou-se. Pôs-se a falar no que não tinha relação alguma com seu ministério espiritual: o bom tempo, as vinhas que estavam com boa aparência, e distribuiu palavras de encorajamento. Pela primeira vez, provavelmente sob a influên-

cia de sua visita à casa do tio escultor, o jovem padre condescendeu em examinar a frisa que ornava a borda do sarcófago: representava um cortejo báquico, com sátiros saltitantes, flautistas que dançavam, e, puxado por panteras, o carro de Dioniso, deus do vinho, coroado de cachos. Naquele momento, não estranhou que os antigos recobrissem de figuras transbordantes de vida o invólucro de pedra tumular. As mulheres e raparigas, algumas de beleza fora do comum, cobriam-no de observações e risadas, enquanto observava as figuras, e por alguns momentos teve a impressão de que realmente estava rodeado de um bando de Mênades ébrias.

Essa segunda subida ao mundo alpino, comparada com a primeira, era a de um homem de olhos abertos, em contraste com a de um cego de nascença. Com uma lucidez irresistível, Francisco sentia que de súbito começara a ver. Em tal sentido, a contemplação do sarcófago não lhe pareceu absolutamente gratuita, mas impregnada de um sentido profundo. Onde estava o morto? A água viva enchia a pedra, o sepulcro aberto, e a ressurreição eterna ali estava proclamada sobre o mármore, na linguagem dos antigos. Assim se entendia aquele Evangelho.

Mas era um Evangelho que pouco se assemelhava ao outro, em que fora educado. Longe de provir dos livros, saía, por assim dizer, da própria terra como uma fonte, com as ervas, as plantas, as flores, ou irradiava-se do centro do sol com as vibrações da luz. Toda a natureza pusera-se, praticamente, a viver e falar. Antes morta e muda, agitava-se agora, confiante, aberta e efusiva. Subitamente parecia estar dizendo ao jovem padre o que até então calara. Ele parecia ser agora o seu eleito, o seu dileto filho, que iniciava, como mãe, nos mistérios sagrados de seu amor e de sua maternidade. Todos os abismos do medo, todas as angústias de sua alma perturbada, haviam desaparecido. Nada mais restava de todas aquelas trevas e angústias, assédio das forças infernais. Toda a natureza respirava agora bondade e amor, e Francisco, transbordando de bondade e amor, podia retribuir-lhe também com amor e bondade.

Era estranho: à medida que escalava penosamente, escorregando muita vez nas pedras de arestas vivas, por entre giestas, faias e arbustos espinhentos, a manhã o envolvia como uma sinfonia natural, feliz e possante, que mais dizia da criação do que de coisas criadas. O mistério de uma obra de criação, superando para sempre a morte, revelava-se claramente. Parecia ao padre que se alguém ousasse cantar com o Salmista: *"Jubilate Deo omnis terra"* ou *"Benedicite coeli Domino"*, iludido andaria, se não percebesse tal sinfonia.

Com uma plenitude saciada, a cascata de Soana precipitava-se na estreita garganta. Seu ruído era cheio e suntuoso, ora em surdina, ora mais claro, mas sempre a voz da saciedade ressoava em mutação eterna. Era impossível não ouvir sua voz.

O trovão de uma avalancha destacou-se do gigantesco paredão de sombra do Generoso, e mal Francisco pôde ouvi-la, a avalancha, com suas torrentes silenciosas de neve esboroada, já se havia precipitado no leito do Savaglia.

E poderia haver alguma coisa naquela natureza que não sofresse as transformações da vida, e não possuísse alma? Alguma coisa em que não palpitasse uma vontade plena de aspirações? Por toda parte, a palavra, a escrita, o canto e o sangue a circular. Não lhe afagava o sol as costas num gesto cálido e amistoso? Folhas de loureiros e faias não sussurravam na espessura quando roçava pelos ramos, ao passar? Não manavam as águas em toda parte, traçando com leve murmúrio a escrita de nós e fios dos seus regatos? E ele mesmo, Francisco Vela, e milhares de raízes ocultas não estavam soletrando essa linguagem, o segredo da natureza, e não seria o próprio segredo da natureza a manifestar-se em miríades de flores e cálices?

O padre apanhou uma pedrinha do chão, e notou que estava recoberta de liquens avermelhados: ali também se manifestava um mundo maravilhoso com linguagem própria, lineamentos e escrita; uma forma geratriz que atestava a presença da força criadora da vida agindo sob todas as formas.

E as vozes dos pássaros que entreteciam por sobre os abismos do possante vale rochoso, como numa renda, seus fios invisíveis, e tenuíssimos, não prestavam também elas o mesmo testemunho? Parecia a Francisco que aquela malha sonora trans-

formava-se em fios visíveis, de um brilho argênteo, com a cintilação de um fogo interior e constante. Não eram formas visíveis do amor a manifestar-se, e uma revelação da alegria da natureza? E não era maravilhoso que aquela trama, apenas desfeita, fosse logo reconstituída por lançadeiras infatigáveis, de rápido vôo? Onde estariam os minúsculos tecelões alados? Ninguém os via, salvo quando por acaso um passarinho mudava de lugar, rápido e silencioso: gargantas minúsculas exalavam essa linguagem, e o seu júbilo, projetado muito ao longe, através do espaço, fazia esquecer todos os rumores do mundo.

Quando tudo assim exuberava e palpitava, tanto nele como à sua volta, Francisco não podia admitir a presença da morte. Tocou o tronco de um castanheiro e sentiu as seivas nutrientes a circular nele. Alma cheia de vida, absorvia o ar, com a plena consciência de que ao ar devia a respiração e as delícias de sua alma. Pois não era tão-somente o ar que transformava sua garganta e sua boca num veículo do verbo revelado?

Francisco deteve-se um momento junto a um formigueiro fervilhante, a enxamear de atividade. De um pequeno arganaz, restava apenas o seu grácil esqueleto, por obra daqueles insetos enigmáticos. Esse pequeno e delicado esqueleto e o arganaz devorado pelo formigueiro não estavam a dizer que a vida era indestrutível, e a natureza, levada pelo desejo ou pela necessidade de criar, não havia simplesmente mudado de forma?

O padre tornou a ver, dessa vez não abaixo mas muito acima dele, as águias pardas de Santa Ágata. Seus alados corpos cobertos de penas levavam através do espaço, majestosamente, com delícia, o milagre do sangue, o milagre do coração que bate. Mas quem deixaria de ver que as variadas curvas do seu vôo traçavam contra a seda azul do céu uma clara mensagem, cujo sentido e beleza mantinham relações íntimas com a vida e o amor? A Francisco parecia que as aves o convidavam a ler. E se escreviam com as curvas de seu vôo, é que também sabiam ler. Francisco recordava o olhar penetrante que possuem as águias. E pensava também nos inumeráveis olhos dos homens, dos pássaros, dos mamíferos, dos insetos e dos peixes, através dos quais se contempla a si mesma a natureza. Com um espanto cada vez mais profundo, ele a reconhecia em seu infinito senti-

mento maternal. Providenciava em seus domínios maternais para que nada permanecesse oculto, e nada ficasse perdido para os seus filhos: não se limitava a dar o sentido da vista, do ouvido, do olfato, do gôsto e do tato, mas, Francisco o pressentia, mantinha em reserva para as mudanças que ainda viriam a ocorrer em milhares de séculos, inumeráveis sentidos novos. Com que intensidade prodigiosa o universo inteiro sentia por todos os sentidos! — E uma nuvem alvacenta flutuava por sobre as águias. Parecia uma tenda suntuosa e radiante. Mas também ela mudou de lugar e, mudando de forma a olhos vistos, esgarçou-se com grande rapidez.

Forças místicas e profundas haviam desvendado os olhos do padre Francisco. Mas o ensejo dessa revelação era uma circunstância propícia, que o fazia feliz sem que a si próprio confessasse a verdadeira causa: antevia quatro horas deliciosas pela frente, nas quais tornaria a encontrar-se com a pastorinha proscrita. Daí, um sentimento de segurança e felicidade, como se um conteúdo tão precioso a encher o tempo jamais pudesse escoar-se.

Lá no alto, sim lá no alto, onde se erguia a capelinha sobre a qual esvoaçavam as águias, a felicidade o esperava, dádiva dos anjos. Subia, subia sem cessar, e uma felicidade ardente parecia dar-lhe asas. O que se propusera realizar lá no alto, provocaria certamente uma espécie de transfiguração, equiparando-o quase ao próprio bom pastor eterno, naquelas alturas desimpedidas e próximas do céu. *"Sursum corda. Sursum corda!"* Repetia incessantemente a saudação de São Francisco, ao confortar, por ocasião do seu martírio, Santa Ágata, à qual fora consagrada a capelinha, e que marchou para a morte pela mão do carrasco, alegre como se fosse a bailar.

E Francisco, na sua rápida subida, teve a impressão de que ambos eram seguidos por um cortejo de santas mulheres, que desejavam assistir a um milagre de amor no festivo cimo do monte.

A própria Maria, com seus finos cabelos desnastrados e exalando um perfume de ambrosia, com seus pés delicados, caminhava bem à frente do padre e seu cortejo de santas mulheres, para que, aos seus olhares, ao seu hálito, ao contato dos

seus pés, a terra em festa se recobrisse tôda de flores. *"Invoco te! Invoco te!* dizia num murmúrio extasiado Francisco, *invoco te, nostra benigna stella!"*

O padre chegara sem esforço ao cume da montanha, onde a capela tomava quase todo o espaço disponível. Sobrava apenas lugar para uma estreita borda e, em frente, um pequeno adro, onde havia um castanheiro novo e ainda sem folhas. Uma nesga de céu, ou do manto azul de Maria, parecia lançada à volta da capela solitária, tamanha era a quantidade de genciana azul que crescia em torno do santuário. Era como se o cimo da montanha houvesse mergulhado no azul do céu.

O coroinha e a família Scarabota já haviam chegado e estavam sentados comodamente sob o castanheiro. Francisco empalideceu, porque seus olhares furtivos haviam procurado em vão a jovem pastora. Mas adotou um ar severo e abriu com a enorme chave enferrujada a porta da capela, sem deixar transparecer o desapontamento e consternação que lhe iam na alma. Entrou a seguir na pequena capela, onde o coroinha providenciou logo os preparativos necessários para a celebração da missa. Despejou um pouco de água benta, trazida numa garrafa, na pia seca, onde os irmãos puderam então molhar os rudes dedos pecadores. Eles se aspergiram, fizeram o sinal da cruz e ajoelharam-se logo à entrada, respeitosamente.

Enquanto isso, Francisco saíra, dominado pela inquietação; após andar alguns instantes a esmo, encontrou, um pouco acima da plataforma do cume, deitada num céu estrelado de genciana de um azul luminoso, bruscamente emocionado, silencioso e comovido, a jovem que procurava:

— Entra, estou esperando por ti — gritou-lhe o padre.

Ela ergueu-se indolentemente e deitou-lhe um olhar tranqüilo, coado por entre os cílios. Parecia ao mesmo tempo sorrir de leve com amável suavidade, o que, porém, se devia apenas à expressão de doçura do seu lábio, ao brilho terno dos olhos azuis e às delicadas covinhas do rosto cheio.

Naquele momento, a imagem que Francisco havia criado no imo da alma, avivou-se até atingir a sua fatal perfeição. Viu um rosto infantil e puro de madona, cujo encanto perturbador

vinha associado a uma fugitiva sombra de amargura. O corado intenso das faces ressaltava na pele alva, e não morena, contra a qual os lábios úmidos purpureavam com o ardor de uma romã.

Cada traço na harmonia daquela cabeça infantil era ao mesmo tempo doçura e amargor, melancolia e serenidade. No seu olhar descobria-se tímida recusa e ao mesmo tempo uma branda súplica: e tudo sem qualquer impulsividade animal, mas com uma inconsciência de flor. Se os olhos pareciam resguardar o enigma e o sonho da flor, toda ela fazia pensar num lindo fruto maduro.

Aquela cabeça, como Francisco notou surpreendido, ainda era bem infantil, na medida em que o semblante revelava a alma; só uma certa plenitude, como a da uva turgescente, indicava que o limite da infância já fora ultrapassado, e proclamava que já alcançara seu destino de mulher. Os cabelos, de um castanho escuro com mechas mais claras, estavam enastrados à volta da cabeça como uma pesada coroa. Uma espécie de sonolência, cheia de seivas interiores, de uma nobre madureza, pesava sobre os cílios descidos, e comunicava aos olhos uma ternura úmida e transbordante. Mas abaixo do colo de marfim, a música da cabeça transmudava-se noutra música, cujas notas eternas têm outro sentido.

Na altura dos ombros, principiava a mulher. Era mulher ainda muito moça e já madura, tendendo de algum modo para a corpulência, o que parecia não corresponder à cabeça infantil. Os pés descalços e as fortes pernas morenas sustentavam um corpo bem cheio, que era como um fruto de excessivo peso, assim pareceu ao padre. Só inconscientemente aquela cabeça participava do mistério sensual e ardente do seu corpo de Ísis: quando muito, de modo muito vago. Mas, por isso mesmo, Francisco reconheceu que passaria a pertencer de corpo e alma, sem remissão, a essa cabeça e a esse corpo todo-poderoso. Contudo, a não ser um ligeiro tremor nos lábios, o jovem não deixou transparecer coisa alguma do que estava observando, reconhecendo e sentindo no momento em que tornou a ver aquela criatura de Deus que carregava o enorme peso do pecado hereditário.

— Como te chamas? — limitou-se a perguntar à inocente criatura cheia de pecado.

Disse-lhe a pastora que se chamava Ágata, num tom de voz que a Francisco pareceu soar como o riso paradisíaco de uma *columba risoria*.

— Sabes ler e escrever?

— Não! — respondeu-lhe.

— Sabes alguma coisa sobre o significado do santo sacrifício da missa?

Ela fitou-o sem responder. A seguir, ordenou-lhe que entrasse na igreja, dando ele próprio o exemplo. Atrás do altar, o coroinha ajudou-o a vestir a casula. Francisco colocou o solidéu na cabeça, e o ofício pôde começar. Nunca o jovem havia experimentado uma compenetração tão fervorosa, como naquele momento.

Pareceu-lhe que só então o Deus todo bondade o havia convocado para o serviço divino. O voto a que se consagrara, a ordenação sacerdotal, parecia-lhe apenas uma estéril precipitação, vazia e enganosa, que nada tinha em comum com o verdadeiro sentido religioso. Só agora havia soado a hora divina e começava para ele uma revelação de fogo que caía sobre seu ser, para libertá-lo inflamando de súbito o amor que havia em seu coração. Com um amor infinito, seu coração dilatado confundia-se com tôda a criação, e unia-se a todas as criaturas com as mesmas pulsações extasiadas. Desse enlevo que quase o esmagava, nascia a compaixão redobrada que sentia compreender agora por todas as criaturas, o zelo pelo bem e o divino; cuidou compreender agora pela primeira vez a Santa Madre Igreja e o seu culto. Propunha-se doravante servi-la com renovado zelo.

E fora aquele caminho, a subida até o cimo que lhe havia revelado o mistério, cuja significação perguntava a Ágata! Seu silêncio, diante do qual permanecera mudo, significava para ele, sem que o demonstrasse, que o mesmo conhecimento fora revelado a ambos. Não condensava a mãe eterna em si mesma todas as metamorfoses, e não havia conduzido até aquele pico, que dominava a terra, os filhos perdidos de Deus, abandonados, a tatear nas trevas, para mostrar-lhes o milagre da

transfiguração do Filho, a carne e o sangue eterno da divindade? O jovem de pé ergueu o cálice, com os olhos rasos de lágrimas, delirando de alegria. Tinha a impressão de transmudar-se em deus.

Naquele estado de eleito, de instrumento de Deus, do qual tinha a intuição, sentiu que estava unido a todos os céus por órgãos invisíveis, com um sentimento de alegria e onipotência que, assim supunha ele, o elevava infinitamente acima daquela proliferação buliçosa de igrejas e curas. Vissem-no ali, erguendo os olhos com pasmada veneração até aquelas alturas vertiginosas do altar em que se achava. Pois ele se achava num altar muito mais sublime, e noutro sentido, do que o guardião das chaves de São Pedro, o papa, depois de sua eleição.

Num êxtase convulsivo, elevou para o espaço infinito, onde cintilava como um novo sol mais luminoso, o cálice da Eucaristia e das transubstanciações, símbolo do corpo divino de toda a criação que renasce eternamente de si mesma. E enquanto se manteve assim, para ele uma eternidade, mas na realidade somente dois ou três segundos, elevando o sagrado cálice, pareceu-lhe que o monte de Santa Ágata, de cima abaixo, estava coberto de anjos, santos e apóstolos atentos. Mas um ruído surdo de címbalos e uma ronda de mulheres unidas por guirlandas de flores, e que giravam à volta da pequena capela, claramente visíveis através dos muros, pareceram-lhe ainda mais magníficas. Atrás, rodopiavam num delírio extático as Mênades do sarcófago, e dançavam e saltavam sátiros capripedes, enquanto outros transportavam em alegre procissão o fetiche de madeira de Luchino Scarabota, símbolo da fecundidade.

*

* *

O retorno a Soana trouxe a Francisco um desencanto intranqüilo, como de quem esvaziou até à náusea a taça da embriaguez. A família Scarabota partira após a missa: e, despedindo-se dele, todos lhe haviam beijado as mãos, em sinal de reconhecimento.

À medida que descia, o estado de exaltação com que oficiara lá no alto, parecia-lhe cada vez mais suspeito. O pico de Santa Ágata havia sido certamente noutros tempos consagrado a cultos pagãos, provavelmente a um falso Deus; o delírio que o acometera lá em cima, aparentemente sob a inspiração do Espírito Santo, poderia ter sido uma influência demoníaca de uma daquelas teocracias destronadas, que Jesus Cristo derribara, mas que o Supremo Criador e regedor do mundo tolera ainda hoje, em seu influxo pernicioso. Logo que chegou a Soana, na residência paroquial, o sentimento culposo de um grave pecado dominou-o inteiramente, trazendo-lhe tamanha angústia, que, mesmo antes de almoçar, dirigiu-se à igreja, ao lado de sua casa, para entregar-se em preces ardentes ao Supremo Mediador, e se possível, purificar-se em sua graça.

Com um forte sentimento de sua impotência, suplicou a Deus que o amparasse contra os ataques do demônio. Percebia muito bem que o assediavam por todas as maneiras, amesquinhando-o, ou impelindo-o para além dos seus antigos e salutares limites, transformando-o de maneira assustadora.

"Eu era um pequenino jardim cuidadosamente cultivado para a tua glória — dizia Francisco a Deus — mas agora ele está afogado num dilúvio que sobe sem cessar, talvez pela influência dos planetas, e no qual eu flutuo ao sabor das ondas num frágil barquinho. Antes, eu conhecia muito bem meu dever. Era aquele que recomenda a tua Santa Madre Igreja. Mas agora me deixo arrebatar de tal maneira, que não sei do meu destino e do bom caminho.

"Restitui-me — suplicava Francisco — os modestos limites e minha antiga segurança, e ordena aos anjos maus que cessem de tramar suas perigosas armadilhas contra o teu servidor desamparado. Ah! Não nos deixes cair em tentação! Não nos deixes cair em tentação! A teu serviço é que fui ao encontro dos pobres pecadores; faze com que eu retorne aos modestos limites de meus deveres."

As preces de Francisco já não tinham a mesma clareza e precisão de antigamente. Pedia coisas que se excluíam mùtuamente. Havia momento em que não mais sabia se a torrente

de paixão que envolvia suas preces provinha do céu ou de alguma outra fonte, isto é, não sabia se na verdade estava pedindo aos céus um bem infernal. Ao incluir nas suas preces a família Scarabota, isso poderia decorrer da sua compaixão cristã e das suas preocupações de pastor. Mas poderia afirmar-se a mesma coisa quando pedia aos céus pela saúde de Ágata, com um fervor que chegava até às lágrimas mais ardentes?

De momento podia responder afirmativamente àquela pergunta, porque o inegável impulso do mais forte dos instintos que sentira ao rever a jovem pastora transformara-se num sentimento exaltado por algo infinitamente puro. Essa mudança fazia com que Francisco deixasse de perceber que o fruto do pecado mortal viera tomar o lugar de Maria, a mãe de Deus, substituindo nas suas preces e nos seus pensamentos a Madona.

A primeiro de maio começava o culto consagrado especialmente a Maria, e isso veio embotar ainda mais a vigilância do jovem padre. Todos os dias, na hora do crepúsculo, fazia um breve sermão sobre as virtudes da Virgem bendita, ao qual assistiam principalmente as mulheres de Soana. No começo e no fim, a nave da igreja reboava de hinos em louvor de Maria, e os cânticos, pela porta aberta, fundiam-se com a primavera. E às antigas loas admiráveis, de texto e melodia tão delicados, associavam-se, vindos de fora, o alegre chilreio dos pardais, e vindos das úmidas quebradas mais próximas, os dulcíssimos queixumes do rouxinol. Naqueles momentos, Francisco, aparentemente a serviço de Maria, entregava-se de corpo e alma ao culto do seu ídolo.

Se mães e filhas pudessem de algum modo suspeitar que o padre as convocava à igreja todos os dias para a glorificação daquele abominável fruto do pecado, ou para que os seus cânticos em louvor da Virgem, transportados à distância, chegassem afinal a um recanto relvoso, lá no alto da montanha, provavelmente o teriam apedrejado; mas o certo é que a devoção do jovem padre parecia crescer dia a dia aos olhos reverentes de todos os seus paroquianos. Pouco a pouco, jovens e velhos, ricos e pobres, enfim todo o mundo, do prefeito ao mendigo, do mais devoto ao mais indiferente, se deixou influenciar pela santa ebriez primaveril de Francisco.

Até os longos passeios solitários, que agora empreendia freqüentemente, conspiravam a favor de sua fama de santidade. E, não obstante, animava-o apenas a esperança de algum dia ter a sorte de encontrar Ágata no seu caminho. Pois, com medo de trair-se, havia resolvido aprazar para mais de oito dias a próxima missa privada que devia rezar pela família Scarabota, e esse intervalo agora lhe parecia insuportável.

A natureza, para ele, continuava a falar a mesma linguagem reveladora que ouvira pela primeira vez ao dirigir-se a Santa Ágata, no cimo coroado pelo minúsculo santuário. As ervas, as flores, as árvores, as folhas da vinha e da hera traduziam a seu modo um verbo que parecia provir da mais profunda raiz da sua alma, e fazia ouvir o seu murmúrio poderoso. Não sabia de música que o comovesse tanto, e tão repassada de espiritualidade.

*

* *

O sono de Francisco não tinha mais sossego. O apelo do sonho místico que chegava aos seus ouvidos parecia haver afugentado a morte, e seu irmão o sono. Cada uma daquelas noites criadoras, palpitantes de uma vida que parecia nascer de tudo, era agora para o corpo jovem de Francisco um momento sagrado de revelação: muitas vezes parecia-lhe que via tombar o último véu do mistério da divindade. Muitas vezes, ao sair dos seus sonhos ardentes, onde os fatos pareciam-lhe tão reais como se realmente estivesse acordado, para o despertar dos sentidos, a cascata de Soana acachoava com redobrada intensidade, lá fora, a lua entrava em luta com as trevas das gargantas profundas, nuvens negras com ribombos formidáveis acumulavam-se nos picos mais altos do Generoso.

Francisco, nesses momentos, vibrava em preces mais fervorosas do que nunca, como um tronco ressequido, ao sentir na grimpa a úmida carícia da chuva primaveril, põe-se a rumorejar, farfalhando ao vento. Naquela disposição de ânimo, altercava com Deus, pedindo-lhe nostalgicamente que o iniciasse

no mistério sagrado da criação, âmago ardente da vida, e o acolhesse naquele ádito supremo onde se geram os arcanos de todas as coisas. Dizia:

"Daí, ó Deus onipotente, irradia-se tua luz mais poderosa! Desse núcleo de onde procedem ondas de fogo inextinguíveis, defluem todas as delícias da existência, e o mistério do mais secreto dos gozos. Não me obrigues, meu Deus, a participar de uma obra já criada, permite que também eu possa colaborar na criação. Deixa-me tomar parte na tua incessante obra de criação; só por este meio e por nenhum outro poderei participar do teu Paraíso!"

Francisco, com as janelas escancaradas, andava de um lado para outro em seu quarto, inteiramente nu para acalmar o ardor de seus membros, e refrescava o corpo no ar frio da noite. E então, parecia-lhe que a grande tempestade negra assentava sôbre o dorso gigantesco do Generoso, como um enorme touro a cobrir uma vaca, deitando chuva pelas ventas, a gemer, com os olhos sombrios a fuzilar, enquanto os seus flancos resfolegavam na obra geratriz da fecundação.

O padre bem sabia que aquelas sugestões eram inteiramente pagãs, mas não chegavam a inquietá-lo. Já o dominava o inebriante impulso das forças primaveris. A exalação narcotizante que o envolvia já havia abatido as frágeis resistências de sua estreita personalidade, integrando-o no mundo. Em toda parte surgiram deuses, do seio da natureza. E até as partes mais recônditas da alma de Francisco desvendavam-se, trazendo à superfície as imagens das coisas que jaziam no fundo do abismo de milhões de anos.

Certa noite, teve, meio desperto, um sonho terrível e penoso, que o mergulhou num estado de contrição horrorizada. Havia sido, naquele sonho, testemunha de um mistério de singularidade apavorante e lembrando ao mesmo tempo não sei que rito propiciatório de uma potestade antiga e irresistível. Pareceu-lhe que havia mosteiros escondidos em certos recantos do Generoso; atalhos perigosos e degraus de pedra permitiam descer de lá até grutas inacessíveis. Em solene procissão, homens de longas barbas, trajando buréis escuros, desciam em

fila singular; seus movimentos mecânicos e a sua expressão alheada faziam estremecer de medo: pareciam condenados a celebrar um culto aterrador. Aqueles seres agigantados e selvagens incutiam uma veneração angustiante. Desciam, eretos; no seu rosto hirsuto emaranhavam-se o cabelo e a barba. E aqueles oficiantes de um culto implacável e bestial eram seguidos por mulheres simplesmente cobertas, como se fossem mantos negros e dourados, pelas ondas longas do seu cabelo solto.

Enquanto a repressão dos instintos ainda mantinha serenos e mudos os eremitas do sonho, as mulheres pareciam marchar submissas, como vítimas que espontaneamente vão sacrificar-se a uma terrível divindade. Nos olhos dos monges distinguia-se uma fúria arrebatada e muda, como se os houvesse mordido uma besta enraivecida, inoculando-lhes veneno e provocando uma loucura prestes a explodir freneticamente. No rosto das mulheres, que seguiam de olhos baixos, sentia-se uma expressão de recato e solenidade.

Finalmente, os anacoretas do Generoso colocaram-se um a um, como ídolos vivos, pelas anfratuosidades da parede rochosa, e teve início então o culto repugnante mas nobre do Falo. Era horrível — e Francisco acabrunhou-se até o mais fundo de seu ser — mas ao mesmo tempo impressionante na sua gravidade mortal e na sua angustiosa santidade. Corujas enormes esvoaçavam, lançando gritos agudos contra o paredão rochoso, junto da cascata, sob a mágica luz da lua; mas os gritos poderosos das grandes aves noturnas eram abafados pelos terríveis gemidos das sacerdotisas, que sucumbiam aos tormentos do gozo.

*

* *

Chegara, enfim, o dia marcado para a realização do segundo serviço divino pela alma dos pobres pastores. Desde manhã, logo ao despertar, o padre Francisco Vela sentiu que raiara para ele um dia novo e diferente de todos os dias da sua vida. Surgem assim, na vida de todo homem predestinado, imprevistamente, certos dias que são como revelações deslumbrantes.

Naquela manhã, o jovem não sentia disposição alguma a

tornar-se um santo, ou um arcanjo, nem mesmo um deus. Sentia-se muito mais inclinado a admitir com vago receio que o ciúme transformasse os santos, arcanjos e deuses em inimigos seus; pois naquela manhã tinha a impressão de sobrepairar a santos, arcanjos e deuses. Mas, ao chegar a Santa Ágata, uma decepção o aguardava. O seu ídolo, que tinha o mesmo nome da santa, não havia comparecido à capela. Interrogado pelo padre lívido, o pastor rude e bestial não conseguiu proferir mais que alguns sons inarticulados, enquanto a esposa, e irmã, limitou-se a desculpar sua filha, alegando a necessidade de certos trabalhos domésticos. E assim, Francisco rezou a missa com tanta indiferença, que ao terminá-la não tinha mesmo certeza de haver começado. Sentia o coração atormentado por sentimentos infernais, emoção comparável a uma verdadeira queda no inferno, que o transformava em miserável réprobo.

Despedindo o sacristão e os irmãos Scarabota, tratou de descer, ainda muito perturbado, um declive qualquer da montanha abrupta, sem rumo certo, e desinteressado pelo que pudesse acontecer-lhe. Ouviu novamente os gritos das águias pescadoras que descreviam circunvoluções nupciais. Mas aquilo era como uma ironia, a cair do enganoso esplendor do azul.

Por entre os seixos, no leito seco de uma torrente, tropeçou, ofegante, aos pulos, remoendo preces e pragas. Estava sofrendo as torturas do ciúme. Sabia que a pecadora Ágata havia sido retida por algum motivo no alpe de Soana: e contudo, o que lhe parecia evidente é que devia ter um amante e passava o tempo roubado à igreja em carícias torpes, nos seus braços.

Ao mesmo tempo que a ausência da rapariga vinha mostrar de golpe quanto dependia dela, experimentava o suplício da angústia, da surpresa e da raiva, o desejo de puni-la e de suplicar-lhe que o salvasse, correspondendo ao seu amor.

Ainda não havia perdido o seu orgulho de padre. É o orgulho mais feroz e inflexível que existe. E fora atingido da maneira mais profunda. Para ele, a ausência de Ágata era uma tríplice humilhação. A pecadora desprezava o homem, o servidor de Deus, o sacerdote que ministra os sacramentos. O homem, o padre, o santo retorcia-se convulsivamente em sua vaidade calcada aos pés e espumava de raiva à idéia de que

um rapagão bestial, pastor ou lenhador, era provavelmente o rival preferido.

Depois de vaguear doidamente, horas seguidas, a subir e descer as escarpas, rompendo por entre as giestas, atravessando torrentes escachoantes, Francisco, com a sotaina dilacerada e recoberta de poeira, as mãos feridas e o rosto arranhado, chegou a uma região do Generoso em que se ouvia o som das sinêtas de um rebanho. Não se preocupou absolutamente em saber que lugar era aquele. Deitou um olhar para baixo na direção de Soana, da sua igreja nitidamente banhada pelo sol, e percebeu ainda os grupos de fiéis que para lá se dirigiam, em vão. Naquele mesmo instante deveria estar vestindo a casula na sacristia. Mas para ele seria mais fácil enlaçar o sol com uma corda e puxá-lo, do que romper as cadeias invisíveis que o arrastavam para os alpes.

*

* *

O jovem padre estava aos poucos recuperando a consciência, quando sentiu um cheiro de fumaça, trazido pelo ar fresco da montanha. Olhando maquinalmente em derredor, percebeu a alguma distância um homem sentado que avivava uma pequena fogueira, onde fumegava uma lata que provavelmente continha minestra. O homem não podia ver o padre, pois estava de costas. Este, por sua vez, não conseguiu divisar mais do que uma cabeça lanuda e um pescoço forte e bronzeado, enquanto os ombros e as costas estavam encobertos por um casaco a que as intempéries haviam dado uma cor terrosa, lançado displicentemente sobre os ombros.

O camponês, pastor ou lenhador, ou o que quer que fôsse, estava curvado sobre o fogo cujas labaredas, apenas perceptíveis, lambiam o solo, enovelando turbilhões de fumaça rastejante, ao vento da montanha. Estava inteiramente absorvido por um trabalho — escultura de madeira como logo percebeu o padre — e mantinha-se em silêncio, como quem tudo esquece pela ocupação do momento. Francisco, evitando por algum motivo cuidadosamente o menor gesto, ficou a observá-lo por longo tempo; o homem pôs-se então a assobiar de leve, e à

medida que se entusiasmava, começou a entoar com voz melodiosa alguns trechos de uma canção.

O coração de Francisco batia violentamente. Não por haver subido e descido com tanta impetuosidade as escarpas da montanha, mas por se achar numa estranha situação, e porque o homem acocorado ao pé do fogo lhe causava uma impressão particular. Aquele pescoço bronzeado, as louras mechas do seu cabelo, o corpo jovem e vigoroso que percebia sob as vestes puídas, a satisfação visivelmente gratuita e sem desejos do montanhês, tudo aquilo, cortando-lhe a alma como um relâmpago, despertou-lhe idéias que avivaram ainda mais o seu ciúme vão e doentio.

Francisco aproximou-se do fogo. Não poderia ficar à espreita por mais tempo, e sentia-se atraído por forças irresistíveis. O homem voltou-se para ele, deixando ver um rosto cheio de juventude e vigor, e levantou-se, rápido, a encarar o recém-chegado.

Francisco então percebeu que estava diante de um pastor, pois o objeto que esculpia era uma funda. Pastoreava um rebanho de vacas malhadas, que se entreviam aqui e acolá, semi-ocultas pelas rochas e arbustos, ou se faziam notar pelas sinetas, que o touro e algumas delas traziam ao pescoço. Era cristão: e poderia ser outra coisa entre aquela profusão de capelas esparsas pela montanha, e todos aqueles oratórios com a imagem da Madona? Mas parecia um filho submisso da Igreja, beijou humildemente a mão do padre com fervor.

Mas quanto ao restante, reconheceu-o logo o padre, nada tinha de comum com os outros paroquianos. O arcabouço era mais forte e atarracado, os músculos eram atléticos, dir-se-ia que os olhos haviam saído das profundezas de um lago azul, e pareciam dotados da mesma aguda visão daquelas águias pescadoras que sobrevoavam como sempre Santa Ágata, em dilatados círculos. A testa era estreita, os lábios eram grossos e úmidos, o olhar e o sorriso manifestavam rude franqueza. Nele, não se podia descobrir o mais leve traço daquela dissimulação matreira e curiosa que caracteriza tantos meridionais. Face a face com o jovem Adônis louro do monte Generoso, Francisco

reconheceu tudo isso, e a si mesmo confessou que jamais havia visto um homem de beleza tão primitiva.

Para ocultar a verdadeira razão de sua vinda e explicar sua presença, alegou que fora ministrar os últimos sacramentos a um doente, numa cabana isolada, e regressara depois sem o coroinha. Perdera-se no caminho, tropeçando muitas vezes e caindo, e queria agora voltar pelo caminho mais seguro, depois de repousar um pouco.

O pastor acreditou nessa mentira. Acompanhou o relato com um riso complacente, mas parecia um tanto contrafeito; preparou-lhe um lugar, tirando a jaqueta, que estendeu à beira da estrada, perto do fogo. Mostrou com isso os ombros morenos e todo o torso até à cintura: não trazia camisa.

Era muito difícil entrar em conversação com aquele filho da natureza. A presença do padre parecia constrangedora para ele. Algum tempo, de joelhos, avivou o fogo com o sopro, juntando gravetos, levantou várias vezes a tampa da marmita, a articular palavras de um dialeto incompreensível; e de súbito, lançou um formidável grito de alegria, repercutindo pelos paredões rochosos do Generoso em redobrados ecos.

Mal se extinguira o último eco, ouviram-se gritos agudos e risos que se aproximavam. Eram muitas vozes, vozes infantis, e a destacar-se, uma voz feminina, que ora se desatava em risadas, ora pedia socorro. Ao timbre daquela voz, Francisco sentiu-se esvair-se toda a vida do seu corpo, pareceu-lhe que uma potência viria a manifestar-se contendo o segredo da verdadeira vida, e mais real do que o seu próprio ser. Francisco inflamava-se como a sarça ardente do Senhor, mas não deixava transparecer nada em seu semblante. Paralisado em surpresa no decurso de alguns segundos, experimentava um estranho sentimento de libertação e sentia-se ao mesmo tempo manietado por uns doces laços inelutáveis.

*
* *

Entrementes, os gritos femininos acompanhados de risadas aproximavam-se e na curva de uma vereda íngreme surgiu

um cortejo bucólico, tão inocente quanto inusitado. O mesmo bode malhado que importunara o padre Francisco, quando da sua visita ao alpe, conduzia, escouceando e bufando, um pequeno cortejo báquico; seguido por um ruidoso bando de crianças, carregava a única bacante do grupo, que cavalgava o animal. A linda rapariga, que Francisco não reconheceu logo, agarrava-se com força aos chifres recurvos do bode, mas por mais que atirasse o corpo para trás, tentando entravar a marcha do animal, não conseguia sofreá-lo, nem apear-se. Fora certamente uma brincadeira para divertir as crianças que provocara aquela situação embaraçosa; não chegava propriamente a cavalgar a estranha montaria, mas apoiava-se dos dois lados no chão com os pés descalços, caminhando em vez de ser transportada, e todavia ameaçada de uma queda, se tentasse livrar-se do bode insubmisso e fogoso. Na agitação, desprendera-se o cabelo, as alças de sua grosseira camisa, escorregando pelo ombro, deixaram bem à mostra um seio delicioso, enquanto a curta saia da pastora, que assim apenas chegava a lhe cobrir as pernas, arregaçava-se, mostrando os joelhos grossos.

Passaram-se ainda alguns minutos antes que o padre percebesse quem era de fato aquela bacante, nela reconhecendo o próprio objeto dos seus maiores desejos e causa de sua ansiedade. Os gritos da moça, seu modo de rir, seus movimentos involuntariamente desordenados, o cabelo solto e esvoaçante, os lábios entrecobertos, o peito opresso, respirando, aos haustos, toda aquela doida ousadia ao mesmo tempo forçada e voluntária, na precipitação da carreira, haviam demudado inteiramente a sua expressão, dando-lhe outro aspecto. Um delicado rubor animava-lho o rosto, misturando alegria e medo a um amorável e gracioso movimento de pudor, quando uma das mãos, com a rapidez do relâmpago, soltava um chifre do bode para abaixar castamente a saia descomposta.

Fascinado, Francisco sentia-se escravizado àquela aparição, como se tivesse o dom de paralisá-lo. A impressão de beleza que o empolgava diferia inteiramente da simples analogia que de qualquer modo se impunha, naquele instante, com uma cavalgada de bruxa. Em seu espírito, reavivaram-se as primeiras impressões. Pensava no sarcófago de mármore, transbordante

de água clara da montanha, na praça de Soana, cujos relevos ainda recentemente examinara. Dir-se-ia que aquele mundo de pedra esculpida, tão vivo em sua imobilidade, aquele deus do vinho coroado de pâmpanos, os sátiros dançando, as tocadoras de flauta e as bacantes animavam agora as solidões pedregosas do Generoso, e uma daquelas mulheres possuídas da ebriez divina subitamente se apartara das orgias frenéticas celebradas na montanha pelas Mênades, exsurgindo à luz da vida.

Se Francisco não reconhecera imediatamente a pastora, em compensação o bode o reconheceu logo; tratou de correr ao seu encontro com sua carga, que gritava e resistia em vão, e, atirando sem cerimônia as patas dianteiras sobre os joelhos do padre, deixou que a bacante deslizasse para o chão.

Assim que a pastora notou a presença de um estranho, logo após reconhecendo o padre Francisco, bruscamente deixou de rir, e seu rosto, que há pouco vibrava de animação ardorosa, cobriu-se de uma palidez arrogante.

— Por que não foste à igreja hoje? — perguntou Francisco ao levantar-se, e no seu tom de voz, como na palidez do rosto, parecia manifestar indignação colérica, embora outra fosse a verdadeira causa.

Seja porque desejava ocultar a emoção, ou se sentisse embaraçado ou desamparado, seja simplesmente porque o pastor que havia nele de fato se indignasse, a cólera crescia, manifestando-se de tal modo, que o pegureiro ergueu para ele uns olhos espantados, e a rapariga empalidecia e corava de vergonha e confusão.

Mas, enquanto Francisco ia dizendo palavras de admoestação — palavras que lhe eram costumeiras, sem que necessàriamente as animasse a alma — o coração aquietava-se, e, ao passo que as veias intumesciam na sua testa clara, experimentava uma deliciosa sensação de desafogo. O profundo desânimo a que se entregava ainda há pouco, transformara-se em plenitude, a fome que o atormentava, em saciedade, e o mundo infernal que acabava de amaldiçoar, resplandecia com o fulgor do Paraíso.

À medida que a voluptuosidade da sua cólera desbordava com ímpeto crescente, ela própria tornava-se cada vez mais forte. Ainda tinha bem presente o estado de intenso desespero por que passara, mas sua alma jubilava, e no fundo o abençoava, pois fora ele, aquele estado, que o levara à felicidade. Francisco já se achava tão enleado nos círculos mágicos do amor, que bastava a simples presença do objeto amado para que a felicidade inebriante do momento apagasse a recordação de quaisquer privações imediatas.

Ao mesmo tempo, o jovem padre sentia, com plena consciência, como havia mudado. O verdadeiro estado de sua alma, se é possível dizer assim, desnudara-se completamente. Sabia muito bem que a busca insensata a que se entregara não cabia nas prescrições da Igreja, e desviava-se do roteiro que restringia e determinava estritamente a sua atividade. Pela primeira vez, não só os seus pés, mas a sua alma, hesitavam no caminho, e parecia-lhe que chegara àquela situação, não propriamente como um homem, mas como a pedra ou a gota de água caindo, como a folha a esvoaçar na tempestade.

Cada palavra encolerizada a saltar-lhe dos lábios estava mostrando a Francisco que perdera o domínio de si mesmo e só pensava em dominar Ágata, exercendo sobre ela o seu poderio. Apoderava-se dela por meio de palavras. Quanto mais a humilhava, mais harmoniosamente ressoavam as harpas da sua beatitude. A dor que lhe infligia, à guisa de punição, dava-lhe uma vertigem, e se ali não se achasse o pegureiro, Francisco, naquela vertigem, teria perdido o resto de contenção, e, lançando-se aos pés da rapariga, confessaria os verdadeiros sentimentos que o atormentavam.

Até então, apesar de criada num lar conspurcado, Ágata conservara a inocência de uma flor. Florescera como a genciana das montanhas, longe do vale. Não podia ser mais limitado o círculo de sua experiência. E não obstante, embora o padre não fosse para ela propriamente um homem, e sim, um ser intermédio entre homem e Deus, uma espécie de feiticeiro, ela sentiu por uma súbita intuição o que Francisco tentava ocultar, e o seu olhar cheio de espanto claramente o manifestava.

As crianças, galgando a escarpa, haviam reconduzido o bode. O pastor, constrangido com a presença do padre, retirou do fogo a sua marmita e começou a subir com muito esforço, aparentemente para encontrar-se com um camarada seu, que fazia descer por um precipício feixes de lenha, atados num interminável fio de arame. De vez em quando, com um ruído seco, roçando pela rocha, mais parecia um urso ou a sombra de um pássaro gigantesco; e dava a impressão de voar, pois o fio era invisível. Quando o pastor desapareceu, depois de lançar aos ecos formidáveis do Generoso o seu alegre canto vocalizado, Ágata, num gesto contrito, beijou a orla da sotaina e a mão do padre.

*
* *

Francisco traçara maquinalmente o sinal da cruz sobre a cabeça da rapariga, tocando-lhe os cabelos com os dedos. E então, percorreu-lhe o braço um tremor convulsivo, como se alguma coisa dentro dele, com todas as forças, tentasse apoderar-se de outra coisa. E o impulso quase insopitável de posse obrigou a mão que abençoava a abrir-se devagar, aproximando gradualmente a palma da cabeça da pecadora arrependida, sobre a qual deixou-se estar enfim, pousada num gesto brusco e decidido.

Francisco relanceou em derredor uns olhos indagadores e medrosos. Longe estava de pensar em se iludir a si mesmo, justificando pelas obrigações do seu ministério a situação em que se achava; e todavia, um murmurinho de vozes interiores falava de confissão e crisma. E a paixão, quase a desencadear-se, de tal modo ainda temia a possibilidade de provocar espanto e repulsa, ao ser descoberta, que também ela tornou a refugiar-se covardemente sob a máscara eclesiástica.

— Ágata — disse ele — precisas freqüentar a minha escola em Soana. Hás de aprender a ler e escrever. Eu te ensinarei a rezar uma oração, pela manhã e à noite, e os dez mandamentos, além dos preceitos do catecismo, que ajudam a

reconhecer e evitar os sete pecados capitais. E tu hás de confessar-te todas as semanas.

Mas Francisco, que se afastara bruscamente, pronunciadas aquelas palavras, descendo pelo declive da montanha sem voltar a cabeça, no outro dia, depois de uma angustiosa noite de insônia, decidiu que ele próprio devia confessar-se.

Na cidadezinha de Arogno depois de revelar, não sem algum subterfúgio, o seu desespero de consciência a um vigário forâneo que cheirava as suas pitadas de rapé, foi pressurosamente absolvido. Era natural e estava na ordem das coisas o demo opor-se aos esforços do jovem padre, quando tentava reconduzir ao seio da Igreja aquelas almas transviadas, ainda mais ao considerar-se que a mulher é sempre o mais próximo incitamento ao pecado.

Francisco, a seguir, tomou o seu desjejum matinal com o arcipreste; a janela estava aberta; o sol brilhava, os pássaros cantavam; trocaram com franqueza algumas observações sobre a inevitável discordância que opõe a vida eclesiástica à vida secular, e Francisco sentia-se mais aliviado, ao partir.

Certamente haviam contribuído para isso alguns copos daquele vinho pesado e violáceo, que vinha dos lagares de Arogno para os barris do vigário. Após a refeição, ele acompanhou o seu confrade e penitente até a adega abobadada, à sombra de altos castanheiros que recomeçavam a enfolhar-se, na qual toda aquela riqueza assentava em fortes vigas; era hábito seu, à mesma hora, encher o garrafão para o gasto diário.

Mal, porém, Francisco acabara de se despedir do seu confessor, diante da porta com ferrolhos da adega, na pradaria em flor, ondulando ao vento; mal se distanciara a passo largo, quebrando caminho e vencendo a encosta de colinas cobertas de arvoredo e arbustos, e já sentia uma inexplicável repugnância pelas consolações do seu confrade e por todo o tempo que ali passara em sua companhia.

Aquele sórdido labrego, de sotaina puída e roupa de baixo tresandando a suor, a mostrar pela caspa acumulada e as mãos sujas que o sabão era coisa que não entrava nas suas cogitações, parecia-lhe um animal, ou uma simples acha de lenha, e não um sacerdote. Segundo a doutrina da Igreja, assim refle-

tia ele, os sacerdotes são criaturas consagradas, que por meio da ordenação foram investidos de poderes sobrenaturais, recebendo tal dignidade, que os próprios anjos se prosternam diante dêles.

Ora, aquele vigário forâneo não passava de uma triste caricatura de tudo isso. Que vergonha, a soberana investidura do sacerdócio entregue a mãos tão grosseiras! Pois pensando bem, até Deus se achava submetido a esse poder, e as palavras: *Hoc est enim corpus meum*, proferidas na missa, obrigam-no irresistivelmente a baixar sobre o altar.

Francisco detestava-o, desprezava-o, para sentir logo após um profundo remorso. E acabou, afinal, por admitir que era o próprio Satã, hediondo, fétido e imundo, sob um disfarce. Chegava a pensar naqueles partos que dependem dos bons ofícios de um íncubo ou de um súcubo.

O próprio Francisco alarmava-se com a agitação que lhe ia na alma, e o rumo dos seus pensamentos. Seu hospedeiro e confessor, a não ser pela impressão que decorria de sua presença, portara-se com a necessária dignidade. Mas, inebriado pelo sentimento de exaltação que o arrebatava, parecia-lhe agora respirar uma pureza celestial, e, em contraste com tanta sublimidade, a vida corrente era como um amaldiçoado cativeiro.

*
* *

Chegara finalmente o dia em que a pecadora do alpe devia encontrar-se com Francisco no presbitério de Soana. Recomendara-lhe que tocasse a sineta ao lado da porta da igreja, utilizada para chamá-lo no confessionário. Mas já era quase meio-dia sem que a sineta desse algum sinal, enquanto ele, cada vez mais distraído, dava aula às crianças. Pela janela aberta, ora aumentava, ora decrescia o rumor da cascata, e quando mais intenso, a inquietação do padre aumentava também: receava deixar de ouvir então, eventualmente, o sinal combinado. Sua inquietação, seus ares distraídos não escapavam à observação das crianças. Principalmente as me-

ninas, enlevadas de corpo e alma na contemplação do jovem santo, percebiam logo que não chegava a concentrar-se, de modo a prestar a devida atenção ao auditório e à lição do momento. Ligadas por um profundo instinto às suas emoções juvenis, chegavam a identificar-se com ele, sentindo a mesma tensão que o dominava.

Pouco antes de soar meio-dia no relógio, ouviu-se um murmúrio de vozes na praça da aldeia, tranqüila até aquele momento, com seus castanheiros cobertos de brotos primaveris. Aproximava-se uma turba. Percebiam-se as inflexões guturais de vozes masculinas, relativamente calmas, que pareciam protestar. Mas uma torrente irresistível de palavras, gritos de maldição e protestos femininos abafou-as de golpe. A seguir, um silêncio angustioso. E, de súbito, ruídos abafados, que não conseguia identificar, chegaram aos ouvidos do padre. Corria o mês de maio, e não obstante, aquele ruído lembrava um castanheiro no outono, ao deixar cair os frutos, vergastado pela ventania. Rebentam as rijas castanhas, rufando sôbre o chão.

Francisco debruçou-se na janela.

Alarmado, compreendeu o que se passava na praça. Tolhido pelo medo, só o som agudo e dilacerante da sineta do confessionário, chamando com fúria e desespero, lhe devolveu os movimentos. E já se havia precipitado para a igreja, para a porta da igreja, acudindo à penitente — que era Ágata — e abrigando-a no templo. Em seguida, postou-se diante da porta.

Saltava aos olhos que a réproba, ao entrar na vila, fora logo reconhecida, e a sua presença desencadeara a reação costumeira em tais casos. Haviam tentado escorraçá-la a pedradas, como um cão sarnento ou um lobo. A criançada e as mães haviam perseguido a criatura proscrita e funesta, como quem persegue um animal perigoso, sem que a beleza da rapariga abrandasse a crueldade da perseguição. Apesar de tudo, Ágata, confiante na proteção do padre, persistira em seu desígnio. E assim a corajosa moça, perseguida e caçada, conseguiu chegar até à porta da igreja, contra a qual ainda algumas crianças arremessavam pedras.

Não houve necessidade de gastar palavras de repreensão, para acalmar os amotinados: bastou a sua presença para afugentá-los.

Na igreja, Francisco, por meio de um gesto, convidou a fugitiva muda e ofegante a acompanhá-lo. Também ele estava comovido, e ambos respiravam a custo. A velha governanta, ainda assustada, mas já começando a acalmar-se, achava-se na estreita escada do pequeno presbitério, entre os muros caiados, à espera do animal perseguido. Mostrava, pela sua atitude, que estava disposta a acudir, prestando auxílio, em caso de necessidade. Só então, ao ver a mulher, é que Ágata caiu em si, dando-se conta da sua humilhação.

Passando do riso à cólera, da cólera ao riso, proferiu violentas imprecações, dando ao padre o ensejo de ouvir pela primeira vez a modulação grave, sonora e heróica da sua voz. Ela não sabia por que motivo a escorraçavam. No seu entender, a cidadezinha de Soana era como um ninho de vespas ou um formigueiro. Apesar da sua raiva e indignação, não lhe ocorria a idéia de tentar compreender as causas de semelhante maldade, pois desde criança habituara-se a considerar a situação em que vivia como simplesmente natural. Mas, de qualquer modo, era preciso defender-se contra vespas e formigas. São bichos que investem contra nós, podendo provocar de nossa parte, conforme as circunstâncias, ódio, raiva, desespero, e reagimos igualmente por meio de ameaças, lágrimas, ou manifestações do mais profundo desprezo.

Foi o que Ágata fez, enquanto a governanta procurava ajeitar um pouco os seus miseráveis farrapos, e ela mesma reatava as ondas soltas do seu cabelo soberbo, de uma ardente coloração, que percorria todos os tons intermédios, da ferrugem ao ocre.

Mais do que nunca, Francisco naquele momento sofria os efeitos da sua paixão. A presença daquela mulher, que amadurecera na solidão alpestre como um fruto estranho e delicioso, o enervante ardor que se desprendia do seu corpo, a consideração de que ali estava agora ao alcance das suas mãos e abrigada no limitado espaço de sua casa a mesma criatura até então sempre distante e inatingível, tudo isso fazia com

que Francisco, para não perder o equilíbrio, mantendo-se ao menos de pé, crispasse os punhos, rilhasse os dentes, retesando os músculos, num verdadeiro estado de vacuidade mental.

Quando recobrava um pouco de consciência, tumultuavam dentro dele imagens, pensamentos, emoções: paisagens, pessoas, antigas recordações, momentos vivos do seu passado no seio da família ou no exercício do seu ministério, misturavam-se a impressões do presente. E a desquitar-se dessas imagens, um futuro inelutável, a que sabia pertencer de corpo e alma, começava a impor-se, a um só tempo suave e terrível. Fulgurações de pensamento alumiavam sem cessar, incontáveis mas inconsistentes, êsse caos de imagens.

Francisco reconhecia que a vontade consciente fora abatida na sua alma, e outra reinava, à qual era impossível resistir. Com terror, a si mesmo confessava a sua absoluta submissão. Sentia-se endemoninhado. Mas, se a inevitável queda no abismo do pecado mortal o enchia de angústia, sentia ao mesmo tempo vibrar-lhe na garganta um grito de alegria. Seu olhar esfaimado aprendera a ver agora com uma saciedade até então desconhecida e cheia de surpresa. Mais que isso: a fome era saciedade, a saciedade era fome. Salteou-o a idéia sacrílega de que seria aquela a verdadeira Eucaristia, o único alimento imperecível e divino.

Era sentir como um idólatra. Seu tio de Ligornetto parecia-lhe mau escultor. E por que não se dedicara à pintura? Não poderia, talvez, ele mesmo ainda dedicar-se à mesma arte, quem sabe? Pensava em Bernardino Luini, em seu grande quadro na velha igreja do convento de Lugano, a dois passos dali mesmo, revendo com a imaginação as deliciosas santas louras que o seu pincel concebeu. Mas nada eram, afinal, diante dessa ardente realidade que ali estava, palpitante e viva.

Francisco ainda não sabia como proceder. A princípio, um pressentimento arredou-o da proximidade da rapariga. Vários motivos, mais ou menos sinceros, levaram-no a procurar o prefeito, relatando-lhe o acontecido, antes que alguém o fizesse. Ouviu-o tranqüilamente o prefeito — Francisco tive-

ra a boa sorte de encontrá-lo em casa — e aprovou o procedimento do padre. Não ficar indiferente ao escândalo do alpe e preocupar-se com o destino daquelas vítimas do pecado e da ignomínia, era agir como cristão e bom católico. Quanto à atitude dos moradores do lugar, prometeu tomar providências enérgicas.

Quando o jovem padre se despediu, a bonita esposa do prefeito, com seu modo pacato e silencioso de observar as coisas, comentou:

— Este padre tão moço, pode ser que ainda chegue a cardeal, ou mesmo a papa. Creio que ele se mata de jejuns e orações. Mas o demônio escolhe precisamente os santos para experimentar a força de suas manhas infernais, seus ardis mais dissimulados. Que Deus proteja o pobre moço!

Muitos olhares femininos cheios de desejo e rancor seguiam Francisco, no regresso ao presbitério, a passo estugado. Todos sabiam muito bem onde estivera, e só pela força das circunstâncias admitiam que lhes fosse imposta a presença daquela peste de Soana.

Na praça, junto do sarcófago, as moças que passavam carregando lenha na cabeça cumprimentaram-no sorrindo amavelmente, mas trocaram depois olhares maliciosos. Francisco ia caminhando numa agitação febril. Ouvia o gorjeio dos passarinhos, o acachoar incessante da cascata, ora intenso, ora mais leve; mas tinha a impressão de mal roçar no chão com os pés, arrebatado num turbilhão de sons e imagens. Viu-se de súbito na sacristia da igreja, e logo diante do altar-mor, ajoelhado, a suplicar a assistência da Virgem.

Na sua prece, porém, não lhe rogava que o libertasse de Ágata. Era esse um desejo que não podia vingar, deitando raízes na sua alma. Nossa Senhora devia compreender, perdoar, aprovar até, se fosse possível. Francisco interrompeu bruscamente a prece, ante a idéia de que Ágata já houvesse regressado, e precipitou-se ao seu encontro. Ainda lá estava, e Petronila fazia-lhe companhia.

— Deixei tudo combinado — disse-lhe Francisco — o livre acesso à igreja e ao padre é para todos. Tem confiança em mim, que isto não há de repetir-se.

Sentia-se confiante e seguro, como se realmente andasse a trilhar o bom caminho. Petronila foi despachada ao curato vizinho para entregar um importante documento eclesiástico, que, esclareceu ele, era da maior urgência. Além disso, poderia aproveitar o ensejo para comunicar ao cura o acidente.

— Se encontrares alguém — acrescentou o padre — podes dizer que a menina Ágata do alpe está aqui comigo, aprendendo os dogmas da nossa religião, os preceitos do catecismo. Se tentarem opor-se, ficarão sujeitos às punições mais severas. Que venham se quiserem, para a frente da igreja, tentando apedrejar sua irmã na mesma crença. As pedras serão atiradas contra mim, pois hei de protegê-la com o meu corpo. Quando a noite chegar, eu a acompanharei, se necessário, até lá em cima, no alpe.

*
* *

Assim que a governanta saiu, fez-se um prolongado silêncio. A jovem havia cruzado as mãos sobre o regaço, e deixou-se estar sentada na mesma frágil cadeira que Petronila colocara junto ao muro caiado, no pátio. Os olhos de Ágata ainda se animavam de quando em qua do, e a afronta que sofrera ainda lhe provocava lampejos de indignação e raiva contida, mas o seu rosto cheio, de madona robusta, aos poucos manifestava perplexidade, e finalmente um pranto calmo e abundante deslizou-lhe pelas faces.

Francisco, dando-lhe as costas, passou a contemplar a paisagem pela janela aberta. Enquanto os seus olhos vagueavam pelos gigantescos paredões rochosos do vale de Soana, desde o alpe fatal até às margens do lago, e de envolta com o marulhar da cascata, elevava-se o canto de uma voz melodiosa e moça, que partia dos terraços luxuriantes, cobertos de vinhedos, custava-lhe crer que agora tinha realmente ao alcance das mãos o que lhe parecia inatingível. Ao voltar-se, ainda veria Ágata? E se ali ainda estivesse, que aconteceria? Esse

movimento não seria decisivo para toda a sua vida, e para além da vida?

Aquelas perguntas e a sua dúvida fizeram com que o padre se mantivesse ainda por longo tempo imóvel, na mesma posição, para pesar as circunstâncias, deliberando de uma vez por todas o que lhe cumpria fazer. Foram somente alguns segundos, e não minutos, mas durante aqueles segundos, não recapitulou apenas a história de sua sedução, a partir da primeira visita de Luchino Scarabota, mas toda a sua vida consciente surgiu-lhe ante os olhos.

Durante aqueles segundos, projetou-se nos céus, por sobre os picos do Generoso, toda uma gigantesca visão do Juízo Final, com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, em meio a um terrífico clangorar de trombetas. Com um pé sobre o Generoso, e o outro apoiado num cimo de montanha, na outra margem do lago, carregando na mão esquerda a balança e brandindo com a destra uma espada nua, erguia-se o arcanjo São Miguel, terrível e ameaçador, enquanto o hediondo Satã, cornudo e armado de garras aduncas, mantinha-se à espreita, refugiado no alpe de Soana. Mas o olhar errático do padre divisava por toda parte uma figura de mulher trajada de negro, retorcendo as mãos, que era a imagem de sua mãe desesperada.

Francisco escondeu o rosto nas mãos e apertou a seguir violentamente as têmporas. Depois, voltando-se lentamente, contemplou horrorizado aquela moça banhada em lágrimas, cuja boca purpurina estremecia dolorosamente.

Ágata amedrontou-se. Alterava-se-lhe a face, como ao perpassar de um frio mortal. Sem uma palavra, ele aproximou-se cambaleando. E num estertor, como quem reconhece a sua derrota, ante uma força irresistível, gemendo e pedindo compaixão mas vibrando de impetuosa esperança, caiu de joelhos a seus pés, aniquilado, levantando para ela as mãos convulsas.

Francisco talvez não sucumbisse de modo tão brusco ao império de sua paixão, se a brutalidade dos paroquianos, apedrejando Ágata, não despertasse as mais profundas e humanas fibras da sua piedade. Via claramente o destino que estava reservado a essa criatura tão bela, perdida num meio hostil

e sem o amparo de um protetor. Casualmente, naquele dia, as circunstâncias lhe haviam imposto a obrigação de protegê-la, impedindo talvez a sua morte por lapidação. Havia adquirido, assim, direitos pessoais sôbre ela.

Esse argumento pareceu-lhe razoável e apegou-se a ele o mais que pôde: de modo inconsciente, serviu para afastar sem mais delongas toda sorte de empecilhos, escrúpulos e receios. Por mais que pensasse, não via nenhuma possibilidade de abandonar à sua sina a proscrita. Estaria a seu lado para protegê-la contra tudo e todos, até mesmo contra Deus. Tais pensamentos vieram reforçar a torrente de sua paixão, que transbordou.

A princípio, sua conduta não se desviara do bom caminho, e ele não se decidira a pecar: era apenas um estado de impotência, de perplexidade. Não poderia explicar por que motivo estava agindo daquele modo. Na verdade, não agia propriamente: as coisas aconteciam-lhe. Ágata, que deveria mostrar-se atemorizada, muito pelo contrário, aparentemente já não via em Francisco um padre e um estranho. Parecia-lhe que de súbito o padre se transformava em irmão. E à medida que as lágrimas começavam a provocar soluços, não só consentiu que a tomasse nos braços, mas acabou escondendo contra o seu peito o rosto banhado em pranto.

Naquele momento, era uma criança, e ele um pai, afagando a filha. Mas nunca sentira antes, tão aconchegado ao seu um corpo de mulher, e pouco à pouco, as carícias e intimidades eram mais que paternais. Pressentia a certeza de uma confissão nos soluços da rapariga. Ela sabia a que vergonhoso conúbio devia a vida, sofrendo com isso, assim como ele sofria. Ajudava-a a carregar a sua desdita, as suas dores. Sentiam-se os dois unidos, de corpo e alma, por aquele sofrimento. Aproximou, então, o rosto daquele doce rosto de madona; cingiu-lhe o colo e puxou-a para si, obrigando a testa a inflectir-se para trás, com uma leve pressão da mão direita, ao passo que devorava com olhares ardentes e desvairados aquela presa, passiva e entregue ao amplexo; de súbito, precipitou-se como um falcão sobre sua boca ardente, que sabia ao sal das lágrimas, e assim ficou indissoluvelmente ligado ao seu destino.

Após alguns momentos, eternidades de vertiginosa beatitude, Francisco desvencilhou-se bruscamente; sentia nos lábios um gosto de sangue:

— Vem, disse-lhe, não podes voltar sozinha, sem proteção; vou acompanhar-te.

*
* *

Um céu cambiante dominava a paisagem alpestre, quando Francisco e Ágata saíram furtivamente do presbitério. Tomaram através dos prados um atalho, pelo qual podiam descer de terrado em terrado, sem serem percebidos esgueirando-se por entre as amoreiras e sob guirlandas de pâmpano.

Francisco tinha plena consciência do que acabara de praticar; mas não sentia remorsos. Sentia-se transmudado, engrandecido, liberto.

A noite era opressiva. Decerto, na planície lombarda rondavam temporais, cujos relâmpagos longínquos fulguravam em leque, atrás da gigantesca silhueta das montanhas. O aroma dos lilases, que floresciam sob as janelas do curato, evolava-se, baixando pelas encostas, com a ressumante água dos córregos, misturado a correntes de ar frio e quente. Inebriados, não ousavam quebrar o silêncio. Toda vez que ela transpunha na penumbra algum obstáculo, um muro baixo entre terraços, ele a amparava, ou recebia-a nos braços: e então sentia contra o seu peito a pressão dos seios de Ágata, a boca insaciável do padre colhia um beijo em sua boca. Não sabiam que rumo estavam seguindo, pois das profundezas das gargantas do Savaglia não havia caminho algum dando acesso aos alpes. Mas numa tácita compreensão mútua, evitavam o caminho de acesso à montanha que passava pela vila. Na verdade não se tratava de atingir determinado lugar, mas de gozar ali mesmo o que era próximo e estava assegurado.

Como o mundo até aquele instante havia sido um amontoado de escórias, vazio e morto, e como agora estava transmudado! Mudara aos olhos do padre, e o padre mudara ao seu contato! Na sua recordação, o que era tudo para ele agora

nada significava. Seus pais, bem como seus mestres, eram vermes na poeira de um mundo morto, que rejeitara, enquanto o anjo tornara a abrir as portas do Paraíso só para ele, o filho de Deus, o novo Adão. Aquele Paraíso onde agora ensaiava os primeiros passos, não cabia no tempo. Ele mesmo já não pertencia a uma época, ou determinado período.

O mundo noturno que o envolvia, também estava fora do tempo. E como, doravante, o período de exílio, o mundo da proscrição e do pecado original ficariam para trás, à porta bem guardada do Paraíso, já não o atemorizavam. Os que ficavam de fora não podiam prejudicá-lo. Seus superiores, o próprio Papa, não podiam impedir que ele provasse todos os frutos do Paraíso, nem privá-lo da mais ínfima parcela da suprema felicidade, conquistada para sempre. De superiores, haviam passado a inferiores. Já esquecidos, pertenciam a um mundo de bramidos e ranger de dentes, para sempre extinto.

Francisco deixara de ser Francisco. Primeiro homem, insuflara-lhe vida nova o hálito divino, despertando-o: único Adão, senhor e dono do jardim do Éden. Só ele vivia na plenitude da criação imaculada. Celeste harmonia, os astros vibravam de beatitude. O ribombo das nuvens, no campo azul do céu, parecia o mugido longo das reses fartas numa pastagem, pomos rubros ofereciam a delícia da sua polpa, sumarento refrigério, os troncos destilavam resina aromática, evolavam-se das flores suaves aromas: mas tudo afinal defluía de Eva, resumo da criação divina, fruto dos frutos, aroma dos aromas — de Eva, que era, na profusão maravilhosa da obra de Deus, a sua maravilha suprema. Em seus cabelos, na sua pele, e na polpa da sua carne, Deus havia concentrado a essência de todos os aromas; mas incomparável era a forma e substância que lhe dera. O segredo de sua forma e matéria só a Deus pertence. Por si mesma, a forma já era o princípio do seu movimento, mantendo o mesmo equilíbrio harmonioso na imobilidade e na mutação. Sua matéria lembrava pétalas de lírio e rosa, porém de alvura mais casta e mais ardente rubor; eram a um só tempo mais delicada e mais resistente. Nesse fruto, havia um núcleo vivo e palpitante, e o estremecimento de pulsações deliciosas;

saboreado, intensificava as delícias, cada vez mais profundas, sem esgotar a sua profusão.

E o que era mais delicioso naquela criação, paraíso recuperado, podia atribuir-se à proximidade do Criador. Deus não havia acabado de todo aquela obra, repousando a contemplar-se na criação entregue a si mesma. Muito ao contrário, a mão criadora, o espírito criador, o poder de criar continuavam atuantes na obra realizada. E continuava a irradiar-se um princípio criador de todas as partes componentes do paraíso. Francisco-Adão, saído agora mesmo da oficina do oleiro, sentia que também ele estava criando, como tudo em derredor. Com inefável êxtase, sentia e via Eva, a filha de Deus. O amor que a plasmara continuara apegado à sua forma, e a mais preciosa de todas as matérias, que o Pai escolhera para modelar o seu corpo, ainda tinha a mesma sublimada beleza sem mácula. Mas essa obra da criação também palpitava, amadurando, e com o mesmo ardor da força. Mas aquela criação também estremecia, amadurando, e com o mesmo ardor da força criadora atuante, tentava unir-se a Adão. Adão por sua vez andava a procurá-la, para completar-se atingindo um nova inteireza.

Ágata e Francisco, Francisco e Ágata, o padre, o jovem bem nascido e a pastorinha desprezada e proscrita, dando-se as mãos e descendo por atalhos desconhecidos para o vale, protegidos pela noite, formavam o primeiro casal deste mundo. Refugiavam-se no esconderijo da sombra. Em silêncio, a alma a transbordar de um inefável sentimento de surpresa e ameaçados de sufocação e delíquio em seu êxtase, desciam, desciam sempre, no milagre da hora cósmica.

O estado de graça e eleição que experimentavam, comovidos e felizes, ungia-os de uma grave solenidade. Haviam sentido o enlace dos seus corpos, a comunhão do lábio unido ao lábio, mas pressentiam também que estavam caminhando ao encontro de um destino imprevisível. Era o mistério definitivo. Por isso mesmo é que Deus havia postulado, com o próprio impulso da criação, a fatalidade da morte, aceitando o seu limite, se é possível dizer assim.

O primeiro casal desceu até à estreita garganta escavada pela correnteza do Savaglia. Era muito profunda, e só uma vereda pouco freqüentada, acompanhando o leito do ribeiro, dava acesso ao reservatório em que se precipitava a água das montanhas, a cair de uma altura vertiginosa. Um pouco além, bifurcava-se a corrente, e os dois braços tornavam a unir-se, formando uma ilhota verdejante, retiro ameno que atraíra muitas vezes Francisco, e onde haviam deitado raiz alguns pés de macieira. E Adão descalçou-se, carregando nos braços a sua Eva, em direção da ilha. "Vem, não posso mais", repetiu várias vezes. E calcavam aos pés os narcisos e as prímulas, com o pesado passo dos amantes, ébrios de desejo.

Reinava ali um calor estival, apesar da múrmura frescura do ribeiro. No pouco tempo decorrido a contar daquele instante decisivo em sua vida, o passado esmaecera, devorado pela distância. Como a ilhota distava muito da vila, o camponês seu proprietário, na previsão do mau tempo, construíra uma cabana de pedras, galhos e terra, acamando no seu interior um leito de folhagem, para ficar ao abrigo da chuva.

Talvez acudisse à memória de Francisco a imagem desse abrigo, quando, em vez de atacar o caminho da montanha, dirigira-se com Ágata para o vale. A cabana parecia destinada a acolhê-los. Dir-se-ia até que mãos desconhecidas já sabiam que estava próxima a festa da encarnação humana: pois em derredor da choça havia nuvens luminosas, de lampírios, de vaga-lumes, de mundos, de galáxias, que às vezes subiam em poderosos feixes, como a repovoar de novos germes de vida o vazio dos espaços infinitos. Evolando-se aos poucos, avultavam cada vez mais, e na sua ascensão, pareciam confundir-se com as estrelas.

Aquele espetáculo, aquele deslumbramento silencioso não era novidade para eles, e não obstante, Francisco e Ágata, a pecadora, contemplavam-no enlevados, e a surprêsa imobilizou-os momentaneamente.

"Será este o mesmo lugar que tantas vezes me atraiu e que contemplei com admiração, mas sem pressentir o que viria a significar para mim?" pensava Francisco. "Parecia-me então um refúgio de eremita, a salvo das misérias deste mundo,

e convidando a renunciar a tudo, para que apenas pudesse ouvir a mensagem de Deus. Ao vê-lo, jamais chegaria eu a imaginar o que ele na realidade é: uma ilha no rio Phrat ou Hiddelkel, o recinto mais ignorado e mais venturoso do Paraíso".

E as nuvens de fagulhas, os fogos nupciais, os fogos de oblação — o nome pouco importa — místicos e ardentes, alaram-no, despegando-o da terra. Quando ainda não era capaz de esquecer o mundo, jazia às portas do jardim do Éden, como o dragão de sete cabeças, a besta de sete cabeças, que saiu do mar. Mas como lhe pareciam estranhos agora os adoradores do dragão! Por mais que ele insulte a choupana de Deus, sua baba não consegue atingi-la. Jamais Francisco, o padre, sentira tão próximo o hálito divino, e jamais experimentara como agora a impressão de resguardo em seu seio, com o mesmo olvido de sua própria personalidade; e ao murmúrio das torrentes, pareciam ressoar melodiosamente as montanhas, como um órgão de rochedos, milhares de harpas de ouro vibravam na harmonia sideral. Coros angélicos jubilavam no céu ilimitado; desatava-se em música o tempestuoso sopro das alturas, e sinos, sinos, revoadas de sinos, sinos proclamando bodas, pequeninos, leves e argentinos, bojudos, pesados e graves, lançavam ao espaço infinito, com uma solenidade poderosa, a sua mensagem nupcial.

E caíram, enlaçados, sôbre o leito de folhas.

*
* *

Fugaz é todo instante, e, se tentamos reter o da suprema delícia com pressurosa angústia, apesar de todos os esforços, ele se esquiva ao nosso abraço. Na impressão de Francisco, ele viera subindo aos poucos, degrau a degrau, até chegar àquele momento misterioso, que acabara de atingir. E como continuar a viver, se lhe escorria das mãos? Como suportar uma vida maldita, exilado da sua plenitude mais íntima? Em pleno arrebatamento do gozo, ele sentia que a sua volúpia era efêmera; na delícia da posse, já começava a sentir o tor-

mento da perda. A sua sede voluptuosa tentava esvaziar de um só gole o delicioso vinho; mas a taça não se esvaziava, e a sede continuava insaciável. E ao beber, alimentava a esperança de que a sede continuasse insaciada e sempre cheia a mesma taça: e não obstante, na tortura de não chegar nunca ao fundo, bebia com avidez crescente.

Acalentados pelo murmúrio do ribeiro, coroados pela dança dos lampírios, repousavam sobre o leito de folhas, e estrelas espreitavam pelas frinchas do teto. Trêmulo, ele tomara posse de todos os tesouros ocultos do corpo de Ágata, que antes lhe pareciam inacessíveis. Afundara o rosto em seu cabelo solto, colara os lábios no seu lábio. E logo os seus olhos, com ciúme da sua boca, não se fartavam de olhar a macia e carnuda forma desse lábio, arrebatado pelo beijo. E cada vez mais inatingíveis, cada vez mais ardentes, cada vez mais inebriantes, os segredos do seu corpo moço revelavam-se na suprema delícia do espasmo. A sonhada imagem das suas noites atormentadas de insônia, que parecia inacessível, transformada em realidade, ali estava agora penetrada e possuída entre os seus braços, e esvaecia-se com a realidade da posse.

E, ao passo que mergulhava na volúpia, recaía em seu ceticismo. O próprio excesso que havia na exuberante realização dos seus desejos obrigava-o a verificar insaciavelmente a realidade da posse. Pela primeira vez, os seus dedos, as suas mãos trêmulas, os seus braços, os seus flancos, o seu peito conheciam a mulher. E Ágata para ele era mais que a mulher. Era como se ele recuperasse um bem perdido, perdido por culpa sua, uma coisa que lhe faltava, para completar-se, e com a qual se achava agora completado e unido. Chegara realmente a viver separado daqueles lábios, daqueles cabelos, daqueles seios e da cadeia desses braços? Era uma deusa, não uma simples mulher. E, de resto, ali não havia apenas uma existência individual: era algo a refluir para o centro do mundo, e comprimindo o ouvido contra os seus seios eretos, a tremer de felicidade, ele auscultava o coração de todas as coisas.

Resvalaram para aquele torpor, aquela sonolência, em que as delícias do esgotamento reforçam a alegria do despertar, e a alegria do despertar e a volúpia de sentir já se preparam para novo esgotamento voluptuoso; e ora Francisco adormecia nos braços de Ágata, ora a desfalecida Ágata aninhava-se nos seus braços, para adormecer. Com surpreendente confiança e a submissão de uma serva humilde, a rapariga tímida e rústica não hesitara em entregar-se à violência amorosa e às carícias do padre. E, quando adormecia nos seus braços, respirava o seu lábio risonho a inocência de uma criança adormecida no regaço materno.

Quanto a Francisco, deixava-se estar em longa e admirativa contemplação de seu sono. Percorriam-lhe o corpo ondulações e estremecimentos. Às vezes, da profundeza de um sonho, escapava-lhe um grito. Mas o mesmo sorriso fascinante lhe brincava nos lábios, ao descerrar as pálpebras magoadas e lânguidas, e repetia-se então o desfalecimento supremo do orgasmo.

No momento de adormecer, parecia a Francisco que uma força desconhecida ia retirando lentamente, lentamente, da cadeia amorosa dos seus braços, aquele corpo que enlaçava e sentia com todo o seu corpo. Mas depois desse rapto sutil, ao despertar, a mesma sensação de suprema doçura tornava a reproduzir-se, acompanhada de um sentimento de gratidão; um sonho inefável, com a sensação consciente da realidade.

Ela era, na verdade, o fruto da árvore paradisíaca, em meio do jardim. Conhecia-a com todo o seu corpo. A serpente seduzira Eva com o fruto da árvore da vida, e não com o da árvore do bem e do mal. Quem prova desse fruto, iguala-se a Deus.

Extinguira-se em Francisco qualquer desejo de outras formas de beatitude. Nem o céu e nem a terra poderiam dar-lhe mais profundas volúpias. Fruindo as delícias da superabundância, aos seus olhos, reis e deuses não passavam de mendigos que morriam de fome. Arquejante, mal conseguia balbuciar algumas palavras. Absorvia o ofego ardente do gozo, entre os lábios de Ágata. Com beijos vorazes, enxugava

sobre a face da bem-amada as lágrimas da volúpia. De olhos cerrados, que apenas se entreabriam de quando em quando, cada qual gozava de si mesmo no outro, com o olhar voltado para dentro, sentindo ardentemente e com ardente lucidez. Mas tudo aquilo era mais que o gozo, e não cabia na linguagem dos homens.

*
* *

Ao amanhecer, Francisco oficiava diante do altar, com a pontualidade de sempre. Ninguém notara a sua ausência, e a Petronila passara despercebida a sua volta ao presbitério.

A precipitação com que, depois de preparar-se, entrou na sacristia e se aproximou do altar diante de alguns fiéis já impacientes, impediu que ele caísse em si. Só recobrou a consciência da situação quando a governanta lhe servia a refeição da manhã, em seu quartinho do curato. Mas o retorno à razão levou algum tempo a dissipar o estado de perturbação em que se achava. O ambiente costumeiro, a manhã que raiava aos poucos, envolviam a sua aventura numa aura de irrealidade, a irrealidade de um sonho que esmaece ao romper do dia. E embora ela superasse em inverossimilhança todos os sonhos que havia sonhado, não era possível suprimi-la com uma simples denegação. Não havia negar que caíra de muito alto em pecado gravíssimo; tratava-se agora de saber se ainda restava uma possibilidade de reabilitação, cometido aquele pecado mortal.

A culpa era tão grave, tão vertiginosa a queda, que o padre desesperava. Tanto à luz dos preceitos da igreja, como no consenso moral da sociedade, era uma culpa terrível e sem exemplo. Só agora, da profundidade do seu aviltamento, é que podia medir toda a vaidade do seu orgulho sacerdotal. Rilhava os dentes, de vergonha, debatia-se, em contorções de impostor desmascarado, ao ver-se privado da honra, e impotente na sua nudez. Pois não era ainda um santo, naquele momento? E não fora olhado com uma espécie de idolatria pelas mulheres de Soana?

E não era, afinal, irrecusável que conseguira avivar o zelo religioso e o espírito de devoção na aldeia, a tal ponto que até os homens retomavam o caminho da igreja e a observância da missa? Mas o fato é que atraiçoara o Senhor, enganara os seus paroquianos, e além de trair a Igreja e a honra da sua família, renegara o seu passado, numa traição a si mesmo, sem falar na traição ao compromisso que assumira para com Scarabota e sua lamentável e escorraçada família, a pretexto de salvar-lhes a alma.

Francisco pensou em sua mãe. Orgulhosa, de temperamento quase varonil, dera-lhe uma educação severa, e desde a infância, começara a preparar o seu futuro. Bem sabia que a rispidez com que o tratava era determinada pelo seu profundo amor materno, e que qualquer mácula na honra do filho havia de ser para essa mãe extremosa uma ferida incurável no seu orgulho e um abalo mortal. Coisa estranha: quando pensava nela, parecia absolutamente inconcebível o que acabara de acontecer em sua vida.

Francisco sentia-se moralmente imundo e coberto de ignomínia. Deixara nesse pântano a sua dignidade de sacerdote, sua confissão religiosa, o legado que a mãe lhe transmitira e até mesmo o seu pundonor de homem. Na opinião de sua mãe, na opinião de todos os homens, caso eles chegassem a saber do seu crime, ele não passava de um bruto sórdido, repugnante e demoníaco.

Com um movimento brusco, ergueu-se, arredando o breviário, a cuja meditação parecia entregar-se. Salteou-o a impressão de uma saraivada de pedras arremessadas contra a casa, muito mais violenta que a tentativa de lapidação da véspera, como se quisessem arrasar o presbitério, enterrando-o nos seus escombros. Chegou a ouvir estranhos ruídos, brados aterradores, imprecações furiosas, e sabia que entre os apedrejadores, que eram todos os habitantes de Soana, também deviam achar-se o prefeito e sua mulher, Scarabota e sua família, e à testa de todos, a sua própria mãe.

Mas, ao cabo de algumas horas, sua imaginação começou a derivar noutra direção. O temor provocado pela sua conduta, o estado de contrição e remorso, todo aquele rebate

da sua consciência a remorder-se transformava-se em algo irreal, como se não houvesse passado por tudo aquilo em sua vida.

Uma sede ardente e desesperada atormentava-o. Dentro dele alguém gritava, como quem morre de sede nas areias do deserto, pedindo água. O ambiente era sufocante. Transformava-se em jaula o presbitério, e nessa jaula, ia e vinha um prisioneiro, medindo o espaço angustioso, e decidido a arrebentar o crânio contra as grades, para não continuar a viver assim. "Como é possível morrer para a vida e continuar vivendo?" considerava ele, a observar pela janela os moradores da vila. — "Como é que eles conseguem respirar, como conseguem suportar a sua existência lamentável, se não passaram pela experiência que acabo de viver e pelo gozo que agora mesmo começa a faltar-me e deseja repetir-se?"

E começava a impor-se cada vez mais a Francisco, avultando cada vez mais, uma nova consciência da sua superioridade. Sobranceiro, como quem observa do alto as formigas no seu vaivém, passou a considerar como era insignificante a vaidade dos grandes deste mundo, imperadores, príncipes e bispos. Sentia-se a cavaleiro de todos eles, mesmo na sede, no infortúnio, e na mais profunda miséria. Na verdade, sua vida já não lhe pertencia. Um encantamento irresistível arrebatara-lhe a vontade, sacrificando-o aos desígnios soberanos de Eros, o deus que é mais antigo e mais poderoso do que o próprio Zeus, com toda a sua corte.

Lembrava-se de haver lido nos clássicos mais de uma referência a essa magia insidiosa de Eros, mas então limitava-se a dar de ombros, com um sorriso desdenhoso. Já sabia agora que a frechada era um fato, e envenenava o sangue da vítima, conforme a versão dos antigos. Sim: aquela ferida profunda ardia em sua carne, transpassando-o, devorando-o como um incêndio. Até ao anoitecer, sofreu dores lancinantes; e então, reprimindo um grito de alegria, pôs-se a caminho da mesma ilhota que era imensa como o universo, e onde marcara novo encontro com a sua amante.

Ludovico, o pastor, mais conhecido na vizinhança como "o herege de Soana", interrompeu aqui a leitura do manuscrito. O visitante sentia curiosidade pelo desenlace da narrativa. Mas, quando manifestou o seu desejo, o hóspede limitou-se a declarar que o manuscrito não ia além daquele trecho. Na sua opinião, aliás, a narrativa não só podia, mas devia findar ali mesmo. O visitante era de outro parecer.

Que fim levaram Ágata e Francisco, Francisco e Ágata? Tudo terminou em segredo, ou descobriu-se tudo? Foi efêmera ou duradoura a sua paixão? A mãe de Francisco teve conhecimento do caso? E além disso, o auditor queria saber se a narrativa era verdadeira ou não passava de uma criação da fantasia.

— Eu já disse — respondeu Ludovico, com uma leve palidez — que havia um fundo de realidade no meu trabalho literário.

Depois, manteve-se algum tempo em silêncio. E prosseguiu:

— Há mais ou menos seis anos, um padre foi enxotado da sua igreja a pau e pedra. No meu regresso da Argentina, pelo

menos, foi o que me contaram tantas pessoas, que não me é possível duvidar do caso. Os Scarabota viviam aqui mesmo, na região do Generoso, mas com outro nome. O nome de Ágata é criação minha, e foi sugerido pela Capela de Santa Ágata, sobre a qual, como pode observar, as águias-pescadoras continuam a revoar. Mas o fato é que o padre foi acusado de manter, com a filha mais velha dos Scarabota, relações carnais. Diz-se também que nunca desmentiu a acusação, nem manifestou qualquer arrependimento, e o papa, segundo a mesma versão, excomungou-o por esse motivo. Os Scarabota foram forçados a emigrar. Parece que morreram de febre amarela, no Rio de Janeiro — refiro-me somente aos pais.

O vinho e a comoção da hora e do ambiente, mas principalmente o relato que acabara de ouvir, de envolta com outras circunstâncias, levaram o auditor a insistir ainda. Tornou a fazer algumas perguntas sobre o destino de Francisco e Ágata. O pastor não soube esclarecer a questão.

— Dizia-se apenas que durante muito tempo eles escandalizaram os paroquianos, profanando as capelas solitárias de toda esta região, e escolhendo-as para refúgio dos seus amores pecaminosos.

E o anacoreta acompanhou estas palavras com uma gargalhada imprevista, que só a custo conseguiu reprimir.

A pessoa que faz publicar o relato desta aventura de viagem despediu-se, então, presa de estranha comoção. Seu caderno de apontamentos contém alguns trechos descritivos, com referência ao momento em que empreendia a descida, mas não lhe parece oportuna a sua reprodução aqui. Seja como for, a "hora azul", quando o sol se esconde no horizonte, era naquele dia de uma beleza extraordinária. Ouvia-se o escachoar da cascata de Soana. Foi bem assim que o ouviram Francisco e Ágata. Ou quem sabe ainda o ouviam neste mesmo instante, agora mesmo? Pois não estaria ainda lá em cima, no alpe, a casa de pedra dos Scarabota? Não se ouviam gritos

alegres de crianças, ressoando naquela direção, de mistura com os balidos de cabras e carneiros? O viajante passou a mão pelo rosto, como a desembaciar os olhos: teria realmente acontecido ali aquela breve narrativa, crescendo como a minúscula flor da genciana, ou qualquer florinha humilde, num prado daquele mundo alpestre, ou todo esse mundo, magnífico relevo montanhoso, maciço imponente, essa gigantomaquia petrificada, irrompendo de súbito, teria saído da própria moldura da novela?

Vinha assim a pensar nessas coisas, quando chegou aos seus ouvidos a sonora inflexão de uma voz de mulher, entoando um canto na montanha. Não se dizia que o anacoreta era casado? Avolumava-se a voz como num vasto recinto de boa acústica, quando se retém a respiração para ouvir melhor. A própria natureza parecia suster a respiração. Era como se a voz ressoasse dentro do paredão rochoso. Davam pelo menos essa impressão as suas modulações vibrantes, amplas, cálidas, cheias de nobreza e harmonia. Mas, como notou logo, vinha de outra direção o canto, e a mulher começou a galgar a vereda que ia dar na casa cúbica de Ludovico. Trazia na cabeça um vaso de argila, equilibrando-o com a mão esquerda, e conduzia uma criança pela outra mão. Dava-lhe essa postura ao corpo robusto mas esbelto a graça e a dignidade de um porte ereto. Ao vê-la, acudiu ao espectador da cena uma suspeita reveladora.

Ela acabava de avistá-lo, pois o canto cessou bruscamente. Subindo a vereda, aproximava-se a mulher, recebendo em cheio a claridade que vinha do ocidente. A criança dizia algo — e a mãe respondeu com voz calma e profunda. Logo a seguir, a planta nua dos seus pés começou a ressoar sobre os degraus toscos, entalhados na rocha. O peso do cântaro obrigava-a a manter um andar firme e resoluto.

Na expectativa do encontro, o homem sentia-se cada vez mais intrigado. A mulher crescia de vulto. Por vezes, a saia arrepanhada mostrava um joelho a cada passo, distinguiam-se os ombros e braços nus, um rosto viçoso de mulher feita, em que a expressão de gravidade e orgulho não impedia certa graça cativante; emoldurava-o o cabelo farto, de um

castanho ardente, lembrando a cor de argila, o que lhe dava uns ares primitivos de criatura nascida na aurora do mundo. Não era a fêmea, a mulher, a deusa síria, a pecadora que renegou Deus, para entregar-se toda ao homem, seu esposo?

O viajante afastara-se, abrindo caminho, e a luminosa canéfora passou por ele, correspondendo com imperceptível aceno ao seu cumprimento, graças ao peso do cântaro. Relanceou apenas para ele um olhar oblíquo, mantendo a mesma posição da cabeça. E o semblante iluminou-se de um sorriso altivo, consciente, um sorriso que sabia. E logo, as pálpebras baixaram, os olhos tornaram a fitar-se no caminho, ao passo que os cílios pareciam cobrir-se de uma poeira luminosa.

O viajante sofria talvez o influxo da excitação em que andava, do calor e do vinho, da experiência vivida: a verdade é que, na presença daquela mulher, sentiu-se amesquinhado, pequenino, indefeso. Aqueles lábios carnudos, de uma doçura fascinante apesar da malícia do sorriso, sabiam que era impossível resistir ao seu encanto. Não havia proteção nem resguardo algum contra o império daquela nuca, daqueles ombros, e daqueles seios intumescidos de amor e palpitantes de vida. Vinha das profundezas do mundo, e subindo sempre, ela passou pelo homem perturbado — e ela sobe, e continua a subir por toda a eternidade, pois as suas mãos implacáveis retêm as chaves do céu e do inferno.

MICHAEL KRAMER

Drama em 4 atos

À Memória
de Meu Querido Amigo
Hugo Ernst Schmidt

PERSONAGENS

MICHAEL KRAMER, professor na Escola Real de Belas-Artes; pintor
SRA. KRAMER, sua esposa
MICHALINE KRAMER, a filha; pintora
ARNOLD KRAMER, o filho; pintor
ERNST LACHMANN, pintor
ALWINE LACHMANN, sua esposa
LIESE BÄNSCH, filha do Sr. Bänsch, dono de um restaurante
SCHNABEL, bacharel
ZIEHN, arquiteto
VON KRAUTHEIM
QUANTMEYER
fregueses do restaurante de Bänsch
KRAUSE, bedel da Escola de Belas-Artes
BERTHA, empregada doméstica no lar dos Kramer
FRITZ, garçom no Restaurante Bänsch

Este drama tem por cenário uma capital de província.

PRIMEIRO ATO

Sala de jantar no apartamento dos Kramer, por volta das nove horas de uma manhã de inverno. Na mesa, que se encontra num canto, junto à ampla janela que dá para o pátio, acham-se ainda uma lâmpada acesa e o serviço de café. Na mobília do recinto, não há nenhuma peça fora do comum. Michaline, moça de cabelos escuros e feições interessantes, acaba de arredar a cadeira da mesa. Fuma um cigarro e lê um livro colocado em seu colo. Pela porta dos fundos entra a Sra. Kramer, ocupada com algum trabalho doméstico. É uma mulher encanecida, de 56 anos, aproximadamente. Seu jeito revela desassossego e angústia.

SRA. KRAMER: — Ainda em casa, Michaline? Não precisa sair a esta hora?

MICHALINE (*que custa a responder*): — Não, mãe. Ainda não... Está ainda muito escuro lá fora.

SRA. KRAMER: — Bem... Mas veja que não se atrase, Michaline.

MICHALINE: — Não há perigo, mãe.

SRA. KRAMER: — Realmente... realmente, você não deve esquecer nunca que temos preocupações de sobra.

MICHALINE: — Pois é, mãe. Como não. (*Continua fumando e folheando o livro.*)

SRA. KRAMER: — Que está lendo aí? Sempre queimando as pestanas!

MICHALINE: — Não posso ler?

SRA. KRAMER: — Quanto a mim, pode... Apenas me admiro que você tenha essa calma.

MICHALINE: — Ora, se a gente só fizesse aguardar que isso ou aquilo aconteça... Deus meu! Então não se poderia fazer coisa alguma!

SRA. KRAMER: — Papai lhe disse alguma coisa, antes de sair?

MICHALINE: — Não, senhora.

SRA. KRAMER: — Quando ele não fala, é sempre mau sinal.

MICHALINE: — Ah, sim! Quase me tinha esquecido! Arnold deve estar no estúdio às onze em ponto.

SRA. KRAMER: — (*fecha e aferrolha a portinha da estufa. Enquanto se endireita, dá um suspiro.*): — Ai, ai, ai! Que coisa, meu Deus!

MICHALINE: — Por que a senhora não faz como eu? Procure distrair-se, mãe... Não há novidade nenhuma. Sabemos disso há muito tempo. Também nesse ponto, Arnold não vai mudar.

SRA. KRAMER: (*senta-se à mesa. Apóia a cabeça na mão e dá outro suspiro.*): — Ah, vocês não têm compreensão do rapaz! Não o compreendem! Não o compreendem! E Papai é capaz de liquidá-lo por completo.

MICHALINE: — Não acho justo que a senhora diga isso. É mesmo uma grande injustiça da sua parte. Papai faz o que pode, no interesse de Arnold. Já experimentou tudo, realmente! Se a senhora não aprecia isso, tanto pior para a senhora.

SRA. KRAMER: — Pois é, você é a filha de seu pai. Eu sei.

MICHALINE: — Claro, sou filha da senhora e do pai!

SRA. KRAMER: — Não, Michaline, muito mais do pai do que minha. Pois, se tivesse puxado a mim, não tomaria sempre o partido do pai...

MICHALINE: — Mãe, seria melhor que não nos exaltássemos... Eu apenas procuro ser justa, e logo sou acusada de tomar este ou aquele partido... Vocês complicam a vida da gente. Convença-se disso!

SRA. KRAMER: — Eu fico do lado de meu filho. É só! E vocês façam o que quiserem!

MICHALINE: — Como pode uma pessoa atrever-se a dizer uma coisa dessas?!

SRA. KRAMER: — Pois é, Michaline, você não é mulher! Você simplesmente não tem jeito de mulher, Michaline! Você fala como um homem. Você pensa que nem um homem! Para que me serve então minha filha?

MICHALINE (*encolhendo os ombros*): — Bem, mãe, se isso for verdade,... duvido que eu possa modificar.

SRA. KRAMER: — Pode modificar. Apenas não quer!

MICHALINE: — Mamãe... Infelizmente tenho que sair, mamãe. Seja boazinha, mãe, e não se enerve. Olhe, na realidade, a senhora nem acredita no que acaba de dizer.

SRA. KRAMER: — Acredito, sim, valha-me Deus! Palavra por palavra!

MICHALINE: — Se é assim, lastimo a nós todos e muito, mãe!

SRA. KRAMER: — Papai também nos faz sofrer, a nós todos!

MICHALINE: — Tenha paciência, uma vez por todas! Papai nunca me fez sofrer, e ainda hoje não sofro por causa dele. A senhora sabe muito bem que adoro meu pai! E diabos me levem,. . .

SRA. KRAMER: — Que coisa feia, Michaline, essa sua mania de praguejar.

MICHALINE: — . . . seria pura mentira se eu afirmasse que ele me faz sofrer. Não há nenhum outro homem no mundo ao qual eu deva tanta gratidão.

SRA. KRAMER: — Nem sequer a mim?

MICHALINE: — Não, senhora. Lamento dizer isso. O que Papai é e o que Papai significa para mim percebem melhor pessoas estranhas do que vocês, quero dizer a senhora e Arnold. É justamente nisso que reside a desgraça. Os mais próximos ficam mais distantes de Papai! Se ele vivesse só entre vocês, ficaria perdido.

SRA. KRAMER: — Como se eu não soubesse quantas vezes você chorou, quando seu pai. . .

MICHALINE: — Chorei, sim! Chorei muitas vezes. De vez em quando, ele me magoou, mas, em seguida, sempre tive de confessar a mim mesma: "Ele me magoou, sim, mas nunca me tratou injustamente." E sempre acabei aprendendo.

SRA. KRAMER: — Aprendendo ou não aprendendo, você não se tornou feliz pelo que seu pai lhe fez. Se você tivesse um lar confortável, um marido e filhos, e muita coisa mais. . .

MICHALINE: — Papai nunca me tirou essa possibilidade!

SRA. KRAMER: — Agora você se esfalfa do mesmo jeito que seu pai e somente conseguem desgostos e preocupações.

MICHALINE: — Olhe, mãe, quando ouço tudo isso, sinto-me tão angustiada, tão angustiada! A senhora nem imagina a que ponto me sinto angustiada e aflita. *(Num tom de*

amarga melancolia:) Se Arnold não fosse o Arnold que é, como Papai não ficaria grato!

SRA. KRAMER: — Seu pai ainda deu nele, quando o rapaz já tinha quinze anos!

MICHALINE: — Que Papai possa ser severo, não há dúvida, e não nego nem desculpo que ele às vezes se tenha excedido. Mas, mãe, do outro lado, a senhora deve perguntar-se a si própria se não foi Arnold quem deu motivo para isso. Naquela ocasião, ele vinha de falsificar a assinatura de Papai.

SRA. KRAMER: — Andava apavorado! Tinha tanto medo de Papai!

MICHALINE: — Não, mãe, o medo não basta para explicar tudo aquilo.

SRA. KRAMER: — O rapaz está fraco. Não tem boa saúde. Sua constituição não é das melhores...

MICHALINE: — Pode ser. Mas, com isso, ele deve conformar-se. Veja, mãe, conformar-se faz parte do destino humano. A todos coube a obrigação de manterem-se retos e de lutarem por uma posição mais elevada. Nisso, Papai deu a Arnold o mais luminoso exemplo... E mais uma coisa, mãe: aqui tem vinte marcos. Este mês, não posso dispor de mais. Acabo de pagar a conta das tintas. Eram vinte e três marcos, só ela. E não posso ficar sem um gorro para o inverno... Duas alunas me pediram que lhes desse um prazo...

SRA. KRAMER: — Pois é, você se esgota por causa dessas raparigas, e elas ainda por cima lhe surripiam os míseros honorários.

MICHALINE: — Não, senhora, não me surripiam coisa alguma. Essa corcunda, coitadinha, não tem recursos. E a Schäffer passa fome para estudar. *(Toca a campainha da entrada.)* A campainha tocou. Quem será?

SRA. KRAMER: — Não sei. Vou apagar a luz... Quem me dera jazer em outro lugar. *(Bertha passa pela sala.)*

MICHALINE: — Pergunte primeiro quem é, Bertha.

SRA. KRAMER: — O Sr. Arnold dorme ainda?

BERTHA: — Nem sequer se deitou. *(Sai).*

MICHALINE: — Mas quem será mesmo, mãe? (*Volta Bertha.)*

BERTHA: — Diz que é o pintor Lachmann com sua mulher. Diz que tempos atrás foi aluno do Professor.

MICHALINE: — Você sabe muito bem que Papai não é professor. Ele quer que você o trate simplesmente de Sr. Kramer. *(Encaminha-se ao vestíbulo.)*

SRA.KRAMER: — Espere um pouco, sim? Apenas vou tirar a louça da mesa. Ligeirinho, Bertha! Voltarei mais tarde. *(Sai com Bertha, levando parte da louça. Do vestíbulo, ouvem-se vozes de pessoas que se cumprimentam. Em seguida, surgem o pintor Ernst Lachmann, sua esposa, Alwine, e finalmente Michaline. Lachmann usa sobretudo, cartola e bengala. Alwine anda de barrete de plumas, boá, etc. Os trajes de ambos estão surrados.)*

MICHALINE: — De onde vem você? Que é que anda fazendo?

LACHMANN (*apresentando-as uma à outra*): — Alwine... e Michaline Kramer.

SRA. LACHMANN (*totalmente pasmada*): — Não diga! Será possível? A senhora é Michaline Kramer?

MICHALINE: — Isto a admira tanto, realmente?

SRA. LACHMANN: — Pois sim. Francamente, me admira um pouco. Eu imaginava a senhora muito diferente.

MICHALINE: — Ainda mais velha? Com mais rugas do que já tenho?

SRA. LACHMANN *(precipitadamente)*: — Não, pelo contrário, para falar com toda franqueza... *(Michaline e Lachmann desatam a rir.)*

LACHMANN: — Essa é boa! Logo de começo!

SRA. LACHMANN: — Mas como? Será que cometi uma gafe, outra vez?

LACHMANN: — Como vai seu pai, Michaline?

MICHALINE: — Ele vai bem. Vai como sempre, mais ou menos. Acho que você não o encontrará muito mudado... Mas, por favor, sente-se. A senhora tenha a bondade... A senhora deve desculpar, não é? O ambiente está em plena desordem. *(Todos se agrupam ao redor da mesa.)* Você fuma? *(Oferece um cigarro a Lachmann.)* Ou deixou de fumar? A senhora não leve a mal, mas eu sempre fumei muito. Sei bem que isso não é feminino, mas, infelizmente... Quando me dei conta, já era tarde. A senhora não fuma, certamente? Não fuma? Mas também não se incomoda?

SRA. LACHMANN *(sacudindo a cabeça com um sinal negativo)*: — Lá em casa, o Ernst não pára de fumar o dia todo.

LACHMANN *(enquanto tira um cigarro do estojo de Michaline)*: — Obrigado!... São coisas que você não entende.

SRA. LACHMANN: — Mas, Ernst, que é que há para entender nisso?

LACHMANN: — Muita coisa, minha cara Alwine.

SRA. LACHMANN: — Por que, me diga por quê?

MICHALINE: — Fumando, a gente conversa muito melhor.

SRA. LACHMANN: — Ainda bem que eu não fumo, D. Michaline. Ele acha de qualquer jeito que eu falo demais.

LACHMANN: — Depende sempre do que se diz.

SRA. LACHMANN: — Meu caro Ernst, de vez em quando você também diz besteiras.

LACHMANN: — Pois é... *(Fazendo um esforço por mudar de assunto:)* Mas, que foi que eu queria dizer? Ah, sim. Folgo em ouvir que seu pai anda bem.

MICHALINE: — Hum, hum. Como eu já disse: ele não vai nem melhor nem pior. Em todo caso, não mudou muito, em geral... E você veio visitar sua mãe, não é?

SRA. LACHMANN *(tagarela)*: — Ele quer informar-se um pouquinho; sabe como é. Para ver se há possibilidade por aí. Em Berlim, não se pode fazer nada; sabe como é. E por aí? Que acha, D. Michaline?

MICHALINE: — Em que sentido? Não sei bem... a que a senhora se refere.

SRA. LACHMANN: — Bem, me consta que a senhora abriu uma escola. Ela deve proporcionar-lhe uma boa renda, não é?

LACHMANN: — Escute, Alwine. Não esqueça de avisar-me, quando terminar de falar! Ouviu?

MICHALINE: — Minha escola de pintura? Ela rende um pouco, sim, mas não muito. Um pouquinho, sim. Não posso me queixar... *(Dirigindo-se a Lachmann:)* Será que você tem a intenção de me fazer concorrência?

SRA. LACHMANN: — Absolutamente. Nunca na vida! Mas como?! Meu marido anda doido pela senhora; pode acreditar! Meu marido seria incapaz de fazer uma coisa dessas. Mas, afinal de contas, a gente precisa ter algum trabalho. A gente precisa comer e beber, não é? Meu marido...

LACHMANN: — "Meu marido"! Não me trate de "meu marido"! Essa expressão me irrita tanto!

SRA. LACHMANN: — Vejam só! Ouviu isso?

LACHMANN: — Eu me chamo Ernst, Alwine. Grave esse nome na sua memória, uma vez por todas! Você pode dizer: minha pá de carvão, ou meu funil, ou meu chinó. Mas, fora disso, nada! A escravatura foi abolida!

SRA. LACHMANN: — Ora, ora, Bichinho...

LACHMANN: — Bichinho se diz a um cachorro.

SRA. LACHMANN: — Está vendo, D. Michaline, para que a gente tem um marido? Por favor, não se case nunca! Nun-

ca! Ser solteirona é muito melhor. *(Michaline dá uma boa risada.)*

LACHMANN: — Alwine, agora chega. Tenha a bondade de botar o boá e de esperar por mim em qualquer lugar. Ouviu?... De outro modo, essa visita seria totalmente inútil... Agarre o seu boá de estimação, que revela seu gosto primoroso, e saia já! Se quiser, vá à casa de mamãe ou sente-se no café em frente. Irei buscá-la depois, se for necessário.

SRA. LACHMANN: — Onde já se ouviu uma coisa dessas! Está vendo, é o que acontece a uma esposa. Não tem nem o direito de dar um pio e logo... Deus meu!

LACHMANN: — Não precisa dar nem um pio. Sempre que dá, sai uma bobagem.

SRA. LACHMANN: — Já sei que sou menos inteligente que você.

LACHMANN: — Basta!

MICHALINE: — Mas, por favor, D. Alwine, fique aqui.

SRA. LACHMANN: — Deus me livre! Que idéia! A senhora absolutamente não precisa ter compaixão de mim. Ele vai se encontrar comigo, certamente, Adeusinho!... Há uma confeitaria lá na esquina. Pois então, Bichinho! Apresente-se ali, entendeu? *(Sai, acompanhada de Michaline.)*

LACHMANN: — Mas, por amor de Deus, não coma outra vez treze sonhos. *(Volta Michaline.)*

MICHALINE: — Ser solteirona é muito melhor! Não há dúvida que ela é um pouco franca demais.

LACHMANN: — Aquilo lhe sai da boca num único jorro.

MICHALINE: — *(sentando-se novamente)*: — Mas você também liquida esses casos de uma maneira um tanto precipitada, Lachmann. Nem toda mulher agüentaria isso.

LACHMANN: — Olhe, Michaline, ela me importuna muito. Fazia questão de conhecer você. Não fosse isso, nem a teria trazido aqui. Mas, para mudar de assunto, como vai você?

MICHALINE: — Bem, obrigada. E você?

LACHMANN: — Assim, assim.

MICHALINE: — Pois é, comigo é a mesma coisa... Você também já tem as frontes grisalhas.

LACHMANN: — É lá que o burro se manifesta cada vez mais. (*Ambos dão uma gargalhada.*)

MICHALINE: — E você tem a intenção de radicar-se aqui?

LACHMANN: — Nem penso nisso. Ela vive imaginando coisas e depois afirma a torto e a direito que eu disse isso ou aquilo... *(Após um momento de silêncio:)* Como vai seu irmão?

MICHALINE: — Bem, obrigada.

LACHMANN: — Ele pinta muito?

MICHALINE: — Pelo contrário.

LACHMANN: — Mas então, que é que ele anda fazendo?

MICHALINE: — Anda vadiando, ora essa! Vadiando! Que mais poderia fazer?

LACHMANN: — E por que não ficou em Munique? Lá realizou alguns trabalhos.

MICHALINE: — Será que você ainda deposita confiança em Arnold?

LACHMANN: — Mas como? Realmente, não compreendo essa pergunta. Acho que a esse respeito não pode haver dúvidas.

MICHALINE: — Hum, se ele tem talento,... então não o merece... Mas, para falarmos de outra coisa: Papai freqüentemente me pergunta se tenho notícias suas. Ele gostará de rever você. E fora eu mesma, é também por causa de meu pai que estou satisfeitíssima com a sua visita aqui. Um pouco de encorajamento vai fazer bem a ele.

LACHMANN: — A mim também. Talvez mais a mim do que a ele. E também fora você, a única coisa que me atraía...

o resto não tinha pressa... era exclusivamente a vontade de passar mais uma vez algum tempo com seu pai. É verdade que também quero ver o quadro que ele fez.

MICHALINE: — Quem lhe falou do quadro?

LACHMANN: — Bem, ouvi dizer que o Museu o adquiriu.

MICHALINE: — O Sr. Müring, o diretor, esteve aqui, mas não sei se o adquiriu ou não. Papai é caprichoso demais. Por isso, acho que não. Pelo jeito, insistirá em rematar o trabalho definitivamente.

LACHMANN: — Mas, você conhece a tela? Claro que conhece!

MICHALINE: — A última vez que a vi faz dois anos. Hoje é difícil para mim dar uma opinião a respeito dela. Papai trabalha nela há tanto tempo. *(Outro momento de silêncio.)*

LACHMANN: — Acha que ele permitirá que eu veja o quadro? Não sei por que, mas tenho certeza que ele será qualquer coisa fora do comum. Creio nele, Deus me perdoe! No decorrer dos anos, conheci muita gente, mas nunca ninguém que me inspirasse tanta vontade de dar uma olhadinha em seu íntimo. Quer saber uma coisa? O fato de eu não ter me perdido por completo... pois, realmente, ainda me tenho sob controle... devo principalmente a seu pai. O que ele dizia à gente e a maneira como ele agia são coisas que ninguém esquece. Não há dois professores como ele. Digo sempre: quem for influenciado por seu pai nunca na vida pode vulgarizar-se totalmente.

MICHALINE: — Pois é. É o que a gente deveria supor...

LACHMANN: — Ele é capaz de revolver uma pessoa até o âmago da alma. Há muito mestre do qual se possa aprender isso e aquilo. Encontrei no meu caminho homens de valor. Mas sempre se erguia atrás deles a figura de seu pai, e então não resistiam à comparação. Ele nos moeu, a todos

os seus alunos, revirou-nos completamente, desde o primeiro instante, de dentro para fora! Sacudiu-nos até perdermos o espírito de burguesote. Deu-nos uma base em que pudéssemos fincar o pé, o resto da vida. Por exemplo, quem tiver observado aquela seriedade dele, a seriedade inabalável com que ele encara a Arte, não deixará de achar frívolo tudo quanto se lhe deparar em outros lugares...

MICHALINE: — E agora veja... Aquela seriedade grandiosa de Papai... da qual você fala... Você a sente ainda em seu sangue. Para mim, ela se tornou o mais precioso tesouro. Os mais banais cretinos ficam impressionados por ela. Mas Arnold permanece indiferente a ela. Rejeita-a sempre. *(Acaba de levantar-se.)* Agora preciso sair, Lachmann, para corrigir os trabalhos das alunas. Você está rindo. Certamente pensa: "Ela mesma não sabe fazer nada que preste."

LACHMANN: — Ora, você é a filha de seu pai. Mas eu nunca me animei a ensinar. E me parece especialmente cacete aborrecer-se com senhoras que pintem.

MICHALINE: — Seja como for, alguma coisa sempre se pode realizar. Elas se esforçam sinceramente, e isso basta para que a gente se conforme. Que mais quer? Saber se elas finalmente alcançarão ou não determinada meta? A própria luta já é alguma coisa. E neste ponto me pareço com meu pai: exercer influência sobre criaturas humanas me dá prazer. A gente rejuvenesce ao lado dos alunos, Lachmann, e disso necessitamos aos poucos. *(Abre a porta e diz em voz alta, para ser ouvida nos fundos da casa:)* Adeusinho, mamãe, nós vamos sair.

A VOZ DE ARNOLD *(arremedando-a)*: — Adeusinho, mamãe, nós vamos sair.

LACHMANN: — Quem é?

MICHALINE: — O Arnold. É o jeito dele. Não é muito agradável. Vamos! *(Lachmann e Michaline saem. Entra Arnold. É um homem feio, de olhos negros, que se vêem fogo-*

sos apesar dos óculos, cabelos escuros e barbicha rala. Mantém-se numa postura torta, levemente inclinada para a frente. Tem a tez pálida, aparentemente suja.Traja apenas calça e paletó. Arrastando os pés revestidos de chinelos, encaminha-se ao espelho. Tira os óculos. Enquanto estuda certas impurezas da epiderme do rosto, faz caretas. Todo o seu aspecto evidencia desleixo. Volta Michaline.).

MICHALINE *(um tanto assustada)*: — Ah, é você, Arnold... Esqueci a sombrinha... Quer saber uma coisa? O Lachmann está aqui.

ARNOLD *(despachando-a com um gesto negativo)*: — E daí? Esse chatão não me interessa nem um pouquinho.

MICHALINE: — Me diga: que é que o Lachmann lhe fez?

ARNOLD: — Um dia, ele me mostrou as drogas dos seus trabalhos.

MICHALINE *(dando de ombros, mas com toda a calma)*: — Não se esqueça de ir ao estúdio de Papai às onze horas. *(Arnold tapa os ouvidos com ambas as mãos.)* Arnold, você acha correto esse seu comportamento?

ARNOLD: — Acho, sim... Melhor ainda seria se você me emprestasse um marco.

MICHALINE: — Posso lhe emprestar um. Como não! Mas depois vou me censurar a mim mesma, porque...

ARNOLD: — Chispe, Michaline, pire! Todo o mundo sabe que vocês são unhas-de-fome.

(Michaline faz menção de replicar, porém limita-se a encolher os ombros. Sai. De passo arrastado, Arnold dirige-se à mesa de café. Come um bocadinho de açúcar. Com um olhar distraído, roça a mãe, que acaba de entrar. Em seguida, volta ao espelho.)

SRA. KRAMER *(enxuga as mãos no avental e senta-se numa cadeira qualquer. Soltando um suspiro que revela grave preocupação)*: — Ai, ai, ai! Meu Deus!

ARNOLD *(vira-se. Empurrando os óculos em direção à ponta do nariz e levantando os ombros, assume a posição cômica que corresponde às palavras que está a ponto de proferir:)* — Mãe, não me pareço com um marabu?

SRA. KRAMER: — Ora, Arnold, não estou disposta para brincadeiras. Suas bobagens não fazem rir... Quem lhe abriu a porta esta noite?

ARNOLD *(aproximando-se dela e conservando ainda aquela gravidade exagerada dos marabus)*: — O pai.

SRA. KRAMER: — Ele desceu os três lances de escada?

ARNOLD *(prosseguindo a lançar-lhe olhares cômicos por cima dos óculos)*: — Pois é.

SRA. KRAMER: — Escute, Arnold. Esse joguinho está nojento. Pare finalmente com as suas bobagens. Não pode ficar sério por um instante? Crie juízo! E me conte finalmente o que Papai lhe disse!

ARNOLD: — Vocês acham tudo nojento, sempre! Às vezes, também eu tenho nojo de vocês, e bastante!

SRA. KRAMER: — O pai estava muito brabo quando lhe abriu a porta? *(Arnold parece abstrato.)* Que foi que ele lhe disse?

ARNOLD: — Nada!

SRA. KRAMER *(achegando-se a ele, carinhosamente)*: — Arnold, procure endireitar! Faça-me esse favor! Comece uma vida diferente!

ARNOLD: — Que é que há com minha vida?

SRA. KRAMER: — Você leva uma vida devassa! Vive vadiamente! Passa as noites fora de casa. Anda vagabundeando... Deus meu, Deus meu! Arnold, você leva uma vida horrível!

ARNOLD: — Deixe de fazer essas cenas pavorosas, mãe. Eu só queria saber o que a senhora entende disso!

SRA. KRAMER: — É bonito, francamente! é bonito o modo como você trata sua mãe!

ARNOLD: — Então tenha a bondade de me deixar em paz! Por que vocês não param de me apoquentar? Isso deixa a gente louco.

SRA. KRAMER: — Você fala de "apoquentar", Arnold? Quando as pessoas se aproximam de você na melhor das intenções! Será que sua mãe não deve chegar perto de você? Arnold, Arnold! Não peque contra a natureza!

ARNOLD: — Tudo isso não me adianta nada. Essa eterna lengalenga não me adianta. Além disso, tenho uma dor de cabeça terrível. Me passem um pouco de dinheiro. Então vou ver como me arranjarei...

SRA. KRAMER: — Pois sim! Para que você se estrague por completo. *(Um momento de silêncio.)*

ARNOLD *(junto à mesa, agarrando um pãozinho)*: — Chamam isso de pãozinho! Esse troço está duro que nem uma pedra!

SRA. KRAMER: — Levante-se mais cedo. Então terá pãezinhos mais fresquinhos.

ARNOLD *(bocejando)*: — Como os dias são chatos e intermináveis.

SRA. KRAMER: — Devem ser, pelo jeito como você os passa. Durma bem à noite, então se sentirá bem disposto de dia... Arnold, hoje não largo você. Pode ralhar comigo o quanto quiser. Não suporto essa situação por mais tempo! *(Ele sentou-se à mesa. A mãe lhe serve café.)* Faça caretas à vontade! Mas preciso descobrir os seus segredos. Você esconde alguma coisa. Conheço-o bem demais. Há alguma coisa que o preocupa e angustia. Você pensa talvez que eu não ouvi os seus suspiros. Você não pára de suspirar. Você nem percebe quantas vezes suspira.

ARNOLD: — Deus do Céu! Sempre me fiscaliza! Puxa vida! Anota quantas vezes a gente solta um espirro e não sei que mais! Quantas vezes escarra, suspira, e tudo isso! É para enlouquecer!

SRA. KRAMER: — Você pode dizer o que quiser. Não me importo. Sei o que sei, e basta! Há alguma coisa que lhe tira o sossego, Arnold. Isso se nota pela sua inquietude. Você sempre andou um pouco nervoso, mas nunca como agora. Isso eu sei.

ARNOLD (*com um murro na mesa*): — Mãe! me deixem em paz! Ouviu? Se não, vocês só conseguirão que eu saia desta casa uma vez por todas!... Olhe, mãe: que interessa a vocês o que eu ando fazendo? Não sou criança, e o que não quero dizer não digo. Estou farto de ser chateado. Vocês me chatearam demais. Não preciso de nenhum auxílio de vocês. E mais uma vez: vocês não podem me ajudar. Vocês só sabem fazer sermões, e nada mais!

SRA. KRAMER *(chorando desesperadamente)*: — Arnold, será que você cometeu algum crime? Por amor de Deus, Arnold, que é que você fez?

ARNOLD: — Matei um velho judeu, mamãe.

SRA. KRAMER: — Não seja cínico. Não deboche de mim! Se você fez alguma coisa, abra-se a mim. Eu sei que você não é mau. Mas, às vezes, é rancoroso e irascível. E quando anda enfurecido e raivoso, sabe Deus que desgraça você é capaz de causar.

ARNOLD: — Mamãe, calma! Não matei nenhum judeu, mamãe. Nem sequer passei adiante cautelas falsificadas de casas de penhores, apesar de necessitar urgentemente de um dinheirinho.

SRA. KRAMER: — Ninguém me tira da cabeça que você nos esconde alguma coisa. Você nem olha a gente direito. Antigamente, também andava tímido. Mas agora, Arnold, é quase como se estivesse marcado na testa. Você começou a beber! Em outros tempos, não agüentava nem cheiro de cerveja... Você bebe, para atordoar-se, Arnold.

ARNOLD *(ao pé da janela, tamborilando na vidraça)*: — Marcado na testa! Marcado! Vai inventar mais alguma coi-

sa!... Quanto a mim, podem dizer de mim o que quiserem Ando marcado, sim, nesse ponto tem razão. Mas tenho a impressão, realmente, que a culpa disso não cabe a mim.

SRA. KRAMER: — Você vive se debatendo e dando murros e estocadas. De vez em quando, fere até o coração da gente. Agimos na melhor das intenções. E se você saiu assim como saiu, foi a vontade de Deus, com a qual temos de nos conformar.

ARNOLD: — Pois então! Tenham a bondade de conformar-se. *(Um momento de silêncio.)*

SRA. KRAMER: — Ouça-me, Arnold, não seja teimoso. Diga-me finalmente o que há com você. Passo aflita dias e noites. Você nem sabe como Papai se agita na cama. Eu também não consigo dormir há muitos dias. Tire de nós esse pesadelo que nos oprime, querido. Quem sabe, você não poderia falar-nos com toda franqueza? Eu sei bem que sua saúde não está muito boa...

ARNOLD: — Por favor, mãe, mude de assunto. Ou daqui em diante passarei a dormir no meu estúdio, ou melhor: no meu poleiro. Prefiro suportar esse frio de rachar. Há alguma coisa comigo? E daí? Não nego. Mas a senhora quer que eu ponha todo mundo em alarma por causa disso? Dessa forma, o caso apenas se agravaria.

SRA. KRAMER: — Arnold, você está... É ainda aquela história? Uma vez, semanas atrás, você se traiu. Mais tarde, procurou disfarçar. Trata-se ainda dessa moça, Arnold?

ARNOLD: — Mamãe, a senhora está louca?

SRA. KRAMER: — Não nos cause mais essa mágoa, rapaz! Não se envolva num caso amoroso. Apaixonar-se por uma rapariga dessa laia! Assim se atolará pelo resto da vida! Sei muito bem que a tentação é muito grande nesta cidade. A cada passo existem armadilhas. Para ver essa corja, basta caminhar pelas ruas. E a polícia tolera tudo isso!... E se você não ouvir sua mãe, vai se prejudicar em muitos sentidos. Todos os dias acontecem crimes.

ARNOLD: — Que ninguém se atreva a me agredir, mãe! *(Enfia a mão no bolso da calça.)* Estou preparado para esses casos.

SRA. KRAMER: — Que quer dizer com isso?

ARNOLD: — Quero dizer que estou prevenido para qualquer alternativa. Hoje em dia, graças a Deus, a gente tem recursos para essas coisas.

SRA. KRAMER: — Não compreendo que aquilo não lhe cause asco, já antes de você entrar! A barulheira do piano, as lanternas vermelhas, e toda aquela atmosfera vulgar, sórdida! Arnold, se eu tivesse de imaginar que você passa ali... quer dizer, em antros desse tipo... nessas pocilgas... que você passa as suas noites ali, preferiria morrer e estar enterrada.

ARNOLD: — Mamãe, eu só queria que o dia já tivesse terminado. Vocês me deixam tonto, tonto. Meus ouvidos estão zunindo. Preciso me conter, palavra de honra, para não fugir pela chaminé. Vou comprar uma mochila, mamãe, e andar sempre com vocês todos amarrados nas minhas costas.

SRA. KRAMER: — Muito bem. Mas isto lhe digo: esta noite, você não vai sair de casa.

ARNOLD: — Não vou, não, mamãe! Uma vez que vou sair, é já e já!

SRA. KRAMER: — Para falar com papai às onze horas e para voltar em seguida!

ARNOLD: — Absolutamente! Nem penso nisso!

SRA. KRAMER: — Mas onde irá então?

ARNOLD: — Ainda não sei.

SRA. KRAMER: — Não quer voltar para o almoço?

ARNOLD: — Para ver as caras de vocês ao redor da mesa? Nunca! Olhe, mamãe, de qualquer jeito não como nada.

SRA. KRAMER: — E à noite, mais uma vez não estará em casa?

ARNOLD: — Farei ou não farei o que me agradar.

SRA. KRAMER: — Muito bem, meu filho. Se é assim, estamos quites. Mas, apesar disso, descobrirei as suas artimanhas. Antes não descansarei, nisso pode acreditar! E quando eu topar com uma rapariga desse jaez, juro e tomo Deus por testemunha que a entregarei à polícia!

ARNOLD: — Ora, mamãe, não faça isso.

SRA. KRAMER: — Vou contar tudo a papai. É o que vou fazer. E seu pai vai lhe dar uma lição. Basta ele perceber alguma coisa que ficará fora de si.

ARNOLD: — Apenas lhe digo: não faça isso! Já cheguei a tapar os ouvidos, cada vez que papai me passa um sermão. E fora disso, aquilo não produz nenhum efeito. Deus meu! A que ponto vocês se tornaram estranhos para mim!... A senhora me diga: onde me encontro?

SRA. KRAMER: — Mas como?!

ARNOLD: — Onde? Onde me encontro, mãe? Michaline, papai, a senhora... que é que vocês querem? Que é que vocês têm que ver comigo? E, em última análise, que importância têm vocês para mim?

SRA. KRAMER: — Que disse? Que disse?

ARNOLD: — Pois é! Que importância! Que é que vocês querem, afinal?

SRA. KRAMER: — É revoltante esse seu modo de falar!

ARNOLD: — Sim, senhora, revoltante. Quanto a mim, admito também isso. Mas é verdade, mãe. Desta vez, é verdade. Não é mentira. Vocês não me podem ajudar, lhe digo. E se vocês abusarem comigo, pode ser que aconteça alguma coisa... alguma coisa, mamãe, que vai deixar vocês todos embasbacados!... Então teremos sossego, finalmente!

(Desce a cortina)

SEGUNDO ATO

O estúdio do velho Kramer na Escola de Belas-Artes. Uma cortina cinzenta, cerrada, esconde o próprio recinto do estúdio. À direita, diante dessa cortina, há uma porta, à qual conduzem alguns degraus. Igualmente à direita, um pouco mais para a frente, um velho sofá forrado de couro e uma mesinha coberta. À esquerda, vê-se a metade de uma ampla janela, que continua atrás da cortina. Abaixo dela, há outra mesinha, na qual se encontram utensílios para a confecção de águas-fortes, bem como uma chapa iniciada. Na mesa, junto ao sofá, há uma pasta com papéis, um castiçal antigo com uma vela, etc. Gessos (um braço, um pé, um busto de mulher, e também a máscara mortuária de Beethoven) estão pendurados acima do sofá na parede uniformemente pintada num tom azulado. Por cima da cortina, que chega aproximadamente a duas terças partes da altura do recinto, passa a ponta de um grande cavalete. Um cano de gás sai da parede atrás do sofá. Duas cadeiras simples, de vime, completam a mobília. O ambiente está asseado, e tudo se acha na mais perfeita ordem.

Michael Kramer está sentado no sofá, e, entre suspiros, assina alguns documentos. Krause, o bedel, aguarda, de casquete na mão, a entrega dos mesmos. É um homem corpulento, espadaúdo. Kramer é um cinqüentão barbudo. Na barba e na cabeleira negras despontam numerosos fios brancos. A cabeça parece enterrada entre um par de ombros altos. Nuca inclinada para a frente, como que sob uma canga. Os olhos encovados, sombrios, fogosos, revelam inquietação. Kramer tem braços e pernas compridos. Costuma caminhar a passos largos, num andar pouco elegante. Rosto pálido, cismativo. Suspira freqüentemente. Sem querer, fala com rispidez. Coloca muito para fora os pés calçados de sapatos rústicos, porém cuidadosamente lustrados. Traja sobrecasaca, colete e calças pretas, camisa de colarinho alto, fora de moda, e borboleta preta. Toda a sua indumentária está perfeitamente limpa, impecável. Tirou os punhos e os pôs no peitoril da janela. Em suma, Kramer é um personagem imponente, mas, à primeira vista, antes repelente do que simpático. À esquerda, ao pé da janela, encontra-se Lachmann, a virar as costas ao recinto. Olha para fora, em posição de espera.

KRAMER *(dirigindo-se a Lachmann)*: — Está vendo, aqui a gente continua sempre na mesma labuta. (*Falando com Krause*:) Está bem. Dê lembranças ao Sr. diretor. (*Levanta-se. Agarra a papelada e entrega-a ao bedel. Em seguida, começa a pôr a sua mesinha novamente em ordem.*) Parece que você está olhando os meus álamos, não é?

LACHMANN *(que estivera contemplando a chapa de cobre, sobressalta-se um pouco. Endireita-se.)*: — O senhor me desculpe.

KRAUSE: — Até logo, Sr. Kramer. Até logo, Sr. Lachmann.

LACHMANN: — Até logo, Sr. Krause.

KRAMER: — Adeusinho. (*Sai Krause.*) O Böcklin visitou-me, cinco anos atrás. Sabe, ele sempre se plantava junto a essa janela... Nunca se fartou da vista, sabe?

LACHMANN: — Realmente, os álamos são maravilhosos. Já me impressionaram naqueles tempos, há longos anos, quando estive aqui pela primeira vez. Enfileiram-se tão solenemente que dão à Escola quase a aparência de um templo.

KRAMER: — Essa aparência engana; sabe?

LACHMANN: — Mas apenas em parte... Eu nem sabia que Böcklin tinha estado aqui.

KRAMER: — Naquela época, o pessoal teve a idéia, lá no Museu Provincial, que ele devia decorar a escadaria. Mas, depois, o trabalho foi feito por um acadêmico qualquer. Pois é, essa gente comete tantos pecados.

LACHMANN: — Sobretudo nesse terreno.

KRAMER: — Mas isso foi sempre assim; sabe? Só que hoje lastimamos essa miséria mais do que nunca. Quantos tesouros não poderiam ser acumulados na nossa época! Imagine, com os imensos recursos que eles têm à sua disposição neste país! Olhe, assim como é, são preteridos justamente os melhores. (*Lachmann acaba de apanhar uma água-forte. Kramer prossegue, referindo-se a ela:*) É uma das folhas que deverão fazer parte de minha obra sobre as formas. Mas a chapa não estava bem enxugada. E o próprio esboço não está certo Preciso encontrar outra solução.

LACHMANN: — Eu também fiz experiências com águas-fortes. Mas abandonei-as em seguida.

KRAMER: — E que é que andou fazendo, Lachmann?

LACHMANN: — Retratos e paisagens, ora isso, ora aquilo. Não saiu grande coisa, infelizmente.

KRAMER: — Convém trabalhar, Lachmann, trabalhar, trabalhar. Escute, Lachmann, a gente tem de trabalhar, para não criar mofo em plena vida. Veja só como vive um homem da categoria de Böcklin, como trabalha! É isso que dá resultados, assim se realiza alguma coisa. E não é só aquilo que ele pinta. É também a personalidade dele. Sabe, Lachmann, trabalho é vida!

LACHMANN: — Disso tenho absoluta certeza.

KRAMER: — Sem o trabalho, sou um pobre coitado. Quando trabalho, sou um homem diferente.

LACHMANN: — Minha desgraça é que o tempo passa assim, sem que eu chegue a realizar uma obra de verdade.

KRAMER: — Mas, por que, me diga?

LACHMANN: — Porque tenho outras coisas que fazer. Trabalhos que não são trabalhos.

KRAMER: — Não comprendo. Me explique.

LACHMANN: — Antigamente, eu era pintor e só pintor Agora, estou obrigado a produzir páginas.

KRAMER: — O quê?

LACHMANN: — Escrevo para jornais.

KRAMER: — Não diga!

LACHMANN: — Em outras palavras, Sr. Kramer, isso sigfica que gasto a maior parte do meu tempo precioso para ganhar um pouquinho de pão seco. Pois, para a manteiga, realmente não basta o que consigo. Quando a gente tem mulher e família...

KRAMER: — O homem deve criar uma família, Lachmann. Está muito bem assim. É o que nos convém. E quanto ao seu trabalho jornalístico, ao escrever, guie-se sempre pela sua consciência. Você tem o senso da autenticidade; não é? Deste modo, você poderá ser útil em muitos sentidos.

LACHMANN: — Mas aquilo nunca deixa de ser um trabalho de Sísifo. No público, nada se modifica. A gente vive empurrando todos os dias pedra de Sísifo e...

KRAMER: — Olhe, se não fosse assim, que ficaria de nós?

LACHMANN: — Mas, em última análise, nós nos sacrificamos. E se a gente não pode se impor através da pintura, então...

KRAMER: — Escute, Lachmann, isso não tem nenhuma importância. Se meu filho se tivesse tornado sapateiro e cum-

prisse seu dever no seu ofício, eu o respeitaria da mesma forma; sabe? Você tem filhos?

LACHMANN: — Um só, um garoto.

KRAMER: — Pois então. Está vendo? Você realizou alguma coisa. Coisa melhor não se pode fazer; sabe? Em face disto, a fabricação de seus artigos deve ir às mil maravilhosas, não é?

LACHMANN: — Não acho, Sr. Kramer.

KRAMER: — Deveres, deveres, isso é o essencial. São eles que fazem de nós homens de verdade; sabe? Primeiramente, compreender a vida em toda a sua seriedade, e depois, sabe, talvez erguer-se acima dela.

LACHMANN: — O que nem sempre é fácil.

KRAMER: — Olhe, isso tem que ser difícil, sabe? Nessas situações, manifesta-se o valor de uma pessoa. Então, um sujeito pode mostrar o que é. Esses marotos de hoje pensam que o mundo é uma cama de bordel. Ao homem cabe conhecer os seus deveres, sabe?

LACHMANN: — Mas também os deveres que ele tem para consigo mesmo.

KRAMER: — Sim, senhor. Olhe, nesse ponto, tem razão. Quem souber dos deveres que tem para consigo mesmo, conhecerá também os que tiver para com os outros. Que idade tem seu filho?

LACHMANN: — Três anos, Sr. Kramer.

KRAMER: — Veja, naquele tempo quando nasceu meu rapaz... Eu queria tanto ter um... Esperei por ele quatorze longos anos!... Foi quando minha mulher deu à luz o Arnold. Olhe, naquele dia estremeci, sabe? Guardei a criança só para mim, sabe, e fechei-me no meu gabinete, e sabe, Lachmann, me senti como num templo. Lá o apresentei a Deus, sabe?... Vocês nem sabem o que é aquilo, um filho! Eu o sabia bem, valha-me Deus! E dizia de mim para mim: "Eu não, mas tu, sim!" Eu não, pensava eu, mas tu, talvez!... (*Com amargu-*

ra:) Meu filho é um malandro, sabe, Lachmann, e, apesar disso, eu sempre procederia da mesma forma.

LACHMANN: — Tenho certeza, Sr. Kramer, que ele não é nenhum malandro.

KRAMER (*com crescente veemência e rancor*): — Escute, me deixe em paz. Ele é um maroto e nada mais! Melhor não falar disso... Vou lhe dizer uma coisa, Lachmann. Esta é a desgraça da minha vida. É o que me corrói a medula. Mas vamos abandonar esse assunto.

LACHMANN: — Acho que tudo isso pode ainda melhorar.

KRAMER (*com a mesma violência de antes, amarga e furiosamente*): — Nada melhora! Não melhora coisa alguma! Nesse rapaz, não há nenhum fio de decência! Está corrompido até os ossos! Um malvado! Um ordinário! Isso não se pode modificar, isso não se modifica. Olhe, eu seria capaz de perdoar qualquer coisa, mas não perdoo bandalheiras. Um indivíduo vil me causa asco, e veja, vil ele é, vil e covarde! É disso que tenho nojo. (*Encaminha-se a um armário tosco, cinzento.*) Meu Deus, esse patife tem tanto talento! É de desesperar! Onde um de nós se esfalfaria, onde labutaríamos dias inteiros, ele recebe tudo de mão beijada. Veja só, aqui tenho desenhos e estudos dele. E agora me diga, não é uma lástima, realmente? Sempre que ele faz um esforço, sai alguma coisa. O que ele realiza tem pé e cabeça. Está vendo? Isso tem firmeza. Tudo isso tem qualidade. A gente tem vontade de chorar de raiva. (*Caminha várias vezes pelo recinto, enquanto Lachmann contempla os desenhos. Alguém bate à porta.*) Entre!

(Entra Michaline, em trajes de passeio.)

MICHALINE: — Pai, eu vim buscar o Lachmann.

KRAMER (*olhando-a por cima dos óculos*): — Escute, você anda gazeando a escola?

MICHALINE: — Até agora corrigi provas... Ó Lachmann, encontrei sua mulher. Ela disse que não tinha vontade

de criar raízes na confeitaria e que preferia visitar sua mãe. (*Lachmann e Michaline dão uma risada.*)

KRAMER: — Por que não a trouxe para cá?

LACHMANN: — Ela não se enquadra muito bem num estúdio.

KRAMER: — Bobagem! Que quer dizer com isso? Não compreendo.

MICHALINE (*que se colocou atrás de Lachmann e contempla o mesmo desenho que ele tem na mão.*): — Eu também já pintei esse moinho.

KRAMER: — Hum, hum. Mas saiu outra coisa.

MICHALINE: — O ponto de vista era diferente.

KRAMER: — Pois é. Falo mesmo do ponto de vista. (*Lachmann dá uma risada.*)

MICHALINE: — Papai, não me importo nem um pouquinho com isso. Quando uma pessoa faz o que pode, olhe, mais não se pode exigir.

KRAMER: — Minha filha, você sabe a que me referi.

MICHALINE: — Claro que sei. Sei muito bem que o senhor me considera totalmente incapaz.

KRAMER: — Escute, de onde tira você essa conclusão? Se o Arnold tivesse metade da sua assiduidade e metade da massa cinzenta que você tem aí no seu crânio, seria um homem de alto valor. Nesse ponto, ele não pode rivalizar com você. Mas, fora disso... Você não tem a centelha divina. A gente deve conhecer-se a si própria. Você se conhece, e essa é uma das suas boas qualidades. Por isso, posso usar de franqueza com você. O que se consegue pela tenacidade, pelo esforço, pelo caráter, conseguiu realizar, Michaline, e, sob esse aspecto, pode estar satisfeita. (*Olha o relógio de bolso.*) Dez horas... Acho, Lachmann, que agora não temos mais tempo para nada. Estou contente por você ter vindo visitar-me. Mais tarde, eu gostaria de sair com você. Quanto a mim, tomaremos uma cer-

veja em algum lugar. Mas antes terei de dar uma olhada na minha classe, e aguardo meu filho às onze horas.

MICHALINE (*em tom sério*): — Pai, o senhor não quer mostrar sua tela ao Lachmann?

KRAMER (*virando-se, sobressaltado*): — Não, Michaline! Que idéia é essa?

MICHALINE: — É muito simples: ele ouviu falar dela e me disse que gostaria de vê-la.

KRAMER: — ... Me deixem em paz com essas bobagens. Vem todo o mundo, para ver meu quadro. Pintem quadros para vocês, quantos quiserem. Não posso mostrar-lhe a tela, Lachmann.

LACHMANN: — Sr. Kramer, absolutamente não insisto...

KRAMER: — Olhe, aquilo vai além das minhas forças. Há sete anos, convivo com essa tela. A primeira a vê-la, uma única vez, foi Michaline... O rapaz nunca me pediu... Depois veio o diretor, Sr. Müring. Isso vai longe. Escute, isso não dá. Não posso. Se você tivesse uma amante e todos quisessem dormir com ela... Seria uma sordidez, pura e simplesmente. Isso tem de tirar o apetite da gente... Não, Lachmann, não dá! Não quero!

MICHALINE: — Pai, não compreendo a comparação. Esse jogo de esconder quase me parece um sinal de fraqueza.

KRAMER: — Você tem plena liberdade de pensar a esse respeito o que lhe aprouver. Por outro lado, grave na memória o que lhe direi agora: há coisas que somente se criam em eremitérios. O que é legítimo, o que é genuíno, profundo, vigoroso somente nasce em eremitérios. O artista é sempre um autêntico ermitão. Tenho dito! E agora saiam e me deixem em paz.

MICHALINE: — É uma pena, pai. Lastimo muito. Se o senhor se entrincheira assim, até contra Lachmann... Eu me admiro... Dessa forma, o senhor perde qualquer possibilida-

de de receber sugestões. A propósito, se o senhor quisesse falar com sinceridade, deveria admitir que se sentiu bem mais animado, depois da visita do diretor. Andava muito alegre, em seguida.

KRAMER: — Não há nada que ver nesse quadro. Por enquanto, não é nada. Escute, Lachmann, não me estrague a vida! Antes que se possa mostrar alguma coisa, deve haver alguma coisa. Acha você que aquilo é uma brincadeira? Escute, se alguém tem o topete de pintar o homem com a coroa de espinhos, sabe? Para isso, precisa gastar a vida inteira, sabe? E não será uma vida passada na devassidão. Olhe, meu amigo, deverão ser horas solitárias, dias solitários, anos solitários. Veja, ele terá de ficar a sós consigo mesmo, com seu sofrimento, com seu Deus. Terá de santificar-se todos os dias; sabe? Nem no seu corpo nem no seu íntimo, deve haver a menor impureza... Olhe, então baixará sobre ele o Espírito Santo, depois de longas lutas e convulsões solitárias. Então nos vem às vezes alguma iluminação. Então, as coisas criam volume; sabe? Então sentimos alguma coisa. Então repousamos na mão do Eterno; sabe como é? E então vemos tudo em toda a sua calma e beleza. Num instante desses, a gente encontra, sem procurar. Então enxergamos o Salvador! Sentimo-lo. Mas quando as portas se abrem e fecham, Lachmann, não o vemos nem o sentimos, e Ele fica logo distante; sabe? Muito, muito distante!

LACHMANN: — Sr. Kramer, depois de tudo isso, lastimo realmente...

KRAMER: — Olhe, não precisa lastimar coisa alguma. Nesses assuntos, cada um tem de cuidar de si próprio. Quem trabalha deve dizer de si para si: "O lugar em que te achas é terra sagrada." E vocês, os outros, fiquem lá fora; entendido? Lá não falta espaço para o tumulto das feiras públicas... Arte é religião. Para rezares, encerra-te em tua cela, e expulsa do templo os vendilhões e os cambistas. (*Fecha à chave a porta de entrada.*)

MICHALINE: — Mas nós não somos vendilhões ou cambistas.

KRAMER: — Absolutamente. Deus me livre. Não são, mas mesmo assim. Isso vai além das minhas forças... Compreendo perfeitamente o que o Lachmann quer. Deseja simplesmente ver o que saiu daquilo. O tempo todo, teve de aturar palavras grandiloqüentes, e agora quer que finalmente lhe mostrem alguma coisa. Mas eu já lhe disse que não saiu nada. Este velhote aqui não presta para nada. Às vezes o percebe, também o sente, e então agarra a espátula e raspa tudo de uma vez. (*Alguém bate à porta.*) Alguém bateu à porta... Talvez em outra ocasião, Lachmann... Entre!... Agora, de qualquer jeito não há mais tempo... Escutem, alguém bateu à porta. Entre!

MICHALINE: — Mas, pai, o senhor trancou a porta.

KRAMER: — Eu? Quando?

MICHALINE: — Faz poucos instantes. Foi agorinha mesmo, quando passeava pela sala.

KRAMER: — Então abra e veja quem é.

MICHALINE (*entreabre a porta*): — É uma senhora, papai.

KRAMER: — Provavelmente um modelo. Não preciso.

LIESE BÄNSCH (*ainda de fora*): — Eu gostaria de falar com o professor.

MICHALINE: — Que deseja a senhora? Permita-me a pergunta.

LIESE BÄNSCH: — Eu queria falar com o professor mesmo.

MICHALINE: — De que professor se trata?

KRAMER: — Diga a ela que aqui não mora nenhum professor.

LIESE BÄNSCH: — Mas como? Não mora aqui o professor Kramer?

KRAMER: — Meu nome é Kramer. Entre.

(*Entra Liese Bänsch. É uma moça esbelta, bonita, arrebicada como uma mulher da vida.*)

LIESE BÄNSCH: — Se o senhor me dá licença... eu entro.

KRAMER: — Vocês vão ao Museu, não é, meus filhos? Vocês queriam ir ao Museu! Aguardo você ao meio-dia, Lachmann. (*Acompanha Lachmann e Michaline até a porta. Lachmann e Michaline saem.*) Com quem tenho a honra de falar? Estou às ordens.

LIESE BÄNSCH (*falando com certo acanhamento, mas, ao mesmo tempo, com grande afetação*): — Eu sou Liese Bänsch, professor. O assunto que me traz é delicado.

KRAMER: — Sente-se, por favor. A senhorita é modelo?

LIESE BÄNSCH: — Ah, não, professor. O senhor está enganado. Graças a Deus, professor, não tenho necessidade de uma coisa dessas. Não, senhor, graças a Deus, não sou modelo.

KRAMER: — E eu, graças a Deus, não sou professor, senhorita... E a que devo a honra de sua visita?

LIESE BÄNSCH: — O senhor quer saber isso, assim, sem mais aquela? Mas, antes me dê um instante para que eu possa tomar fôlego; não é? Esbofei-me muito, sabe? Quando cheguei lá embaixo, já estava a ponto de voltar, mas, finalmente, recobrei o ânimo.

KRAMER: — Como quiser. Fale, quando estiver pronta.

LIESE BÄNSCH (*que acaba de sentar-se, clareia a voz e solevanta o véu, a fim de enxugar de leve e com cautela o rosto maquilado.*): — Vejam só! O senhor me julga capaz de uma coisa dessas? Ainda bem que o Georg não ouviu aquilo! Meu noivo trabalha no Tribunal, sabe, e se irrita muito facilmente. Mas será que eu tenho realmente a aparência de um modelo?

KRAMER (*correndo uma das cortinas*): — Isto depende de quem quiser pintar a senhorita. Dadas as circunstâncias,

qualquer um de nós pode servir de modelo. Se a senhorita. acha que esse trabalho implica desdouro, está redondamente enganada.

LIESE BÄNSCH: — Pois é. Quer saber uma coisa? Estou apavorada, francamente. O senhor não leve a mal, senhor Kramer, andei com medo do senhor realmente.

KRAMER: — Em poucas palavras, de que se trata?

LIESE BÄNSCH: — Tirei informações a respeito do senhor, e todo mundo se comportou como se o senhor fosse... fosse não sei quê... um bicho-papão, ou coisa que o valha.

KRAMER: — Muitíssimo obrigado. Que deseja a senhorita? Posso lhe garantir que aqui ninguém lhe fará o menor mal.

LIESE BÄNSCH: — O Arnold também tem tanto medo do senhor.

KRAMER (*pasmado e perplexo*): — ... Arnold? Que significa isso?... Arnold de quê?

LIESE BÄNSCH (*levantando-se, assustada*): — Mas, Sr. Kramer, de que jeito me olha! Se é assim, prefiro chispar. O Arnold tem esse mesmo jeito de fitar a gente e...

KRAMER: — O Arnold?... Não conheço essa pessoa...

LIESE BÄNSCH (*amedrontada, procurando acalmá-lo*): — Sr. Kramer, por favor. Não há de ser nada. Vamos deixar as coisas como estão. Meus pais nem sabem que vim aqui... Como já lhe disse, é um assunto delicado. Então prefiro não falar dele.

KRAMER (*contendo-se com dificuldade*): — É a primeira vez na minha vida que vejo a senhorita. Por isso, tenha a bondade de desculpar minha atitude. Tenho um filho que se chama Arnold. E a senhorita se refere a Arnold Kramer...

LIESE BÄNSCH: — Claro que me refiro a Arnold Kramer.

KRAMER: — Pois bem. Isso me admira... não me admira... Que é que a senhorita me pode relatar dele?

LIESE BÄNSCH: — Olhe, apenas que ele é tão estúpido e não maluco e que nunca me deixa em paz.

KRAMER: — Hum. Como não. Mas, em que sentido? Que quer dizer com isso?

LIESE BÄNSCH: — É por que ele me torna ridícula. E eu absolutamente não consigo que ele tome juízo.

KRAMER: — Não consegue? Pois é, isso é difícil. Acredito.

LIESE BÄNSCH: — Já disse a ele: vai para casa, Arnold. Mas não deu resultado. Ele fica lá grudado a noite toda.

KRAMER: — De modo que ele passou a noite de ontem com a senhorita?

LIESE BÄNSCH: — Ora, ninguém é capaz de fazê-lo sair. Papai já tentou, mamãe, também, os cavalheiros da mesa reservada tentaram, eu tentei. Mas sempre em vão. Ele permanece ali sentado e arregala os olhos assim como faz o senhor. Até que saia o último freguês, fica lá e não se arreda do seu lugar.

KRAMER: — Seu pai tem um botequim?

LIESE BÄNSCH: — É dono de um restaurante.

KRAMER: — E os cavalheiros da mesa reservada, quem são eles?

LIESE BÄNSCH: — O bacharel Schnabel, o arquiteto Ziehn, meu noivo e mais alguns senhores.

KRAMER: — E também eles fizeram o possível para... como vou dizer, para botá-lo na rua?

LIESE BÄNSCH: — Sempre o chamam de marabu. (*Ri*) É uma ave, sabe? Eles acham que ele tem o mesmo aspecto. Talvez seja por que anda meio torto...

KRAMER: — Pois é. Com certeza... Os cavalheiros da mesa reservada são muito alegres, não é?

LIESE BÄNSCH: — São muito divertidos. A gente não pára de rir! É de amargar! Às vezes é uma balbúrdia, que o

senhor nem imagina! A gente rebenta de riso. O Arnold costuma comer muito pão, que está sempre nas mesas e não custa nada. Então suspenderam um cesto logo acima do lugar onde sempre se senta. Compreende? Assim pendurado no teto. Tão alto que ele não podia alcançá-lo de baixo. A turma toda dava gargalhadas...

KRAMER: — E meu filho fica na mesma mesa com eles?

LIESE BÄNSCH: — Não, senhor! Meu noivo nunca toleraria isso. Arnold sempre permanece sozinho, isolado. Mas, como ele de vez em quando toma algumas liberdades e tem aquele jeito de lançar aos outros olhares irônicos, acontece que os cavalheiros não gostam disso. Certa vez, um deles até se levantou, para pedir-lhe explicações.

KRAMER: — Os cavalheiros achavam que ele não tinha o direito de desenhar, não é?

LIESE BÄNSCH: — Pois é. Porque ele só faz caricaturas, e isso ninguém precisa agüentar; não acha também, Sr. Kramer? Um dia, ele me mostrou um dos seus desenhos. Havia lá um cachorrinho pequenino e uma porção de cães grandes. Era nojento mesmo. Que horror!

KRAMER: — O Arnold paga o que consome no restaurante?

LIESE BÄNSCH: — Paga, sim. Não é por isso que estou aqui. Só toma dois chopes ou, no máximo, três, e se não houvesse outros problemas, Sr. Kramer...

KRAMER: — Já se vê que a senhorita é uma boa alma, como se diz... Pois então, se eu compreendi bem o que a senhorita acaba de me dizer, parece-me que meu filho... não sei como expressar-me... que meu filho é na casa de vocês uma espécie de palhaço, mas um palhaço do qual vocês prefeririam desembaraçar-se. Fora disso, certamente não me engano ao supor que nem os cavalheiros da mesa reservada... pessoas sumamente respeitáveis, sem dúvida alguma... nem o chope nem tampouco o pão do senhor seu pai são o motivo que induz Arnold a permanecer ali...

LIESE BÄNSCH (*dengosa*): — Culpa minha não é, realmente!

KRAMER: — Absolutamente, absolutamente. De modo alguma senhorita pode ter culpa... Mas o que devo eu fazer nessa situação?

LIESE BÄNSCH: — Olhe, Sr. Kramer, eu tenho tanto medo dele. Ele fica me aguardando nas esquinas, e então não me larga por horas a fio. Tenho mesmo a impressão, palavra de honra, que ele é capaz de fazer-me algum mal.

KRAMER: — Hum! Já aconteceu que ele ameaçasse a senhorita abertamente?

LIESE BÄNSCH: — Ameaças, propriamente, não houve nunca, não, senhor. Não posso dizer o contrário. Mas, seja como for, esse é o jeito dele. Às vezes me sinto apavorada, quando o vejo assim... Também quando ele permanece ali sentado e se mete a cismar... Fica sentado horas e horas, sem dar nem um pio. Parece todo abstrato, a noite toda... E também quando começa a contar aquelas histórias. Inventa cada coisa, credo!... E então me olha, sabe?...

KRAMER: — A senhorita também não tem simpatias por ele.

(Ouve-se uma campainha.)

LIESE BÄNSCH: — Deus me livre! Nem um pouquinho!

KRAMER: — Bem. A senhorita quer encontrar Arnold aqui?

LIESE BÄNSCH: — Nunca na vida! Pelo amor de Deus!

KRAMER: — São onze horas em ponto, e a campainha tocou. Pedi que ele viesse às onze. (*Abre a porta de um gabinete lateral.*) Tenha a bondade de entrar. Garanto-lhe que farei tudo o que me for possível. (*Liese Bänsch encaminha-se ao gabinete. Kramer abre a porta principal e deixa Arnold entrar. A expressão do rosto flácido do moço oscila entre teimosia, repugnância e medo.*) Espere um momento lá nos

fundos. Volto já. (*Conduz Arnold para trás da cortina. Cerra-a e abre a porta do gabinete. Sai Liese. Kramer põe o dedo na boca e aponta em direção da cortina. Liese imita o gesto. Kramer acompanha-a em direção à porta principal, pela qual ela se afasta silenciosamente. Kramer fica parado. Dá um suspiro. Aperta a testa. Em seguida, põe-se a passear de cá para lá pela parte dianteira do recinto. Percebe-se que ele concentra toda a sua força de vontade no empenho de dominar a sua violenta exaltação e de conter a respiração ruidosa. Após ter suspirado várias vezes profundamente, consegue moderar-se. Descerra a cortina e fala através dela:*) — Arnold, eu só queria conversar com você. (*Arnold aproxima-se lentamente. A gravata berrante que ele usa lhe dá ares de janota.*) Você anda endomingado hoje?

ARNOLD: — Em que sentido?

KRAMER: — Refiro-me à gravata vermelha que você meteu.

ARNOLD: — Por quê?

KRAMER: — Não estou acostumado a vê-la em você, Arnold, e seria melhor que deixasse de usá-la... Você fez finalmente aqueles desenhos?

ARNOLD: — Que desenhos, pai? Não sei de nada.

KRAMER: — Hum! Como se pode esquecer uma coisa dessas? Vejam só! Pois então, se não lhe custar demasiado esforço, talvez possa você procurar lembrar-se.

ARNOLD: — Ah, sim! O senhor fala dos desenhos para o marceneiro; não é?

KRAMER: — Sim, quanto a mim, podemos tratar do marceneiro também. O que ele é não tem importância no momento. Como se vê, você não adiantou o trabalho... Escute, diga simplesmente "não". Para que procurar evasivas? Que é que você andou fazendo o tempo todo?

ARNOLD (*fingindo surpresa*): — Ando trabalhando, pai.

KRAMER: — Que tipo de trabalho?

ARNOLD: — Desenho, pintura, o que a gente costuma fazer.

KRAMER: — E eu pensava que você estivesse com os braços cruzados. Gosto de ouvir que me enganei. Por sinal, já deixei de me preocupar com você. Já está na idade de tomar conta de si mesmo. Não sou seu fiscal... Mas quero aproveitar a ocasião para lhe dizer: se você tiver qualquer problema... Afinal de contas, sou seu pai, tem de reconhecer. Você me compreende? Por favor, lembre-se das minhas palavras.

ARNOLD: — Ora, não tenho nenhum problema, pai.

KRAMER: — Eu não disse o contrário. Nunca afirmei que você tem alguma coisa que dizer-me. Disse apenas: se você tiver qualquer problema. Pode ser que num caso desses eu seja capaz de prestar-lhe alguma ajuda. Conheço o mundo um pouco melhor do que você. Seria para qualquer caso de emergência; compreende?... Esta noite, outra vez não esteve em casa. Desse jeito, vai se perder. Vai ficar doente. Cuide da sua saúde. Corpo sadio, espírito sadio! Vida saudável, arte saudável! Onde é que passou a noite toda?... Deixe! Não é da minha conta. Nem quero saber o que você não me quer dizer. Fale francamente ou fique calado.

ARNOLD: — Fui para fora, em companhia de Alfred Fränkel.

KRAMER: — Ah, sim? Aonde foram? A Pirscham ou...

ARNOLD: — Não, senhor, estivemos em Scheitnig e arredores.

KRAMER: — E passaram a noite lá, vocês dois?

ARNOLD: — Não, senhor, mais tarde fomos à casa de Fränkel.

KRAMER: — Até às quatro da madrugada?

ARNOLD: — Pois é. Até quase às quatro, e em seguida ainda demos um passeio pelas ruas.

KRAMER: — Vejam só. Você e o Fränkel?! Só vocês dois! Então deve ser uma amizade muito íntima a de vocês...

E que é que vocês andam fazendo, quando estão juntos, enquanto o resto das pessoas dorme na cama?

ARNOLD: — Fumamos. Discutimos assuntos de Arte.

KRAMER: — Não diga!... Arnold, você é um caso perdido.

ARNOLD: — Mas, por quê?

KRAMER: — Você é um caso perdido! Você está depravado até o fundo do coração.

ARNOLD: — Não é a primeira vez que o senhor afirma isso.

KRAMER: — Sim, claro, já tive que afirmá-lo em outras ocasiões. Tive que dizê-lo centenas de vezes. E o que é o pior de tudo: senti no meu intimo que era assim. Arnold, prove que eu minto! Prove que eu cometi uma injustiça contra você, e se o fizer, hei de beijar-lhe os pés!

ARNOLD: — Posso dizer o que quiser, mas acho que...

KRAMER: — O que acha? Que está depravado?

Arnold, muito pálido, encolhe os ombros.

KRAMER: — E que acontecerá, se for mesmo assim?

ARNOLD (*fria e hostilmente*): — Pois é, pai, é isso que eu não sei.

KRAMER: — Mas eu sei. Você vai se desgraçar!!!

(Caminha furiosamente pelo recinto. Estaca junto à janela, com as mãos nas costas. Espezinha nervosamente o chão.)

Arnold, com o rosto lívido, crispado de raiva, agarra o chapéu e encaminha-se à porta. Quando está a ponto de baixar a maçaneta, vira-se Kramer.

KRAMER: — E não há mais nada que você me queira dizer?

Arnold larga a maçaneta e lhe lança um olhar desconfiado, sempre com a mesma expressão obstinada.

KRAMER: — Arnold, será que você se tornou totalmente insensível? Não sente que nós nos atormentamos? Diga

alguma coisa! Defenda-se! Fale comigo de homem para homem! Ou quanto a mim, pode falar de amigo para amigo. Acha que cometi uma injustiça contra você? Informe-me! Fale! Afinal de contas, você sabe falar tão bem como nós. Por que se humilha sempre diante de mim? Você não ignora que desprezo a covardia. Diga: "Meu pai é um tirano. Meu pai me maltrata, me persegue que nem o Diabo." Diga tudo isso, mas fale com franqueza. Explique-me em que sentido eu poderia me corrigir. E eu me corrigirei, palavra de honra! Ou pensa você que tudo o que lhe disse está certo?

ARNOLD (*com estranha indiferença e sem irritação*): — No que me toca, pode ser que o senhor tenha razão.

KRAMER: — Em qualquer sentido. E então?...

ARNOLD (*amarga e agressivamente*): — Por que não? Não me oponho. Não me sinto muito bem na minha pele.

KRAMER: — Acredito que você não se sente bem, claro! Você não obteve a bênção do trabalho. É necessário, Arnold, que a consiga. Você acaba de aludir à sua aparência. (*Agarra a máscara de Beethoven.*) Pegue esta máscara. Olhe-a bem. Por amor de Deus, perscrute o seu coração! Acha você por acaso que esse aí foi um bonitão? Terá você a ambição de ser um peralta? Ou pensa talvez que Deus se afasta de você por causa da sua miopia e de seu corpo torto? Você pode concentrar em seu íntimo tanta beleza que todos os janotas a seu redor parecerão mendigos... Arnold, aqui lhe estendo a mão. Está me ouvindo? Tenha confiança em mim neste instante. Não se oculte, use franqueza comigo. No seu interesse, Arnold! Não me importa saber onde você passou a noite, mas diga-o mesmo assim. Ouviu? No seu interesse. Então talvez me chegue a conhecer como realmente sou. E agora: onde esteve esta noite?

ARNOLD (*depois de um momento de silêncio. Totalmente lívido, fala com visível relutância*): — Mas, pai, eu já lhe disse...

KRAMER: — Eu já esqueci o que você me disse. Pois então, onde esteve? Você me entendeu? Não pergunto para castigar você em seguida. Pergunto apenas a bem da verdade. Mostre-me que fala a verdade e nada mais.

ARNOLD (*com descarada renitência*): — Ora, estive na casa de Alfred Fränkel.

KRAMER: — Ah, sim?!

ARNOLD (*em voz um pouco menos segura*): — Mas, onde acha o senhor que estive?...

KRAMER: — Você não é meu filho!... Você não pode ser meu filho! Vá-se embora, vá-se embora! Tudo isso me dá nojo! Você me dá nojo!

Arnold esgueira-se em seguida.

(*Desce a cortina*)

TERCEIRO ATO

O Restaurante Bänsch. É uma cervejaria não muito espaçosa, com mobília em estilo alemão antigo. Paredes apainela-das. Mesas e cadeiras maceradas. À esquerda, um balcão as-seado com tampo de mármore e torneiras de cerveja lustrosas. Atrás do balcão, uma estante com garrafas de licores, etc., no meio da qual se vê uma janelinha retangular que dá para a cozinha. À esquerda, também atrás do balcão, há uma porta que conduz às dependências. Nos fundos, uma ampla janela coberta de cortinados limpos. À seu lado, a porta envidraçada que leva à rua. À direita, a porta de uma sala contígua. É hora do crepúsculo. Liese Bänsch, num vestido bonito, limpi-nho, e com um avental branco, entra vagarosamente pela por-ta baixa de trás do balcão. Ao lançar um olhar fugidio por cima do trabalho de crochê, depara com Arnold, que está sentado mais para a direita, à mesa em frente, tomando um chope. Sacudindo a cabeça. Liese prossegue fazendo crochê.

ARNOLD (*bate nervosa e suavemente o chão com o pé. Está muito pálido. Depois de espreitá-la por algum tempo*): —Boa-noite.

Liese Bänsch dá um ssupiro espalhafatoso e vira-lhe as costas.

ARNOLD (*acentuando as palavras*): — Boa-noite. (*Liese não responde.*) Pois bem, se você não quer, não faz mal, não me importa. Não faço questão de receber uma resposta... (*Continua a cravar o olhos nela, em silêncio, porém numa exaltação febril.*) Mas por que abrem vocês esse frege, se não sabem tratar os fregueses com cortesia?!

LIESE BÄNSCH: — Não cometi nenhuma falta de cortesia. Me deixe em paz.

ARNOLD: — Eu lhe disse "Boa-noite".

LIESE BÄNSCH: — E eu lhe respondi.

ARNOLD: — Não é verdade.

LIESE BÄNSCH: — Não é? Pois então. De qualquer jeito, isso não tem nenhuma importância para mim.

(Um momento de silêncio. Com um atilho de borracha, Arnold atira uma flecha de papel em direção a Liese, que dá de ombros com altivez e desdém.)

ARNOLD: — Pensa por acaso que seu comportamento me impressiona?

LIESE BÄNSCH: — Posso pensar o que me dá prazer.

ARNOLD: — Pago o meu chope tão bem como qualquer outro. Entendeu? Não se esqueça disso!... Será que o uso do monóculo é obrigatório aqui?... Afinal de contas, quem freqüenta o seu famoso estabelecimento? Acha que me deixarei afugentar por essa gente? Por esses burguesotes? Nunca na vida!

LIESE BÄNSCH (*em tom ameaçador*): — Escute, moço, não perca a linha!

ARNOLD: — Qua, qua! Que ninguém se atreva! Poderia ser que ele visse estrelas ao meio-dia! Compreendeu? Se lhe sobrar tempo para isso. (*Liese Bänsch dá uma risada.*) Se alguém me agarrar, entendeu, vai se dar um estrondo daqueles.

LIESE BÄNSCH: — Arnold, qualquer dia chamarei a polícia, se você continuar fazendo esse tipo de ameaças.

ARNOLD: — Mas como? Eu só disse: "Quando alguém me agarrar." E além disso, para que se dê um estrondo, bastam bofetadas.

LIESE BÄNSCH: — Não ofenda a nossa freguesia!

ARNOLD (*dá algumas risadinhas maliciosas, inaudíveis. Toma um gole. Em seguida, diz:*) Aqueles zeros à esquerda! Que me interessam aqueles zeros?!

LIESE BÄNSCH: — E você que aí banca o grande homem, que é você? Que é que realizou na vida, afinal?

ARNOLD: — Infelizmente você não entende nada dessas coisas.

LIESE BÄNSCH: — Pois sim! Dizer gabolices é fácil. Faça antes um esforço e produza alguma coisa! E depois de ter mostrado a sua capacidade, pode criticar os outros à vontade.

(*Momento de silêncio.*)

ARNOLD: — Liese, escute-me, por favor. Vou lhe explicar tudo direitinho.

LIESE BÄNSCH: — Bobagem! Você vive falando mal de todo mundo. Dizer que o Sr. Quantmeyer não é jurista formado, que o arquiteto Ziehn nada entende de arquitetura, tudo isso é pura besteira.

ARNOLD: — Pelo contrário. É pura verdade. Aqui, um construtor de meia-tigeja como esse sujeito pode dar-se ares de importância, apesar de não ter a menor idéia da arte. Mas, se ele se metesse numa roda de artistas, não valeria mais do que um aprendiz de sapateiro.

LIESE BÄNSCH: — E você é artista, não é? (*Sarcasticamente*): Deus meu!

ARNOLD: — Sou artista, sim, senhora! Claro que sou. Bastaria que me visitasse no meu estúdio...

LIESE BÄNSCH: — É o que nunca farei, cavalheiro!

ARNOLD: — Então faça uma viagem a Munique e pergunte aos professores... Lá existem umas sumidades mundialmente famosas. E você vai ver como eles me respeitam.

LIESE BÄNSCH: — Quem se dá ares de importância é você e não o Sr. Ziehn.

ARNOLD: — Eles me respeitam e eles sabem por que. Sou mais capaz do que todos esse caras. No meu dedo mindinho tenho mais capacidade. Mil vezes mais do que todos eles, inclusive meu próprio pai!

LIESE BÄNSCH: — Quem se dá ares de importância é ainda você e não o Sr. Ziehn. Mas, se você realmente tivesse tanta fama, certamente teria outra aparência.

ARNOLD: — Por quê?

LIESE BÄNSCH: — Por quê? É muito simples, ora essa! Pintores célebres ganham dinheiro.

ARNOLD (*furiosamente*): — Dinheiro! Será que eu não ganhei dinheiro? Dinheiro à beça! Por que não se informa? Só precisa perguntar a meu pai. Vá lá e pergunte. Palavra de honra!

LIESE BÄNSCH: — E onde deixou todo aquele dinheiro?

ARNOLD: — Onde eu o deixei? Espere só até eu ficar de maioridade. Quando a gente tem um pai sovina... Olhe, Liese, comporte-se gentilmente comigo.

LIESE BÄNSCH: — Ó Fritz!

FRITZ (*acorda da sua soneca*): — Sim, senhora.

LIESE BÄNSCH: — Ó Fritz, vá à cozinha. Recebemos uma remessa de taças de champanha. Acho que hoje os cavalheiros vão tomar champanha.

FRITZ: — Como não. Com muito prazer, D. Liese.

(Sai. Liese Bänsch fica junto à escrivaninha. Vira as costas a Arnold. Tira alguns grampos do penteado e o retoca.)

ARNOLD: — Você arranjou isso com muito jeito.

LIESE BÄNSCH: — E você pode imaginar o que quiser. (*Dando subitamente meia-volta, percebe que Arnold a fita*

incessantemente por cima dos óculos.) Minha nossa senhora, ele não pára de pôr os olhos em cima da gente!

ARNOLD: — Liese!

LIESE BÄNSCH: — Não me trate de Liese.

ARNOLD: — Ora, ora, Liesinha, por que você não cria juízo, malvada garçonetinha que é? Eu me sinto tão mal, terrivelmente mal.

Liese Bänsch, meio irônica, meio divertida, dá uma risada.

ARNOLD (*mais apaixonadamente*): — Pois sim, ria-se, se é capaz de rir! Ria-se, ria-se, se quiser! Pode ser que eu seja mesmo ridículo. Falo do meu exterior, e não do meu íntimo. Pois, se você pudesse enxergar o que tenho em mim... Daquela gente não sobraria nem cinza.

LIESE BÄNSCH: — Não se exalte, Arnold. Acredito no que diz, como não, acredito. Mas, em primeiro lugar, você é muito verde... E em segundo, terceiro, quarto, quinto... Tudo isso é pura loucura, meu filho... Escute, meu bem, seja sensato. Você me dá pena, realmente, mas que vou fazer?

ARNOLD (*gemendo lamentosamente*): — Isso me passa pelo sangue, que nem a peste.

LIESE BÄNSCH: — Bobagem!... E agora suba no banquinho e me alcance esse balde aí. (*Arnold obedece, ainda gemendo.*) Moças como eu há muitas... Vamos, salte! (*Ele agarre a mão que ela lhe estende. Desce do banquinho, mas continua segurando a mão. Mas, quando se inclina para beijá-la, Liese a tira.*) Isso não, meu amigo. Feito... Com o tempo, você vai arranjar dezenas de garotas, meu tesouro.

ARNOLD: — Ó Liese, que quer que eu faça por você? Cometer furtos, roubos, assaltos? Ou que mais?

LIESE BÄNSCH: — Quero que tenha a gentileza de me deixar em paz. (*Alguém bate a porta da sala vizinha. Liese aguça os ouvidos. Em seguida, muda totalmente de fisionomia e coloca-se atrás do balcão. Chama pela janelinha da co-*

zinha:) Ó Fritz!Vêm aí fregueses. Vamos, depressa! (*Novamente se abre e fecha uma porta. Ouve-se a entrada ruidosa de várias pessoas na sala contígua.*)

ARNOLD: — Por favor, quero mais um chope. Mas vou me sentar na sala vizinha.

LIESE BÄNSCH (*com fingida formalidade*): — Por que, Sr. Kramer? O Sr. não está bem confortável aí?

ARNOLD: — Estou, sim. Mas lá dentro se desenha melhor.

LIESE BÄNSCH: — Você sabe perfeitamente que vai sair baderna mais uma vez. Seja sensato e fique aqui.

ARNOLD: — Nem que me paguem, senhorita.

(*Entra o arquiteto Ziehn, visivelmente alegre.*)

O ARQUITETO ZIEHN: — Viva, D. Elisabeth. Chegou a turma. Chegou toda a irmandade dos borrachos bem dispostos. Que é que anda fazendo? Como vai, vai bem? Seu "noivo" já está cheio de saudade. (*Depara com Arnold.*) Caramba! Desculpe!

LIESE BÄNSCH: — Ó Fritz! Fritz! Chegaram os senhores da mesa reservada.

O ARQUITETO ZIEHN (*enquanto se serve do corta-charuto*): — Ó Fritz, me traga um chope, ligeirinho, pelo amor de Deus!... E como está o papai, D. Elisabeth?

LIESE BÄNSCH: — Não está nada bem, infelizmente. Hoje tivemos que chamar o médico duas vezes. (*Entra o bacharel Schnabel.*)

O BACHAREL SCHNABEL: — Que tal, arquiteto, vamos jogar um "scat"?

O ARQUITETO ZIEHN. — Não estava combinado que a gente jogasse aos pausinhos para ver quem paga o ganso? Depois, vamos regá-lo com uma garrafa de champanha.

O BACHAREL SCHNABEL (*levanta os braços e canta, saracoteando-se*): — "Liesinha tinha um pássaro na sua gaiolinha"... Mas não deixe o seu amigo morrer de sede!

O ARQUITETO ZIEHN (*baixinho, olhando Arnold de relance*): — Mas aquele ali também deve ganhar uma perna do ganso.

O BACHAREL SCHNABEL (*que acaba de perceber a presença de Arnold, cochicha da mesma forma*): — Ah, sim, temos ainda o nosso "convidado de pedra", o Rafael de meia-tigela... Me dê muito pão, D. Liesinha. Quero o meu prato acompanhado de muito pão. (*Entra Fritz e põe-se a trabalhar do balcão.*)

LIESE BÄNSCH: — Mas que pediu o senhor, bacharel?

O BACHAREL SCHNABEL: — Pois é, um escalope à páprica, com pão. Mas com enormes quantidades de pão, Liesinha querida! Gosto tanto de comer pão!

O ARQUITETO ZIEHN: — Acho que deviam racionar-lhe o pão.

(*Entra von Krautheim, estudante de Direito, porém de meia-idade.*)

VON KRAUTHEIM: — E o chope, onde fica, pelo amor de Deus?

FRITZ: — Desculpem, cavalheiros, neste instante espichei um barril novo.

O BACHAREL SCHNABEL (*examinando a torneira através do monóculo:*) — Por enquanto sai só ar. Ar, ainda ar, unicamente ar.

(*Arnold agarra o chapéu e encaminha-se à sala vizinha. Sai.*)

VON KRAUTHEIM: — Agora, pelo menos, o ar se tornou mais limpo. Ainda continua saindo ar, mas desta vez ar puro.

O BACHAREL SCHNABEL (*cantarolando*): — "Doido varrido estás, por que não vais a Berlim?" Ele se escapuliu, graças a Deus, deu às de vila-diogo.

FRITZ: — É o que o senhor pensa. Somente entrou na outra sala, porque quer ficar onde ficam os senhores.

LIESE BÄNSCH (*afetadamente*): — Acho isso simplesmente ridículo.

O ARQUITETO ZIEHN: — Proponho então que a gente permaneça aqui.

VON KRAUTHEIM: — Mas como? Que idéia! Vamos fugir de um macaco qualquer?

(*Entra Quantmeyer. Aparência marcial. Usa monóculo.*)

QUANTMEYER: — Boa-noite! Como vai você, menina? (*Agarra as mãos de Liese, que desvia o rosto.*) E o nojento do Kramer veio outra vez!

O BACHAREL SCHNABEL: — Vocês nem imaginam em que lugares esse rapazola anda vagabundeando. Esta madrugada, eu o vi num estado daqueles, lá na Perimetral, num cabaré de mulheres. Foi um espetáculo divino, podem acreditar! Quando termina aqui, volta a começar.

QUANTMEYER: — Me diga, meu tesouro, você está braba comigo?

LIESE BÄNSCH (*desvencilha-se e grita através da janelinha da cozinha*): — Um escalope à páprica para o Sr. bacharel.

O BACHAREL SCHNABEL: — Mas com pão, com muito pão. Não se esqueça! Com enormes quantidades de pão, com um monte de pão!

(*Gargalhada geral.*)

FRITZ (*com quatro chopes nas mãos*): — Cavalheiros, agora há chope à vontade. (*Vai à sala vizinha. O arquiteto Ziehn, o bacharel Schnabel e o Sr. von Krautheim seguem atrás. Um momento de silêncio.*)

QUANTMEYER: — Me diga uma coisa, gatinha: por que anda tão amuada?

LIESE BÄNSCH: — Amuada, eu? Vejam só!

QUANTMEYER: — Vamos, bichinho, deixe de emburrar. Vamos, esteja boazinha. Ligeiro, me dê a sua boquinha, bem

ligeiro! E depois de amanhã, você me visita outra vez. Depois de amanhã é domingo, sabe? Os donos da casa vão sair, todos os dois. Não haverá ninguém lá em casa, palavra de honra.

LIESE BÄNSCH (*continuando a debater-se um pouco*): — Afinal, somos noivos ou não somos?

QUANTMEYER: — Mas claro! Por que não seríamos noivos? Sou um homem independente. Posso casar-me com quem me agradar.

LIESE BÄNSCH (*permite que ele a beije. Em seguida, lhe dá uma tapinha na face e livra-se dos seus braços.*) — Vá-se embora. Em você, não acredito mais nada.

QUANTMEYER (*procurando alcançá-la*): — Ora, ora, benzinho, você está muito impertinente hoje.

(*Abre-se a porta envidraçada. Entra Michaline.*)

LIESE BÄNSCH: — Raios, que é que esta vem fazer aqui?

(*Michaline avança um pouco e olha a seu redor. Liese Bänsch posta-se atrás do balcão e observa-o.*)

QUANTMEYER (*com fingida indiferença, corta a ponta de um charuto. Cochichando*): — Espere, Liesinha, qualquer dia vou me vingar. (*Encaminha-se à sala vizinha.*) . . . . . .

LIESE BÄNSCH (*após um momento de silêncio*): — A senhora. procura alguém?

MICHALINE: — É este o restaurante do Sr. Bänsch?

LIESE BÄNSCH: — Sim, senhora.

MICHALINE: — Obrigada. Então está bem. Nesse caso, meus amigos não vão demorar. (*Faz menção de entrar na sala vizinha*).

LIESE BÄNSCH: — Ali há somente os cavalheiros da mesa reservada.

MICHALINE: — Ah, sim. Eu aguardo um jovem casal. Então prefiro sentar-me logo aqui.

LIESE BÄNSCH: — Como não. Nessa mesa aí? Ou talvez nessa, mais adiante?

MICHALINE: (*senta-se no banco, à frente do balcão*): — Obrigado. Vou ficar aqui. Um chope pequeno, por favor.

LIESE BÄNSCH (*dirigindo-se a Fritz que acaba de reentrar:*) — Ó Fritz, um chope pequeno. (*Encosta-se na parede, dando-se ares de compostura e seriedade. Mexe no avental. Prossegue contemplando Michaline com grande curiosidade. A seguir, volta a falar:*) — O tempo está pavoroso, não é?

MICHALINE (*enquanto tira as galochas, o casacão e finalmente o chapéu*): — Pois é. Graças a Deus, calcei as galochas. As ruas estão em péssimo estado. (*Senta-se novamente e enxuga o rosto.*)

LIESE BÄNSCH: — A senhora quer um pente? Posso lhe emprestar um, sirva-se. (*Aproxima-se e estende um pente a Michaline.*)

MICHALINE: — Gentileza sua. Muito obrigado. (*Pega o pente e começa a pôr o penteado em ordem.*)

LIESE BÄNSCH (*arranja-lhe uma mecha de cabelos*): — A senhora permite que a ajude?

MICHALINE: — Obrigada. Agora já posso terminar sozinha.

(*Liese Bänsch volta ao balcão. Mas continua a observar Michaline com muito interesse. Fritz traz o chope. Coloca-o na mesa de Michaline. Em seguida, apanha uma caixa de charutos e leva-a à sala vizinha. Dali se ouve uma gargalhada.*)

MICHALINE: — Parece que há grande animação lá dentro.

LIESE BÄNSCH (*encolhe os ombros um tanto afetadamente*): — Pois é. Nesse ponto, não posso fazer nada. É o jeito deles, dos cavalheiros. (*Torna a sair de trás do balcão.*) Olhe, no fundo, eu não gosto disso, da barulheira e de todo o resto. Mas, sabe, papai ficou doente. Mamãe não suporta a fumaceira, e, além disso, tem de cuidar do pai. Não há outra solução. É preciso substituí-los.

MICHALINE: — Como não, é seu dever.

LIESE BÄNSCH: — Bem, acontece que a gente é moça, não é? Entre eles, há cavalheiros simpáticos. Realmente, cavalheiros distintos, muito simpáticos. No trato com eles, a gente aprende isto e aquilo.

MICHALINE: — Claro! Naturalmente! Claro!

LIESE BÄNSCH: — Mas sabe o que acho nojento? (*Falando subitamente em tom confidencial:*) Que eles sempre se metem a brigar. Antes bebem e depois brigam. Deus meu, como a gente precisa prestar atenção! Logo dizem que cumprimentei um deles muito amistosamente, que não devo estender a mão a outro, que toquei o braço do terceiro... Eu nem sequer sabia que o tinha feito! Querem que eu pare de olhar o quarto, que bote o quinto na rua... A gente não pode satisfazer todos os desejos, ora essa! Mas logo, de um instante para outro, começam a engalfinhar-se.

VOZES (*da sala vizinha*): — Ó Liese! Liese! Onde se esconde?

LIESE BÄNSCH (*dirigindo-se a Michaline*): — Eu fico com a senhora. Não entro ali. Nos últimos tempos, o ambiente se tornou muito desagradável. Ter o noivo no meio dos outros cavalheiros! A senhora compreende? Não é possível! Claro que ele faz questão que a gente o trate com carinho. Eu lhe pergunto: posso fazer isso?

MICHALINE: — Acho que seu noivo não deve exigir essas coisas.

LIESE BÄNSCH: — Não, senhora, ele não exige nada, naturalmente, mas, mesmo assim... (*Volta a levantar-se, uma vez que Fritz acaba de entrar, trazendo copos vazios.*) Escute meu conselho, senhora: não se meta com admiradores, nunca na vida!

(*Lachmann entra pela porta envidraçada. Depara imediatamente com Michaline e lhe aperta a mão.*)

LACHMANN (*enquanto pendura o casacão e o chapéu no cabide*): — Sabe, Michaline, ficamos muito velhos.

MICHALINE (*divertida*): — Que é isso? Você só chega para atirar-me uma coisas dessas na cara?

LACHMANN: — Eu, pelo menos, fiquei. Só eu. Você não. E sobretudo quando me comparo com seu pai. (*Senta-se.*)

MICHALINE: — Por quê?

LACHMANN: — Por diversas razões. Muitas razões! Não há dúvida. Naquele tempo, quando me matriculei na Escola de Artes de vocês... Cruzes! Mas hoje. Somente avancei para trás!

MICHALINE: — Por quê? Pergunto e repito: por quê?

LACHMANN: — Pois então. A gente tinha o propósito de conciliar Deus e o Diabo. Tinha tantos propósitos! E não existia nada que não pudesse realizar. Naqueles dias, que conceito não tinha eu de mim mesmo! Mas agora... Hoje estou mais ou menos falido.

MICHALINE: — Falido, por quê? Com relação a quê?

LACHMANN: — Com relação a várias coisas e a outras ainda. A ilusões, por exemplo.

MICHALINE: — Hum... Eu acho que, mesmo assim, a gente vive razoavelmente bem... E você liga tanta importância a essas coisas?

LACHMANN: — Ligo, sim. Todo o resto é duvidoso. Olhe, Michaline, a força para criar ilusões é o maior tesouro que nós temos neste mundo. Só precisa refletir um pouquinho, para ver que tenho razão.

MICHALINE: — Parece que, no fundo, você se refere à fantasia, e sem ela, um artista de fato não pode viver.

LACHMANN: — Pois é, a fantasia e a fé nela... Meia garrafa de vinho tinto, por favor!

LIESE BÄNSCH (*que já estava com a garrafa preparada e desarrolhada*): — Logo reconheci o senhor.

(*Coloca a garrafa e a taça em frente a Lachmann.*)

LACHMANN: — Ah sim? Muita honra para mim. Se eu tivesse bastante dinheiro, a gente tomaria champanha hoje...

(*Silêncio.*)

MICHALINE: — Mas, Lachmann, você passa de um extremo ao outro. Há alguma lógica nisso?

LACHMANN: — Nenhuma. Aí está precisamente o ponto crucial da história... Eu estou acabado, simplesmente. Ponto final! E agora pode começar a farra.

(*Da sala vizinha, ouvem-se novamente gargalhadas e barulho. Liese Bänsch meneia a cabeça, com uma expressão de desgosto. Em seguida, encaminha-se para ali.*)

MICHALINE: — Acho você estranhamente exaltado.

LACHMANN: — Acha? Acha mesmo? Olhe, normalmente ando sonolento. Graças a Deus, hoje estou um pouco exaltado, mas, infelizmente... Isso não vai durar muito... É a idade. A idade. A gente definha aos poucos.

MICHALINE: — Ora, meu caro Lachmann, você não me parece tão idoso.

LACHMANN: — De acordo, Michaline! Então se case comigo.

MICHALINE (*entre pasmada e divertida*): — Bem, isso não! Essa não era a minha idéia. Para isso, nós dois já passamos realmente da idade. Mas, olhe, enquanto você conservar o seu bom humor, as coisas não estão ainda muito mal.

LACHMANN: — Estão mal. Estão. Estão, sim, senhora!... Mas vamos mudar de assunto.

MICHALINE: — Me conte o que lhe causou toda essa depressão, fale!

LACHMANN: — Não há nada. Não ando deprimido, absolutamente... Fiz apenas um balanço e verifiquei que já não estou vivo.

MICHALINE: — Por quê? Pergunto mais uma vez: por quê?

LACHMANN: — O peixe adaptou-se à água. Quem quiser viver precisa da sua própria atmosfera. Isso se aplica também à esfera espiritual. Eu fui coagido a viver na esfera errada. Querendo ou não querendo, tenho que aspirar o ar dessa esfera. Olhe, assim a gente se asfixia mesmo. Cessa de sentir o que é. Não se conhece mais. Ignora finalmente tudo a respeito de si próprio.

MICHALINE: — Nesse caso, tenho a impressão de ter tirado uma sorte melhor, com a minha solidão voluntária.

LACHMANN: — A sorte de vocês é melhor, sob todos os aspectos. Aqui, vocês nem vêem nem ouvem aquela furiosa sarabanda dos filisteus das metrópoles. Mas quem meter o pé nela será arrastado em todas as direções... Temos sempre o desejo de partir para o vasto mundo. Agora, eu desejaria ter ficado em casa... Sabe, Michaline, na realidade, o mundo não é vasto. E aqui não é mais estreito do que em outra parte. E quem o achar estreito só precisa alargá-lo para os seus fins. É o que fez, por exemplo, seu pai. Como eu já lhe disse, naquela primavera, quando me matriculei na Escola de Artes, naquele tempo...

MICHALINE: — Foi no outono.

LACHMANN: — Eu só me recordo de uma primavera. Naquele dia, saí do curral dos burguesotes... Naquele dia, era possível afirmar... que o mundo se abria, vasto e imenso. Hoje vivo mais uma vez totalmente encurralado. Encaixotado na casa e no matrimônio.

MICHALINE: — Ainda vejo você, Lachmann, com seus cabelos louros, sedosos. Lá no corredor, se lembra? Diante da porta de papai. Naquele tempo, o estúdio de papai ficava ainda no andar de cima. Foi antes de ele ocupar a pequena ala isolada. Se lembra ainda ou se esqueceu?

LACHMANN: — Se me esqueci? Não, senhora! Nunca vou me esquecer do que aconteceu naquele dia. O menor detalhe permanece gravado na minha memória. Mas aquilo foi o auge da nossa vida... São coisas que absolutamente

não podem ser expressadas por meio de palavras. O mistério que se realizava naquele momento. Eu, que fora um garotão maltrado, senti-me subitamente nobilitado.

MICHALINE: — Nem todos tiveram essa mesma sensação, meu caro Lachmann. Muitos ficaram desanimados pelo jeito de papai.

LACHMANN: — Pois é. Mas esses não prestavam. Aqueles que tinham algum valor intrínseco tornavam-se nobres, graças a ele, de um momento para o outro. Pois, a maneira como ele nos descortinava o mundo dos heróis... Bastava que nos considerasse dignos de imitá-los, e tudo isso. Perante os princípios do reino das Artes, ele nos dava a sensação de sermos da mesma estirpe. Assim surgia em nós um orgulho realmente divino, Michaline... Pois então. À sua saúde!... Tudo isso era uma vez. (*Nota que Michaline não tem taça e dirige-se a Fritz, que está a ponto de levar uma garrafa de champanha à sala vizinha.*) Mais uma taça, por favor (*Fritz coloca-a na mesa e sai rapidamente com a champanha.*)

MICHALINE: — Afinal, Lachmann, deu-se hoje com você alguma coisa especial?

LACHMANN (*deitando vinho nas taças*): — Vi o quadro de seu pai.

MICHALINE: — Ah, sim? Você veio do estúdio de papai?

LACHMANN: — Sim, Michaline. Nesse instante. Diretamente.

MICHALINE: — Hum. E o quadro impressionou você a tal ponto?

LACHMANN: — O mais profundamente possível. Sim, senhora!

MICHALINE: — Você fala com toda sinceridade?

LACHMANN: — Sinceramente. Sinceramente! Como não?

MICHALINE: — E você não ficou decepcionado?

LACHMANN: — Não, nem um pouquinho! Absolutamente... Já compreendo a que você se refere e por que pergunta. Toda a Arte é fragmentária, afinal de contas... O que está

ali está lindo. Lindo e comovente... Aquilo que ele almejou e que se sente, Michaline, que é a derradeira expressão pela qual todos lutam... Somente em face daquilo percebe-se inteiramente o que é seu pai. O grande fracasso, aquele se só se manifesta no que há de mais difícil, pode significar mais, pode comover-nos mais profundamente, pode elevar-nos mais alto, em direção ao mistério, do que o trabalho mais bem sucedido seria capaz.

MICHALINE: — E fora disso, que tal estava papai?

LACHMANN: — Ele me deu um sabão daqueles, o que infelizmente não produz nenhum resultado. Mas, sabe? Quando a gente fecha os olhos e deixa aquilo passar por cima da cabeça, pode imaginar, se quiser, que esta é apenas a saudação da primavera e ainda está em tempo para que cresçam até não sei que alturas.

(*Entram o arquiteto Ziehn e o bacharel Schnabel. Estão levemente embriagados. Falam em voz alta, sem nenhuma inibição, e em seguida, subitamente, começam a cochichar, como se comunicassem segredos um ao outro, porém fazem-no de tal forma que todos possam ouvir tudo. Da sala vizinha, ouvem-se gargalhadas.*)

O ARQUITETO ZIEHN: — Ó Fritz, mais uma garrafa de Geldermann, depressa! Por oito marcos a garrafa, é uma pechincha. A coisa começa a divertir-me.

O BACHAREL SCHNABEL: — Que bichão, esse Quantmeyer! Tem idéias que nem o velho Platão!

O ARQUITETO ZIEHN (*entre risadinhas*): — Quase me molhei de tanto rir. (*Cochichando:*) Tenha cuidado, Bacharel. Não fale de velhos. Velhotes não gostam de ouvir essa palavra. (*Faz caretas e pisca um olho em direção a Michaline.*)

O BACHAREL SCHNÀBEL: — Ó Fritz, será que o Circo Renz está novamente na cidade?

FRITZ (*enquanto lida com a garrafa de champanha*): — Mas, por que, Sr. bacharel? Não sei de nada.

O BACHAREL SCHNABEL: — Por quê? Por quê? Porque a gente sente o cheiro. Você não sente o cheiro do picadeiro?

O ARQUITETO ZIEHN: — Viva a cavalaria ligeira!

(*Entra von Krautheim. A caminho do balcão, segreda a Ziehn e a Schnabel:*)

VON KRAUTHEIM: — É macho ou fêmea?

O ARQUITETO ZIEHN: — Ora, por que não faz um exame para verificar? (*Dirigindo-se a Schnabel, em voz baixa:*) Mas me diga uma coisa: esse Quantmeyer, ele é ou não é jurista? Não consigo firmar uma opinião a respeito do cara. De que vive, afinal?

O BACHAREL SCHNABEL (*dando de ombros*): — Provavelmente do dinheiro que ele tem.

O ARQUITETO ZIEHN: — Pois é. Mas quem lhe dá esse dinheiro?

O BACHAREL SCHNABEL: — Bem, parece que ele tem recursos. É o essencial.

O ARQUITETO ZIEHN: — E essa história do noivado, você acredita nela?

O BACHAREL SCHNABEL: — Francamente, Ziehn, você está bêbado.

O ARQUITETO ZIEHN: — Olhe, se é assim, a pequena deve ser burra que nem sei. Um pouquinho de burrice se admite numa garota, mas escute, atirar-se dessa forma ao pescoço de um homem... (*segreda-lhe qualquer coisa. Em seguida, ambos dão gargalhadas vulgares, entre baforadas de fumo.*)

O ARQUITETO ZIEHN: — Ó Bacharel, dê uma olhadinha nesta sala. (*Enfia o braço no do bacharel, e sem levar em consideração a presença de Michaline e Lachmann, o conduz até as proximidades da mesa deles. Incomodando-os, sem pedir desculpas, começa a apontar com o braço estendido*

alguns detalhes do recinto. Fala em voz alta, jactanciosamente:) — Quem fez tudo isso sou eu. Tudo o que você vê aí. Todos esses troços. Os painéis, o teto, o balcão e o resto. Desenhei tudo. É minha obra. Por isso, gosto tanto de tomar meu chope aqui. Está vendo? A gente tem bom gosto, não acha? É um mimo de boteco, realmente! (*Larga-o e acende o charuto com um fósforo que acaba de esfregar demoradamente na mesa de Lachmann e Michaline. Novamente se ouvem gargalhadas vindas da sala vizinha. Fritz sai com a garrafa de champanha. Virando-se, diz Ziehn:*) Pelo jeito, ele vai deixar o rapazinho completamente louco. (*O bacharel Schnabel encolhe os ombros:*) Vamos, meu caro, a coisa está recomeçando. (*Ambos encaminham-se à sala vizinha. Michaline e Lachmann trocam olhares circunspectos. Silêncio.*)

LACHMANN (*secamente, enquanto tira a charuteira do bolso*): — Essa turma é de amargar... Você permite que eu fume um pouco?

MICHALINE (*um tanto nervosa*): — Claro.

LACHMANN: — E você?

MICHALINE: — Obrigada, não. Perfiro não fumar aqui.

LACHMANN: — Pois é, é aonde chegamos nós, os magos do mundo de hoje... Ou, fale com franqueza, duvida talvez do que eu digo?

MICHALINE: — Não acho este ambiente muito agradável.

LACHMANN (*fumando*): — "E se usasse as asas da Aurora", ainda não escaparia a essa cambada... Céus! Se me recordo de como começou tudo aquilo! E hoje cortamos palhiço para esses cavalos! ... Não há nenhum assunto em que a gente esteja de acordo com eles. Atiram na lama tudo que é puro e imaculado. Mas consagram o que há de pior, os mais sórdidos farrapos, as mais míseras cabotinagens. E pessoas como nós devem calar a boca. E ainda nos esfalfa-

mos a serviço dessa corja... À sua saúde, Michaline! Viva seu pai! E também a Arte, que ilumina o mundo! Apesar de tudo, apesar de tudo! (*Tocam as taças*) Ah, se eu tivesse cinco anos a menos!... Nesse caso, seria capaz de obter ainda outras coisas para mim, que hoje infelizmente ficam inalcançáveis, e todo o resto teria melhor aspecto.

MICHALINE: — Sabe você o que às vezes é o mais difícil?

LACHMANN: — O quê?

MICHALINE: — Entre amigos?

LACHMANN: — Mas, o que afinal?

MICHALINE: — É o seguinte: não perturbar o outro nos seus caminhos errados... Pois então, era uma vez. (*Bebe cerimoniosamente à saúde dele.*)

LACHMANN: — Certo, certo! Não mereço outra coisa. O tempo passou e não volta nunca mais. Mas houve uma época em que a gente esteve muito perto de... E por mais que você o negue agora, naqueles dias teria bastado que eu consentisse.

(*Gritarias e risadas na sala vizinha*).

MICHALINE (*empalidece, sobressaltada*): — Ó Lachmann, que foi isso. Ouviu?

LACHMANN: — Pois sim. Será que essa barulheira enerva você, Michaline?

MICHALINE: — Eu nem sei o motivo. Talvez seja porque as relações entre Arnold e o pai estão muito tensas. Pode ser que isso me preocupe um pouco.

LACHMANN: — Como não. Mas, em que sentido? Por que justamente neste instante?

MICHALINE: — Não sei. Não acha preferível que a gente saia daqui? Ah sim, sua esposa! Está bem, aguardemos então. Mas, realmente, não me sinto à vontade aqui.

LACHMANN: — Não preste atenção a esses sujeitos. (*Liese Bänsch vem da sala vizinha.*)

LIESE BÄNSCH: — Minha nossa Senhora! Que coisa, que horror! Os cavalheiros enchem-se de champanha e depois não sabem mais o que estão fazendo. É um pavor, realmente, meus amigos. (*Desinibidamente, senta-se numa cadeira à mesa de Lachmann e Michaline. Sua irrefreada exaltação deixa perceber que alguma coisa que aconteceu a chocou profundamente.*)

LACHMANN: — Tenho a impressão que os cavalheiros não se comportaram muito delicadamente.

LIESE BÄNSCH: — Isso não. Em geral, são bastante decentes, mas, olhe, tem ali um rapaz que eles tornam sempre totalmente... (*Sacode a cabeça, e para indicar o que ocorre, deita-a para trás, como que num acesso de tontura, esboçando gestos confusos com a mão.*) Sim, sempre... ah, não sei descrever...

LACHMANN: — Esse moço é seu noivo, não é?

LIESE BÄNSCH (*fingindo um calafrio, baixa o olhar para o peito e arranja as rendas do vestido*): — Não, senhor. É apenas um bobalhão que meteu qualquer coisa na cabeça. Que me interessa aquele cretino? Que vá pentear macacos! (*Dirigindo-se a Michaline:*) Diga, a senhora permitiria que um cara desses ficasse ali plantado que nem um marabu? Eu posso fazer o que eu quiser, ou não posso? Que me espie, não me importo! (*Levanta-se nervosamente.*) Quanto a meu noivo, está bêbado, e se ele deseja embriagar-se, que faça em outra parte, mas não aqui! (*Agacha-se atrás do balcão, no canto mais distante da sala. Silêncio.*)

LACHMANN: — Você não pode imaginar a sensação que tudo isso me causa, seu pai no estúdio e agora aqui essa... digamos, essa companhia distinta. Basta recordar o quadro dele, esse Menino Jesus sereno, solene, e transferi-lo em toda a sua sublime calma e pureza para cá, para esse ambiente mefítico... Que contraste estranho! Realmente esquisito... Estou contente que minha cara metade não esteja aqui. Até tinha medo que ela viesse.

MICHALINE: — Se a gente ao menos soubesse se ela vem ou não vem. Se não, proporia eu... Você se sente bem?

LACHMANN (*enquanto recoloca a charuteira no bolso do sobretudo*): — Agora, sim. Desde o brinde que fizemos. Apesar de tudo. Repito: apesar de tudo! Quando duas pessoas dizem "Era uma vez", sempre sobrou alguma coisa, e, em memória disso, vamos tocar as taças mais uma vez.

(*Na sala vizinha explode uma gargalhada, que, a pouco e pouco, degenera numa discussão cada vez mais violenta.*)

QUANTMEYER: — Como se chama? Que é que você é? Fale! Por que fica sempre sentado aí e nos espia? E nos observa o tempo todo? Como? O quê? Você se escandaliza, quando dou um beijo em minha noiva? Ah, sim? Acha que vou pedir licença a você? Seu..., seu... Você está louco! Totalmente louco!

OUTRAS VOZES: — Uma ducha! Uma ducha fria!

QUANTMEYER: — Não posso mostrar minha liga a esses senhores? Pensa que não tenho o direito? (*Risadas.*)

LACHMANN: — Que turma asquerosa!

QUANTMEYER: — Pensa que não tenho o direito? Eu costumo usar ligas de senhoras, basta!... E se a liga não for minha, que mal faz? Talvez seja mesmo de Liesinha. (*Gargalhada.*)

LIESE BÄNSCH (*dirigindo-se a Lachmann e Michaline*): — Mentira dele! Que perfídia! Pura mentira! E um homem que mente assim descaradamente diz que é meu noivo!

QUANTMEYER: — O quê? O quê? Vamos, vamos, não se acanhe! Nem que você desmaie, meu filho... Isso não me estraga meu bom humor. Esse pintor de paredes, esse troca-tintas, esse aprendiz de pintor! Mais uma palavra, e eu o boto na rua, tomem nota disso!

LIESE BÄNSCH (*precipitadamente, atrapalhando-se ao falar*): — A coisa se passou assim, sabem... A senhora não deve pensar que eu tenho culpa dessa baderna... A história

é esta... Aconteceu que... Meu noivo está embriagado, sabe, e então não parava de beliscar-me no braço, e eles meteram na cabeça torná-lo ciumento...

LACHMANN: — A quem queriam eles tornar ciumento?

LIESE BÄNSCH: — Àquele rapaz do qual falei. Já estive na casa do pai dele. Quanta coisa não fiz! Mas não adianta! Ele vem e se senta num cantinho e leva a coisa tão longe que finalmente acontece isso.

LACHMANN: — Mas que é que ele anda fazendo?

LIESE BÄNSCH: — Nada, no fundo. Apenas fica sentado ali e observa o pessoal. Mas o jeito dele é desagradável, e por isso não é de admirar que os outros façam o possível para torná-lo furioso, até que ele vá embora. (*Ouve-se novamente a voz de Quantmeyer.*) Estão vendo, já recomeçam. Vou falar com meu pai; sim, senhor! Realmente, não sei mais o que fazer.

QUANTMEYER: — Ainda se lembra do que acabo de lhe dizer?... Não? Não se lembra?... Esqueceu? Mas como?... Então vou repeti-lo, palavra por palavra; ouviu? Posso beijar minha noiva quando quiser, onde quiser, como quiser. E que venha quem quer que seja e procure impedir-me!... Entendeu? E agora diga mais uma palavrinha. Diga, e em seguida estará na rua!

LIESE BÄNSCH: — Que nojo! Um sujeito desses quer ser meu noivo! Comporta-se assim e inventa cada mentira!

(*Subitamente, a gritaria se generaliza. No vozerio, distinguem-se as seguintes frases:*)

O ARQUITETO ZIEHN: — Pára, rapaz, pára! Onde já se viu...

SCHNABEL: — Que é isso? Que é isso? Polícia! Esse patife deve ir para a cadeia!

VON KRAUTHEIM: — Lhe tire esse troço, Quantmeyer! Ligeiro!

QUANTMEYER: — Atreva-se! Atreva-se, seu...

ZIEHN: — Tire!

SCHNABEL: — Tire! Depressa!

QUANTMEYER: — Largue esse troço! Ouviu? Largue, largue!

ZIEHN: — Vai largá-lo ou não vai?

SCHNABEL: — Estão vendo que esse cara é um anarquista?

(*Na sala vizinha começa uma luta rápida, silenciosa.*)

MICHALINE (*levanta-se de repente, agitada por uma angústia inexplicável. Apanha suas coisas.*): — Por favor, Lachmann, vamos embora. Vamos sair daqui!

ZIEHN: — Está bem, meus amigos. Já o agarrei. Agora você não escapa mais.

SCHNABEL: — Segurem! Segurem esse patife!

(*Em seguida, Arnold, lívido como a Morte, entra precipitadamente e foge pela porta de saída. Ziehn, Schnabel e von Krautheim perseguem-no, gritando:*) — Segurem, segurem! Agarrem esse sujeito! (*Correm atrás dele e desaparecem na rua. Ainda se ouvem seus gritos e as vozes de alguns transeuntes. O som torna-se cada vez mais fraco, até sumir definitivamente.*)

MICHALINE (*como que atordoada*): — Esse não era o Arnold? Arnold!

LACHMANN: — Cale-se!

(*Entram Quantmeyer e Fritz.*)

QUANTMEYER (*exibindo um pequeno revólver*): — Está vendo, Liesinha? Esse cafajeste!... Dê uma olhada nesse troço!... Custa cinco ou seis marcos, no máximo, mas poderia ter causado muita desgraça.

LIESE BÄNSCH: — O senhor me deixe em paz!

FRITZ: — Por favor, tenha paciência, tenha paciência. Fregueses que sacam um revólver e o põem na mesa, à sua frente... ao lado do copo... Fregueses assim não atendo mais!

LIESE BÄNSCH: — Se não quiser, deixe.

LACHMANN (*dirigindo-se a Fritz*:) — Aquele senhor ameaçou você com essa arma?

QUANTMEYER (*fitando Lachmann com um olhar perscrutador*): — Ameaçou, sim. Como não!... Aquele senhor! Ou duvida de minhas palavras?... Isso é o cúmulo, não é mesmo? No fim das contas, ainda seremos nós os responsáveis por tudo isso.

LACHMANN: — Apenas tomei a liberdade de perguntar... E falei com o garçom e não com o senhor.

QUANTMEYER: — Tomou a liberdade! A liberdade!... Quem é o Sr.? Por que se mete no assunto? Ou talvez seja um parente daquele indivíduo? Nesse caso, poderíamos matar dois coelhos de uma cajadada!... Aquele senhor! (*Dá uma risada.*) Acho que, por hoje, ele apanhou bastante, aquele senhor! Esse fedelho recebeu uma boa lição... Mas, imagine, Liese, o covarde nem sequer reagiu...

MICHALINE (*despertando do atordoamento, levanta-se. Fora de si, aproxima-se de Quantmeyer*): — Arnold!!! Esse não era o Arnold?

QUANTMEYER: — Que disse?

LIESE BÄNSCH (*adivinhando a conexão, coloca-se rapidamente entre Quantmeyer e Michaline. Dirigindo-se a Quantmeyer*): — Saia daí! Deixe os nossos fregueses em paz. Se não, vou logo chamar meu pai.

MICHALINE (*lançando um grito doloroso, desesperado, como se quisesse conseguir que Arnold voltasse, precipita-se em direção à porta.*): — Arnold!!!... Não era esse o Arnold?

LACHMANN (*seguindo-a e procurando detê-la*): — Não, Michaline, não, não!... Calma!...

(*Desce a cortina*)

QUARTO ATO

O estúdio do velho Kramer, como no segundo ato. Pelas cinco da tarde. A cortina que esconde o estúdio propriamente dito está fechada, como sempre. Kramer trabalha na mesinha de águas-fortes. Traja a mesma roupa do segundo ato. Krause, o bedel, tira de um balaio alguns pacotes azuis com velas de estearina.

KRAMER (*sem afastar os olhos do seu trabalho*): — Ponha os pacotes ali, junto aos castiçais, lá atrás.

KRAUSE (*coloca os pacotes numa mesa, na qual se acham vários castiçais de prata. A seguir, tira do bolso uma carta e fica com ela na mão*): — Por enquanto, é só; não é, senhor professor?

KRAMER: — Professor? A quem se refere?

KRAUSE: — Não sei. Acho que deve ser isso. Aqui chegou uma carta do Governo. (*Põe a carta na mesinha de águas-fortes, à frente de Kramer.*)

KRAMER: — Hum. Pois então. Uma carta para mim. (*Dá um profundo suspiro.*) Com o devido respeito... (*Continua trabalhando, sem abrir a carta.*)

KRAUSE (*agarrando o balaio e preparando-se para sair*): — Senhor professor, não seria melhor se eu velasse aqui esta noite? O senhor precisava mesmo descansar um pouquinho.

KRAMER: — Vamos deixar tudo como está, Krause. Compreendeu? Com respeito ao velório também; sabe? Nesse ponto, haverá até outra solução. Falei com o pintor Lachmann. Você conhece o Lachmann dos tempos que ele passou aqui.

KRAUSE (*apanha a boina e dá um suspiro*): — Ai, ai, ai. Deus no céu! Mais alguma coisa?

KRAMER: — O direito está no edifício?

KRAUSE: — Está, sim, Sr. Kramer.

KRAMER: — Tá bem, obrigado... Espere um pouco. Fique mais um momentinho... Aquela história, segunda-feira, à noite... Onde aconteceu! Onde foi que sua esposa encontrou Arnold?

KRAUSE: — Pois é... Foi lá onde atracam os barcos, logo abaixo do Bastião de Tijolos. Lá onde alugam os barcos.

KRAMER: — Naquela vereda que passa ao pé do Bastião? Bem perto do Oder?

KRAUSE: — Sim, senhor. Foi ali mesmo.

KRAMER: — Quem começou a conversa, ela ou ele?

KRAUSE: — Ora, foi assim: ele estava sentado no parapeito, naquele muro, sabe, onde às vezes o pessoal pára e olha como os polacos nas suas jangadas fervem batatas para a janta. A mulher achou o moço um pouco esquisito, e foi por isso que ela lhe disse "Boa-noite".

KRAMER: — E que mais falou com ele?

KRAUSE: — Bem, ela tinha medo que ele pudesse resfriar-se.

KRAMER: — Hum... E que respondeu ele?

KRAUSE: — Minha mulher se lembra que ele deu uma risada. Mas de um jeito, sabe, que parecia à minha mulher simplesmente terrível. Uma risada cheia de desprezo. Não sei explicar melhor o que houve...

KRAMER: — Olhe, quem quiser desprezar, desprezar todo o mundo, encontrará boas razões para fazê-lo... Que pena que você não me tenha procurado... Mas acho que naquele momento já era tarde.

KRAUSE: — Pois é, se a gente soubesse. Mas quem pode prever uma coisa dessas? Quem pensa logo naquilo? Quando a Michaline chegava... Ela foi à minha casa, junto com o Sr. Lachmann... Então peguei um susto. Mas isso foi depois da meia-noite.

KRAMER: — Escute, essa noite... Vou me lembrar dela toda a vida... Quando minha filha me acordou, era uma hora. E quando finalmente encontramos o coitado do rapaz, o relógio da catedral já dava nove horas.

(*Krause suspira, sacode a cabeça e abre a porta, para sair. No mesmo instante aparecem Michaline e Lachmann. Ambos entram, enquanto Krause se vai. Michaline traja roupas pretas. Está sombria e fatigada. Tem os olhos inchados de tanto chorar.*)

KRAMER: — Até que enfim, meus filhos! Entrem. Pois estão, Lachmann, você tenciona velar aqui esta noite? Você tinha um pouco de amizade por ele, afinal. Gosto de ouvir que você quer velar, pois sabe, não me agradaria ver pessoas estranhas aqui... (*Passeia pelo recinto, meditando. Em seguida, diz:*) — E agora vou deixar vocês sozinhos por alguns minutinhos. Darei um pulo ao gabinete do senhor diretor, para comunicar a ele o que for necessário. Espero que vocês não precisem sair nesse meio tempo.

MICHALINE: — Não, pai. Lachmann fica de qualquer jeito aqui. Mas eu terei de dar algumas voltinhas.

KRAMER: — Estou muito satisfeito, Lachmann, que você possa ficar. Aprontarei tudo bem depressa e voltarei já. (*Põe*

uma manta, acena para os dois e sai. Michaline senta-se, sem despir o sobretudo. Levanta o véu, para enxugar os olhos com o lenço. Lachmann pendura o casacão, o chapéu e a bengala no cabide.)

MICHALINE: — Achou o pai alterado?

LACHMANN: — Alterado? Não achei, não.

MICHALINE: — Deus meu! Mais uma coisa que esqueci! Não mandei a participação aos Härtel. A pouca memória que a gente tem está falhando por completo... Olhe aí, uma coroa! (*Levanta-se e examina uma coroa de louros bem grande, que se acha no sofá. Olha a faixa e apanha o cartão que está preso na coroa. Em tom de surpresa, continua:*) — É de Scäffer... Olhe, também ela fica órfã a partir de hoje. Só tinha uma única coisa na cabeça o Arnold. E Arnold nem sequer tomava conhecimento disso.

LACHMANN: — Não é aquela moça deformada que vi no seu estúdio?

MICHALINE: — Sim. Ela pintava, porque Arnold pintava também. E eu, para ela, era a irmã de Arnold. Assim são as coisas. Comprou essa coroa, e em conseqüência disso terá de viver de chá e pão seco durante três semanas.

LACHMANN: — Mas talvez se sinta muito feliz justamente por isso... Adivinhe quem encontrei na rua? E que vai mandar uma coroa também?

MICHALINE: — Quem é?

LACHMANN: — A Liese Bänsch.

MICHALINE: — Isso... não precisava fazer. (*Silêncio.*)

LACHMANN: — Ah, quem me dera ter falado com Arnold! Também sobre Liese Bänsch. Pode ser que uma conversa tivesse dado algum resultado.

MICHALINE: — Não, Lachmann, nesse ponto, você está enganado. Acho que não.

LACHMANN: — Quem sabe? Mas, afinal de contas, ele sempre se esquivava de mim... Eu poderia ter-lhe explicado

algumas coisas... Não sei exatamente o que... Baseando-me nas minhas experiências, por assim dizer. Freqüentemente se nos nega o que mais ardentemente desejamos. Pois, se esses nossos desejos fossem satisfeitos, o que a mim certa vez aconteceu, Michaline, e eu... A você posso falar sobre essas coisas... Depois andei muito pior do que antes.

MICHALINE: — Mas experiências não podem ser comunicadas, pelo menos não num sentido mais profundo.

LACHMANN: — Talvez seja assim, mas, de qualquer jeito... Aprendi a minha lição. (*Silêncio.*)

MICHALINE: — Pois é. É o que acontece. Assim é a vida. Pode ser também que ela tenha brincado com o fogo, e naturalmente nem sequer imaginava que o fim pudesse ser este. (*Aproximando-se da mesinha de águas-fortes.*) — Veja só a água-forte que o pai acaba de fazer.

LACHMANN: — Um guerreiro arnesado, morto.

MICHALINE: — Hum, hum.

LACHMANN (*lê o que está escrito na chapa*):

"Trajo couraça de metal.
A Morte foi meu pajem."

MICHALINE (*em voz trêmula, entre soluços abafados*): —Nunca vi o pai chorar, e enquanto fazia isso aí, chorava. Está vendo?

LACHMANN (*agarrando-lhe a mão*): — Temos de conformar-nos, Michaline; não acha?

MICHALINE: — O papel está todo úmido!... Ah, Deus meu! (*Contendo-se, dá alguns passos. Depois, prossegue em voz mais alta*): — Ele procura dominar-se, Lachmann, certamente procura. Mas como andam as coisas no seu íntimo... Ele envelheceu dez anos, sem dúvida alguma.

LACHMANN: — Às vezes a vida descortina-se a uma pessoa na sua mais profunda austeridade, nos momentos cru-

ciais que o tempo traz consigo... Eu também tive que enterrar o pai e um irmão... Quem passar por isso e conseguir sobreviver à crise mais grave... há de navegar mais calma, mais seguramente em seu barco... ao lado dos mortos, nos abismos do espaço.

MICHALINE: — Mas parece-me que o mais difícil é sobreviver.

LACHMANN: — Realmente, nunca antes me veio essa idéia.

MICHALINE: — Sim! Sim! Foi que nem um raio! Aquilo caiu sobre nós como um raio! Senti claramente: se o acharmos, está tudo bem. Se não, seria o fim... Conheço o Arnold. Senti isso nitidamente. Tanta coisa se tinha acumulado nele, e quando comecei a ver claro em toda aquela história, sabia que ele estava em perigo.

LACHMANN: — Ora, nós corremos logo atrás dele.

MICHALINE: — Já era tarde. Somente saímos quando eu criava ânimo novamente. Faltava só uma palavra! Dizer a ele uma única palavra! Uma palavrinha! Talvez fosse suficiente para modificar tudo. Se o tivessem agarrado, falo daqueles homens que o perseguiam,... se o tivessem trazido de volta!... Eu estava com vontade de gritar: "Vem cá, Arnold!"... (*A emoção impede-a de continuar.*)

LACHMANN: — E, no fundo, tudo aquilo não teria tido conseqüências graves. Essa bobagem de brincar com o revólver.

MICHALINE: — Mas a moça. A vergonha. O pai. A mãe. E certamente também o medo das conseqüências. Ele sempre bancava o homem maduro e cínico, mas quem o conhecia bem, assim como eu, notava que, no fundo, ele era inexperiente e pueril... Eu sabia que ele andava armado.

LACHMANN: — Quando esteve em Munique, já me mostrou o revólver.

MICHALINE: — Pois é, foi porque se sentia acossado por todo mundo. Só via inimigo ao seu redor. E era totalmente

impossível tirar-lhe essa idéia da cabeça. É puro fingimento, respondia ele sempre. Apenas escondem as garras e as patas, e quem se descuidar está perdido...

LACHMANN: — E de fato há um pouco de verdade nisso. Há qualquer coisa. Em certos momentos, sentimos que é mesmo assim. Ele deve ter sofrido muito, certamente vítima de todo o tipo de crueldades. E quando consideramos isso, devemos admitir que, do ponto de vista dele, tinha razão.

MICHALINE: — Teria sido preciso dar maior atenção a ele. Mas o Arnold sempre se tornava tão arisco. E por melhores que fossem as intenções da gente, sempre nos repelia propositadamente.

LACHMANN: — Que é que ele escreveu a seu pai?

MICHALINE: — Por enquanto, Papai não mostrou a carta a ninguém.

LACHMANN: — Comigo, ele falou vagamente sobre o conteúdo. Só vagamente, sem palavras claras. Devo dizer que falou sem nenhuma amargura. Acho que havia lá um trecho mais ou menos assim: "Não suporto a vida. Sou incapaz de agüentar a vida."

MICHALINE: — Por que não procurou ele escorar-se no pai? Papai é severo, não há dúvida. Mas quem não conseguir penetrar essa casca, quem não sentir através dela a bondade, o coração humano, deve ter algum defeito intrínseco. Olhe, eu, como mulher, consegui sentir isso. E para mim era muito mais difícil de que para Arnold. O Pai se esforçou muito por obter a confiança de Arnold, ao passo que eu tive de lutar por obter a de papai. O pai é apenas terrivelmente sincero, só isso e nada mais. Com sua franqueza, feriu-me mais do que ao Arnold, e Arnold era um homem. E até eu engoli tudo.

LACHMANN: — Seu pai poderia ser meu confessor.

MICHALINE: — Ora, ele travou lutas semelhantes às de você.

LACHMANN: — Isso se sente.

MICHALINE: — Pois é, e eu sei perfeitamente o quanto ele lutou. Com toda certeza, teria compreendido os problemas de Arnold.

LACHMANN: — Mas quem, quem sabe pronunciar a palavra que resolve tudo?!

MICHALINE: — Veja, Lachmann, como estão as coisas: nossa mãe não tem contato íntimo com papai. Mas sempre que tinha algum atrito com Arnold, logo ameaçava informar o pai. Dessa forma... Que podia resultar disso?...

(*Volta Kramer.*)

KRAMER (*enquanto pendura a manta no cabide*): — Já estou de volta... Como vai a mamãe?

MICHALINE: — Ela pede que o senhor não se canse demais. O senhor vai dormir esta noite em casa?

KRAMER (*enquanto junta os cartões de condolências que estão na mesa*): — Não, Michaline. Mas, quando você for para casa, leve esses cartões para mamãe. (*Dirigindo-se a Lachmann*): — Está vendo? Ele teve amigos também. Só que a gente não os conhecia.

MICHALINE: — Durante o dia, houve muitas visitas lá em casa.

KRAMER: — Eu preferia que não comparecesse ninguém, mas, se o pessoal acha que com isso nos fazem algum bem, não convém impedi-los. Você quer sair de novo?

MICHALINE: — Preciso. Há tantas caminhadas e encrencas.

KRAMER: — A essa altura, não nos devemos queixar de nada. Esta hora exige de nós o esforço supremo.

MICHALINE: — Adeusinho, Papai.

KRAMER (*segurando-a por um instante*): — Até logo, filhinha querida. Você não se incomoda com essa trabalheira. De nós todos, é você que mais senso prático tem... Não, Michaline, não, não me compreenda mal. Você tem cabeça fria, sóbria. E olhe, Lachmann, o coração dela é caloroso

como mais nenhum. (*Michaline chora violentamente.*) Mas, escute, minha filha, agora você deve comprovar o seu valor. Neste momento, temos que mostrar até que ponto vai a nossa resistência.

(*Michaline contém-se com esforço. Aperta a mão do pai e também a de Lachmann. Em seguida, sai.*)

KRAMER: — Ó Lachmann, vamos colocar as velas nos castiçais. Abra os pacotes... (*continua falando, enquanto ele mesmo faz o que pediu:*) Dor, dor, dor, dor! Percebe você o que se esconde atrás desta palavra?... Olhe, com as palavras acontece o seguinte: somente às vezes começam a viver. Na vida cotidiana, permanecem mortas. (*Estende a Lachmann um castiçal, no qual acaba de enfiar uma vela.*) Feito. Agora ponha-o ao lado de meu filho. (*Lachmann encaminha-se com o castiçal à parte encoberta do recinto. Kramer, que permanece sozinho diante da cortina, prossegue falando em voz mais alta.*) — Quando grandes acontecimentos entram na nossa vida, sabe, tudo o que é pequeno desaparece de um momento para outro. O que é pequeno separa a gente, o que é grande nos reúne; sim, senhor. É verdade que para isso precisamos ter os dons necessários. A morte é sempre grande, ouviu? A morte e o amor; não é? (*Lachmann volta à parte dianteira do estúdio.*) Desci para falar com o senhor diretor. Disse toda a verdade ao homem. Para que mentir, não é? Justamente agora não tenho nenhuma vontade de fazê-lo. Que me importa o mundo, me diga? Meu filho também se desligou dele... Olhe, as mulheres querem que se faça essa coisa. Se não, o pastor não o acompanharia até à sepultura, e então tudo estaria errado. Veja, para mim, isso não tem nenhum valor. Para mim, o que importa é unicamente Deus e não o pastor... Sabe o que andei fazendo esta manhã? Enterrei meus sonhos prediletos. Silenciosamente, silenciosamente, só de mim para mim. Bem silenciosamente, no meu íntimo; compreende? Olhe, foi um cortejo muito comprido, pequenos e grandes, gor-

dos e magros. E agora, Lachmann, todos eles jazem aí, como que ceifados.

LACHMANN: — Também eu já perdi um amigo assim. Quer dizer, por uma morte voluntária...

KRAMER: — Voluntária? Pode ser. Mas quem pode ter certeza disso?... Dê uma olhada nestes desenhos. (*Apalpa o casaco e tira do bolso do peito um caderno de desenhos. Abre-o diante de Lachmann. Depois o conduz para perto da janela, onde o crepúsculo da tarde ainda oferece uma luz precária.*) Aí estão eles, assim como se afiguravam ao rapaz. Está vendo? Está notando que olhos fabulosos ele teve?... Enxergava tudo com um olhar cheio de malícia. Mas enxergava tudo, acho eu!... Pode ser que eu não esteja tão aniquilado como você me imagina, e menos desolado do que pensa muita gente... A morte, sabe, nos aponta o caminho ao sublime. Veja, em momentos como estes, sentimo-nos oprimidos. Mas a força que se digna oprimir-nos é ao mesmo tempo gradiosa e imensa. E então sentimos que é assim, quase que a percebemos com os nossos olhos, e de tanto sofrimento, compreendeu, tornamo-nos... grandes. Quanta gente não morreu para mim durante a minha vida, Lachmann! Muitos que ainda hoje estão vivos. Por que podem os corações ao mesmo tempo sangrar e palpitar? Pela simples razão, Lachmann, que precisam amar. Em toda parte, tudo procura unir-se, e todavia nos atinge a praga da dispersão. Desejamos que nada nos resvale das mãos, e apesar disso resvala tudo, conforme ao nosso destino.

LACHMANN: — Eu já fiz a mesma experiência.

KRAMER: — Essa noite, quando fui acordado por Michaline, talvez tenha feito um papel lamentável. Mas, veja, logo no primeiro instante, eu sabia o que acontecera... E quando ele tinha de ficar deitado ali, vinham para mim as horas mais amargas. Naquelas horas, Deus meu,... passei ou não passei por uma purificação, Lachmann? Nesses mo-

mentos, não me reconheci a mim mesmo. Esbravejei com tanta fúria. Nunca pensei que eu pudesse me comportar desse jeito. Lancei a Deus palavras cínicas e raivosas. Olhe, nós mesmos não nos conhecemos. Dei risadas que nem um fetichista e me meti a discutir com meu fetiche. Considerei tudo aquilo uma peta que me pregara o Diabo, uma peta diabólica, maldosa... me compreende, Lachmann? Uma peta atroz, banal, insípida, mal feita... Assim me mostrei; está vendo? Assim me revoltei. Depois,... quando o tinha aqui, perto de mim, voltei a criar juízo... Uma coisa dessas nem quer entrar na nossa cabeça. Mas agora se fixou. Agora, a gente se acostumou a viver com ela. Já faz quase dois dias que ele se foi. Eu era a casca, e ali jaz a semente. Oxalá tivessem eles aceito a casca.

(*Michaline entra em silêncio, sem bater.*)

MICHALINE: — Papai, lá embaixo, na sala do bedel, está a Liese Bänsch. Ela veio trazer uma coroa.

KRAMER: — Quem?

MICHALINE: — A Liese Bänsch. Ela queria falar com o senhor. Posso fazê-la entrar?

KRAMER: — Não a censuro e não lhe nego o acesso... Não sinto nenhum ódio. Não nutro sentimentos de vingança. Tudo isso me parece pequeno e mesquinho nesta hora.

(*Michaline sai.*)

KRAMER: — Olhe, a coisa me abalou. Não é de admirar, compreenda-me bem... A gente vive a sua vidinha. Tudo deve ser assim e não assado. A gente se debate com inúmeros probleminhas e leva-os muito a sério; sabe? Preocupamo-nos, gememos, lamentamo-nos. E veja, então, de um instante para outro, acontece aquilo, como uma águia que se abate sobre um bando de pardais. Então, ouviu, a ordem é permanecer firme no posto. Mas, olhe, agora me dispensaram também disso, e o que o futuro talvez ainda tenha para oferecer-me não me pode causar nem alegria nem medo. Para mim, já não há ameaças.

LACHMANN: — O senhor quer que eu acenda a luz?

KRAMER (*descerra toda a cortina. Nos fundos do vasto estúdio, que a esta hora está quase completamente escuro, vê-se um ataúde com um defunto coberto pela mortalha.*) — Olhe, ali jaz um filho que uma mãe deu à luz!... Que feras cruéis são os homens!... (*Através das altas janelas do estúdio coa-se a luz fraca do arrebol da tarde. À cabeça do féretro, um castiçal com velas acesas. Kramer reaproxima-se da mesa e deita vinho nas taças.*) — Venha cá, Lachmann. Anime-se. Aqui tenho um pouco de vinho, que serve para a gente se animar. Bebamos, Lachmann, imolemos. Toquemos as taças; não faz mal. E aquele outro que jaz ali, sou eu, é você, é uma grande majestade. Que mais poderia dizer o pastor? (*Bebem. Um instante de silêncio.*)

LACHMANN: — Acabo de mencionar um amigo meu. A mãe dele era filha de um pastor, e o fato de nenhum sacerdote ter acompanhado o defunto à sepultura entristeceu-a de um modo singular. Mas, quando o caixão descia na cova, parece que o Espírito baixou sobre ela, por assim dizer. Então tive quase a impressão que Deus mesmo rezava pela sua boca... Nunca na vida ouvi ninguém rezar assim.

(*Michaline faz entrar Liese Bänsch, que traja roupas discretas, de cor escura. Ambas as moças estacam perto da porta. Liese Bänsch cobre a boca com o lenço.*)

KRAMER (*que aparentemente não percebe a presença de Liese, risca um fósforo e acende algumas velas. Lachmann imita-o, até que haja umas seis velas ardentes nos dois castiçais.*) — Que é que aqueles cretinos sabiam desse aí? Aqueles bonecos e fantoches em forma de homens?! Que sabiam eles dele e de mim e de nossas mágoas? Foi de mim que o tiraram, acossando-o até a morte. Mataram-no, Lachmann, como se fosse um cachorro. É isso mesmo que eles fizeram. Acho que não minto... E, veja, que mal podia essa turma fazer a ele? Pois então, cavalheiros, venham cá. Olhem-no à vontade e insultem-no! Venham cá e tentem ofendê-lo! Com-

preendeu, Lachmann? Isso já era! (*Retira um lenço de seda do rosto do defunto.*) Tá muito bem como ele jaz ali. Tá bem, tá muito bem. (*Perto do ataúde, vê-se à luz das velas um cavalete com uma tela recém-pintada. Kramer senta-se a seu lado. Prossegue falando sem nenhuma inibição, como se ninguém estivesse presente, a não ser Lachmann e ele mesmo:*) Passei o dia inteiro sentado aqui. Desenhei. Pintei. Tirei a máscara dele. Lá está ela, lá, embrulhada num pano de seda. Agora, ele não fica devendo nada nem ao maior de todos. (*Aponta para a máscara de Beethoven.*) Quem quiser fixar tudo isso fica louco. O que essa fisionomia expressa agora, Lachmann, tudo aquilo existia no íntimo dele. Eu o sabia, eu o sentia, eu tinha certeza disso, e todavia era incapaz de tirar esse tesouro à luz. Olhe, agora a Morte tirou-o à luz. Agora há só claridade ao redor dele. Ele a irradia, a partir do rosto, Lachmann, e sabe como é, eu vou atrás dessa luz, como uma bruxa tonta... Escute, de qualquer jeito, a gente se sente então pequenina. A vida toda o tratei que nem um mestre-escola. Judiei com o rapaz, e agora ele cresce diante de mim, até chegar às raias do sublime... Pode ser que eu tenha sufocado essa planta. Quem sabe se não lhe ofusquei o sol, de modo que ele se estiolou à minha sombra. Mas, veja, Lachmann, ele não me topava, e se, talvez, lhe faltasse um amigo... Eu, Lachmann, não tinha o direito de ser esse amigo. Naquele dia, depois da visita da rapariga... fiz o que pude. No entanto, naquele momento, o demônio apossou-se dele, e quando o mal triunfava nele, sentia ele prazer em magoar-me. Arrependimento? Arrependimento é uma coisa que não conheço. Mas encolhi-me todo. Sinto-me miserável diante dele. Levanto os olhos para esse rapaz, como se ele fosse o mais antigo dos meus antepassados.

(*Liese Bänsch, conduzida por Michaline, achega-se a ele. Coloca a sua coroa junto aos pés do defunto. Kramer ergue a cabeça e encara-a.*)

LIESE BÄNSCH: — Senhor Kramer, eu... eu... eu... me sinto tão infeliz. A gente aponta para mim na rua... (*Silêncio.*)

KRAMER (*de si para si*): — Em que lugar penetra essa coisa que nos causa a morte? E todavia, quem passar por isso uma única vez, quem fizer essa experiência, ficará com um espinho na palma da mão, e faça o que quiser, sempre se ferirá... Ora, vá para casa e não se preocupe. Entre nós e aquele que jaz ali criou-se a paz.

(*Michaline sai com Liese Bänsch.*)

KRAMER (*pensativo, olha o defunto e as velas*): — As velas. As velas! Que coisa estranha! Já acendi muita vela, já vi muitas chamas de velas, Lachmann, mas, escute, essa luz é diferente!!... Será que lhe causo medo, Lachmann?

LACHMANN: — Não, senhor. Que motivo teria eu de sentir medo?

KRAMER (*levantando-se*): — Bem, há gente medrosa. Mas, eu acho, Lachmann, que não nos devemos amedrontar nesta terra. Dizem que o amor é forte como a morte. Mas você pode tranqüilamente inverter a frase: a morte é também meiga como o amor, Lachmann... Escute, a morte tem sido caluniada. Foi a pior mentira do mundo. A morte é a forma mais meiga da vida, é a obra-prima do eterno amor. (*Abre a ampla janela do estúdio. Ouve-se o som longinquo dos sinos da terra. Prossegue, sacudido por um calafrio:*) — A vida suprema é constituída de tremores de febre, às vezes frios, às vezes quentes... Da mesma forma, vocês trataram o Filho de Deus! E ainda hoje, como naqueles dias, vocês o tratam assim! E assim como Ele não morreu então, tampouco morrerá hoje... Os sinos andam falando. Não ouve a sua voz? Contam às pessoas que estão lá embaixo, nas ruas, a minha história e a de meu filho. E dizem que nenhum de nós está perdido... Entende-se tudo, nitidamente, palavra por palavra. Aconteceu hoje. Hoje é o dia... O sino vale mais

do que a igreja, Lachmann! O chamado à mesa vale mais do que o pão!

(*Subitamente percebe a máscara de Beethoven. Apanha-a, e, enquanto a contempla, continua*:) — Onde será o nosso porto? Onde boiamos? Por que lançamos de vez em quando gritos de júbilo em direções incertas? Nós, gente miúda, abandonada na imensidão do espaço. Como se soubéssemos aonde nos conduz o caminho. Assim, você se jubilava! E que sabia você?... Nada de festins terrenos, e nada do céu dos padrecos! Nem disso nem daquilo, mas o que... (*erguendo as mãos ao céu*:) — o que haverá no fim das coisas?

(*Desce a cortina*)

BIBLIOGRAFIA

Salvo indicação contrária, todos os livros registrados a seguir foram publicados pela casa S. Fischer, de Berlim.

1881. LIEBESFRÜHLING (Primavera de Amor).
Epitalâmio por ocasião do casamento de seu irmão Jorge com Adèle Thienemann.

1882. GERMANEN UND RÖMER (Germanos e Romanos).
Drama.

1885. PROMETHIDENLOS (Destino dos Filhos de Prometeu).
Epopéia.
Berlim, Verlag Wilhelm Issleib.

1887. FASCHING (Carnaval).
Novela publicada no jornal "Siegfried".

1888. DAS BUNTE BUCH (O Livro Multicor).
Primeira coletânea de poesias. Fora do comércio.

BAHNWARTER THIEL (O Guarda-barreira Thiel).
Novela publicada no jornal "Die Gesellschaft".

1889. VOR SONNENAUFGANG (Antes do Amanhecer).
Drama. Berlim, Lessingtheater, 20 de outubro de 1889.
Berlim, C. F. Conrads Buchhandlung.

1890. DER APOSTEL (O Apóstolo).
Novela. Primeira versão de Emanuel Quint. No jornal "Moderne Dichtung".
Berlim, S. Fischer, 1892 (Com "Bahnwärter Thiel").

1890-1891. EINSAME MENSCHEN (Gente Solitária).
Drama. Berlim, Freie Bühne, Residenztheater, 11 de janeiro de 1891.

1892. DIE WEBER (Os Tecelões).
Drama. Primeiro em dialeto silesiano "De Waber". Berlim, Freie Bühne, Neues Theater, 26 de fevereiro de 1893.

COLLEGE CRAMPTON (Colega Crampton).
Comédia. Berlim, Deutsches Theater, 16 de janeiro de 1892.

1893. DER BIBERPELZ (A Peliça de Castor).
Comédia. Berlim, Deutsches Theater, 21 de setembro de 1893.

1894. HANNELE, depois HANNELES HIMMELFAHRT (A Assunção de Hannele).
Sonho poético em 2 partes. Berlim, Königlisches Schauspielhaus, 14 de novembro de 1893.
Berlim, S. Fischer; Munich, H. von Weber, 1913.

1896. FLORIAN GEYER.
Tragédia. Berlim, Deutsches Theater, 4 de janeiro de 1896.

1897. DIE VERSUNKENE GLOCKE (O Sino Submerso).
Drama feérico, em versos. Berlim, Deutsches Theater, 2 de dezembro de 1896.

1898. DAS HIRTENLIED (A Canção Pastoral).
Fragmento dramático.
Viena, Theater an der Wien, 1906.

1899. FUHRMANN HENSCHEL (O Carreteiro Henschel).
Drama. • *Berlim, Deutsches Theater, 5 de novembro de 1898.*
• *Publicado em 1898 em dialeto.*

1899. HELIOS.
Fragmento dramático. Fora do comércio.

1900. SCHLUCK UND JAU.
Comédia. Berlim, Deutsches Theater, 3 de fevereiro de 1900.

MICHAEL KRAMER.
Drama. Berlim, Deutsches Theater, 21 de dezembro de 1900.

1901. DER ROTE HAHN (O Galo Vermelho).
Comédia. Berlim, Deutsches Theater, 27 de novembro de 1901.

1902. DER ARME HEINRICH (O Pobre Henrique).
Lenda alemã. Viena, Hofburgtheater, 29 de novembro de 1902.

1903. ROSE BERND.
Drama em cinco atos. Berlim, Deutsches Theater, 31 de outubro de 1903.

1906. UND PIPPA TANZT! (E Pippa dança!)
Drama em quatro atos. Berlim, Lessingtheater, 19 de janeiro de 1906.

1907. DIE JUNGFERN VOM BISCHOFSBERG (As Virgens de Bischofsberg).
Comédia. Berlim, Lessingtheater, 2 de fevereiro de 1907.

1908. GRIECHISCHER FRÜHLING (Primavera Grega).
KAISER KARLS GEISEL (O Refém de Carlos Magno).
Lenda. Berlim, Lessingtheater, 11 de janeiro de 1908.

1909. GRISELDA (Griselda).
Drama. Berlim, Lessingtheater e Viena, Hofburgtheater, 6 de março de 1909.

1910. DER NARR IN CHRISTO EMANUEL QUINT (O Louco em Cristo, Emanuel Quint).
Romance.

1911. DIE RATTEN (Os Ratos).
Tragicomédia. Berlim, Lessingtheater, 13 de janeiro de 1911.

1912. ATLANTIS (Atlântida).
Romance.

1912. GABRIEL SCHILLING'S FLUCHT (A Fuga de Gabriel Schilling).
Drama. Lauchstedt, Goethes Theater, 14 de junho de 1912.

1913. FESTSPIEL IN DEUTSCHEN REIMEN (Festival em Versos Alemães).
Breslau, Jahrhunderthalle, 31 de maio de 1913.

LOHENGRIN.
Berlim, Ullstein.

1914. PARSIFAL.
Berlim, Ullstein.

DER BOGEN DES ODYSSEUS (O Arco de Ulisses).
Drama. Berlim, Deutsches Künstlertheater, 17 de janeiro de 1914.

1917. WINTERBALLADE (Balada de Inverno).
Poema dramático inspirado na novela "Os Escudos do Sr. Arne". Berlim, Deutsches Theater, 17 de outubro de 1917.

1918. DER KETZER VON SOANA (O Herege de Soana).
172ª ed. em 1938. Leipzig, Insel-Verlag, 1943.

1920. DER WEISSE HEILAND (O Salvador Branco).
Fantasia dramática. Berlim, Grosses Schauspielhaus, 23 de março de 1920.

INDIPOHDI.
Poema dramático. Dresde, Staatliches Schauspielhaus, 23 de fevereiro de 1922, com o título "Das Opfer" (O Sacrifício).

1921. ANNA.
Epopéia, poema de amor campestre.

1922. DER DOM (A Catedral).
Fragmento dramático.

PHANTOM (Fantasma).
Romance.
Berlim, Ullstein.

1924. DIE INSEL DER GROSSEN MUTTER (A Ilha da Avó).
DIE BLAUE BLUME (A Flor Azul).
Epopéia.

1925. VELAND.
Tragédia. Hamburgo, Deutsches Schauspielhaus, 19 de setembro de 1925.

1926. DOROTHEA ANGERMANN.
Tragédia. Representada simultâneamente em Viena, Munique, Leipzig, e outras 14 cidades, em 20 de novembro de 1926.

1928. DES GROSSEN KAMPFFLIEGERS, LANDFAHRERS, GAUKLERS UND MAGIERS TILL EULENSPIEGEL ABENTEUER, STREICHE, GAUKELEIEN, GESICHTE UND TRAUME (Aventuras, Peças, Chocarrices, Visagens e Sonhos do Grande Aviador de Combate, Prestidigitador e Mágico Til Eulenspiegel).

SHAKESPEARE'S TRAGISCHE GESCHICHTE VON HAMLET, PRINZEN VON DANEMARK IN DEUTSCHER NACHDICHTUNG (A Trágica História de Hamleto, Príncipe da Dinamarca, de Shakespeare, transposta em versos alemães).
Dresde, Staatliches Schauspielhaus, em 8 de dezembro de 1927.
Weimar, Druck der Cranach Presse, 1930.

1930. BUCH DER LEIDENSCHAFT (Livro da Paixão).
Romance.

1932. VOR SONNENUNTERGANG (Antes do Pôr do Sol).
Drama. Berlim, Deutsches Theater, 16 de fevereiro de 1932.

GOETHE.
Discurso na Columbia University de Nova York.
Publicado na "The Germanic Review", VII, 2.

1933. DIE GOLDENE HARFE (A Harpa de Ouro).
Drama. Munique, Kammerspiele, 15 de outubro de 1933.

1934. DAS MEERWUNDER (O Monstro Marinho).
Uma história inverossímil.

1935. HAMLET IN WITTENBERG (Hamleto em Wittenberg).
Drama. Representado simultâneamente em Leipzig, Altona e Osnabrück em 19 de novembro de 1935.

1936. IM WIRBEL DER BERUFUNG (No Turbilhão do Chamado).
Romance.

DER WIEDERTAUFER (O Anabatista).
Fragmento de romance.
Breslau, Maruschke und Berendt Verlag.

1937. DAS ABENTEUER MEINER JUGEND (A Aventura da Minha Mocidade).
Memórias.

DER NEUE CHRISTOPHORUS (O Novo Cristóforo).
Romance.
Breslau, Maruschke und Berendt.

DIE FINSTERNISSE (As Trevas).
Oratório.
Nova York, Hammer Press in Aurora, 1947.

1939. ULRICH VON LICHTENSTEIN.
Comédia. Viena, Burgtheater, 11 de novembro de 1939.

DIE TOCHTER DER KATHEDRALE (A Filha da Catedral).
Drama. Berlim, Staatliches Schauspielhaus, 3 de outubro de 1939.

1941- DIE ATRIDEN-TETRALOGIE (A Tetralogia das Átridas).
1944. 1º IPHIGENIE IN DELPHI (Ifigênia em Delfos).
Berlim, Staatliches Schauspielhaus, 15 de novembro de 1941.
2º AGAMEMNONS TOD (A Morte de Agamêmnon).
Berlim, Suhrkamp, 1948.
3º ELEKTRA (Electra).
Berlim, Max Reinhardts Deutsches Theater, 10 de setembro de 1947.
4º IPHIGENIE IN AULIS (Ifigênia em Áulida).
Viena, Burgtheater, 15 de novembro de 1943.

1942. MAGNUS GARBE.
Drame. Düsseldorf, Schauspielhaus, 4 de fevereiro de 1956.

DER GROSSE TRAUM (O Grande Sonho).
Berlim, Inselverlag, 1942.

1946. NEUE GEDICHTE (Novos Poemas).
Berlim, Aufbau-Verlag.

1947. MIGNON.
Novela fantástica.
Berlim, Suhrkamp.

1952. HERBERT ENGELMANN.
Drama.
Viena, Akademietheater (Burgtheater), 8 de março de 1952.

1954. WINCKELMANN, DAS VERHÄNGNIS (Winckelmann, o Destino).
Romance.
Gütersloh, C. Bertelsmann, 1954.

OBRAS COMPLETAS

1942. GESAMTAUSGABE LETZTER HAND (Edição completa e definitiva).
18 volumes até agora.

1948. GESAMMELTE ERZÄHLUNGEN (Novelas Reunidas).
Berlim, Suhrkamp Verlag.
Gütersloh, Verlag Bertelsmann, 1957.

1950. MEISTERDRAMEN (Dramas Principais).
Berlim, Suhrkamp.

1952. AUSGEWÄHLTE DRAMEN (Dramas Escolhidos).
Berlim, Aufbau-Verlag.

1592. AUSGEWÄHLTE WERKE (Obras Escolhidas).
1954. *5 vols., seleção de J. Gregor.*
Gütersloh, Verlag C. Bertelsmann.

1956. GERHART HAUPTMANN'S WERKE (Obras de Gerhart Hauptmann).
2 vols. em papel Biblia.
Salzburg-Stuttgart, Verlag "Das Berglandbuch".

AUSGEWÄHLTE PROSA (Prosa Seleta).
Berlim, Aufbau-Verlag (4 vols.).

ÍNDICE

Gunnar Ahlström

"Pequena História" da Atribuição do Prêmio Nobel a Gerhart Hauptmann .. 7

Hans Hildebrand

Discurso de Recepção 21

Félix A. Voigt

Vida e Obra de Gerhart Hauptmann .. 29

Gerhart Hauptmann

O Herege de Soana 59
Michael Kramer 155

Bibliografia 239

O HEREGE DE SOANA
E
MICHAEL KRAMER
de
GERHART HAUPTMANN

*

Faz parte da
BIBLIOTECA DOS PRÊMIOS NOBEL DE LITERATURA
ideada pelas EDIÇÕES ROMBALDI, de Paris,
patrocinada pela
ACADEMIA SUECA
e pela
FUNDAÇÃO NOBEL

*

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

CRISTOBAL DE ACEVEDO
(concepção e direção literária)

GÉRARD ANGIOLINI
(direção artística)

PAULO RÓNAI
(adaptação e supervisão)

*

R. SAVARY
(ilustrações)

MICHEL CAUVET
(retrato do autor e ornatos tipográficos)

*

Impresso por
COMPANHIA MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO
Indústrias de Papel